



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

ROBERTO DA SILVA JÚNIOR

**INSTITUTO CARNEIRO DE MENDONÇA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E PRÁTICAS
EDUCATIVAS**

FORTALEZA
2018

ROBERTO DA SILVA JÚNIOR

INSTITUTO CARNEIRO DE MENDONÇA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E PRÁTICAS
EDUCATIVAS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues

FORTALEZA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D11i da Silva Júnior, Roberto.

Instituto Carneiro de Mendonça : histórias, memórias e práticas educativas / Roberto da Silva Júnior. – 2018.

273 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues.

1. Instituto Carneiro de Mendonça. 2. História. 3. Memória. 4. Educação Correcional. 5. Práticas Educativas. I. Título.

CDD 370

ROBERTO DA SILVA JÚNIOR

**INSTITUTO CARNEIRO DE MENDONÇA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E PRÁTICAS
EDUCATIVAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier
Universidade Federal do Ceará (UNILAB)

Prof. Dr. Antônio Germano Magalhães Júnior
Universidade Federal do Ceará (UECE)

Aos meus pais, Beto e Fátima.

Aos meus filhos, Robert e Victória.

À minha esposa, Quézia Andrade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, como mestre do Universo, que me possibilitou chegar ao êxito dessa pesquisa.

À Quézia Costa de Andrade Silva, companheira de vida durante 18 anos, de partilha e de laços afetivos, que tem acompanhado por quase duas décadas minha trajetória acadêmica, dividindo não só a vida, mas os desafios da pesquisa, acompanhando-me em quase todas as entrevistas. Durante o processo de pesquisa, minha esposa acabou imergindo nas histórias de vida dos protagonistas do Instituto Carneiro de Mendonça.

Aos meus amigos do Colégio Projeto Nascente, que nos momentos mais difíceis, encorajaram-me a concluir esse estudo.

Ao Núcleo de História e Memória da Educação – NHIME. Ao professor Dr. José Gerardo Vasconcelos, quem primeiro acolheu-me como orientando, dando riquíssimas contribuições para lapidar o projeto de pesquisa. Ao amigo, Prof. Dr. Roberto Xavier, pela ajuda incondicional na revisão do projeto e co-orientações, sempre que precisei. Ao Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior pelas indicações bibliográficas e apoio amigo. À professora Dra. Lia Fiuza Fialho pelas revisões do projeto de pesquisa, sempre pronta a ajudar. Agradeço aos que viabilizaram este trabalho, destacando especialmente a orientação abalizada e o apoio constante do Professor Dr. Rui Martinho Rodrigues, a quem devo, além da orientação segura, sempre disponível, à minha principal formação intelectual, acadêmica e humana, que me possibilitaram uma maior segurança e autonomia na consecução desta tese. À professora Gildênia, que me incentivou a ingressar na linha de pesquisa História e Memória e a escolher o objeto dessa pesquisa. E aos demais amigos do NHIME por terem me dado a oportunidade de fazer parte desse grupo de pesquisadores tão qualificados e produtivos.

Aos participantes da pesquisa, que, sem eles essa pesquisa não teria sido possível. Agradecemos aos ex-alunos José Airton – “Sessenta” (in Memoriam), Eugênio, Cavalcante, Narcísio, José Ivan, Dulce e Celmar. Agradecemos às professoras Elizete e Margarida Alacoque. Agradecemos às “Grandes Testemunhas”, atual Secretário de Saúde de Maracanaú, médico veterinário e professor, Torcápio Vieira. Agradecemos ao vereador Winston e seu irmão Wellington Nogueira. Os nossos agradecimentos às professoras Maria Amélia e Fátima Vale.

À Prefeitura Municipal de Pacatuba, que me permitiu afastamento pelo período de quatro anos de estudo para realização dessa tese.

À Prefeitura Municipal de Fortaleza, que me permitiu afastamento parcial da docência pelo período de apenas nove meses, mas em um momento crucial da coleta e análise de dados e redação do texto final.

Aos professores que participaram das bancas de qualificação do projeto de pesquisa: Dr. José Gerardo Vasconcelos, Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade, Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier e Prof. Dr. Antônio Germano Magalhães Júnior. Por suas significativas e pontuais contribuições metodológicas que nos proporcionaram novos olhares e novos caminhos ao longo da pesquisa.

A todos os colegas e familiares que compreenderam meus momentos de isolamento.

A todos, o meu mais profundo agradecimento.

A função do historiador é lembrar a sociedade daquilo
que ela quer esquecer.

Peter Burke.

RESUMO

No Brasil, com o crescimento populacional e urbano, a partir do século XX, emerge a figura do marginal, do delinquente, do menor abandonado e do indivíduo a ser corrigido. Tanto a sociedade quanto o Estado intensificam sua preocupação com a educação, regeneração e correção da juventude. Do ponto de vista político, a recém instaurada República tecia e estruturava os símbolos de um novo país sob o fardão da “ordem” e do “progresso”. As ideias de nação, patriotismo e a corrida pela industrialização provocam combates a tudo que se alinha com a incivilidade, improdutividade e imoralidade. A noção positivista de “ordem” e “progresso”, emblemada na bandeira republicana brasileira, corrobora para a ideia de disciplina, norma e ordem familiar em prol do desenvolvimento do país. A delinquência e a ociosidade são vistas como empecilhos a esse desenvolvimento e, por isso, precisam ser combatidas. O objeto da presente investigação é a história, memória e práticas educativas do Instituto Carneiro de Mendonça, instalada em 1935, no Município de Maranguape-CE (hoje Maracanaú). A criação dessa instituição educacional correcional é feita no contexto das deposições dos governadores e a nomeação de interventores de confiança do presidente Getúlio Vargas para o governo de cada Estado. A demarcação temporal estabelecida nesta pesquisa representa os anos compreendidos entre sua criação e o encerramento de suas atividades no final dos anos 1960. O objetivo deste estudo é compreender a constituição da história e das práticas educativas no Instituto Carneiro de Mendonça, instituição escolar que tinha como principal missão a preservação, regeneração e formação profissional de menores de 8 a 17 anos de idade. As fontes de pesquisa utilizadas foram: Relatório do Interventor Federal Carneiro de Mendonça; Redes Sociais da Internet, como Blogs e Facebook; o Jornal Diário da Tarde; o Jornal O Democrata; o Jornal O Nordeste; o Jornal Unitário; o Jornal Gazeta de Notícias; fotografias da escola e dos participantes da pesquisa; documentos pessoais e entrevistas de alunos (as), professoras e “grandes testemunhas”. O referencial teórico-metodológico se fundamenta na história narrativa densa, em especial nos escritos de Barbara Tuchman (1995). Constatou-se que há inúmeras facetas imbricadas na constituição histórica das práticas educativas desenvolvidas no Instituto Carneiro de Mendonça. A pesquisa revelou que a escola, na realidade era organizada por meio dos princípios da disciplina, moral e trabalho e, a despeito disso, na realidade trouxe benefícios para seus alunos e comunidade local. A pesquisa mostrou que a escola não pode ser rotulada como a escola que simboliza a pedagogia do medo e uma instituição total de disciplina. Apesar de ser uma escola que ficou conhecida como uma instituição exemplar de disciplina, trabalho e religiosidade, as transgressões ocorreram como forma de adaptação e criação humana dentro de um contexto de jogos de interesses e volições humanas. A pesquisa demonstrou que o Instituto Carneiro de Mendonça desempenhou com eficácia a sua função social ao longo de sua trajetória. A relevância dessa pesquisa foi o de possibilitar adentrar no mundo subjetivo de significações, não se restringindo aos documentos oficiais e virtuais que tratam da escola.

Palavras-chave: Instituto Carneiro de Mendonça; História, Memória e Educação Correcional.

RESUMEN

En Brasil, con el crecimiento poblacional y urbano, a partir del siglo XX, emerge la figura del marginal, del delincuente, del menor abandonado y del individuo a ser corregido. Tanto la sociedad como el Estado intensifican su preocupación por la educación, la regeneración y la corrección de la juventud. Desde el punto de vista político, la recién instaurada República estructuraba los símbolos de un nuevo país basado en el lema: "orden y progreso". Las ideas de nación, patriotismo y industrialización provocan combates a todo lo que se alinea con la incivildad, improductividad e inmoralidad. La noción positivista de "orden y progreso", emblemada en la bandera republicana brasileña, corrobora para la idea de disciplina, norma y orden familiar en favor del desarrollo del país. La delincuencia y la ociosidad se ven como impedimentos a ese desarrollo y, por lo tanto, hay que ser combatido. El objeto de la presente investigación es la historia, memoria y prácticas educativas del Instituto Carneiro de Mendonça, instalada en 1935, en el Municipio de Maranguape-CE (hoy Maracanaú). La creación de esa institución educativa correccional se hace en el contexto de las deposiciones de los gobernadores y el nombramiento de interventores de confianza del presidente Getúlio Vargas para el gobierno de cada Estado. La demarcación temporal establecida en esta investigación representa los años comprendidos entre su creación y el cierre de sus actividades a finales de los años 1960. El objetivo de este estudio es comprender la constitución de la historia y de las prácticas educativas en el Instituto Carneiro de Mendonça, institución escolar que tenía como principal misión la preservación, regeneración y formación profesional de menores de 8 a 17 años de edad. Las fuentes de investigación utilizadas fueron: Informe del Interventor Federal Carneiro de Mendonça; Redes Sociales de Internet, como Blogs y Facebook; el Diario de la Tarde; el Diario El Demócrata; el Diario O Nordeste; el Diario Unario; el diario Gazeta de Notícias; fotografías de la escuela y de los participantes de la investigación; documentos personales y entrevistas de alumnos (as), profesoras y "grandes testigos". El referencial teórico-metodológico se fundamenta en la historia narrativa densa, en especial en los escritos de Barbara Tuchman (1995). Se constató que hay innumerables facetas imbricadas en la constitución histórica de las prácticas educativas desarrolladas en el Instituto Carneiro de Mendonça. La investigación reveló que la escuela, en realidad era organizada por medio de los principios de la disciplina, moral y trabajo, y, a pesar de ello, en realidad traía beneficios para sus alumnos y comunidad local. La investigación mostró que la escuela no puede ser etiquetada como la escuela que simboliza la pedagogía del miedo y una institución total de disciplina. A pesar de ser una escuela que se conoció como una institución ejemplar de disciplina, trabajo y religiosidad, las transgresiones ocurrieron como forma de adaptación y creación humana dentro de un contexto de juegos de intereses y voliciones humanas. La investigación demostró que el Instituto Carneiro de Mendonça desempeñó con eficacia su función social a lo largo de su trayectoria. La relevancia de esta investigación fue el de posibilitar adentrarse en el mundo subjetivo de significaciones, no restringiéndose a los documentos oficiales y virtuales que tratan de la escuela.

Palabras clave: Instituto Carneiro de Mendonça; Historia, Memoria y Educación correccional.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Residência de sentenciados empregados na Construção da Escola	53
Imagem 2 - Fotografia de Sentenciados trabalhando na Construção da Escola	54
Imagem 3 – Fotografia da fachada da Escola	55
Imagem 4 – Fotografia do Altar e Buraco de Santo Antônio	56
Imagem 5 – Banda de Música do ICM	65
Imagem 6 - Parque Americano de Diversões Infantis	66
Imagem 7 – Fotografia da Entrevista com o Diretor da Escola	67
Imagem 8 – Reunião de Pais no Pátio da Escola de Ensino Fundamental e Médio Carneiro de Mendonça	74
Imagem 9 – Capela São José	75
Imagem 10 – Refeitório da Escola	76
Imagem 11 – Cozinha da Escola	77
Imagem 12 – Antiga horta da escola	78
Imagem 13 – Fundos da antiga solitária onde se prendiam os meninos desobedientes.....	78
Imagem 14 – Inspetoria e Diretoria da Escola	79
Imagem 15 – Diretoria da Escola	80
Imagem 16 – Visão da sacada da diretoria	80
Imagem 17 – Sacada da diretoria – Visão lateral esquerda	81
Imagem 18 – Sacada da diretoria – Visão lateral direita	81
Imagem 19 – Antigo dormitório dos meninos	82
Imagem 20 – Sala de Aula de Curso de Formação de Praças	82
Imagem 21 – Fundos da Escola	83
Imagem 22 – Carpintaria e Tecelagem	84
Imagem 23 – Pátio da Carpintaria e Tecelagem	84
Imagem 24 – Galpão da antiga Tecelagem do ICM	85
Imagem 25 - José Airton Ferreira	86
Imagem 26 - José Winston Nogueira Lima	87
Imagem 27 – Maria Amélia Gadelha	88
Imagem 28 – Francisco Torcápio Vieira da Silva	89
Imagem 29 – Maria de Fátima Meneses do Vale	90
Imagem 30 – Elizete Alexandre de Lima	92
Imagem 31 – Dulce Alves Almeida	93
Imagem 32 – Rita Celmar Avelino Alves	94
Imagem 33 – Maria Margarida Alacoque	95
Imagem 34 – Eugênio Estevam Batista	96
Imagem 35 – Francisco Alves Pereira Cavalcante	98
Imagem 36 – José Narcísio Pereira	99
Imagem 37 – José Ivan de Carvalho	100
Imagem 38 – José Wellington Nogueira Lima	101
Imagem 39 – Seleção de Futebol de Maracanaú em 1972	106
Imagem 40 – Parque de Diversão Governador Sarasate	113
Imagem 41 – Campo de futebol da escola na atualidade	115
Imagem 42 – Time de futebol da escola	116
Imagem 43 – Campo de Futebol Pequeno	118
Imagem 44 – Fotografia de Padre José Holanda do Vale	126
Imagem 45 – Antiga Casa do Diretor José Holanda do Vale	132
Imagem 46 – Inspetor e treinado Marcelino Alves com alunos do ICM	134

Imagem 47 – fotografia do time do Ferroviário Atlético Clube. 28 de maio de 1961, no PV, tirada antes de uma partida do Ferroviário contra o Usina Ceará.....	136
Imagem 48 – <i>Society</i> Horto Florestal – Visão frontal	139
Imagem 49 - Miguel Alexandre de Lima	140
Imagem 50 – EEM Carneiro de Mendonça – Horto Florestal Maracanaú	148
Imagem 51 – Professora Elizete no meio da fotografia, com as mãos no ombro de uma das alunas da EEM Carneiro de Mendonça.....	149
Imagem 52 – Fotografia de Formatura da professora Elizete	151
Imagem 53 – Antiga casa de diretores e atual residência da professora Elizete	151
Imagem 54 – Antiga residência e sala de aula da professora Margarida Alacoque	153
Imagem 55 – Aulas de Educação Física no ICM	171
Imagem 56 – Fotografia de Eugênio com esposa no Lions Club Internacional.....	182
Imagem 57 – Terreno doado pelo Projeto da COHAB do Ceará	194
Imagem 58 - A caminho da roça do ICM	196
Imagem 59: Açude da escola	197
Imagem 60 – Narcísio em frente às antigas salas de aula o ICM	202
Imagem 61 – Capa das Provas da professora Celmar - 1965.....	213
Imagem 62 – Prova Final de Português – 1965	214
Imagem 63 – Muro construído para isolar a área dos terrenos da antiga escola	219
Imagem 64 – Inauguração do Portão	219
Imagem 65 – Carta do pai de Dulce e Celmar à Justiça	220
Imagem 66 – Casa da família de Marcelino	221
Imagem 67 – Quadrilha no terreno da comunidade	222
Imagem 68 – Visita de familiares ao ICM	223
Imagem – 69 - Padre Teógenes e alunos em traje de gala num passeio à Fortaleza.....	225

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA	30
3 CONHECENDO O LÓCUS DA PESQUISA	51
3.1. A criação da Escola	51
3.2. O Instituto Carneiro de Mendonça nas páginas dos jornais cearenses	57
3.3. A escola no cotidiano de Fortaleza e Região Metropolitana.....	64
3.4. A visita de um curioso à escola	67
3.5. Os desafios de manter a escola funcionando	71
3.6. A realidade da escola hoje	73
4. PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	86
5. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE GRANDES TESTEMUNHAS.....	102
5.1. José Winston Nogueira Lima.....	102
5.2. Francisco Torcápio Vieira da Silva.....	114
5.3. Maria de Fátima Meneses do Vale	121
5.4. Professora Maria Amélia Gadelha.....	129
5.5. José Wellington Nogueira de Lima	133
6 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DA ESCOLA	140
6.1 Elizete Alves Almeida.....	140
6.2. Margarida Maria Alacoque Correia Santos	151
7 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE EX-ALUNOS DA ESCOLA	160
7.1. José Airton Ferreira da Silva	160
7.2. Eugênio Estevam Batista.....	165
7.3. Francisco Alves Pereira Cavalcante	184
7.4. José Narcísio Pereira	198
7.5. Dulce Alves Almeida e Celmar Alves Queiroz.....	208
7.6. José Ivan de Carvalho	223
8 REFLEXÕES FINAIS	233
REFERÊNCIAS	241
ANEXOS	243

1 INTRODUÇÃO

“Não escrevi para instruir, mas para contar uma história”.
(Barbara Tuchman, 1995).

Há razoável consenso entre os pesquisadores que é com a chegada dos primeiros jesuítas chefiados pelo Padre Manoel da Nóbrega que tem início em 1549, no Brasil, a educação formal. Uma das primeiras preocupações desses missionários europeus no “Novo Mundo” foi o de disciplinar, moldar, corrigir e converter os infantes nativos em cristãos. A Companhia de Jesus determinada pelo rei dom João III, desde o início de sua missão na América portuguesa, buscava imprimir nos meninos a doutrina e os valores cristãos. O próprio Santo Inácio, numa carta enviada em março de 1554 a todos os reitores de colégio da companhia, escrevia que os principais objetivos deles era o de que nos colégios e escolas fossem ensinadas e instituídas nas letras e bons costumes da juventude (CHAMBOULEYRON, 2010). Em pleno século XVI, a Europa Ocidental ainda estava descobrindo a infância em seus aspectos biopsicossociais e começando a compreender que a criança tinha a sua personalidade própria.

É bem verdade que a infância estava sendo descoberta nesse momento no Velho Mundo, resultado da transformação nas relações entre indivíduos e grupo, o que ensejava o nascimento de novas formas de afetividade e a própria “afirmação do sentimento da infância”, na qual Igreja e Estado tiveram um papel fundamental. ” (CHAMBOULEYRON, 2010, p. 58)

Nesse cenário, os religiosos jesuítas preocupam-se de imediato com a conversão das crianças nativas. Para os jesuítas, as crianças eram consideradas como um papel branco para se escrever a doutrina cristã e vistas como barro virgem para se moldar o caráter e o tipo de homem ideal. Os jesuítas por meio da doutrina cristã ensinavam aos nativos o que era considerado certo e errado; esses religiosos sentiam-se realizados quando percebiam que os meninos da nova terra tinham abandonado os velhos costumes da antropofagia, da nudez e da poligamia da sua parentela. Menino bom era o que reprendia seus pais quanto aos velhos costumes e as atitudes erradas e perniciosas à doutrina cristã.

Eram louvados também aqueles que, instruídos desde cedo com os padres, e já crescidos, davam-se ofícios, como o caso de alguns meninos da Bahia criados na Casa do Espírito Santo que aprendendo o ofício de tecelão, e sendo casados com moças que haviam aprendido a fiar, finalmente ganhavam sua vida ao modo dos cristãos. (CHAMBOULEYRON, 2010, p. 61)

Baseando-se na *Ratio Studiorum*, de modo geral, os jesuítas concebiam que menino disciplinado e bem doutrinado era aquele que sabia de cor tudo o que era ensinado nos aldeamentos. Não faltou criatividade jesuítica para tornar a criança nativa civilizada, dócil e cristã. A música, por exemplo, tornou-se uma ferramenta eficaz para se guardar no coração as doutrinas cristãs e os bons costumes. O ensino musical era de suma importância não só para o aprendizado da doutrina, mas também para a participação nas mais variadas formas da vida religiosa. Ensinando a tocar flauta e a cantar, os jesuítas conseguiam frear os impulsos pecaminosos dos meninos. Por meio de diversas estratégias buscavam regenerar, corrigir e catequizar o maior número de meninos.

Em razão de sua vivência apostólica e da própria descoberta da infância, os padres entenderam que era sobre as crianças, essa ‘cera branda’, que deviam imprimir-se os caracteres da fé e virtude cristãs. Para isso elaboraram estratégias e projetos, que se transformavam à medida que se consolidava a própria conquista portuguesa na América, e que se seguiam os ventos que traziam e enviavam suas cartas ao Velho Mundo (CHAMBOULEYRON, 2010, p. 79).

Os jesuítas desde muito cedo se preocuparam em valorizar a participação da criança nas cerimônias e nas festas religiosas como um meio de atraí-las para o catolicismo. As crianças era uma figura central para o processo de doutrinação cristão do Novo Mundo. Educar a criança era adestrá-la moral e espiritualmente.

Melhor então investir nos ‘culumins’, nos ‘meninos da terra’, nos ‘indiozinhos, filhos de gentios’, que de mãos dadas com os órfãos portugueses enviados pela metrópole para auxiliar os inacianos, encantariam a ambígua mata e seus miméticos habitantes, formando um exército de pequenos-Jesus a pregar, e a sacrificar-se entre as ‘brenhas’ e os ‘sertões’, para a salvação e conseqüente adestramento moral e espiritual destas Índias do Brasil (PRIORI, 1998, pp. 11-12)

A educação das crianças era feita por meio da disciplina, reforçada pelo temor e o medo dos castigos e ameaças; as crianças adestravam-se e ajustavam aos interesses da construção de um Brasil colonial. Na realidade, a educação jesuítica buscava converter o pequeno indígena, considerado incivilizado e inferior, com defeitos que precisavam ser corrigidos com vistas a superarem moralmente seus pais cheios de vícios e práticas incautas.

A disciplina escolar e a ideia de correção tiveram suas origens na disciplina eclesiástica ou religiosa. Os missionários eram obstinados pelo aperfeiçoamento moral e espiritual. A disciplina era um valor intrínseco de regeneração, edificação e ascese. Os educadores a adaptariam a um sistema de vigilância permanente das crianças, de dia e de noite, ao menos em teoria (ARIÈS, 2011).

Para o historiador francês Philippe Ariès (2011, p. 195),

A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato. A solicitude da família, da Igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ele gozava entre os adultos. Infligiu o chicote, a prisão, em suma, as correções reservadas aos condenados das condições mais baixas.

No Brasil, municiados dessas estratégias e técnicas de correção e conversão, os jesuítas ajudaram a fazer a passagem entre a escola da Idade Média e o colégio dos tempos modernos, substituindo a instrução técnica canhestra dirigida a jovens e velhos, por uma formação social e moral rigidamente hierarquizada, com o propósito de transformar os pequenos indígenas em crianças santificadas e exemplares (PRIORI, 1998).

As preocupações com a regeneração e correção da juventude no Brasil vão se intensificando de acordo com as mudanças sociais e políticas dos séculos seguintes. Com o crescimento populacional nos centros urbanos durante a passagem do século XIX para o século XX, verifica-se o aumento de crianças perambulando pelas ruas e causando uma enorme preocupação da sociedade e do Estado. Nesse cenário, surge a figura do marginal, do delinquente, do menor abandonado e do indivíduo a ser corrigido. Com o fechamento da Roda dos Expostos¹, por volta do século XIX, muitas crianças passaram a ser consideradas marginais pelo fato de agora vadiarem pelas ruas dos centros urbanos. Do ponto de vista político, a recém instaurada República tecia e estruturava os símbolos de um novo país sob o fabordão da “ordem” e do “progresso”. As ideias de nação, patriotismo e a corrida pela industrialização provocam combates a tudo que se alinha com a incivilidade, improdutividade e imoralidade. A noção positivista de “ordem” e “progresso”, emblemada na bandeira republicana brasileira, corrobora para a ideia de disciplina, norma e ordem familiar em prol do desenvolvimento do país. A delinquência e a ociosidade são vistas como empecilhos a esse desenvolvimento e, por isso, precisam ser combatidas.

A aura republicana moldava a forte dicotomia entre os mundos do trabalho e da vadiagem, protagonizados respectivamente pelo imigrante e pelo nacional, principalmente aquele advindo da escravidão. A eugenia era ideia corrente entre os teóricos e autoridades e a “profilaxia social” era praticada cotidianamente. A busca pelo trabalhador ideal não cessava, hostilizando-se assim, não só o negro – representante de um passado a esquecer -, como também aqueles imigrantes portadores de ideias “nocivas” à ordem social. O

¹ A roda dos expostos foi uma instituição que existiu e foi extinta na França, que existiu em Portugal e foi trazida para o Brasil no século XVIII. Os governantes a criavam com o objetivo de salvar a vida de recém-nascidos abandonados, para encaminhá-los depois para trabalhos produtivos e forçados. Foi uma das iniciativas sociais de orientar a população pobre no sentido de transformá-la em classe trabalhadora e afastá-la da perigosa camada envolvida na prostituição e vadiagem (LEITE, 1998, p.99).

papel dos aparelhos policiais era de extrema importância. (SANTOS, 2010, P. 212).

É no século XIX que o indivíduo a ser corrigido se torna um fenômeno corrente. Michel Foucault (2009) analisou como funcionava as três figuras que constituem o domínio da anomalia no século XIX: o monstro, a criança masturbadora e o indivíduo a ser corrigido. O contexto de referência do indivíduo a ser corrigido é a família, no exercício de seu poder interno ou na gestão da sua economia; ou no máximo, é a família em sua relação com as instituições que lhes são vizinhas ou que a apoiam.

O indivíduo a ser corrigido vai aparecer nesse jogo, nesse conflito, nesse sistema de apoio que existe entre a família e, depois, a escola, a oficina, a rua, o bairro, a paróquia, a igreja, a polícia, etc. Esse contexto, portanto, é que é o campo de aparecimento do indivíduo a ser corrigido (FOUCAULT, 2009, p.53).

Michel Foucault (idem) analisou alguns equívocos acerca da construção da figura do indivíduo a ser corrigido. Ele afirmava que, na realidade, quem deve ser corrigido se apresenta como sendo a corrigir na medida em que fracassaram todas as técnicas, todos os procedimentos, todos os investimentos familiares e corriqueiros de educação pelos quais se pode ter tentado corrigi-lo. O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. E, no entanto, paradoxalmente, o incorrigível, na medida em que é incorrigível, requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, de sobre intervenções em relação às técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma nova tecnologia da reeducação, da sobrecorreção. De modo que se verifica o desenho, em torno desse indivíduo a ser corrigido, de uma espécie de jogo entre a incorrigibilidade e a corrigibilidade. Esboça-se um eixo da corrigível incorrigibilidade, em que vamos encontrar mais tarde, no século XIX, o indivíduo anormal, precisamente.

O eixo da corrigibilidade incorrigível vai ser de suporte a todas as instituições específicas para anormais que vão se desenvolver no século XIX. Monstro empalidecido e banalizado, o anormal do século XIX também é um incorrigível, um incorrigível que vai ser posto no centro de uma aparelhagem de correção. O indivíduo anormal do século XIX vai ficar marcado – e muito tardiamente, na prática médica, na prática judiciária, no saber como nas instituições que vão rodeá-lo (FOUCAULT, 2009, pp. 50-51).

No Brasil do final do século XIX e início do século XX, quem poderia ser considerado um indivíduo a ser corrigido? Quem é o incorrigível que precisa passar pela corrigibilidade? Nesse contexto emergente dos problemas urbanos, consideravam-se as crianças abandonadas como uma das causas das mazelas sociais do início do século XX. A preocupação sobre o que fazer com os meninos de rua, com os pequenos batedores de carteiras e mendigos tiravam o

sono das autoridades e da sociedade. Como resolver o “perigo” das ruas nos primeiros anos do século XX nos centros urbanos? Como garantir o futuro das crianças que estavam se delinquindo e colocando em risco a “Ordem” e o “Progresso” da nação?

Diante desse cenário, a educação correcional passa a ser uma das soluções para essas tensões e problemas sociais do início do século XX. As crianças precisavam ser corrigidas para serem reintegradas à sociedade em progresso. Sem a devida ordem e correção das crianças, não seria possível a “Ordem” e o “Progresso”. Assim, tornava-se necessário que todas as instituições sociais, o Estado e a sociedade em geral se organizassem para combater as mazelas sociais, as anormalidades, anomias e as patologias sociais e urbanas. Os problemas dimanantes dos grandes centros urbanos, como a delinquência, as vadiagens de menores não poderiam retardar e impedir o desenvolvimento da vida moderna no Brasil. Assim, as instituições policiais, religiosas, médicas e educacionais criam seus próprios mecanismos de higienização social.

A solução para o problema da delinquência e da vadiagem não se passava mais exclusivamente pelas intervenções religiosas. As patologias sociais deveriam ser corrigidas inclusive nas fábricas. Era por meio da ocupação fabril que se conseguia também corrigir e regenerar o homem delituoso, indolente e improdutivo. O trabalho industrial era considerado uma mola promotora da higiene social, eliminando e retirando das ruas os malfeitores e meninos perniciosos. Para Passetti (1985), a disciplina da fábrica se fundamenta na ideia de absorver as energias econômicas dos corpos, para com isso combater as suas energias políticas, destruindo a capacidade de contestação, ao mesmo tempo que acelera o processo de esmigalhamento da identidade dos sujeitos, endereçando-os à loucura e ao suicídio.

Segundo Michel Foucault (2009, p. 133),

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seu comportamento. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as

forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).

Assimilando bastante as ideias do trabalho fabril, as instituições correccionais assimilam bastante as ideias do trabalho fabril como forma pedagógica de manter a disciplina e combater a ociosidade. Desse modo, a recuperação de menores se daria não mais pelo simples encerramento numa instituição de correção, mas sim pela disciplina de uma instituição de caráter industrial, deixando transparecer a pedagogia do trabalho coato como principal recurso para a regeneração daqueles que não se enquadravam nos parâmetros de higienização social. Educação, Moral e Trabalho amalgamavam-se para se corrigir a criança delinquente e vadia.

A própria sociedade também cobrava providência mais efetivas da iniciativa pública para resolver essa problemática. Era urgente corrigir e recuperar a juventude delinquente para se pensar no progresso e no futuro do país. A sociedade do início do século XX no Brasil assimila a ideia de que a escola deveria ser o espaço onde se aprende a disciplina, a obediência e o respeito às hierarquias sociais. O menor de idade deve se adaptar às normas e valores que a sociedade estabeleceu para ele.

É nesse ambiente, do final do século XIX e início do século XX, que são criadas as instituições escolares correccionais para menores abandonados, delinquentes, vadios ou que sejam “trabalhosos” para a família e a sociedade. No Brasil, nos grandes centros urbanos, começam a surgir institutos escolares privados de recolhimento de menores que desenvolviam ações pedagógicas por meio das diretrizes do ensino profissional. No entanto, esses institutos privados não conseguiam atender à crescente demanda de atendimento de meninos delinquentes e indolentes nas ruas. Além disso, esses institutos privados, no mais das vezes, recusavam-se a prestar um serviço educacional para meninos que tivessem sido incriminados judicialmente. Desse modo, o Estado passa a se preocupar com essa realidade e se obriga a construir institutos que recolham meninos vadios e delinquentes para amenizar as tensões sociais e aumentar a sensação de segurança nas ruas das cidades. O poder público também tinha de fazer valer o seu papel e implementando o Novo Código Penal da República² que estabelecia a necessidade de criar um local onde se resolva o problema da ociosidade, da vadiagem e da orfandade.

É na escola onde o menor aprenderá, de forma sistemática, a conviver baseado no princípio da autoridade constituída. Nessa instituição social, o menor irá aprender o respeito

² Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. O Código Penal dos Estados Unidos do Brasil, promulgado pelo decreto 847 de 11 de outubro de 1890, foi o primeiro código penal da República do Brasil, então recém-proclamada.

aos pais e às posições hierárquicas. Na escola se aprendiam as prerrogativas funcionais hierarquizadas. Isto é, aprendia-se que existem algumas pessoas que estão acima de nós e outras que estão abaixo de nós. Nas instituições de recolhimento e regeneração, os menores teriam uma oportunidade de aprender a obedecer sua posição na hierarquia social. As escolas de correção, sob o comando do Estado, emergem como sendo a salvação dos graves problemas sociais e da incapacidade de a família de integrar seus filhos na sociedade.

Em geral, o público-alvo dessas instituições correcionais eram os menores que estivessem vivendo em situação irregular e na marginalidade. De acordo com o Código de Menores³ aquele que cometia uma infração era considerado em situação irregular. Nesse código, no seu artigo II, considerava-se em situação irregular o menor:

- I. Privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória ainda que eventualmente em razão de: a) falta, ação ou omissão de pais ou responsável; b) manifesta irresponsabilidade dos pais ou responsável para provê-las;
- II. Vítima de maus-tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsável;
- III. Em perigo moral devido a: encontrar-se de modo habitual em ambiente contrário aos bons costumes;
- IV. Privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável;
- V. Com desvio de conduta, em virtude de grande inadaptação familiar ou comunitária;
- VI. Autor de infração penal”.

Como podemos ver, o Estado chama para si a responsabilidade de resolver o problema da delinquência e da marginalidade na sociedade do início do século XX. O Estado e aparato intelectual e científico do início do século passado buscam responder às questões do anormal e patológico na sociedade. Cobrado pela sociedade em geral, o Estado procura, portanto, garantir as condições mínimas e necessárias de sociabilidade.

Estudos feitos por psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, psiquiatras, historiadores, economistas e advogados, concluíram que o efeito do conflito entre culturas, ao incidir na personalidade do indivíduo, acabava criando o

³ O cenário político e social nacional, no início do século XX, era bastante conturbado, período onde se estabelece a preocupação com a criminalidade juvenil. Nesse contexto nasce a primeira codificação exclusivamente voltada para tratar dos interesses das crianças e adolescente, qual seja, o Código de menores, sancionado em 1927, o chamado “Código Mello Mattos”, em homenagem ao autor do projeto.

homem marginal: aquele não totalmente integrando na sua situação presente de vida. (PASSETTI, 1985, p. 35)

A construção social da figura do marginal e do menor implicará no combate ao monstro criado pela própria sociedade. A regularização da vida do menor, marginal e delinquente, nesse contexto exige instituições corretivas com o objetivo de as deficiências de adaptações decorrentes da vida marginal.

Em ambiente fechado, o trabalho era um dos pilares das primeiras instituições correcionais, Além de aprender a ler e a escrever, e de receber instrução moral, o menor aprendia também uma profissão. Pelo trabalho aprendia-se a obedecer e a ser disciplinado. A ociosidade deveria ser combatida. A vigilância era mútua. O tempo livre dos internos deveriam ser controlados e vigiados. Por esse caráter austero e fechado, poderíamos enquadrar esses espaços como sendo instituições totais. Essas são definidas pelo sociólogo inglês, Erving Goffman, como sendo aquelas instituições a tendência de ser fechada. Seu ‘fechamento’ ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos (GOFFMAN, 1995).

Goffman (*idem*) classificou as instituições totais em cinco grupos. Em primeiro lugar, ele classificou as instituições criadas para cuidar de pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas. Como exemplo dessas instituições, estão aquelas que acolhem cegos, velhos, órfãos e indigentes. Em segundo lugar, há locais estabelecidos para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à comunidade, embora de maneira não intencional. É possível exemplificar com sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosarias. Um terceiro tipo de instituição total que Goffman (*idem*) enumera são aquelas organizadas para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato: cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campo de concentração. Em quarto lugar, há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões (do ponto de vista dos que vivem nas moradias de empregados). Finalmente, há os estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos; entre exemplos de tais instituições, é possível citar abadias,

mosteiros, conventos e outros claustros. Esta classificação de instituições totais não é clara ou exaustiva, nem tem uso analítico imediato, mas dá uma definição inicial de instituições totais.

Segundo Goffman (1995), o que caracteriza uma instituição total é que os aspectos da vida dos indivíduos que fazem parte dela são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. O dormir, o brincar e o trabalho são todos realizados em um mesmo lugar e sob uma mesma autoridade.

Cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição (Goffman, 1995, p. 17-18).

O rigor do controle do tempo busca garantir a qualidade do tempo empregado. Procura-se fazer um controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo que possa perturbar e distrair; trata-se de constituir um tempo integralmente útil. Há na realidade uma espécie de esquema anátomo-cronológico do comportamento. O controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos; impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e de rapidez (Foucault, 2009).

Seguindo o exemplo de outras regiões do Brasil do início do século XX, emergem, no Estado do Ceará, escolas correccionais com o propósito de adestrar corpos e fazer a higienização social. Ou seja, com o intuito de resolver o problema do menor marginal, delinquente e inútil das ruas de Fortaleza e do Estado do Ceará em geral.

Por serem consideradas instituições correccionais, sua existência acabou amedrontando muitas crianças no Estado do Ceará. Não é raro, ainda hoje, escutarmos adultos relatando de terem recebido ameaças de seus pais para serem internados nessas escolas. Desse modo, no imaginário cearense, essas escolas passaram a ser representadas por alguns como sendo o lugar da tortura e do combate aos monstros sociais e às crianças “trabalhosas”. As instituições correccionais passaram a ser conhecidas como o lugar do medo e da tortura.

Em terras cearenses, uma instituição correccional que ainda na atualidade desperta curiosidades e dúvidas sobre a constituição histórica e suas práticas educativas, é popularmente

conhecida como Escola Santo Antônio do Buraco. Essa escola, cujo nome oficial é Instituto Carneiro de Mendonça (ICM), foi criada no Município de Maranguape (hoje Maracanaú) no ano de 1935. Em alguns ambientes virtuais, seu nome encontra-se ora associado ao lugar do medo, disciplina e castigos severos, ora encontra-se representada como sendo uma instituição de repressão estatal e de formação cidadã e profissional. No Blog Maracanaú Raízes⁴, utiliza-se o exemplo da aludida escola para se referir à pedagogia do medo, como podemos conferir abaixo:

O internato conhecido pela população do Ceará por Santo Antônio do Buraco durante muito tempo andou amedrontando as crianças do Ceará, isto porque no imaginário coletivo, supunha-se que era um lugar tenebroso e que tinha um grande buraco escuro e frio habitado por inseto, cobras e outras terríveis criaturas que atacariam quem para lá fosse destinado. A pedagogia do medo ainda hoje se encontra presente em nossas escolas, no ensino reproduzido nas nossas salas de aula como podemos detectar essa realidade? A postura muitas vezes autoritária e arcaica de alguns mestres abre um grande fosso que repercute de forma negativa na aprendizagem de muitos jovens e que trará sem sombra de dúvida um imenso prejuízo para as suas vidas. (Grifos nossos)

No excerto transcrito acima, o nome do Instituto Carneiro de Mendonça é relacionado a uma imagem caliginosa, opressora e autoritária, em que são engendrados grandes prejuízos para a aprendizagem de jovens. O Instituto Carneiro de Mendonça (ICM), de modo tácito, é colocado como um exemplo da pedagogia do medo. Mas, que detalhes narrativos e registros históricos o autor desse excerto possui para fundamentar sua comparação? De que forma as práticas educativas foram efetivadas para ela ser enquadrada na pedagogia do medo?

Em outro ambiente virtual, na página do Facebook, no Perfil “Maracanaú Antigo”⁵, Ailton Gomes diz o seguinte sobre os alunos internos do ICM:

Os menores que eram recolhidos ao Instituto Carneiro de Mendonça eram muito diferentes dos atuais, que estão em unidades da FEBEM-CE. Naquela época, eram apenas crianças e adolescentes abandonados pelas famílias ou autores de pequenos delitos. Eles não causavam tumulto, nem fugiam. Vejam nas fotos das postagens anteriores, que o muro era muito baixo, da altura das crianças. Antigamente, os pais amedrontavam profundamente seus filhos, quando ameaçavam enviá-los para o “Santo Antônio do Buraco”, que era o nome popular dado ao Instituto Carneiro de Mendonça e eternamente conhecido por “Escola de Menores”. (Grifos nossos)

No fragmento transcrito acima, o mantenedor do “Maracanaú Antigo” assevera que apenas crianças e adolescentes abandonados pelas famílias ou autores de pequenos delitos eram internados no ICM. Afirma ainda que eles não causavam tumulto, nem fugiam. Em instituições totais, caracterizadas como ambientes fechados, como se garante que as crianças permaneçam

⁴ Blog Maracanaú Raízes. Disponível em: <http://maracana-raizes.blogspot.com.br/> Acesso em 31 de mai. 2008.

⁵ Maracanaú Antigo. Disponível em www.facebook.com/maracanauantigo Acesso em 29 de março de 2014.

nelas, mesmo com muros tão baixos como citado no fragmento acima? Baseado em quais fontes se pode afirmar que não havia fugas e nem tumultos em uma escola correcional como o ICM? Além disso, qual era, de fato, o perfil das crianças que eram internadas no ICM?

Nessa mesma página do “Maracanaú Antigo”, comentando sobre o ICM, Marcelo Pedro Vital afirma o seguinte:

Meus irmãos Marcos Artur Vital e Marcones Pedro Vital, não foram abandonados pela nossa saudosa mãe, foram deixados lá, pois ela precisava trabalhar e não tinha com que nos deixar; já eu e meu irmão, saudoso Marcos Antônio Vital, como éramos menores, fomos deixados na Marcinda, não lembro onde ficava, mas por pouco tempo, nunca tivemos problemas por isso, até por que, hoje estou aqui casado a mais de 31 anos, com dois filhos e 2 netos felizes e abençoados. (Grifos nossos)

Na citação acima, Marcelo afirma que seus irmãos não foram abandonados no ICM, mas, internados por necessidade do trabalho de seus pais. O que contrasta com o que foi dito por Ailton Gomes. Afinal de contas, quem eram essas crianças internadas na escola? Por que os pais matriculavam seus filhos nessas escolas? Quem eram esses pais? O que faziam?

Já o Cleiton Santos ainda nesse perfil do Facebook, faz o seguinte pleito:

Meu pai foi retirado daí em meados de 1958. Foi entregue a uma família nobre e de coronéis, na região do cariri. Essa família nunca quis dar informações sobre possíveis parentes e nem detalhes do Instituto. Peço encarecidamente, se alguém souber de alguma mãe ou pai idoso que perderam seus filhos nesse instituto ou deram aos familiares nobres do Cariri, entrem em contato comigo, podem me escrever via mensagem. É muito triste um ser humano viver sem nenhuma referência, sem saber nome de nenhum parente, é angustiante. Mas conto com a ajuda de quem souber detalhes desse lugar.

Como podemos atinar do excerto acima, o ICM marcou significativamente a vida de famílias cearenses. No entanto, as representações e registros sobre o ICM não se restringem ao âmbito virtual, ele também é citado em alguns trabalhos acadêmicos, embora não como objeto principal de investigação. Em uma dissertação de Mestrado⁶, por exemplo, a autora informa aos leitores que o Instituto Carneiro de Mendonça passou a ser conhecido popularmente como Santo Antônio do Buraco, pois foi sendo construída a imagem do lugar como um buraco para o qual eram enviadas crianças desajustadas. Na visão dessa pesquisadora, o ICM era um protótipo de dominação simbólica das ações policiais do Estado do Ceará, baseada em três pilares: instrução, trabalho e religião. Nessa pesquisa, concentrou-se em refletir na medida policial de determinar o uso do trabalho de presos correcionais e “desocupados” nas obras públicas de construção e

⁶ AGUIAR, Priscyla Lima de. **Controle social na gestão de Manuel Cordeiro Neto na Secretaria de Polícia e Segurança Pública/CE (1935-1941)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-graduação em História Social. Fortaleza, 2014.

reforma como uma medida eivada de uma diretriz política calcada na concepção e nos ideais de trabalho racional e instrução, visando à construção e organização do Estado e a implantação de formas de controle social no Ceará e, principalmente, na cidade de Fortaleza de 1935 a 1941. Essa pesquisa de mestrado ainda apresentou uma tabela relacionada às motivações do desligamento dos menores do ICM. Verificaram-se três motivos se destacam em relação aos demais:

Desligamento por	1936	1937	1938	1939	1940
Emancipação e idoneidade	1	7	2	-	-
Transferência	2	2	-	-	1
Responsabilidade de terceiro	15	50	13	4	5
Colocação em família	-	-	-	15	5
Colocação em emprego	-	-	2	84	8
Fuga	25	29	16	6	2
Falecimento	-	-	-	-	1
Não regresso das férias.	-	-	28	23	-

Fonte: Relatório de Gestão de Cordeiro Neto *apud* AGUIAR (2014, p.97).

De acordo com essa pesquisa, ainda havia resistência aos valores difundidos de controle e trabalho já que foram registradas muitas fugas no ICM, apontando para as deficiências dessa instituição que era marcada por traços de rigidez e, por isso era conhecida popularmente como Escola Santo Antônio do Buraco. Segundo a pesquisa em tela, as fugas atestam uma forma de insubordinação das classes pobres. Na realidade, Cordeiro Neto foi um chefe de polícia cuja marca realmente era a violência. Mas foi eleito prefeito, era muito admirado pelos populares justamente por impor castigos severos aos que delinquiram. Foi conhecido como o “homem da lata”, porque botava os presos para trabalhar na construção do prédio que foi a secretaria de polícia por muito tempo, carregando argamassa em uma lata. A boataria dizia que se dirigia até obra, pedia a lata, sacava de um punhal e fazia furos na mesma para o preso carregar massa na lata vazando na própria cabeça. Enfim, o povo aprovava a violência.

Em outra Dissertação de Mestrado⁷: fala-se do fantasma enterrado do “Santo Antônio do Buraco”, na década de 1970, que se reencarna na FEBEMCE. Nessa pesquisa, mais uma vez menciona o ICM como sendo o claustro do medo, do terror; afirma-se que a escola, por décadas, pairou nas mentes e corpos da infância cearense: “a eterna ameaça”; “a experiência real mais amarga ou menos doce de que não puderam abster-se”. A própria autora da dissertação remete-se às suas representações sobre a escola:

Eu mesma, em minha meninice, não escapei às ameaças maternas, feitas em razão de travessuras que protagonizava, de ser encaminhada para o “Santo Antônio do Buraco”, antiga colônia agrícola, fundada em 1936, em Maracanaú, então distrito de Maranguape, numa localidade denominada Santo Antônio do Pitaguary (VASCONCELOS, 2003, p. 28).

Diante dessas circunstâncias, relatos e estudos relacionando o Instituto Carneiro de Mendonça, despontaram alguns questionamentos que nos inquietaram ao longo da tese: como essa escola correcional para meninos constituiu historicamente suas práticas educativas, administrativas e profissionais durante o seu funcionamento? Qual era o perfil dos meninos egressos dessa escola para a sociedade? O Instituto Carneiro de Mendonça conseguiu efetivamente a sua função social de corrigir e profissionalizar os garotos? Como essa instituição constituiu relações com seu público-alvo e a sociedade? Como a escola construiu a sua imagem junto à essa sociedade? E esta, como representava a escola nos diversos ambientes cearenses? Além disso, quais experiências foram mais significativas na trajetória de vida dos ex-alunos, professoras e “grandes testemunhas” que se envolveram com o Instituto Carneiro de Mendonça?

Não conseguimos, no início de nossas investigações, localizar respostas para as indagações acima. Nem mesmo encontramos pesquisas no campo da História da Educação Cearense cujo objeto principal de estudo fosse o Instituto Carneiro de Mendonça e que, portanto, tivesse como problemática principal algumas daquelas perguntas. Nossas pesquisas exploratórias iniciais também não foram exitosas quanto à descoberta de narrativas orais que nos revelassem trajetórias singulares, memórias e histórias de pessoas que tivessem participado das práticas educativas na escola em tela. Quando mencionado, o nome do Instituto Carneiro de Mendonça era relacionado a estudos e pesquisas macroscópicas em uma perspectiva teórica, generalista e com enfoque economicista e estrutural. Ou seja, as histórias, memórias, documentos pessoais, imagéticos foram renegados, não dando conta da constituição histórica

⁷ VASCONCELOS, Rejane Batista. **A política de assistência à criança e ao adolescente desenvolvida pela Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Ceará**: passaporte para a cidadania ou dispositivo disciplinar? Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Estadual do Ceará, 2003.

da escola, adentrando-se nos mundos subjetivos e idiossincráticos que valorizassem protagonistas anônimos⁸ da História da Educação Cearense.

Desse modo, consideramos razoável pensar em uma história do Instituto Carneiro de Mendonça a partir de uma escala microscópica, adentrando-se nos fatos ocorridos, mas também nos dilemas, nos impasses e nas incertezas das pessoas que testemunharam as práticas educativas no ICM.

É de bom alvitre perscrutar a seguinte assertiva:

A educação é um campo privilegiado de estudos da experiência humana, por ser o campo do aprendizado, da reformulação e da preservação da cultura, sendo ainda o espaço da descoberta das potencialidades e limitações dos sujeitos, ensejando desenvolvimento daquelas e a superação destas. E a História é um esforço de compreensão da experiência aludida. (RODRIGUES, 2013, p.130).

Durante o presente estudo, nos inquietava a dúvida acerca de como as experiências vivenciadas no Instituto Carneiro de Mendonça amalgamaram-se às experiências de vidas de seus alunos, professoras e da comunidade que estava em volta. Desse modo, o registro histórico e a construção de fontes orais despontaram como indispensáveis na presente tese.

Não nos preocupamos em fazer dos registros orais uma generalização a partir de formulações teóricas. Na realidade, buscou-se focar na vida singular das pessoas de carne e sangue.

Ainda que se aceite que estudos não generalizáveis não sejam científicos, a perda deste status não desqualifica um estudo bem fundamentado, cujo fio do desenvolvimento do raciocínio possa ser seguido, só por não corresponder a uma suposta cientificidade vinculada à capacidade de generalização (RODRIGUES, 2013, p.129).

O presente estudo não restringiu o seu campo de análise às estruturas e aos mecanismos estatais que regularam os Instituto Carneiro de Mendonça. Mas, buscou-se evidenciar as racionalidades, as estratégias acionadas pelos indivíduos, suas histórias, lembranças e sentimentos idiossincráticos. O objeto da tese possui, portanto, características microscópicas, particulares e únicas na história da educação cearense.

Na escala microanalítica, as condições gerais que envolvem determinada comunidade ou indivíduo se diluem a ponto de só adquirirem inteligibilidade no enredo miúdo, por meio do *case study*. É por esta razão que o recorte microanalítico, longe de ser simplesmente uma particularidade minúscula de um todo mais amplo reconhecido pelo pesquisador, constitui, em grande medida, o resultado de uma opção analítica que opera em escala reduzida.

⁸ VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história:** micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

Uma opção que se recusa, portanto, a ver as totalidades *a priori*, e só as vê quando diluídas no particular (VAINFAS, 2002, p. 120).

A pesquisa não se guiou por uma questão rígida elaborada a partir de discursos teóricos, visto que o que justificou a realização da presente pesquisa foi a necessidade de se compreender as múltiplas experiências, contraditórias, incertas, convergentes e ambíguas, no ambiente educativo peculiar do Instituto Carneiro de Mendonça para esclarecer melhor as mudanças e permanências em relação à sua função social no cenário da educação cearense.

As problemáticas foram também surgindo ao longo da própria pesquisa. Renunciamos a ideia de buscar uma solução para um determinado problema-chave que sintetizasse o que foi a trajetória histórica da escola.

Certamente o leitor poderá sentir a falta de algum problema que ele considere fundamental, como se toda a aventura humana dependesse, se explicasse ou se resolvesse pelo dito problema. Também poderá sentir a falta de uma solução geral para o suposto problema fundamental. Neste caso, mais uma vez, a fragilidade teórica está do lado de quem supões a existência do tal problema fundamental com a respectiva solução geral e final. (RODRIGUES, 2013, p.126)

Mas, diante das situações conflitantes e das incertezas que destacamos acima, consideramos a seguinte problemática como sendo a mais significativa para o presente estudo: De que forma o Instituto Carneiro de Mendonça desenvolveu sua missão e práticas educativas ao longo de sua trajetória de funcionamento, considerando a sua constituição histórica como uma instituição total de disciplina, medo e isolamento social?

Por esse motivo, este trabalho se propõe a compreender a constituição histórica do Instituto Carneiro de Mendonça e suas práticas educativas, considerando não apenas documentos escritos e imagéticos, mas, sobretudo as experiências e vivências de alunos, professoras e “grandes-testemunhas”⁹ dessa instituição correcional cearense.

Desse modo, dividimos a tese da seguinte forma:

No capítulo “Aspectos Teórico-Methodológicos da Tese”, discutiremos as escolhas e os caminhos teórico-metodológicos percorridos nesse estudo. Como esta investigação está vinculada à linha de pesquisa História e Memória da Educação (NHIME), fez-se necessário esclarecer nossa forma peculiar de compreensão da História e o nosso papel como historiador da educação. Tornou-se imprescindível elucidar os posicionamentos teóricos e metodológicos que guiaram os passos da coleta e análise de dados.

⁹ Considera-se nesse trabalho “Grandes Testemunhas”, pessoas que, embora, não tenham sido, alunos ou professoras no ICM, conviveram com funcionários, professoras e alunos da escola.

Já no capítulo “Conhecendo o Ambiente da Pesquisa”, retratamos o cenário da pesquisa. Como o estudo delineou-se como uma pesquisa do tipo conteudística e narrativa, considerando fatos e atos humanos em um enredo que relacionou personagens em um determinado ambiente, consideramos essencial conhecermos detalhadamente o ambiente do Instituto Carneiro de Mendonça, mas não apenas fechado em torno de si mesmo, mas, relacionando com outros cenários sociais.

Pelos mesmos motivos expressos acima. Ou seja, por esse estudo se tratar de uma pesquisa do tipo conteudística e narrativa, no capítulo seguinte, discorreremos sobre o perfil dos sujeitos entrevistados no presente estudo. Reconhecemos que esse conhecimento permitirá a identificação das relações desses personagens na constituição histórica do Instituto Carneiro de Mendonça, favorecendo, portanto, a compreensão das vivências e práticas educativas desenvolvidas no ambiente estudado.

No capítulo Memórias e Histórias de “Grandes Testemunhas”: trataremos das narrativas de personagens, que, embora não tenham sido formalmente alunos, professores ou alunos da escola, vivenciaram experiências no âmbito das práticas educativas desenvolvidas no Instituto Carneiro de Mendonça e, ao mesmo tempo, tiveram também um privilégio de um olhar estando fora a escola. A relevância desses personagens foi a de ampliar as visões e percepções acerca da constituição histórica da escola, de modo que pudéssemos ter uma compreensão mais diversificada do objeto estudado.

No capítulo Memórias e Histórias de Ex-professoras: cuidaremos de compreender as lembranças e as memórias de docentes que trabalharam no Instituto Carneiro de Mendonça. Essas personagens conviveram diuturnamente na escola com maior frequência e intensidade. Daí a pesquisa ter valorizado suas narrativas por considerarmos que suas lembranças não podem ser relegadas pela relevância que representa a docência dentro dos ambientes educativos. Especialmente no Instituto Carneiro de Mendonça, onde somente lecionavam mulheres, que moravam dentro da própria escola.

No capítulo Memórias e Histórias de Ex-alunos: discorreremos sobre as narrativas de personagens-alvo das práticas educativas do Instituto Carneiro de Mendonça. Em um ambiente educacional a meta principal é consolidar as aprendizagens dos alunos. Quase todos os entrevistados passaram a vida toda no ambiente do Instituto Carneiro de Mendonça. Dessa forma, denotamos que a colaboração narrativa dessas personagens seria qualificada e relevante para alcançarmos os objetivos do presente estudo.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A história é registro do comportamento humano, e não aritmética. (Barbara Tuchman, 1985).

Os caminhos metodológicos de uma pesquisa estão diretamente relacionados com a formação acadêmica do pesquisador, com suas preferências teórico-metodológicas e com o grupo de pesquisa no qual ele está ligado (BARROS, 2010). É razoável a ideia de que a neutralidade científica é um mito (JAPIASSU, 1975). Nessa perspectiva, uma pesquisa histórica pode seguir vários caminhos possíveis, dependendo da especificidade do objeto investigado e da forma como ele é abordado teórica e metodologicamente pelos sujeitos da pesquisa.

É razoável que o primeiro passo a ser dado em uma pesquisa histórica seja refletir sobre o próprio conceito de história. O que é História? Qual é a função da história? Qual é a natureza dos fatos históricos? Eles são produzidos pelos historiadores ou eles existem por eles mesmos? Além do mais, pergunta-se: qual é a função do historiador? Responder a essas questões pode revelar as opções teórico-metodológicas do historiador.

Para algumas correntes historiográficas, o papel do historiador pode ser o de selecionar fatos a partir de critérios bem definidos, submetendo-os à crítica. Desse modo, fazer história não pressupõe a criação de fatos pelo historiador. Em outras perspectivas teórico-metodológicas, pode-se admitir que os fatos da história não existem para qualquer historiador até que ele os crie. Sob o manto dessa perspectiva teórico-metodológica, encontra-se o pensamento de Edward Carr (1978).

Para esse historiador britânico, os fatos históricos falam apenas quando o historiador os aborda: é ele quem decide quais os fatos que vêm à cena e em que ordem ou contexto. Segundo esse historiador e jornalista britânico, quem dá sentido e significado ao fato histórico é o próprio historiador, visto que são eles quem selecionam e classificam os acontecimentos como sendo histórico ou não. Um mesmo acontecimento pode até ser apreciado diferentemente por historiadores. Assim, não existiria fato histórico sem a interpretação do historiador. Fazer história significa selecionar fatos e interpretá-los.

O que define se o fato será um fato histórico ou não vai depender se a interpretação será aceita por outros historiadores como válida e significativa. “Seu *status* como um fato histórico dependerá de um problema de

interpretação do próprio historiador. Este elemento de interpretação entra em todo fato de histórias” (CARR, 1978, p. 15).

Os fatos falam por eles mesmos? Os historiadores do século XIX possuíam a convicção de que o fundamento da história era acumular fatos e de que esses fatos falavam por si mesmos por meio de documentos. Os documentos oficiais e não oficiais sacralizavam os fatos. Contra esses historiadores, Edward Carr argumenta da seguinte forma:

Nenhum documento pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava – o que ele pensava que havia acontecido, o que devia acontecer ou o que aconteceria, ou talvez apenas o que ele queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar. Nada disso significa alguma coisa, até que o historiador trabalhe sobre esse material e decifre-o. Os fatos mesmo se encontrados em documentos, ou não, ainda têm de ser processados pelo historiador antes que se possa fazer qualquer uso deles: uso que se faz deles é, se me permitem colocar dessa forma, o processo do processamento (CARR, 1978, p.18).

Edward Carr (1978) entendia que o documento não é um artefato que tenha vida própria e tome conta do passado por si mesmo. Os documentos são criações humanas em que se expressam as relações de forças e os jogos de interesses presentes em diversos contextos sociais. Os documentos não revelam o que ocorreu, mas somente o que alguém pensou que aconteceu, ou o que ele queria que outros pensassem, ou talvez o que ele próprio queria pensar que tivesse acontecido. O fato é [re]construído na mente do historiador. Por isso, o ofício de historiador pressupõe um não distanciamento de sua época. Sua tarefa é, portanto, descobrir os poucos fatos importantes e transformá-los em fatos da história e de descartar os muitos fatos insignificantes como não históricos. Os fatos históricos não têm vida própria como os pioneiros da historiografia do século XIX acreditavam. Essa sacralização dos fatos castrou a imaginação histórica e, ainda hoje, permanecem resquícios desses postulados (CARR, 1978).

Para Carl Becker *apud* Carr (*idem*, p.22): “os fatos da história não existem para qualquer historiador até que ele os crie”. E essa criação se dá no presente. O historiador ver o passado com a lentes do presente, é a realidade aqui e agora que orienta às suas perguntas sobre o passado. E o âmago do trabalho de historiador é precisamente interpretar esse passado e compreender as interconexões do passado com o presente a partir dos problemas do presente. Assim, o historiador é um colecionador de problemas do passado no presente. Aquele que não gostar de problemas deve se afastar da história.

O passado que o historiador estuda não é um passado morto, mas um passado que, em algum sentido, está ainda vivo no presente. Mas um ato passado está morto, isto é, sem significado para o historiador, a menos que ele possa apreender o pensamento que está por trás deste passado, desde que ‘toda

história é a história do pensamento’ e ‘a história é a revalidação da mente do historiador do pensamento cuja história ele está estudando (*ibidem*, p.22).

Não obstante ao fato de estar no presente e atuar no presente, o historiador não precisaria criar uma relação de dependência dos dados e da narração destes. O trabalho do historiador, por esse diapasão, confunde-se com a seleção e interpretação de fatos, que nunca se apresentam ao historiador “puros”, já que são produtos da imaginação do historiador. Nessa perspectiva, “quando pegamos um trabalho de história, nossa primeira preocupação não deveria ser com os fatos que contém, mas com o historiador que o escreveu” (Carr, 1978, p.23). Compreender os fatos históricos pressupõe, portanto, entender o que o historiador está fazendo, onde ele está, como está fazendo e o que se passa na mente do historiador. Portanto, antes de estudar os fatos e compreendê-los, é essencial estudar o historiador.

Os fatos na verdade não são absolutamente como peixes na peixaria. Eles são como peixes nadando livremente num oceano vasto e algumas vezes inacessível; o que o historiador pesca dependerá parcialmente da sorte, mas principalmente da parte do oceano em que ele prefere pescar e do molinete que ele usa – fatores estes que são naturalmente determinados pela qualidade de peixes que ele quer pegar. De um modo geral, o historiador conseguirá o tipo de fatos que ele quer (CARR, 1978, p.24).

Para Edward Carr (1978), é imprescindível na construção dos fatos que o historiador faça uso da sua imaginação. Sem a imaginação será impossível compreender o que se passa na mente das pessoas. Contudo, compreender o que se passa na mente das pessoas não significa necessariamente está em acordo com elas ou apresentar conclusões morais acerca das mesmas. O trabalho do historiador não é um trabalho para fazer empatias e simpatias. Seu trabalho de historiador é fazer interpretação dos fatos, sem fazer juízos de valor. A vigilância e o afastamento favorecem ao historiador o desligamento das crenças, paixões e repugnâncias que pairam como nuvem sobre a interpretação dos fatos.

Nessa perspectiva historiográfica, o historiador está ligado a uma época e à sua realidade. Presente e passado estão intimamente ligados. A análise do passado se dá sempre com os olhos do presente, visto que quem está analisando está com os pés fincados na realidade presente, aqui e agora. Contudo, isso não significa que o pesquisador que constrói os fatos desperte e desenvolva um amor incondicional pelo passado, é de bom proveito que o historiador domine o passado, para compreendê-lo. Assim, entre o passado e o presente, é o historiador que faz a história, é ele quem seleciona, decide e interpreta. Mas, quais os limites e riscos de se enfatizar o papel do historiador na elaboração da história? Seria uma forma de se rejeitar toda objetividade na história, visto que a história é o que o historiador faz?

Sobre essa questão, Carr (1995, p. 26) responde da seguinte forma:

Não podemos concluir que, porque a interpretação desempenha um papel necessário no estabelecimento dos fatos da história e porque nenhuma interpretação é completamente objetiva, qualquer interpretação é tão boa quanto outra e que os fatos da história não são, em princípio, responsáveis pela interpretação objetiva.

Assim, o papel do historiador é de observar os seus fatos e verificar a sua exatidão, sempre procurando analisar os fatos conhecidos, ou que possam ser conhecidos, e que tenham alguma importância para o tema em que se está analisando para alcançar a interpretação. O pensamento do historiador britânico em tela prende-se de maneira cega à ideia de que toda interpretação vale tanto quanto qualquer outra. Não se reconhece, de fato, que existem interpretações com diferentes graus de plausibilidade. Desconsidera que a hermenêutica se ocupa da boa interpretação juntamente com a exegese.

O historiador está preso à realidade que lhe cerca. Ele está inserido num mundo em que ele busca sentido e significado, apesar de não poder controlá-lo. A relação do historiador com a realidade se dá por meio dos temas que ele escolhe para estudar e analisar. Os temas não se impõem ao historiador nem esse se impõe aquele. O que existe é uma relação recíproca entre eles. Nessa perspectiva, a atividade de selecionar os fatos e interpretá-los pressupõe vários movimentos permanentes e contínuos de reelaborações sutis. Não existe fato histórico pronto, acabado e isento de remodelações. A construção dos fatos históricos pressupõe uma ação mútua envolvendo o presente o passado e também o historiador e os fatos são necessários um ao outro. Essa relação pode sinalizar, algumas vezes, um processo de problematização. Assim, construir os fatos implicaria em construir problemas. “O historiador estaria imerso em um mundo que põe problemas específicos dele, cabendo-lhe lançar-se ao passado para ver se esses problemas postos pelo presente existiriam no passado e, se existissem, como foram vividos” (Ariès *apud* Reis, 2000).

Desse modo, outra forma do historiador trabalhar é por meio da díade “História-Problema”. Esta é lugar-comum para uma parcela de historiadores formados no século XXI: é uma forma de se opor à historiografia tradicional positivista. Busca-se a superação do fato histórico “bruto”, concebendo o fato histórico como sendo algo também construído pelo historiador. A “História-problema” rejeita a história positivista já que esta considerava os fatos como já presentes nos documentos; historiadores positivistas preocupam-se em fazer a análise crítica do documento como uma tentativa de atestar o fato e de lhe dar uma sustentação concreta

para a sua existência. Dessa forma, o fato não pode ser inventado, nem ser fruto da imaginação do historiador, os fatos deveriam ser apresentados de maneira objetiva e nua. Cabia ao pesquisador apenas fazer a reconstituição cronológica desses fatos, procurando vencer as fraquezas da interpretação. Carlos Reis explicita melhor essa concepção de fazer história:

Na narração, os eventos, únicos e incomparáveis, eram incluídos em uma continuidade, ganhavam um sentido que lhes vinha do exterior, tinham uma explicação teleológica. A estrutura da narração exigia alguma conceituação, mas que não era jamais explicitada. Os conceitos que a sustentavam permaneciam escondidos no interior da finalidade temporal que dava sentido à narração (REIS, 2000, p.74).

A “história-problema” vem se opor ao caráter narrativo e acontecimental da história tradicional. A história-problema busca ir além dos documentos, visto que não reconhece a possibilidade de narrar os fatos históricos tal como se passam. Por outro lado, postula que o fazer histórico se configura pela escolha voluntária de objetos no passado e os questiona com hipóteses do presente. Afirma-se a base conceitual para analisar e interpretar esses objetos, sem desprezar a validade científica dessas interpretações. Dessa forma, é a partir da postulação de problemas que o historiador pesquisa e organiza suas fontes. Em outros termos, o fato histórico é produto de uma explicitação total e conceitual do pesquisador. “A organização da pesquisa é feita a partir do problema que a suscitou: este vai guiar a seleção dos documentos, a seleção e construção das séries de eventos relevantes para a verificação das hipóteses, cuja construção ele exigirá” (REIS, 2000, p.75).

A história-problema só é possível a partir da ideia “nova” dos *Annales*, isto é, a da passagem do fato histórico “bruto” ao fato histórico “construído”. Os intelectuais pioneiros da Escola dos *Annales*, em 1929, entendiam que o fato histórico não poderia ser concebido como um dado; o fato histórico, “dado bruto”, não se aproxima do trabalho do historiador e da história. É o historiador, em seu presente, que reabre o passado e constrói os dados necessários, a partir dos documentos postos, ligados à sua experiência do presente (BARROS, 2012).

Os idealizadores da história nova defendiam que “a história se faz com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem” (Le Goff, 2003, p. 530). Assim, seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, especializado para esse uso. “O documento deve ser submetido a uma crítica mais radical” (*ibidem*, p. 533).

Outro aspecto emergente durante o fazer histórico é aquele que questiona se a história é uma ciência do passado ou só há história contemporânea? Alguns historiadores definem que

a história é a ciência do passado. Em sua obra “Apologia da História”, Marc Bloch (2002, p.52), define a história como sendo a “ciência do homem no tempo”. Confirmando resolutamente o caráter científico e abstrato do trabalho histórico, Marc Bloch não aceitava que esse trabalho fosse estritamente tributário da cronologia: seria um erro grave pensar que a ordem adotada pelos historiadores nas suas investigações devesse necessariamente modelar-se pela dos acontecimentos. Para restituírem a história o seu movimento verdadeiro, seria muitas vezes vantajoso lerem-na, como diziam Maitland, “ao contrário”. Daí o interesse de “um método prudentemente regressivo”. Prudentemente, isto é, que não transporte ingenuamente o presente para o passado e que não procure por outras vias um trajeto linear que seria tão ilusório como o sentido contrário. Há rupturas e descontinuidades inultrapassáveis, quer num sentido, quer noutro (LE GOFF, 2003).

Diante de inúmeras perspectivas teórico-metodológicas, conforme discutiu-se acima, nessa tese optou-se pela definição de história deslindada por Barbara Tuchman (1995). Conforme esta jornalista, escritora e historiadora estadunidense, a história é definida como os acontecimentos passados dos quais temos conhecimento. Tuchman afirma que os fatos históricos existem independentemente do historiador e que não é papel deste se preocupar com os fatos desconhecidos por eles. Portanto, entende-se, nessa tese, que a tarefa do historiador é dizer o que aconteceu, dentro da disciplina dos fatos (TUCHMAN, 1995). Entende-se, nessa tese, que papel do historiador é selecionar os dados que considera pertinentes e atribui significados para eles no enredo que relaciona ambientes, personagens, fatos e atos numa rede de significados chamada trama. Isso se faz em razão de pressupostos teóricos e sob a influência de inúmeros fatores que influenciam a percepção.

Nessa tese, preocupou-se em tornar conhecidos os acontecimentos que envolveram pessoas comuns que participaram das práticas educativas do Instituto Carneiro de Mendonça. Os caminhos trilhados nessa tese buscaram registrar o que de fato aconteceu na vida das pessoas e do Instituto Carneiro de Mendonça, sem esconder nada; sem nenhuma ficção ou preocupação em agradar alguma corrente teórica. A pesquisa se preocupou prioritariamente com as experiências dessas pessoas terem participado de uma educação correcional. A pesquisa guiou-se pela seguinte ideia:

O que a imaginação é para o poeta, os fatos são para o historiador. Seu critério é exercido na seleção desses fatos; sua arte, em organizá-los. Seu método é narrativo. Seu assunto é o relato do passado de um homem. Sua função é torná-lo conhecido. (TUCHMAN, 1995, p. 24).

Nesse sentido, optou-se por não fazer uma pesquisa teoricamente orientada. Decidiu-se realizar uma pesquisa do tipo conteudística e narrativa. Por uma razão muito simples:

Quando levantamos a possibilidade de estudos teoricamente orientados não chegarem a lidar com o real, não falarem do mundo, não vinculamos tal possibilidade à presença de teorias genuínas, mas sim à dependência desses estudos em relação a um pseudoconhecimento do geral. Essa dependência, alertamos, pode levar a investigação social a perder tempo com ficções em vez de produzir aquilo que de fato importa, a saber, descrições e explicações plausíveis e bem documentadas socialmente real (GUSMÃO, 2012, p.30).

Quando as investigações sociais são teoricamente orientadas, tende-se a tratar as instituições humanas como não procedentes exclusivamente de propósitos ou desejos deliberados. Ou seja, é como se as pessoas não tivessem volições. É como se as estruturas sociais controlassem e dominassem as mentes e os comportamentos humanos de tal modo que eles não reagiriam por conta própria. Em um quadro teoricamente orientado, investigações sociais incorrem no erro do filósofo Immanuel Kant (1724-1804), que consideram que os atos humanos e qualquer outro fenômeno da natureza são determinados por leis naturais de caráter universal. No entendimento de Kant, a história segue seu curso, independentemente das volições humanas.

A história, que se ocupa da narração destas manifestações, por profundamente ocultas que as suas causas possam estar, permite esperar que ela – tendo em consideração o jogo da liberdade da vontade humana *na generalidade* – venha a poder descobrir um curso regular dessas manifestações, e que, desta maneira, aquilo que nos parece confuso e irregular em indivíduos isolados, possa ser reconhecido no conjunto da espécie como um desenvolvimento sempre contínuo, embora lento, das suas capacidades originais (GARDINER, 1964, 28-29).

Nas investigações sociais teoricamente orientadas, a origem dos fenômenos e fatos é plenamente esclarecedora. Da mesma forma que funcionam com as ciências da natureza, pesquisadores teoricamente orientados guiam suas ações de pesquisa por meio do padrão “dado ‘A’ necessariamente teremos o resultado ‘B’”. Da mesma forma que é possível se explicar a queda dos corpos por meio da lei da gravitação universal, os fenômenos sociais podem ser explicados por leis gerais. No entanto, na concepção de Rodrigues (2015), esse entendimento, se aplicado à história, é equivocado.

Os fenômenos históricos em geral não se enquadram nesta categoria. A condição de sujeito implica relativo grau de voluntarismo, nos limites das possibilidades da ação social. A ação voluntária do sujeito afasta o determinismo das explicações da compreensão histórica (RODRIGUES, 2015, p.19).

Desse modo, optou-se, nessa tese, por uma concepção de história voltada para interesses idiossincráticos. O Instituto Carneiro de Mendonça por mais que possa ser enquadrado como uma instituição total, como vimos na introdução, com o objetivo de corrigir, disciplinar e transformar os menores em indivíduos dóceis e úteis para a sociedade, cada um deles vivenciou de modo particular a experiência de ser internado em uma escola desse tipo. Na realidade, a pesquisa defrontou-se com fenômenos singulares da história da educação cearense. Foi fecundo para a pesquisa adentrar no mundo particular das pessoas, das suas próprias percepções, representações de si e do Instituto Carneiro de Mendonça.

É utópico, perpetrar anacronismos, ser irrealista, ‘escapista’, não compreender a história ou a vida ou o mundo, é falhar em abarcar um conjunto particular de leis e fórmulas que cada escola oferece como chave de uma explicação de por que o que acontece precisa acontecer como acontece, e não em alguma outra ordem. Comum a todas as escolas é uma crença de que existe uma ordem e uma chave para sua compreensão, um plano – ou uma geometria ou uma geometria dos acontecimentos. Os que a compreendem têm a inteligência; os que não, vagam na escuridão (BERLIN, 1999, p.22).

Não se buscou, nessa tese, construir fatos singulares. Procurou, sim, criar uma narrativa que articula os fatos singulares que nós mesmos não criamos, mais os sujeitos da pesquisa. Buscamos registrar esses fatos apenas porque consideramos relevante integrá-lo à narrativa em razão dos objetivos da pesquisa.

Assim, entende-se, nessa pesquisa, que nenhuma tentativa de se criar uma “chave” para a história funcionou até aqui. Essa suposta “chave” sempre nos escapa. Na História, “ciência do homem no tempo”, como definiu Marc Bloch (2002, p.52), é temerária e inócua a ideia de enquadrar o homem em leis universais e genéricas que expliquem de modo determinista o sentido das suas ações humanas.

Os teóricos da história acreditaram certamente estar fornecendo aos historiadores as asas que lhes permitiram transpor grandes territórios rapidamente, quando comparadas com a lenta progressão pedestre dos coletores de fatos empíricos; mas embora as asas já estejam conosco por mais de um século, até agora ninguém voou (BERLIN, 1999, P.24).

Evitou-se, no estudo em tela, investigar a história do Instituto Carneiro de Mendonça como se estivesse estudando objetos materiais no espaço, e de que as suas vidas, lembranças e percepções idiossincráticas pudessem ser reduzidas a um quadro conceitual e teórico. As vivências e experiências dos participantes da pesquisa não podem ser encapsuladas e governadas por leis mecânicas. Os seres humanos e suas instituições são maleáveis, imprevisíveis e muito resistentes a rótulos apriorísticos.

A História não é um campo adequado aos estudos nomotéticos. Os sujeitos existem e não são irrelevantes e isso atrapalha o determinismo das leis. As fontes de toda espécie podem oferecer contribuições válidas e enriquecedoras para a pesquisa histórica. (RODRIGUES, 2013, p.126)

Assim, consideramos razoável e plausível o seguinte pensamento de Berlin (1999, p. 30):

Tudo o que restou foi um movimento de sombras, indeterminado e insólito, só descritível em termos de aproximações, esforço inspirado de conjetura, conclusões de curto prazo de fenômenos locais sujeitas ao questionamento de um número demasiado grande de fatores desconhecidos e aparentemente incognoscíveis.

Na História não tem previsibilidade. A doutrina historicista que nos ensina que a tarefa das ciências sociais é prever evoluções históricas não se sustenta. A função social da história não se confunde com a função social das ciências da natureza. Segundo Karl Popper,

Só um historicista desiludido, quer dizer, aquele que acredita na doutrina historicista do objetivo das ciências sociais como dado imediato, será realmente levado a desesperar da razão ao dar-se conta de que as ciências sociais não podem de fato profetizar; e poderá até ser lavado a odiar a razão (GARDINER, 1964, p. 340)

Se negarmos a imprevisibilidade do ser humano, estamos negando a própria existência do ser humano. E negar o ser humano é negar a própria História. É uma ilusão procurar uma explicação causal entre os fenômenos sociais. É uma ilusão procurar estabelecer, portanto, uma relação de causa e efeitos nas pesquisas históricas.

Esquivou-se de trabalhar com os relatos dependendo de forma essencial de qualquer teoria sociológica de alcance geral. E isso não foi uma tarefa fácil na pesquisa. Não foram raras as tentações durante a pesquisa de procurar enquadrar o objeto de estudo em grandes teorias sociais. Na obra “O Fetichismo do Conceito”, o sociólogo Luís de Gusmão (2012) diz que as ciências sociais são reféns desses conceitos teóricos. Para esse estudioso, as pesquisas nas ciências sociais abusam da invenção de conceitos em detrimento daqueles que afloram na linguagem cotidiana e no senso comum ao sabor de situações concretas. Segundo ele, o resultado de tal mania é:

A fetichização do conceito, que privilegia meras deduções feitas a partir dele em detrimento da “explicação causal empiricamente orientada da vida social, em toda sua riqueza e complexidade, algo que requer sempre inventários exaustivos de variáveis contextuais e em uso qualificado do conhecimento do geral (GUSMÃO, 2012, p.25).

Não é raro, pesquisadores das ciências sociais, incluindo a História, fazerem uso de conceitos teóricos com o intuito de fazerem grandes generalizações renegando no mais das vezes as experiências individuais e os fatos empíricos. Os conceitos teóricos de sociólogos têm influenciado e guiado as pesquisas de historiadores ao ponto destes tentarem encaixar seus objetos de estudos nos postulados teóricos e conceituais, desprezando, assim, as singularidades pessoais dos sujeitos da pesquisa.

Os teóricos da história acreditaram certamente estar fornecendo aos historiadores as asas que lhes permitiriam transpor grandes territórios rapidamente, quando comparadas com a lenta progressão pedestre dos coletores de fatos empíricos; mas embora as asas já estejam conosco por mais de um século, até agora ninguém voou [...] Fracassaram todas as tentativas de substituir o lento trabalho manual de antiquários e pesquisadores históricos por máquinas, métodos de produção em massa; continuamos a confiar nos que passaram suas vidas montando a duras penas seu conhecimento a partir dos fragmentos de provas reais, obedecendo a esta prova aonde quer que os levasse, não importa o quanto fosse estranho o padrão, ou mesmo sem consciência de qualquer padrão que fosse. E enquanto isso, as asas e mecanismos complexos vêm acumulando poeira nas prateleiras dos museus, exemplos de ambições arrogantes e fantasias infundadas, e não de realização intelectual (BERLIN, 1999, pp. 23-24).

Refutou-se nessa tese o registro histórico em termos abstratos que se preocupe em organizar sistemas e ciclos dos quais fosse necessário espremer o fluxo dos acontecimentos para que estes seguissem um padrão e um significado acabado. Não se delineou um trabalho de encaixe de objeto em teorias ou sistemas. “Os historiadores que colocam seu sistema em primeiro lugar dificilmente podem escapar da heresia de preferir fatos que melhor se ajustam a esse sistema. A explicação que possa existir deve surgir na mente do leitor de história” (TUCHMAN, 1995, p. 15). Tratou-se de uma história que se preocupa com gente, de carne e sangue. O registro histórico dessa tese valorizou os relatos de pessoas comuns. Com suas palavras e termos singulares, mesmo que muitas vezes sejam ilógicos e desconexos de conceitos científicos.

Na ausência das pessoas comuns e de suas idiossincrasias, avulta-se a figura do intelectual. O professor da Universidade de Stanford, Thomas Sowell (2011), chamou esses homens de “intelectuais ungidos”, que são aqueles intelectuais que não aceitam falseamento de suas ideias, preocupam-se em solucionar o problema, que eles consideram como fundamental da humanidade, de maneira irresponsável, sem a devida validação no mundo real. Os “intelectuais ungidos” são aqueles que se apresentam com propostas messiânicas, ou seja, salvacionistas. No campo da educação, com seus postulados e axiomas, alcançaram grande reputação entre os pesquisadores e conquistaram a confiança de seus seguidores. Por que

prescindir dos fatos, da empiria, da realidade concreta? Por que abandonar a vida real das pessoas?

Nessa tese, caminhou-se diferente, imergiu-se na vida das pessoas e não nas ideias explicativas de pesquisadores. Por isso, não se recomenda que essa tese seja apreendida como sendo um estofo de explicações causais desses “intelectuais ungidos” para os fenômenos que ocorreram no Instituto Carneiro de Mendonça. Também não se buscou testar alguma teoria social ou mesmo encaixar as vidas e experiências dos participantes a um grande sistema teórico. A pretensão desse trabalho, como já mencionamos na introdução, foi de compreender a constituição histórica do Instituto Carneiro de Mendonça e suas práticas educativas, considerando não apenas documentos escritos e imagéticos, mas, sobretudo as experiências e vivências de alunos, professoras e “grandes-testemunhas. Assim, priorizou-se o método da narrativa densa por esse considerar que descobrir o que aconteceu na história é o bastante ao invés de verificar os “porquês”. Estes podem surgir por si mesmos, vindo da narrativa do que aconteceu. “Se o historiador se sujeitar ao seu material, em lugar de tentar impor-se a ele, então esse material acabará falando e dando as respostas” (TUCHMAN, 1995, p. 15). Segundo Barbara Tuchman, “as provas me parecem mais importantes do que a interpretação, e os fatos são história, quer sejam interpretados ou não” (Tuchman, 1995, p.19).

Os homens individualmente e até mesmo povos inteiros mal pensam que, ao seguirem as suas próprias intenções – cada qual à sua maneira e muitas vezes uns em oposição aos outros – prosseguem sem dar por tal um desígnio da natureza, que lhes é desconhecido, avançam como que guiados por um fio condutor e trabalham na realização de um propósito, ao qual, mesmo que dele tivessem conhecimento, pouca importância daria (GARDINER, 1976, p.29).

Por se tratar de uma pesquisa que procurou valores subjetivos, com relatos, depoimentos, histórias de vida, narrações, recordações, memória e esquecimentos, do ponto de vista metodológico, a história oral revelou-se bastante fecunda para essa tese. É por meio da oralidade que podemos registrar a voz, a vida e o pensamento de seres que já participaram das práticas educativas no Instituto Carneiro de Mendonça. A oralidade nos permitiu obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas. A oralidade nos revelou o indescritível e uma gama de detalhes que raramente apareceriam nos documentos escritos, nos jornais e mesmo nos boletins de ocorrência do Instituto Carneiro de Mendonça. Aquilo que não teríamos acesso pelo mundo oficial escrito, alcançamos pela via dos relatos orais. As fontes orais nos possibilitaram adentrar nas subjetividades por meio de lembranças, recordações, revelando aquilo que está oculto.

A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projetos da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudos em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comoventes, mas também mais verdadeira (THOMPSON, 1998, p. 137).

A pesquisa, ao se interessar pela oralidade dos protagonistas anônimos¹⁰, procurou destacar e centrar sua análise nas visões de mundo e as versões que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos participantes da pesquisa. Do ponto de vista metodológico, assumiu-se uma postura que concebeu que:

A história oral é mais do que uma decisão técnica ou de procedimento; não é a depuração técnica da entrevista gravada; nem pretende exclusivamente formar arquivos orais; tampouco é apenas um roteiro para o processo detalhado e preciso de transcrição da oralidade; nem abandona a análise à iniciativa dos historiadores do futuro (LOZANO, 2006, p. 16).

A história oral é extremamente útil para preencher as lacunas da história, para compensar a falta de documentação. Nessa pesquisa, foi muito válida a história oral pela escassez de outras fontes sobre o ICM, sejam elas, documentais, imagéticas e arquivos da escola. Encontramos, sim, algumas edições de jornais cearenses, como por exemplo, Gazeta de Notícias dos anos 1960, O Nordeste da década de 1950, Unitário também da década de 1950, mas se restringiam ao noticiário político e da gestão da escola de menores. A tese utilizou-se da história oral como metodologia principal dando crédito às pessoas excluídas da história oficial e documental.

Segundo Amado e Ferreira (2006), é possível reduzir a três as principais posturas a respeito do *status* da história oral. A primeira vertente considera que a história oral é uma técnica, uma vez que o interesse maior é sobre as experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas. Na história oral, entendida como técnica, o enfoque é dado aos tipos de aparelhagem de som, formas de transcrição de fitas, modelo de organização e acervo. Nessa vertente, pesquisadores negam que a história oral seja uma disciplina ou metodologia. No entanto, há pesquisadores que advogam que a história oral possui *status* de disciplina, posto que a história oral inaugurou “técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos

¹⁰ VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

singulares e um conjunto próprio de conceitos” (Amado e Ferreira, 2006, p.13). O entendimento é o de que a história oral constituiu um *corpus teórico distinto*.

Há ainda os que postulam que a história oral é uma metodologia. Na presente tese, concordou-se com essa última ótica. Compactuou-se com a ideia de Amado e Ferreira (*idem*) de que a história oral é muito mais do que uma simples técnica e disciplina. Para essas autoras,

A história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho –, funcionando como ponte entre teoria e prática (*ibidem* p. 16).

Se tratarmos a história oral apenas como disciplina, enfocamos apenas os aspectos intrínsecos, abordamos as problemáticas relacionadas somente no âmbito da história oral sem fazer interconexões com outros saberes e campos interdisciplinares. Amado e Ferreira (2006) esclarecem que os resultados de pesquisas seriam trabalhos com respostas triviais, visto que estariam vinculadas aos dados de entrevistas, sem possibilidade de elaboração teórica. O trabalho em história oral não se limita a produzir as palavras de interlocutores sem fazer as correspondentes problematizações, ligações e elaborações criativas do pesquisador.

Se por outro lado, a história oral for entendida apenas como uma técnica, mesmo que não seja apenas um trabalho complementar de alguns cientistas sociais, não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para utilização do gravador em pesquisas. Sob essa ótica o pesquisador é uma figura inerte e pouco criativa, o seu trabalho é produto de tecnologias.

Contrastando sobre essa dimensão, pode-se dizer que:

O historiador oral é algo mais que um gravador que registra os indivíduos “sem voz”, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a consequente análise histórica; que seu papel como pesquisador não se limite ao de um entrevistador eficiente, e que seu esforço e sua capacidade de síntese e análise não sejam arquivados e substituídos pelas fitas de gravação (sonoras e visuais) (AMADO e FERREIRA, 2006, p.17).

Ao contrário de outros instrumentos de coleta de dados usados nas ciências humanas, tais como a observação participante, a história de vida e a entrevista, a história oral exibe uma complexidade bem maior que dificulta sua definição clara, precisa. Por essa razão, é mais fácil descrevê-la que defini-la. Em termos gerais, poder-se-ia dizer que tudo que é “oral”, gravado e preservado, pode ser considerado história oral. Neste sentido, os discursos, as conversas telefônicas, as conferências ou qualquer outro tipo de comunicação humana que pode ser

gravada, transcrita e preservada como fonte primária para uso futuro da comunidade científica estaria dentro do rótulo da história oral (HAGUETTE, 2011).

A história oral tem uma abrangência de utilização muito ampla nas ciências sociais. Assim Alberti (2005, p.17), explica que:

A história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados.

Ainda buscando entender um caráter distintivo de história oral, Meihy e Holanda esclarecem que:

Um dos pontos basilares da distinção entre história oral e entrevistas convencionais reside exatamente na especificação dos critérios de captação das narrativas segundo os termos estabelecidos nos projetos. É aí que entra a primeira variação entre entrevistas convencionais e de história oral (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.33).

Pelas dificuldades de definição e por basear-se na interlocução pessoal e na memória, a história oral está sujeita a críticas a respeito da validade dos dados que ela obtém. Acusa-se a história oral de não ser confiável. Um primeiro ponto que se critica é o de que as interlocuções dos atores sociais são sempre interlocuções parciais e por isto, transmitem versões dos acontecimentos e não reconstituições dos próprios acontecimentos. Assim, a visão do interlocutor seria deturpada e enganadora. Outra crítica que se faz é que a interlocução se funda na memória do interlocutor e, sendo a memória humana falha e deficiente, os acontecimentos ou impressões relatados poder ser distorcidos, episódios deslocados ou elementos omitidos. A reconstituição “de memória” pode estar imersa em reinterpretações, seja pela distância existente entre fato passado e o depoimento presente que já incorpora possíveis mudanças de perspectiva ou de valores do ator social, seja porque o fato pode ser reinterpretado à luz dos seus interesses. (HAGUETTE, 2011).

Na tentativa de explicitar algumas distinções, e analisando a história oral e suas interconexões e desdobramentos mais técnicos, a autora acima ainda faz uma distinção entre entrevista biográfica e entrevista temática.

O tipo de entrevista, ou o enfoque histórico a ser adotado, pode envolver a decisão entre a entrevista biográfica ou a entrevista temática. Para o primeiro tipo incluir-se-ão os personagens que, ao longo de suas vidas, desempenharam um papel relevante, seja na política, na administração, nas artes, na economia etc. (HAGUETTE, 2011, p.91).

O roteiro de uma entrevista em história oral pressupõe uma série de procedimentos tais como o conhecimento profundo do tema em questão, obtido através de todas as fontes

disponíveis (livros, jornais, documentos, anuários), para qualquer tipo de entrevista; já para a entrevista biográfica é necessário o domínio do contexto histórico no qual viveu o personagem, assim como de sua vida e de sua obra (através do *curriculum vitae*) (HAGUETTE, 2011).

Será este conhecimento prévio que orientará o entrevistador na elaboração do roteiro que deve pretender captar não somente os dados já conhecidos, mas, especialmente, aqueles que são nebulosos ou mesmo lacunosos. Além dos dados “previstos” para obtenção através do roteiro, existem muitos outros, talvez até mais importantes, que poderão ser coletados mediante a habilidade e o sexto sentido do entrevistador para aproveitar os “pontos cegos” e as “deixas” do entrevistado. Algumas questões úteis podem ser por que, como, onde, quem, descreva, fale sobre isto, qual sua opinião, quais suas impressões sobre etc. Além das questões relativas ao próprio ator, deve-se agregar outras sobre organizações, instituições, outros atores, impressões, opiniões, o grupo, objetivos, obstáculos, oposições, sucessos e fracassos etc., que, de alguma forma, se vinculam ao tema ou ao personagem”. (idem, *ibidem*, p.92).

Um tipo específico de história oral é a história oral temática. Esta se aproxima em certa medida dos procedimentos comuns às entrevistas tradicionais. Por outro lado, a tradição oral trabalha a memória coletiva e não se encaixa na discussão de entrevistas. A tradição oral depende de entendimentos entre os fundamentos míticos, rituais e vida material de grupos. A história oral temática possui um caráter documental e volta-se para um tema específico. A subjetividade não está tão presente, embora não totalmente ausente.

A história oral temática equivale à formulação de documentos que se opõem às situações estabelecidas. A contundência faz parte da história oral temática que se explica no confronto de opiniões firmadas. Assim, por natureza, a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas (MEIHY e HOLANDA, 2007).

A história oral temática possibilita o debate e é capaz de alimentar o debate e os confrontos de opiniões. Considerando-a como uma metodologia de pesquisa, o pesquisador da educação faz as vozes se confrontarem de modo a promover o esclarecimento das versões e opiniões e seus argumentos, contrassensos enfocando as superações de dúvidas sobre a temática escolhida. É uma abordagem de pesquisa riquíssima, pois traz à tona uma multiplicidade de pontos de vistas diferentes. A riqueza dessa metodologia está em possibilitar a abordagem de diversos temas que perpassam o campo da educação, esclarecendo e superando situações conflitantes, polêmicas e contraditórias.

Em outra via, limitando e dificultando essa metodologia na pesquisa educacional, exige um maior cuidado por parte do pesquisador. As pesquisas educacionais no campo da história oral temática exige que o pesquisador possua um conhecimento mais apurado do tema em questão.

A exteriorização do tema, sempre dado *a priori*, organiza a entrevista que deve se render ao alvo proposto. Então, o grau de atuação do entrevistador como o condutor dos trabalhos fica muito mais explícito e é orientado pelos recursos dados pela sequência de perguntas que devem levar ao esclarecimento do tema (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.35).

Para elaborar a sequência de perguntas no processo de entrevista, exige que o pesquisador tenha definido claramente as suas hipóteses de pesquisa. As respostas provisórias para os problemas conflitantes e contraditórios devem nortear os trabalhos do pesquisador em história oral temática. “O projeto de história oral temática deve estar atento à existência de uma hipótese forte e consistente na medida em que será constantemente testada durante a entrevista” (Meihy e Holanda, *idem*, p.39). O roteiro de perguntas será feito a partir da sequência gradativa de complexidade dos pontos duvidosos da temática. As entrevistas se desenvolvem cercando um tema central, mas buscando ligar os pontos de intersecção interdisciplinar e transdisciplinar do tema.

Antes dos trabalhos de entrevistas já com roteiros bem definidos, conforme explicitado acima, faz-se plausível algumas entrevistas “piloto” e as exploratórias, para mapear o campo de investigação, constatando os principais dilemas, contradições e conflitos e localizando as fontes de modo genérico (Thompson, 1998). É nessa etapa da pesquisa que se busca “conhecer as versões opostas, os detalhes menos revelados e até imaginar situações que mereçam ser questionadas é parte da preparação de roteiros investigativos”, acrescenta Meihy e Holanda (*idem*, *ibidem*, p. 39). Assim, é imperativo que sejam selecionadas pessoas que tenham presenciado o acontecimento ou pelo menos tenham alguma informação pertinente e relevante para esclarecer o tema, conflitos, contradições e dilemas de opiniões.

A escolha dos entrevistados não pode ser aleatória, ou seja, não pode obedecer aos parâmetros da amostragem probabilística. Embora a montagem do universo – listagem dos atores que poderão fornecer contribuições úteis ao desvelamento de certo tema – seja fundamental, sempre existem alguns personagens cuja contribuição é imprescindível, daí por que sua inclusão na lista de entrevistados é intencional. Por outro lado, a montagem da lista deve ser efetuada a partir da indicação de especialistas no tema e de informações contidas em dados secundários. A partir desta listagem exaustiva, proceder-se-á à triagem dos nomes mais significativos; os mais idosos deverão ter prioridade na ordem das entrevistas, dado o risco maior de doença ou outros fatores que impeçam seus depoimentos. A aplicação da entrevista exige profissionais de alta competência no assunto (HAGUETTE, 2011, p.91).

A história oral temática não se confunde com a história oral de vida. Esta última é caracterizada pela independência dos supostos probatórios.

As incertezas, descartabilidade da referenciação exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espalha nas construções

narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.34).

A história oral de vida pressupõe a subjetividade, os ajustes, contornos e imprecisões das falas dos interlocutores enquanto que no caso da história oral temática, sem embargo, predomina um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, aproximando-se de uma objetividade maior. Meihy e Holanda esclarecem que:

Uma das práticas decisivas na diferenciação entre história oral de vida e história oral temática é a existência de um questionário. Dizendo de outra forma, em história oral de vida, na medida do possível, deve-se trabalhar com o que se convencionou chamar de “entrevistas livres”; em história oral temática, o que deve presidir são os questionários, que precisam estabelecer critérios de abordagem de temas. As perguntas e respostas, pois, são partes do andamento investigativo proposto (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.35).

As contribuições da história oral para as pesquisas educacionais são muito valiosas. O campo da educação por está mergulhado e envolvido com fatos sociais, fenômenos de ordem da sociabilidade, como por exemplo, os novos arranjos familiares e a participação da família na educação; a violência no contexto escolar, os casos de indisciplina, etc., são alguns temas pertinentes que podem ser abordados pela via da história oral temática. É possível compreender as múltiplas versões que se tem de uma escola considerada violenta, buscando compreender como cada ator social das famílias percebem determinado problema educacional e que se relacione com a família.

A história oral se configura como um procedimento de coleta utilizado frequentemente em pesquisas históricas de educação. Este recurso possibilita ao pesquisador recorrer, além de documentos escritos, aos documentos orais como elementos significativos no resgate de uma história. As pesquisas educacionais, ao recorrer à história oral temática, é imperativo entendê-la a partir de uma perspectiva que vai além de um relato de fatos: é uma maneira de se chegar ao acontecimento de fatos vivenciados num dado momento histórico em que somente documentos escritos não poderiam revelar por si só todos os sentidos circulantes num determinado meio social.

A história oral garante, segundo Meihy e Holanda (1996, p.10), “sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem”. No campo educacional, esse fato é ainda mais premente, posto que grande parte dos pesquisadores da educação está inserida nesse contexto. A relação do pesquisador com o seu objeto e contexto das pesquisas não se faz pela neutralidade científica. Essa acaba sendo o mito. Contudo, é preciso um esforço do pesquisador educacional de fazer

um “afastamento” do objeto e de evitar direcionar a pesquisa para confirmar o que se quer confirmar. Mesmo que na elaboração das perguntas do questionário, a subjetividade do pesquisador esteja presente o tempo todo, é mister ter sempre em mente a hipóteses norteadoras das pesquisas, os conflitos, contradições e dilemas que justificaram a pesquisa. Posto isto, a pesquisa não se faz com ausência total de subjetividade, mesmo utilizando a metodologia da história oral temática. Outro aspecto a ser pensado na história oral temática relacionada aos temas da educação, a preocupação com os recortes e transcrição, para que essa etapa não seja apenas de coleção e organização de provas e contraprovas. Essa etapa o de transcrição ou transcrição é o momento de elaboração intelectual e da busca de um rigor na apreciação da fonte oral. Não é nosso objetivo analisar detalhadamente as etapas de apreciação dessas fontes orais, uma vez que fugiria o objetivo principal desse pequeno texto.

A história oral temática já não tem que lutar constantemente para reivindicar um espaço no âmbito das pesquisas educacionais, pois sua proposta metodológica adquiriu validade e competência. O que se busca atualmente é ampliar a sua área de atuação, pesquisando novos temas, fazendo novas interlocuções e diálogos com outros campos do saber, indo para além de uma perspectiva puramente disciplinar como pretendiam alguns pesquisadores de história oral.

Tendo considerado essas distinções no próprio âmbito interno da história oral, decidiu-se utilizar, como uma metodologia de pesquisa a história oral de vida. Primeiro porque a pesquisa não tinha uma hipótese forte a ser testada. O que o pesquisador da tese sabia antes do início da pesquisa sobre a Escola era o de que havia sido um lugar tenebroso e penoso para as pessoas que lá conviveram. No entanto, não tínhamos uma resposta provisória para essa dúvida. A pesquisa se interessou pela história oral de vida por três razões: a primeira porque ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análise históricas com base na criação de fontes inéditas.

Nessa pesquisa, optou-se pelas fontes primárias: memórias dos ex-alunos, ex-professoras e “grandes testemunhas”¹¹; fatos e documentos pessoais dos participantes. Por mais tendenciosas que sejam, e às vezes não fidedignas, são fontes valiosas pelo que revela sobre a personalidade dos sujeitos, em especial, se for participante dos acontecimentos. Buscamos avidamente a fonte mais primária de todas; material inédito: cartas particulares, diários, cadernos ou mensagens nos arquivos pessoais. Nessas fontes primárias revelam-se o caráter, as intimidades que se fazer tornar vivas as circunstâncias.

¹¹ Estamos chamando aqui de “grandes testemunhas” os narradores que nem estudaram nem trabalharam na escola, mas tiveram uma convivência na escola bastante expressiva e significativa durante vários anos que se confundem quase como alunos ou funcionários da escola; outros foram filhos de funcionários da escola.

Desse modo, como instrumentos de coleta de informações, utilizamos a entrevista livre. Pedimos para os participantes da pesquisa narrarem suas trajetórias de vida, incluindo sua experiência no Instituto Carneiro de Mendonça. Essa técnica de coleta de informações funcionou como a narrativa do tipo monólogo, em que se pode converter a oitiva das experiências vividas pelos entrevistados.

No registro da referida modalidade de pesquisa, o narrador conta a própria vida, assinalando suas experiências, apresentando-as conforme o seu entendimento, ou como queira que as ditas experiências sejam compreendidas, devendo o pesquisador abster-se de interferir, ou limitar tanto quanto possível suas intervenções (RODRIGUES, 2007, p. 73).

Durante as entrevistas procuramos interferir o menos possível nas narrativas dos entrevistados. Também evitamos que as respostas dos entrevistados seguissem um roteiro pré-estabelecido pelo entrevistador. Respeitamos os momentos de silêncio dos participantes da pesquisa; tivemos a paciência suficiente para esperar que as lembranças viessem naturalmente sem nenhuma pressão de tempo, datas e sequência lógica dos acontecimentos. As lembranças isoladas, incompletas e confusas também foram valorizadas por sua autenticidade e originalidade. As narrativas orais não são apenas fontes de informações para se preparar um enredo com tramas e personagens estabelecidos pelo pesquisador.

Nas narrativas dos ex-alunos, ex-professoras e das “grandes testemunhas”, experiências foram transmitidas por meio da memória de pessoas que viveram plenamente a realidade da educação no Instituto Carneiro de Mendonça, histórias pouco conhecidas ou mesmo anônimas.

As memórias dos participantes nos conduziram ao entendimento dos elementos que configuraram pontos-chave para se analisar e compreender os efeitos das experiências vivenciadas no Instituto Carneiro de Mendonça em suas trajetórias pessoais ao longo da vida, Além do caráter, dos valores e das atitudes dos interlocutores, pudemos identificar as percepções e os significados dos lugares das práticas educativas desenvolvidas no ambiente escolar e fora dele.

A escolha dos narradores da pesquisa foi feita de modo aleatório. Não foi uma tarefa fácil localizar esses narradores porque muitos ex-alunos e ex-professoras não moram mais em Maracanã ou mesmo já morreram. Procuramos ex-alunos e ex-professoras na Internet, mas também se mostrou muito difícil encontrá-los. Apenas um ex-aluno se interessou e se disponibilizou a participar da pesquisa. Por isso, tivemos de fazer uma pesquisa exploratória

procurando, no bairro onde se localiza o ICM, pessoas que conhecessem sua história e que aceitassem colaborar com a pesquisa.

A primeira pessoa a ser localizada e que aceitou participar da pesquisa foi o ex-aluno chamado “Sessenta”. Aceitou prontamente a sua participação na pesquisa. Infelizmente, veio a falecer meses depois da entrevista. Conseguimos contato também com o atual Secretário Municipal de Educação de Maracanaú, José Marcelo Farias Lima, que não conhecia em detalhes a história da escola, mas nos indicou algumas pessoas que testemunharam a trajetória da escola. Essas indicações foram indispensáveis para a pesquisa. A partir das pessoas que ele nos indicou fomos chegando a outros nomes de pessoas que participaram da escola. A colaboração do atual Secretário Municipal de Saúde de Maracanaú, professor Torcápio Vieira, também foi crucial para a pesquisa. Pois além de ter sido um dos narradores dessa pesquisa, ajudou-nos a encontrar “grandes testemunhas” da educação desenvolvida no ICM.

Nossa visita na EEFM Carneiro de Mendonça¹² mostrou-se reveladora. Na primeira visita que fizemos a escola, conversamos com o diretor e secretário da escola, que não puderam nos dar muitas informações sobre o passado da escola e também não conhecia ninguém que pudesse relatar sua experiência na escola. No entanto, indicou uma funcionária que era parente de um ex-aluno do ICM. Por meio dessa funcionária, conseguimos chegar ao senhor Cavalcante, Narcísio, Dulce e Celmar, que concordaram participar da pesquisa. Também conseguimos localizar a professora mais antiga da escola, que não se interessou em participar da pesquisa alegando que não gostaria de relatar a sua vida. De acordo com suas irmãs, ela estava sofrendo de depressão e crise existencial.

No total, foram quatorze narradores que colaboraram com a pesquisa. Na ordem em que foram localizados, ex-alunos: Sessenta, Cavalcante, Narcísio, Eugênio, Celmar Dulce e José Ivan; ex-professoras: Elizete e Margarida Alacoque; “grandes testemunhas”: Torcápio, Maria Amélia, Fátima Vale, Winston e Wellington.

A cada um dos narradores foi explicado o objetivo da pesquisa e lido o termo de livre consentimento esclarecido, que foi posteriormente assinado por eles. As entrevistas, marcadas com antecedência, foram gravadas nos lugares indicados pelos narradores, de acordo com a conveniência e a oportunidade deles. Após as entrevistas, fizemos as transcrições e retornamos à casa dos narradores para fazermos uma leitura do relato transcrito, de modo que fossem feitas

¹² Essa escola atualmente é mantida pelo governo do Estado do Ceará. Apesar de ter o mesmo nome da escola, possui outro Parecer de funcionamento do Estado, emitido em 1975. Nela funcionou a antiga enfermaria do Instituto Carneiro de Mendonça.

algumas correções, ajustes ou complementações sobre seus próprios relatos. Após a leitura e a devida concordância com a entrevista transcrita, todos os participantes da pesquisa assinaram o termo de cessão de direitos de imagem e de relato à pesquisa. Paralelamente às entrevistas, foram feitas também pesquisas no site Portal da História do Ceará¹³ para localizar fatos e imagens de jornais que retratassem o ICM e que pudessem contribuir para compreendermos a constituição histórica do Instituto Carneiro de Mendonça e das suas práticas educativas.

Pudemos conhecer *in lócus* como funcionava a escola. Pedimos autorização ao Comandante responsável pelo 14º Batalhão de Polícia¹⁴ para que o senhor Cavalcante, ex-aluno, nos mostrasse cada espaço da escola. A visita à escola guiada pelo senhor Cavalcante foi um dos momentos mais emocionantes da pesquisa. Fizemos várias fotografias de todas as antigas salas e departamentos da antiga escola. Essa visita nos possibilitou um regresso ao passado da escola com as explicações e comentários emocionantes do senhor Cavalcante. Fizemos uma verdadeira imersão ao passado, mas sempre fazendo relações com o presente, pois afinal de contas:

A história oral tem como elemento de composição a possibilidade de aproximação da realidade das pessoas, por esta razão entende-se memória não apenas a preservação de informações, para as quais nos reportamos somente com o intuito de conhecer o passado, pelo contrário, memória como um processo constante de atribuição de significados, não para o passado, mas para o presente, o que, em última instância, significa lidar de forma indissociável, com a relação entre passado e presente. (ALMEIDA, 2010, p. 348-349).

O historiador tem de se satisfazer com o que pode encontrar. E o que encontramos foi muito significativo para a pesquisa porque os narradores conseguiram expressar oralmente o que, de fato, aconteceu no ICM envolvendo suas vidas. Não foi possível encontrar mais fontes primárias pelo tempo que tínhamos para concluir o trabalho, bem como pela própria escassez das fontes orais e documentais e imagéticas. Os participantes da pesquisa se empenharam em registrar suas memórias e experiências contribuindo para a história da educação cearense.

¹³ Portal da História do Ceará. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/>

¹⁴ O 14º Batalhão da Polícia ocupa o espaço do antigo Instituto Carneiro de Mendonça.

3 CONHECENDO O LÓCUS DA PESQUISA

3.1. A criação da Escola

Com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência da República em 1930, os governadores dos estados brasileiros foram substituídos por interventores federais, quase todos militares. Desse modo, entre os anos de 1931 e 1934, o estado do Ceará foi governado pelo capitão Roberto Carlos Vasco Carneiro de Mendonça¹⁵. Em seu Relatório de Interventoria¹⁶, Carneiro de Mendonça narra que um dos problemas que mais chamavam a atenção dos poderes públicos era a proteção à infância desvalida, função tutelar que o Estado vinha, segundo ele, descuidando até então. O interventor afirmava ainda que a situação financeira do Estado do Ceará não permitia a criação de patronatos por meios dos quais os poderes públicos, por conta própria, pudessem efetivar o amparo dos menores, educando-os e instruindo-os convenientemente. O Interventor, em seu Relatório, mostrava ao governo federal que o problema da proteção à infância, se não foi de todo solucionado em sua administração, não fora, entretanto, esquecido, pois impossibilitado de criar patronatos oficiais, a Interventoria no Ceará estava amparando a iniciativa particular com aportes financeiros, que embora pequenos, representam o esforço e o interesse de sua administração. O Interventor Carneiro de Mendonça atestava sua ajuda às instituições religiosas do Asilo do Bom Pastor e do Patronato Maria Auxiliadora ambos em Fortaleza. Com essas medidas, esperava-se amparar as crianças do sexo feminino. A exemplo disso, por meio do Decreto nº 721, de 14 de agosto de 1932¹⁷, a interventoria concedeu o aporte financeiro de 10 contos de reis e 6 contos de reis, respectivamente, ao Patronato Maria Auxiliadora e ao Asilo Bom Pastor, ficando estas instituições obrigadas a receber as menores indicadas pelo chefe de polícia, dentro das condições estabelecidas desse Decreto.

¹⁵ Nasceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 13 de dezembro de 1894. cursou a Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, onde foi chefe do corpo de alunos. Participou de Revoltas Tenentistas da década de 1920, e por isso chegou a ser preso e deportado para a ilha de Fernando de Noronha. Beneficiado pela anistia decretada depois da Revolução de 1930, foi reincorporado às fileiras do Exército e promovido a capitão em novembro do mesmo ano e a major em 1934. Faleceu no Rio de Janeiro em 12 de abril de 1946.

¹⁶ Relatório do Interventor Federal Carneiro de Mendonça (1931-1934). Portal da História do Ceará (Obras raras). Acervo: Arquivo Público do Estado do Ceará. Disponível em: http://www.ceara.pro.br/Raridades/Relatorio_Carneiro_Mendonca.html Acessado em 23 jul. 2017.

¹⁷ Com a revogação da Constituição Federal de 1891 feita pelo governo “provisório” de Getúlio Vargas, assim como a dissolução dos partidos políticos, do congresso nacional, das assembleias legislativas e das câmaras municipais, os interventores federais passaram a ter o direito de elaborar decretos-lei.

Em seu Relatório, o Interventor tecia elogios ao trabalho dos patronatos, que segundo ele, mesmo desajudado pelos poderes públicos, plantara no Estado a boa semente de uma verdadeira educação profissional para moças, ensinando-lhes misteres dignos, capazes de lhes assegurar, no futuro, subsistência certa e honrada. O Relatório também mencionava o nome do Asilo Bom Pastor¹⁸, que, segundo o Interventoria, além de abrigar as decaídas que se arrependiam de seus atos devassos, mantinha um preservatório de menores, com o objetivo de evitar a miséria física e moral de crianças desamparadas.

A interventoria, considerando o efeito benéfico dessas medidas, fez com que fosse expedido o Decreto nº 953, de 21 de março de 1932, com apoio do Conselho Consultivo, ampliando-as para sua maior eficiência. O chefe de polícia ficou autorizado a entrar em entendimento com a direção do Asilo do Bom Pastor, a fim de ajustar o internamento de menores abandonados, podendo combinar os meios da criação de um Instituto de Preservação, junto ao mesmo estabelecimento. Para isso, além do aporte financeiro já mencionado, o Estado ficou obrigado a pagar, mensalmente, até a importância máxima de dois contos de reis, sendo, por 35 internadas, 1,5 contos e de 36 a 80, dois contos de reis, além de mais vinte internadas que o estabelecimento devia receber por conta do aporte financeiro aludido.

É razoável também mencionar que o contexto social e o pano de fundo dessas políticas de financiamento público da educação eram marcados ainda pelos efeitos da seca de 1932. Em decorrência dessa seca, espalhavam-se os campos de concentração¹⁹ pelo estado do Ceará, lotados de pessoas flageladas, magras, doentes e mal alimentadas. A cidade de Fortaleza vivia a expectativa da invasão de milhares de retirantes que fugiam da fome, sede e de doenças dos sertões cearenses. Do ponto de vista socioeconômico, era um momento de tensão social e muita preocupação e escassez de recursos.

Nesse contexto de tensões sociopolíticas e dificuldades financeiras, pelo Decreto nº 1.163, de 11 de dezembro de 1933, a Interventoria Federal autorizou a construção do Instituto Carneiro de Mendonça, objeto dessa tese. Pelo Decreto, dever-se-ia construir uma Escola para menores delinquentes e abandonados, do sexo masculino, onde deveria ser ministrada gratuitamente educação física, moral e intelectual e instrução técnica industrial e agrícola – pelos métodos e processos considerados modernos da época.

¹⁸ Para saber mais sobre essa instituição escolar, sugerimos a leitura de: VASCONCELOS, Ana Lúcia da Silva. **Instituto Bom Pastor – Fortaleza-CE: heterotopia, educação corretiva, autobiografia e memória.** Fortaleza. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, 2014.

¹⁹ “Os campos eram área cercadas e vigiadas por homens armados, sob o comando do próprio Chefe de Polícia, na capital, e dos prefeitos, que na época eram nomeados pelo Interventor Federal no estado” (NEVES, 1995, p.114).

O local escolhido pelo Estado, para a construção dessa escola, foi um lugar razoavelmente afastado de Fortaleza, na fazenda Santo Antônio do Pitaguary²⁰, em terreno adquirido pelo Estado, no serrote do grupo da Aratanha. A dois quilômetros do centro da cidade de Maracanaú, a condição de isolamento da localidade possibilitava a internação de menores considerados perigosos para a sociedade. A ideia era construir a escola em um lugar rural, pouco habitado e distante de Fortaleza. Esperava-se, portanto, separar os menores internados de todos e de tudo.

Imagem 1 – Residência de sentenciados empregados na Construção da Escola



Fonte: Relatório do Interventor Federal Carneiro de Mendonça (1931-1934), *Op. Cit.*

A escola destinava-se à preservação e regeneração de menores de 8 a 18 anos de idade. Para efeitos de internação, consideravam-se abandonados os menores que estivessem enquadrados nas disposições do Decreto Federal nº 17.493 A, de 12 de outubro de 1927²¹. Apesar de a escola ser subordinada à Chefatura de Polícia, o ensino primário de letras deveria ser organizado e fiscalizado pela Diretoria de Instrução Pública e o agrícola, orientado pela Diretoria de Agricultura e Industria Animal, que buscava proporcionar demonstrações sobre os processos modernos, que não estejam ao alcance da escola. Inicialmente, o diretor do estabelecimento exerceria as funções em comissão e deveria ser agrônomo diplomado e brasileiro nato. Pensando na autossustentabilidade financeira da escola, o governo autorizou que do lucro obtido anualmente pela escola, 30% fossem distribuídos aos menores, proporcionalmente aos grãos de classificação que obtiverem, no fim de cada período letivo.

²⁰ Na época da criação da escola, o terreno estava na jurisdição de Maracanaú, distrito de Maranguape.

²¹ Referimo-nos ao primeiro Código de Menores do Brasil, discutido na introdução desse trabalho.

Segundo o Relatório da Interventoria de Carneiro de Mendonça, para ocorrer à despesa com a construção do prédio foi destinada a importância de duzentos contos de reis. Essa importância foi deduzida do auxílio de cinco mil contos de reis, prestado pela União ao Estado, na quadra angustiosa do flagelo da seca que ainda assolava o Ceará no início da década de 1930.

A construção da escola foi feita com o auxílio de uma turma de sentenciados de bom comportamento, conforme podemos ver na fotografia abaixo:

Imagem 2- Fotografia de Sentenciados trabalhando na Construção da Escola



Fonte: Relatório do Interventor Federal Carneiro de Mendonça (1931-1934), Op. Cit.

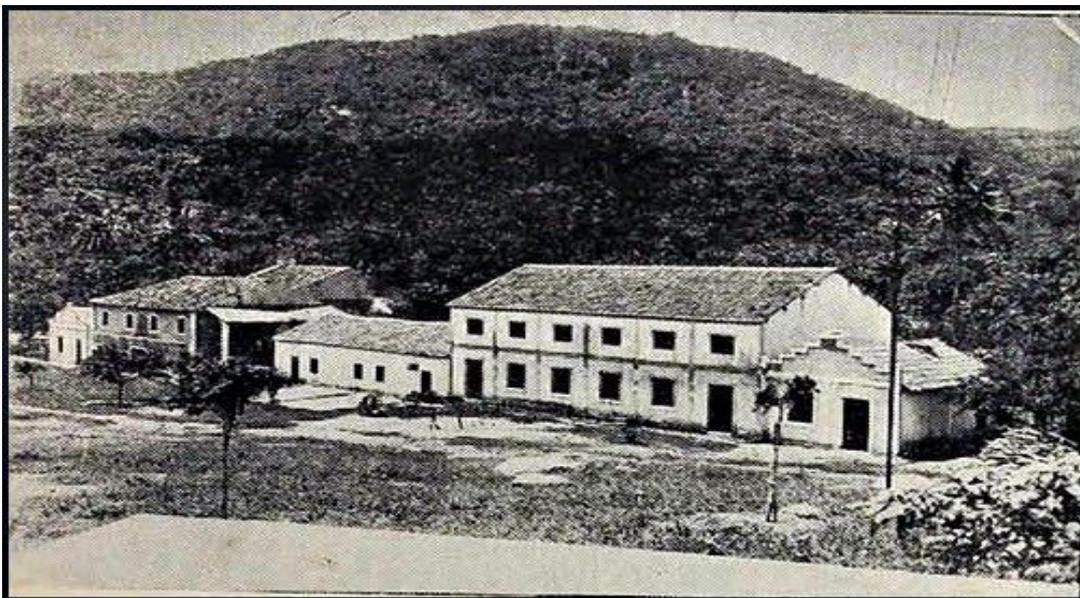
A escola levou três anos para ser construída, sendo inaugurada somente no governo de Menezes Pimentel, no dia 17 de maio de 1936²². Discursaram na solenidade de inauguração, o Dr. Adolfo Barbosa Pinheiro, primeiro diretor do estabelecimento, e o Dr. César Fontenele, Juiz de Menores. A esperança dos que estavam presentes nessa solenidade era de que fosse possível, em um mesmo lugar, regenerar os menores dos seus vícios e defeitos, ensiná-los uma profissão. Baseando-se ainda no princípio da autossuficiência da escola, os idealizadores da escola planejaram a construção de espaços profissionalizantes como carpintaria, marcenaria, granja, piscicultura, horta, tecelagem, apicultura, agricultura, de modo que as pessoas que estivessem

²² **Fonte:** MOTA, Leonardo. **Datas e Fatos para a História do Ceará**. 1936. Disponível em: [Fonte: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1959/1959-DatasFatosHistoriaCeara.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1959/1959-DatasFatosHistoriaCeara.pdf)

nessa escola saíssem de lá, se quisessem, com um menino regenerado e com uma profissão para servir ao país que, esperava-se andar nos trilhos do desenvolvimento econômico.

O ambiente de pobreza e mendicância, provocados pela seca, faziam aumentar a esperança de muitas famílias de verem seus filhos estudando no Instituto Carneiro de Mendonça. A escola poderia representar a transformação da ociosidade em produtividade, riqueza e fartura. O ambiente verde do serrote da Aratanha, aberto à construção humana, talvez enchesse de esperança os idealizadores do projeto.

Imagem 3 – Fotografia da fachada da Escola



Fonte: Facebook²³.

Se para alguns, a escola poderia ser representada como o espaço de disciplina, obediência, de formação pessoal e profissional, para outros, a escola poderia ser vista como a “Escola de Menores” delinquentes e trabalhadores de Maracanaú. Era o lugar do terror e do “Buraco de Santo Antônio”. Este último termo está relacionado às lembranças de pessoas velhas ou de meia idade que associam ainda hoje a escola ao lugar do medo e do sofrimento. O nome da escola faz lembrar seus tempos de criança quando seus pais lhes ameaçavam levar para o “Santo Antônio do Buraco”, onde supostamente existiria um buraco cheio de insetos, cobras e outros animais que comeriam seus corpos por desobediência e indisciplina.

²³ **Fortaleza em fotos.** Escola Santo Antônio do Buraco. Disponível em: <https://www.facebook.com/fortalezaemfotos/photos/pb.127732497362798.-2207520000.1478937958./888868971249143/?type=3> Acessado em 01 de março de 2017.

Por ter sido instalada na Fazenda de Santo Antônio de Pitaguary, e por seu difícil acesso e desconhecimento das pessoas, as representações sociais da escola mesclam-se geralmente com algumas crenças populares, como a da aparição da imagem do Santo Antônio.

Ninguém sabe, com certeza, a história de Santo Antônio do Buraco, mas de acordo com a lenda e a crendice popular, seu Antônio, chefe da Família Pitaguary, ardentemente devoto de Santo Antônio, nutria um grande desejo: possuir a imagem do Santo, como as existentes nas igrejas. A sua casa só tinha estampas em papel. Certo dia, em suas constantes andanças pelas redondezas de sua moradia, viu um ponto luminoso como que emergindo de um buraco. Aproximou-se vagarosamente, pé-ante-pé e lá, refletindo à luz do sol, a cobiçada imagem de Santo Antônio. Estava num buraco estreito, mas muito fundo. Santo Antônio estava preso nas ramagens da borda do buraco. Logo uma fonte surgiu, perene, ao lado, com água milagrosa. Daí o lugar ter sido chamado, inicialmente Santo Antônio do Buraco²⁴.

Na realidade, nunca existiu na escola esse buraco com a finalidade de se jogar menores delinquentes ou as crianças trabalhosas cujos pais não sabiam como lidar. No entanto, esse tipo de representação social ainda permanece viva no imaginário popular²⁵. Na realidade, até se duvida que a escola, de fato, tenha existido.

Imagem 4 – Fotografia do Altar e Buraco de Santo Antônio.



Fonte: Blog da Escola Municipal Manoel Róseo Landim. Disponível em: <http://manoelroseo.blogspot.com.br/2008/11/santo-antonio-do-pitaguary-olho-dagua.html> Acessado em 04 mar. 2017.

As representações sociais da escola como sendo o lugar do medo e de punições severas estão ligadas ao fato de que a escola foi utilizada para receber os menores da FEBEMCE. Com o início da Ditadura Militar no Brasil em 1964, há o recrudescimento do controle, da vigilância e da repressão na escola. A escola sai do regime educacional baseado no Código de Menores e passa a se guiar pelas diretrizes da Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM). Atrelada à lei de segurança nacional e buscando integrar o menor delinquente à sociedade, cria-

²⁴ **Fonte:** Blog da Escola Municipal Manoel Róseo Landim. Disponível em: <http://manoelroseo.blogspot.com.br/2008/11/santo-antonio-do-pitaguary-olho-dagua.html> Acesso em 04 mar. 2017.

²⁵ Essa informação é fruto de acesso aos bate-papos nas redes sociais e também nos espaços de trabalho e no cotidiano do pesquisador dessa tese.

se, no Brasil, a Fundação Nacional de Bem-estar do Menor (FUNABEM), por meio da Lei nº 4513/64 com o escopo de formular e implementar a PNBEM. No Ceará, essa política é implantada no ano de 1968, sendo chamada pela sigla FEBEMCE, com o objetivo de:

[...] prevenir marginalização e corrigir as causas dos desajustamentos do menor. A intervenção trataria 'daquele que se marginalizou ou que está sendo submetido a um processo de marginalização que consiste na privação dos meios de satisfazer as necessidades básicas' (PNBEM, 1964, p.77).

Nesse contexto, o Instituto Carneiro de Mendonça é fechado e suas instalações passam a ser utilizadas pela FEBEMCE. A escola começa a receber alunos com outro perfil, adolescentes para serem privadas de liberdade, sem o devido processo legal, dependendo exclusivamente de uma decisão judicial. No contexto da Ditadura Militar, com a Lei nº 6.697 de 1979 é criado o novo Código de Menores. Com esse novo Código, criança e adolescente irregular é aquele que comete delitos, é vítima de maus tratos ou está sendo privado de condições essenciais à vida.

Durante seu tempo de funcionamento, a escola atendeu meninos abandonados, órfãos, delinquentes, ou mesmo quando os pais não sabiam mais como lidar em sua criança, ou quando os pais não podiam cuidar porque trabalhavam. No entanto, não era uma escola exclusivamente para delinquentes e marginais como se imaginava no início dessa pesquisa. Divididos em quatro turmas, os menores eram oriundos de diversos lugares do estado do Ceará e também de outros estados do Brasil. As formas de se conseguir uma vaga variavam de aluno para aluno. Podia-se conseguir uma vaga para um menino por meio da amizade com algum diretor ou funcionário da escola ou até mesmo delatando o menino para a Chefatura de Polícia do Estado do Ceará, órgão público ao qual a escola estava subordinada.

3.2. O Instituto Carneiro de Mendonça nas páginas dos jornais cearenses

O Instituto Carneiro de Mendonça, pela função social importante que exercia no Estado do Ceará, repercutiu nas páginas dos principais jornais cearenses. O Instituto Carneiro de Mendonça era objeto frequente de disputas ideológicas nos jornais do Ceará durante o período de seu funcionamento. Algumas vezes, a reportagens eram feitas para enaltecer o trabalho feito com os meninos que ali chegavam. Outras vezes elogiava-se o desempenho ou ineficiência administrativa da escola. Ou mesmo para se reprovar sua função social e política.

No Jornal Diário da Tarde, do dia 28 de agosto de 1945, há um embate entre os jornalistas do “O Democrata” e os gazeteiros do Diário da Tarde. Na edição desse Jornal, traz-se a seguinte manchete:

Com a mesma sordidez mesquinha que assiste os seus expedientes mediúnculos, os escribas falsos do “O DEMOCRATA”, vez por outra estão a assestar as suas baterias de infâmias contra o ilustre Capitão José Góes de Campos Barros, digno Secretário de Polícia e Segurança Pública, um dos mais operosos servidores do Governo consciente e esclarecido do honrado e digno Interventor Pimentel. Sem nenhum conhecimento de causa, tem a aleivosia de apontar arbitrariedades na administração proveitosa do inteligente titular, que tem realizado uma soma de infindáveis benefícios à coletividade, a quem assegura com carinho meios de subsistência mediante concessão de auxílios aos necessitados que diariamente o procuram.

Para negar essa suposta calúnia dos olavistas, os gazeteiros do Diário da Tarde, pedia para que os leitores olhassem de relance para o que eles chamavam de “avantajada e patriótica” obra, referindo-se ao Instituto Carneiro de Mendonça, que segundo a reportagem, “centenas de jovens desamparados e transviados recebem uma orientação, preparando-se para o amanhã, quando desempenharão papel humano no progresso do país”. Segundo os gazeteiros do Diário da Tarde, os meninos ali chegados “são acolhidos carinhosamente e logo passam a entrar em contato com o estudo e o trabalho, ocupações essas que são as raízes da personalidade do indivíduo, em que forjam a formação de seu caráter de homens dignos e úteis à sociedade, de onde saíram banidos pelos seus vícios e misérias”. Duvidava-se que periodistas do jornal adversário, O Democrata, tivessem ao menos conhecimento da realidade da “escola do civismo, lugar para onde, aliás deveriam ir os seus redatores, cheios de vícios de linguagem e desconhecedores intemeratos do que venha a ser dignidade, consciência e mesmo educação”.

O Jornal da Tarde, nessa mesma edição, afirmava que era ao Capitão José Góes de Campos Barros que o Instituto Carneiro de Mendonça devia todo o seu atual desenvolvimento, encontrando-se, por isso mesmo, perfeitamente aparelhado para bem servir ao programa que se traçou. Nada faltava àquele estabelecimento. Todas as suas necessidades estavam sendo atendidas pelo titular de Segurança Pública, que, segundo os gazeteiros do Jornal da Tarde, “não se descurava um só momento daquela escola de correção de menores, revelando claramente o seu amor à juventude cearense e ao progresso material e moral do Ceará”.

Portanto, para esses jornalistas do Jornal da Tarde, o Capitão José Goés de Campos Barros, por cumprir sem tergiversações suas obrigações e os seus deveres é que tem contra si despertado a ira dos gazeteiros do Jornal O Democrata.

Na edição do dia 03 de julho de 1948, o Jornal o Estado divulgou uma reportagem com a seguinte epígrafe: “homens de governo não temem devassa nos seus atos administrativos”. A reportagem afrontava o então governador do Estado do Ceará, Faustino de Albuquerque, considerando-o incapaz de encarar, face a face, o olhar severo dos seus governados e, muito menos, de enfrentar, de pé e sem nervosismo, as interpelações dos cearenses. A zanga do jornalista que assinou a reportagem devia-se ao fato do governador não ter tornado público o Relatório do Inquérito administrativo que exonerou o diretor do Instituto Carneiro de Mendonça.

Segundo a reportagem, o diretor da escola foi denunciado pelos próprios funcionários da escola pelos desmandos praticados no ICM. Na reportagem acima, o jornalista afirma que a culpa dos desmandos praticados na escola de menores deveria recair sobre o governo que, conscientemente, entregou a direção daquele estabelecimento a um cidadão inapto e inepto para o cargo. O governador Faustino de Albuquerque não divulgou o relatório administrativo do caso que levou a exonerar o diretor denunciado. Os jornalistas ainda criticaram que o ato de exoneração fora feito com ameaças, conforme podemos ler abaixo:

PALÁCIO DO COMÉRCIO – Processo nº 558, do bel. Adolfo Barbosa Pinheiro, Despacho: – “em face das conclusões a que chegou a Comissão encarregada pelo Governo do Estado, de promover a inquérito administrativo para apurar a procedência, ou improcedência, das denúncias oferecidas contra a direção do “Instituto Carneiro de Mendonça”, delibera exonerar o Diretor daquele Estabelecimento – bel. Adolfo Barbosa Pinheiro – e também aceitar as sugestões para dali transferir os funcionários que se indicam no respectivo relatório, transferência que já determinei fosse efetivada. Faça-se o expediente. Fortaleza, 14 de junho de 1948. as.) – FAUSTINO DE ALBUQUERQUE”.

A reportagem ainda se preocupava se, no meio dos funcionários a transferir, por sugestão da Comissão, o governador Faustino, “não iria incluir, ao lado dos faltosos, servidores inocentes, cujo pecado único talvez seja o de haverem tido a varonil coragem e a indômita bravura de apontar desmandos administrativos e pedir justiça a quem de há muito, não sabe proceder se, não injusta e facciosamente”.

A demissão confirmava, segundo o Jornal “O Nordeste”, as denúncias e críticas que eles estavam levantando em torno do caso. Os jornalistas provocavam o governador para não se limitar à publicação de seu ato. Criticava-se que o governador estava fugindo do julgamento da opinião pública, que necessita de conhecer, através da divulgação do relatório, a verdadeira

situação do Instituto Carneiro de Mendonça, “uma das frutas bichadas da enfermeira administração faustinista”.

Em outro jornal cearense, agora na edição de “O Nordeste” de 26 de maio de 1955, cobrava-se uma solução para os problemas dos menores no Ceará. Relata-se, neste jornal, que os assistentes sociais José Cláudio Vilhena de Moraes e Fernanda Pinto Ferraz, da Divisão de Coordenação do Departamento Nacional do SESI, Sara Fiúza, do SESI Regional, Laertina Saboia, do Hospital de Maracanaú, Maria José, do SAM, e Margarida Alacoque, do Serviço Social do Estado, e o dr. Hélio Leal, superintendente do SESI no Ceará, visitaram o que eles chamaram de “depósito de menores”, existente ao lado de uma cadeia pública na Capital Cearense. Segundo a reportagem desse Jornal, a impressão dos visitantes foi a pior possível. O tratamento ali dispensado aos menores era inferior ao que recebem certos animais. Enjaulados. Sem roupas. Sem redes para dormir. Sem sabão para a lavagem da única roupa que possuem. Com alimentação ruim. Sem se educarem. Sem se instruírem. Sem aprenderem uma arte ou ofício. Sem recreação. Sem ocupação.

Ainda nesta edição do Jornal “O Nordeste”, relata-se a estupefação geral dos visitantes descobrirem que era à Secretaria de Polícia e Segurança Pública a quem cabia “apanhar e meter” os pobrezinhos naquela imundície, sem que o Juizado de Menores soubesse do caso. Reprovava-se o fato dessa Secretaria de Estado ter a verba para fazer os internamentos no Patronato Juvenal de Carvalho e em outras instituições e de subordinar o Instituto Carneiro de Mendonça. Os visitantes da cadeia pública se surpreendiam que o Juizado de Menores não dispunha na época de uma Secretaria organizada, por falta de verba e de pessoal. Pelo que viram, estava tudo errado, no Estado do Ceará, no que respeita ao problema dos menores. Assim sendo, seria imperioso e urgente uma solução duradoura e dentro da técnica, não só para os menores “enjaulados” no depósito da Cadeia, como para os menores em geral.

Entre outras propostas para resolver o problema mencionado acima, seria necessário:

- a) Retirar da Secretaria de Polícia e Segurança Pública o Instituto Carneiro de Mendonça o qual ficará pertencendo à Secretaria do Interior e da Justiça ou, ainda melhor, sendo uma Divisão do Departamento Estadual de Serviço Social.
- b) Que se crie uma obra de triagem para onde o Juizado e os Juízes do interior do Estado, e não a Secretaria de Polícia, encaminhem os menores. Aqui os mesmos serão estudados e assistidos pelo Serviço Social a quem compete declarar a que obra o menor poderá ser encaminhado ou, até, se deve voltar ao lar.
- c) Que o Instituto Carneiro de Mendonça passe a abrigar, exclusivamente, os menores infratores de leis penais. Isto se explica porque no Instituto já há algumas oficinas e por

se encontrar localizado em zona agrícola, permitindo, assim, aos menores, aprenderem qualquer arte ou ofício ou o amanho da terra.

No dia 04 de junho de 1955, o Padre Antônio da Silveira Paixão é nomeado diretor do Instituto Carneiro de Mendonça²⁶. E em poucos meses de gestão, o nome do recém diretor do ICM era notícia no Jornal “O Nordeste”. Exatamente na edição do dia 09 de agosto de 1955, noticiava-se que o ICM entrava em nova fase de existência. Registrava-se que o novo diretor da escola correcional reuniu todos os funcionários daquele estabelecimento e leu um pequeno relatório demonstrando em que foram empregados os dinheiros recebidos do Tesouro do Estado, destinados ao custeio daquele Instituto, que vem passando por grandes transformações. Segundo noticiava-se:

Não deixou de causar surpresa a todos os funcionários presentes essa atitude digna daquele sacerdote, pois os funcionários geralmente não sabiam como eram gastas as verbas recebidas mensalmente do Tesouro e muitos deles, por isso, faziam comentários pouco lisonjeiros à direção da casa.

Na reunião com o novo diretor, ouviu-se, segundo a reportagem, diversas sugestões feitas por seus auxiliares sobre serviços de campo, oficinas e administração dos menores e conversou sobre outros assuntos da rotina do ICM.

Registrava-se que o Instituto Carneiro de Mendonça, com um mês e dias, apenas, da atual administração do Padre Paixão, já poderia ser visitado por qualquer pessoa e causar uma boa impressão, visto que iria encontrar o estabelecimento limpo, as oficinas trabalhando e os menores em suas classes, de roupas, com livros e cadernos para escrever.

Auxiliado pelo novo diretor da escola, Padre Paixão, segundo a reportagem, o Secretário de Polícia estava incentivando uma campanha em favor do menor abandonado. Ainda as possibilidades do Estado não permitiam sozinho assumir as despesas com as centenas de menores que viviam soltos pelas ruas de Fortaleza, sem instrução e muitas vezes furtam para matar a fome.

Ainda com relação à gestão do Padre Paixão, o jornal “O Nordeste”²⁷, do dia 25 de agosto de 1955, afirmava que o ICM estava “em franca prosperidade” sob a direção do Padre

²⁶ **Fonte:** Portal da História do Ceará. Disponível em: www.portal.ceara.pro.br Acessado em 20 nov. 2017.

²⁷ Jornal cearense fundado em 1922 pela Igreja Católica, esteve sempre gerido por esta instituição. Deixou de funcionar em 1967. **Fonte:** FURTADO, Tânia. O Nordeste: a trajetória de um jornal católico. Monografia apresentada na Universidade Federal do Ceará- UFC. Fortaleza, 1990.

Paixão. A reportagem informava que, em um domingo, jornalistas tiveram a oportunidade de visitar o Instituto Carneiro de Mendonça e foram muito bem-sucedidos, pois viram no ICM, que tão má fama tinha até poucos meses, somente coisas que muitos lhes agradaram. Ao transporem o portão principal da escola, logo notaram que as coisas estavam mudadas e tinham de fato um administrador. “Tudo muito limpo, alguns meninos no futebol, outros passeando de bicicleta, outros de velocípedes, uma irradiadora tocando e as crianças dançando”.

Segundo contava a reportagem, a alegria reinava no meio daqueles menores que já estavam mais do que acostumados a passar fome e viver com as cabeças raspadas, por qualquer tropelia de criança. Os visitantes estiveram nas oficinas, que estavam funcionando e tratando de preparar as encomendas feitas. Somente a oficina de sapataria iria proporcionar, naquele ano, um lucro de mais de duzentos mil cruzeiros, pois tinha uma encomenda de milhares de borzeguins²⁸ para a Polícia Militar. A tecelagem também estava fabricando redes em seus teares novos e já pode receber encomendas. A carpintaria, que já foi aparelhada com mais duas máquinas, estava fazendo os consertos nos prédios e também já se podia aceitar encomendas de fora, além das que pretendem receber da Secretaria de Educação (carteiras escolares). Os visitantes também estiveram na fábrica de brinquedos, organizada pelo secretário do Instituto na sua residência. Ali eles tiveram, segundo o Jornal, a oportunidade de ver duas máquinas tico-tico funcionando e os brinquedos estavam sendo feitos com o auxílio dos menores. Já encontraram fabricados diversos carrinhos, bibelôs, porta-copos, caritós e adornos para salas de visitas.

Os gazeteiros estiveram visitando o baixio onde se encontra o canavial que, segundo eles, ficou completamente dentro do mato, quando o ex-diretor entregou o Instituto ao Padre Paixão. O baixio já se encontra limpo e pronto para fornecer cana para a fabricação de rapaduras. Muito terrenos também está sendo preparado para o plantio de mandioca, batatas, macaxeiras e para a cultura de milho, arroz e feijão, quando chegar a época do plantio. Os gazeteiros ouviram de alguns inspetores de aluno do Instituto:

Desta vez parece que acertaram com o homem que devia ser diretor, pois o padre Paixão não tem descanso, tudo vê, conversa com todos os menores, quando se está errado ele chama a atenção, não tem medo de ninguém, diz tudo o que quer fazer e faz mesmo, reúne os funcionários para dizer em que está gastando o dinheiro, não admite funcionários embriagados na Repartição, nem tolera roupas.

²⁸ Nome dado a um sapato de cano médio, com cadarços trançados, também conhecido como "sapato de soldado". Esse calçado foi utilizado, com ou sem perneiras, pelas forças armadas brasileiras até a segunda guerra mundial, quando então foi substituído pelos coturnos.

As quatro horas da tarde os gazeteiros apanharam o transporte para voltarem da visita, tendo dito que saíram muito bem impressionados, “rogando a Deus que, em benefício de tantas crianças humildes e boas, conserve aquele reverendo sempre vigoroso, para ter forças para a grande luta que está empreendendo”.

O padre Paixão deixa a diretoria do ICM no dia 03 de março de 1959²⁹. Sua exoneração aconteceu a pedido dele mesmo em virtude de divergências políticas com o então Secretário de Polícia e Segurança Pública do Estado do Ceará. Segundo o Jornal “O Nordeste”, agravavam-se e aumentavam dia a dia, os desentendimentos entre o general Severino Sombra, Secretário de Polícia e Segurança Pública, e elementos das diversas camadas sociais e Fortaleza. Com a epígrafe de que o padre Antônio da Silveira Paixão “vinha operando verdadeiros milagres à frente do Instituto Carneiro de Mendonça”, a reportagem divulgava que houve séria desinteligência entre o mencionado sacerdote e o Chefe de Polícia, ocasião em que o titular da Pasta pretendeu fazer uma série de imposições, sendo repellido pelo diretor do Instituto. A reportagem registrava que o governador Flávio Marcílio apelou para que o padre Paixão permanecesse durante mais algum tempo no Instituto Carneiro de Mendonça, mas, não conseguiu impedir o pedido de exoneração do vigário. Com a polêmica, o novo diretor nomeado foi o também padre, Giovanni Saboia de Castro, que administrou a escola pelo período de oito anos.

No mesmo jornal, o Nordeste, do dia 06 de março de 1959, o padre Paixão, agora exonerado, faz algumas declarações acerca do fato ocorrido envolvendo a sua exoneração. O sacerdote expressou-se assim no Jornal:

Fui eu que não concordei com o Secretário de Polícia quanto ao envio de menores para o Instituto antes dos outros chegarem de férias, conforme nosso entendimento pessoal neste sentido. Aliás, a bem da verdade, desejo esclarecer que, independente do que se verificou, já havia eu tomado a resolução de solicitar exoneração da Escola no começo deste ano, tendo, inclusive, falado ao sr. Arcebispo sobre minha pretensão. S. Excia. Achou que eu devia esperar a posse do novo Governador. O motivo já exposto e o início das aulas do Seminário (para onde fui transferido) fizeram com que Dom Antônio coroasse a minha saída no início deste mês.

Continuando em suas declarações, Padre Paixão registrou:

Fui exonerado, a pedido, depois de duas cartas, escritas ao dr. Flávio Marcílio, solicitando urgência na minha exoneração. Com o general Severino Sombra

²⁹ **Fonte:** Jornal o Nordeste – 05 de março de 1959.

não tive propriamente atrito. Não discutimos, nem trocamos certas. Apenas discordemos no plano administrativo.

Disse, ainda:

Reporto-me, agora, a uma apressada notícia publicada no “Unitário” de ontem: desconheço os “outros motivos” aludidos pelo matutino “associado”, segundo o qual estaria eu propenso a abandonar Fortaleza e residir noutra Diocese. Não briguei com Dom Antônio. Estou satisfeito com meu arcebispo. Não desejo outro para meu superior.

Finalizando, revelou:

Se o furo do jornalista de “Unitário” foi divulgado para fazer dúvidas sobre minha honestidade, saiba ele e saibam todos que, apenas de termos perdido o adiantamento de dezembro no valor de CR\$ 220.000,00 caído em exercício findo, entreguei, quarta-feira passada, a Escola de Menores ao meu jovem substituto padre Giovanni Saboia, com todas as dívidas pagas, as oficinas funcionando com material adquirido recentemente, quase duzentos pares de botinas para serem vendidos, setenta redes prontas e um saldo limpo de Cr\$ 576.178,60. Deixei, de uma vez, o Instituto, com muitas saudades e com a alegria natural de quem cumpriu o dever.

3.3. A escola no cotidiano de Fortaleza e Região Metropolitana

No Jornal Unitário³⁰, do dia 27 de novembro de 1952, mostra-se a presença do ICM em dos espaços mais conhecidos da cidade de Fortaleza. Ou seja, no dia 06 de novembro desse mesmo ano, a escola fez uma homenagem ao governador Raul Barbosa no Teatro José de Alencar. A matéria jornalista se reportava ao Instituto da seguinte forma:

No dia 6 de dezembro, às 19h30, realizar-se-á no Teatro José de Alencar uma solenidade em homenagem ao Governador Raul Barbosa, promovida pelo Instituto Carneiro de Mendonça, presentemente dirigido pelo dr. Gilson Leite Gondim. A festividade em apreço, que se auspicia das mais brilhantes servirá como uma demonstração do que é atualmente aquele tradicional estabelecimento de educação de menores, que, conforme já tivemos oportunidade de noticiar, atravessa no momento uma fase de verdadeira recuperação em todos os sentidos, com os trabalhos desenvolvidos ali pela sua atual administração.

A programação da solenidade era anunciada da seguinte forma: Primeira parte: A abertura pelo Dr. Gilson Leite Gondim, diretor do I. C.M.; Hino do Ceará; Saudação ao governador Raul Barbosa, pelo capelão do Instituto, Padre Vale; “A Separação”, valsa, pela

³⁰ Jornal cearense, fundado, em 1903, pelo capixaba político, cronista, jornalista, historiador, radicado no Ceará, João Brígido dos Santos.

Banda de Música do Instituto, dirigida pelo maestro Barbosa; Hino das Américas, pelo órfão Lauro Maia, do Instituto; Trem de Ferro – pelo órfão; Terra Seca.

Ainda no Jornal Unitário, agora do dia 11 de dezembro de 1952, registra-se que a banda de música da escola apresentou-se em um sábado – novamente o homenageado foi o governador Raul Barbosa.

Imagem 5 – Banda de Música do ICM.



Fonte: Jornal Unitário de 11 de dezembro de 1952.

Segundo a reportagem, o Instituto Carneiro de Mendonça, dirigido pelo dr. Gilson Leite Gondim, prestou, em um sábado, uma homenagem ao governador Raul Barbosa em reconhecimento pelos benefícios recebidos do chefe do Executivo Estadual em favor dos menores abandonados internados naquele modelar estabelecimento correcional. Essa homenagem foi prestada através de um vasto programa em que tomaram parte os menores internados no Instituto Carneiro de Mendonça.

A escola era pensada e organizada por meio dos princípios da disciplina, moral e trabalho. A obediência e o respeito às autoridades e as normas da escola deveria ser incentivada e premiada. Desse modo, era comum que os alunos que apresentassem um bom comportamento fossem premiados com o direito de sair da escola a passeios.

No início dos anos 1950, costumava-se levar os alunos obedientes e disciplinados ao parque americano³¹, localizado na Rua Padre Valdevino, na capital cearense. No Jornal Unitário

³¹ O Parque Americano pertencia à Salomão Benício Sampaio, que já era proprietário do Bar Americano, na praça José de Alencar, na esquina das Ruas Guilherme Rocha com a Rua General Sampaio. No início da década de 1950, o parque atraía pessoas de toda a cidade e sua fama foi tamanha que proporcionou a criação de uma linha de ônibus somente para atender a região, com o destino Parque Americano, além do mais a região passou a ser chamada de Parque Americano, criando-se um novo bairro com aquela denominação.

de 08 de abril de 1953, os menores de bom comportamento puderam ir se divertir no parque americano. Enaltecendo a figura do diretor da Escola e sua iniciativa de levar os alunos para o parque de diversão infantil, o noticiário desse jornal tratava a matéria da seguinte forma:

Como um estímulo aos menores que procuram durante o mês ter comportamento exemplar, o Dr. Gilson Leite Gondim, entrou em entendimento com o dirigente do Parque de Diversões, situado na Vila Monteiro, nesta Capital, para permitir que aos domingos, tenham ingresso os discentes do Instituto Carneiro de Mendonça. Domingo último, além da banda de música, compareceram ao referido Parque cerca de 100 menores que brincaram durante toda a tarde em companhia dos filhos das mais importantes famílias de Fortaleza sem que houvesse nenhum ato desabonador da sua boa conduta. Como se verifica, o Instituto Carneiro de Mendonça está atualmente preenchendo a sua verdadeira finalidade, qual seja a de reeducação dos seus internos, no sentido de torna-los aptos a viverem no meio da sociedade. Há poucos dias, estiveram também no Instituto os melhores artistas da P. R. E. – 9 que com seus programas musicais e artísticos deleitaram toda a criançada.

No Jornal Unitário do dia 19 de abril de 1953, anunciava-se a apresentação da Banda de Música da escola que aconteceria no Parque Americano de Diversões Infantis. Era anunciado “um animado *show*”, com a participação da banda de Música do Instituto Carneiro de Mendonça, gentilmente cedida pelo seu diretor Dr. Gilson Leite Gondim, que tocaria os últimos sucessos do momento.

Imagem 6 - Parque Americano de Diversões Infantis



Fonte: Portal da História do Ceará. Foto do início da década de 1950. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/fortaleza/Ruas/dsc-valdevino1.htm>
Acesso em 10/09/2017

Ainda no Jornal Unitário, agora do dia 23 de abril de 1953, noticia-se a vitória do time de futebol do Instituto Carneiro de Mendonça contra a equipe do município de Maranguape pelo placar de 2 x 0. Nessa partida, o time do Instituto Carneiro de Mendonça que jogou dentro de seus próprios domínios, em Maracanaú, atuou assim organizado: – Edmundo, Osmando e Manuel de Ferro; Vela Branca, Eduardo e Pichote; Oseas, Quixadá, Uchoa, Ramiro e Adão.

3.4. A visita de um curioso à escola

No dia 26 de abril de 1953, o Jornal Unitário, assinada por Epitácio Cruz, trazia uma reportagem intitulada: “a escola voltava a ser risonha e franca, sob a direção de um jovem administrador, o Dr. Gilson Leite Gondim”.

Imagem 7 – Fotografia da Entrevista com o Diretor da Escola



O dr. Gilson Leite Gondim, falando ao reporter
 Fonte: JORNAL UNITÁRIO – 26 de abril de 1953.

A reportagem narrava uma visita de um repórter do Jornal Unitário ao Instituto Carneiro de Mendonça. Segundo a reportagem a visita foi em um sábado pela manhã e aconteceu sem aviso prévio. O objetivo da visita era “apenas matar a nossa curiosidade por meio de observações diretas”. Os visitantes encontraram no ICM uma quantidade de crianças pobres, jogando futebol. De imediato não encontraram o diretor da Escola. Pediram licença ao Inspetor de alunos e entraram no Almojarifado, dirigido pelo sr. Nelson Monteiro Maia. Esses curiosos viram um estoque de redes, calçados e outras mercadorias que podiam ser vistas nas prateleiras. Encontraram ainda arroz, carne, leite em pó e rapadura que se acumulavam na dispensa do ICM. Segundo a reportagem tudo estava em ordem.

Um aluno conduziu os visitantes à oficina de tecelagem, sob a chefia do sr. José Nunes de Albuquerque, um dos professores da escola. Em companhia de seus auxiliares e de vários menores, movimentava quatro teares, feitos pelo próprio carpinteiro do Instituto, uma urdideira, um ratelo, uma máquina de confeccionar punhos, tachos de tingir fios e liças, tudo isso espalhado em duas salas amplas e dividido em quatro secções. Uma média de 65 redes mensalmente, a produção da tecelagem, conforme registrou a reportagem.

Conversaram com o veterano alfaiate do Instituto, Simão Pereira Paiva, sob o barulho de dez máquinas de costurar em pleno funcionamento, tangidas por menores que, reunidos, confeccionaram oito fardas no período de um dia. Conheceram a enfermaria da escola onde testemunharam uma sala de curativos aparelhada, uma farmácia sortida, dois dormitórios com 30 (trinta) leitos, um gabinete dentário e uma sala de refeições. Segundo os visitantes, os enfermeiros estavam de prontidão. Cumpriam as determinações de um verdadeiro sacerdócio. Tratavam-se de Vicente Severino Lima e sua esposa, Maria do Carmo Nogueira, que eram auxiliados por Menores. Lendo o relatório diário do serviço de enfermagem, encontraram registrados 65 curativos, 10 aplicações de injeção e a permanência de doentes em número de oito. Por sua vez o Gabinete dentário possuía uma considerável clientela. De 10 a 16 se sentavam, durante o expediente para receber os cuidados de odontologia, pelas mãos da dra. Maria Isolda Clarino.

Armários, carteiras escolares, portões, remodelações de móveis e outros serviços são executados por oito menores, com a ajuda de dois bancos de carpinteiro, um banco de torneamento e outros instrumentos indispensáveis ao ofício. Na parede leram a seguinte frase: “Na forja de operário é que se caldeia a grandeza da Pátria”.

Regressando da vacaria que se sustenta na vigilância de um menor de Aracati e que fornece leite ao Instituto Carneiro de Mendonça, os visitantes encontraram o diretor da Escola, o Dr. Gilson Leite Gondim, que conversava com o mestre José Henrique da Silva, chefe da oficina e com os menores que se faziam na arte. Os visitantes foram convidados pelo diretor a visitarem a Oficina de Sapataria São João Bosco. Estabelecida numa sala própria, arejada, comportava vinte e dois sapateiros que batiam prego e cortavam couro, sob o comando de um menor responsável pela direção da oficina. Seis pares de sapatos e vários de alpercatas eram conduzidos às prateleiras do Almojarifado.

Segundo a reportagem, pela manhã a clemência do sol permite os trabalhos no campo ou em outros setores. À tarde os salões de aula se agitam com a algazarra de uma criançada satisfeita e bem alimentada, que possui pais, mas não se lembrava do lar. Antônio Horácio, José Nogueira Filho e Mamede revelaram em conversa com repórteres que os meninos haviam plantado naquele ano seis hectares de arroz, dezoito de cana de açúcar, nove de milho e feijão, um e meio de batata, um de mandioca, 100 coqueiros. Por outro lado, sete professoras ministram aulas diariamente para que os 400 menores se alfabetizem, como exigem as diretrizes regulamentares. Nair Albuquerque, Madalena Machado, Adalgisa Cavalcante, Salvelina

Araújo, Raimunda Alexandre, Rute Alexandre, Judite Pimentel integram o corpo docente daquela escola de reeducação de menores.

Chegaram também a conversar com um menor, que lhes levaram a uma pocilga, que ficava um pouco afastada do bloco principal dos prédios. Passaram pela rouparia e assistiram à entrada de peças de vestuário. A sra. Maria Zuleide Nogueira preparava as fardas de mescla azul para a distribuição semanal. A pocilga estava a uns 100 metros, mas a higiene era absoluta, segundo os visitantes. O asseio diário com água vinda da cidade de Acarape parecia até não agradar aos 50 porcos que se destinavam à alimentação do ICM. Quando o visitante já estava indo embora, um dos menores se apoderou do comando da visita e disse para ele: “Agora, o senhor quer ver o motor da luz, não é? Era Vicente Gomes da Silveira, um ex-menor que se tornou um mecânico do *caterpillar* de trinta cavalos com um gerador de 12 mil velas, sessenta amperes e duzentos e vinte volts. O secretário da casa de força, Eduardo Lima, também ex-interno, informou que o conjunto funcionava quatro horas durante a noite para a iluminação da Escola. Ao lado, os visitantes curiosos encontraram uma sala com instrumentos agrários: carros de mão, enxadas, tornos para tubos, máquinas de perfurar o ferro, debulhadora de milho, descascadora de arroz, picaretas, pás, dentre outras coisas.

O Diretor tinha saído para inspecionar as hortaliças. Acompanhando-os, os curiosos viram canteiros bem tratados e dirigidos pelo Professor Miguel Alexandre. Alface, coentro, repolho, rabanete, alho, pimentão, tomate, quiabo, espinafre estavam enfeitando uma área expressiva de terra. Os meninos plantam, cultivam e eles mesmos comiam cerca de trinta quilos de verdura por dia. Os visitantes viram filas formadas que se locomoviam em direção ao cozinheiro João Dias da Paz e ao seu ajudante Pedro Negaó que procediam à distribuição do almoço. Vinte e cinco mesas se acomodavam no refeitório. Então, os pratos carregados de arroz, feijão, carne de gado e farofa consolavam o apetite das crianças. Todos faziam silêncio. Aquele comportamento tinha a sua razão de ser: respeito às saídas mensais.

Os visitantes procuraram o maestro da banda de música com 23 instrumentos. Não estava na ocasião. Então, os auxiliares da Diretoria, Nelson Monteiro Maia e Fernando Albuquerque ensinaram o caminho certo que os visitantes deveriam tomar para ouvirem o Dr. Gilson Leite Gondim. Subiram as escadas para se chegar à sala do Diretor. O diretor despachava o expediente e ditava ordens. Interrompeu os seus afazeres para ouvi-los. Depois falou aos visitantes:

Procuo adotar um sistema de educar as crianças, completamente alheio às reações do constrangimento, afim de que os educandos adquiram um quociente expressivo de confiança na direção deste Instituto. Sou fervoroso adepto da escola nova. Por isso consegui na minha administração abolir qualquer modalidade de castigo físico, substituindo-os pelo estímulo aos valores que se transformarão, mais tarde, em cidadãos mercedores da convivência social. Somente por esse meio poderão comandar com a devida responsabilidade a marcha dos seus atos no cumprimento das tarefas obrigatórias.

Segundo o Diretor da escola, eram os alunos que governavam aquela escola. Nas suas próprias palavras registradas no Jornal Unitário de 26 de abril de 1953:

Entreguei diversos cargos à direção de menores, fazendo nascer desta maneira, a ideia de respeito ao dever e à capacidade administrativa de cada um. O eixo das atividades desloca-se para a criança. Na minha gestão, venho combatendo sem desfalecimento a ociosidade dos menores, adotando métodos que os possam incentivar na realização de qualquer trabalho ou no desempenho de funções diversas, levando em conta a idade e a constituição de cada menor. A minha atitude possui o mérito de ensinar aos internos e arranjar auxílios para o educandário que dirijo. Organizei, levado por esse objetivo, uma escala de serviços, obedecendo à ordem das turmas, de modo que todos participem dos trabalhos existentes no domínio das nossas atividades: campo, sapataria, carpintaria, tecelagem, alfaiataria, horta, cozinha, enfermaria, vacaria, pocilga, oficina mecânica, serviço de pedreiro e Diretoria. Todos passam por estes setores emprestando-lhes diariamente três horas de serviços, tendo assim ensejo de abraçarem a profissão de sua verdadeira vocação.

Em torno das próximas realizações que pretendia levar a efeito em 1953, confessou o então Diretor do Instituto Carneiro de Mendonça:

O meu plano principal deste ano diz respeito à ampliação das oficinas, conforme as exigências do Instituto, especialmente da sapataria, da tecelagem e carpintaria. Com a breve aquisição de três modernas máquinas movidas a eletricidade, poderemos abastecer de calçados, como é desejo também do exmo. Sr. Governado do Estado, a Polícia Militar do Ceará, economizando uma soma considerável para os cofres públicos. Aumentarei igualmente, no curso de minha administração, a produção agrícola, visando o auto-abastecimento desta Instituição. Após concretizar os planos arquitetados lutarei pela instalação de um cinema, um cassino e um parque infantil que venham distrair e educar mais ainda a infância confiada a esta Escola de reeducação de menores.

Ainda na visita, Alcides Correia Mendes, professor de Prática Rural, levou a reportagem à Capela São José do Instituto. Descreveu os movimentos de Páscoa, as visitas do clero e do Arcebispo de Fortaleza, a crisma do ano passado e do catecismo semanal pelas Irmãs Missionárias. O repórter era informado que o capelão, Pe. José do Vale celebrava duas vezes por semana no altar da capelinha dos menores.

3.5. Os desafios de manter a escola funcionando

O ICM não encontrou facilidades para se manter funcionando. Segundo o Jornal “O Nordeste”, do dia 27 de agosto de 1959. A manchete desse jornal trazia que o Juizado de Menores era a última esperança da família cearense. Esse jornal noticiava que era precária a situação em que se encontrava o Juizado de Menores, sem poder atender aos inúmeros casos que se apresentam diariamente. O Juiz de Menores, dr. Cândido Couto afirmava que os institutos Carneiro de Mendonça e Bom Pastor, além do Núcleo de Menores, estavam superlotados, não havendo possibilidades de o juiz encaminhar para ali um só menor que estivesse necessitando das vistas e dos cuidados das autoridades judiciais. Em entrevista ao Jornal o Nordeste, dr. Cândido Couto dizia mais:

O Governo tem tido a melhor boa vontade em amparar a causa do Menor Abandonado. Dada, no entanto, a crítica situação por que passa o Estado, sem meios para solucionar os mais graves problemas da sua administração, quase que nada pode fazer, até esta data, em benefício desse grave problema, que há muito aflige a população.

Perguntado pela reportagem se o Instituto Carneiro de Mendonça ainda continuava sob a égide da Secretaria de Polícia, ou se já passara para o controle do Juizado, ao que ele respondeu negativamente, acrescentando:

Encontra-se o mesmo com 397 menores quando tem capacidade para receber apenas 250 delinquentes, o que torna aquele estabelecimento impossibilitado de admitir ao menos um candidato. Para exemplificar, direi apenas que há pouco encaminhei um menor ao instituto, e lá chegando, foi cientificado, pelo padre diretor, da falta de acomodações dados o excesso já existente.

Devido à falta de recursos para tratar o problema do menor no Ceará, o juiz Cândido Couto, na entrevista, afirmava que era intenção dele enviar à Capital da República, elementos do Juizado de Menores, para tratar, junto ao deputado cearenses, de assuntos referentes ao Menor Abandonado. A intenção era expor ao Ministro a situação em que o Juizado se encontrava, sem a menor ajuda dos poderes públicos, que possa contribuir para dar à juventude abandonada uma vida mais humana aumentando as instituições existentes ampliando suas dependências, a fim de que possa o Juiz de Menores executar o seu plano de ação.

No início da década seguinte, o Jornal Gazeta de notícias, do dia 28 de janeiro de 1961, noticiava sobre o problema do menor abandonado, e com a manchete, dizendo que o problema deveria ser solucionado com justiça, não pela justiça. A reportagem do jornal tinha procurado

o então diretor do ICM. Tendo sob seus cuidados 452 menores, Pe. Giovanni Saboia³² esclarecia que estaria no Instituto Carneiro de Mendonça até o dia em que seus superiores achassem que lá devesse permanecer e até que indivíduos ou grupos apresentassem fórmulas e métodos que possam realmente solucionar o problema do menor abandonado ou delinquente, dizendo que não teria a pretensão de resolvê-lo e, sim, boa vontade no sentido de vê-lo solucionado por quem quer que seja capaz para tanto. Prosseguindo em suas declarações ao Jornal, disse o sacerdote dirigente do ICM não acreditar no milagre de a simples transferência da questão da órbita do Poder Executivo para o Poder Judiciário vir a resolver o problema em toda a sua complexidade pelo fato de ficar livre das “interferências políticas”. E comentou:

Primeiramente, seria uma anomalia, pois o poder judiciário tornar-se-ia simultaneamente Poder Executivo, o que constituiria, também, uma intromissão indébita. Além do mais seria muito dizer que a velha política, como dizem, respeitaria o Judiciário no problema do menor. A política é irreverente, cavilosa e contagiante. Além do mais a questão do menor abandonado ou delinquente já está estudado e o que falta é pôr em prática o que foi planejado. Os que vivem fazendo críticas destrutivas apresentando projetos de efeitos talvez duvidosos, deviam atentar para o que escreveu o des. Saboia Lima, autêntico, apóstolo da assistência à infância desamparada no Brasil. ‘Em São Paulo, diz aquele Desembargador, está acertando no problema do menor. Tudo está confiado à direção de um Conselho Técnico e administrado por pessoas de competência, sem interferência do Juizado de Menores. Este julga, não executa. O problema deve ser resolvido com Justiça, mas não pela Justiça.

O sacerdote ainda afirmou que o maior problema do ICM era a falta de recursos suficientes para manter o trabalho no instituto. Segundo o diretor da Escola, Padre Giovanni Saboia de Castro:

Entre nós o assunto caminha para melhores dias. Com a situação decidida e dedicada do Secretário do Interior e Justiça dr. Antônio Paes de Andrade, tudo indica que o problema terá, dentro em breve equacionamento preciso, capaz de levar a uma solução que, quando não seja perfeita e completa, representará avanço substancial sobre tudo o que se tem feito até então. A maior dificuldade é de ordem financeira. E graças aos esforços do sr. Secretário do Interior e Justiça, vem, aos poucos, sendo superada. À frente do Instituto Carneiro de Mendonça temos tido, de Sua Excia. Todo o apoio e ajuda, e o Instituto já tem conseguido enviar menores para a Marinha, para o Exército, para empregos e até para o Seminário, tonando úteis a sociedade muitos anteriormente julgados irrecuperáveis.

Como se pode perceber, as dificuldades enfrentadas pela escola para manter a sua administração e também o seu financiamento público era um grande desafio. Nas décadas

³² Segundo o Jornal Gazeta de Notícias, de 12 de julho de 1960, o ICM estava recebendo inúmeras melhoras graças à atuação de seu diretor Padre Giovanni de Castro Saboia. As casas dos funcionários, em sua quase totalidade foram limpas; a enfermaria foi bastante melhorada; novos e modernos bebedouros foram adquiridos.

seguintes, o ICM ainda encontrava dificuldades para se manter funcionando, conforme mostrava o Jornal “O Nordeste”. Em reportagem do dia 12 de fevereiro de 1963, o jornal noticiava que o dr. Wilson de Norões Milfont, Juiz de Menores, e o sr. Ananias Frota Vasconcelos, diretor do Departamento de Proteção ao Menor, continuavam em “SOS” às voltas com a terrível miséria social da infância e da juventude marginais da capital, sem meios para a providência inadiável de sua reeducação. Os estabelecimentos a eles destinados, como o Núcleo de Menores, o Instituto Carneiro de Mendonça e o Bom Pastor permaneciam superlotados e com as verbas “estouradas”.

3.6. A realidade da escola hoje

Ocupada atualmente pelo 14º Batalhão de Polícia do Estado do Ceará, a escola ainda preserva as características do passado. Uma simples visita à escola, faz o curioso voltar no tempo e imaginar como cerca de 400 meninos conviviam por anos ou até durante uma vida inteira no mesmo lugar. A antiga escola ocupa os dois lados de uma estrada asfaltada que dá acesso atualmente à Pacatuba, ao Maracanaú e ao Maranguape. De um lado, encontram-se os prédios da antiga enfermaria, da carpintaria, da tecelagem, do campo de futebol e das casas das professoras e antigas salas de aula, atualmente ocupadas por moradores e ex-alunos ou filhos de ex-alunos que permaneceram morando nas proximidades da escola. Do outro lado, está a entrada da escola, onde ficavam dormitórios, o refeitório, a inspetoria e a diretoria, assim como a horta, o açude e outros espaços.

Nosso primeiro contato com a escola foi na antiga Enfermaria, onde atualmente funciona a Escola de Ensino Fundamental e Médio Carneiro de Mendonça³³. As salas de aula ainda preservam as características da antiga construção, conforme podemos verificar na imagem abaixo.

³³ Em frente ao prédio da antiga Escola correcional, funciona uma Escola de Ensino Médio, mantida pelo Estado do Ceará, que utiliza o mesmo nome oficial da Escola Santo Antônio do Buraco, qual seja, Instituto Carneiro de Mendonça.

Imagem 8 – Reunião de Pais no Pátio da Escola de Ensino Fundamental e Médio Carneiro de Mendonça



Fonte: Blog EEFM Carneiro de Mendonça. Acesso em 17 dez. 2017.

À procura de alguém que pudesse nos dar informações acerca da história da escola, conversamos com os gestores da escola, mas nenhum soube nos dar informações sobre o passado da escola ou mesmo informar o nome de alguém que tivesse trabalhado na escola. Por acaso, conhecemos a senhora Maria Ivete da Silva, que tinha sido aluna EEFM Carneiro de Mendonça e atualmente estava trabalhando como zeladora da escola. A senhora Ivete nos disse que conhecia um senhor chamado Cavalcante, que tinha sido aluno e funcionário da escola. Não hesitamos e pedimos que a mesma nos levasse a este ex-aluno.

Chegando à casa do senhor Cavalcante, conhecido como “Mem”, ao lado da Capela São José, fomos muito bem recebidos por ele, que nos disse que seria um orgulho poder falar sobre o seu passado e nos mostrar as atuais instalações da escola. Fizemos um agendamento para conhecer a escola pela manhã no dia seguinte.

A primeira coisa que o senhor Cavalcante nos mostrou foi a sua própria casa onde funcionava a antiga banda de música e rouparia da escola. Ao lado da sua casa nos mostrou a Capela, ainda em funcionamento, onde os padres da escola celebravam as missas.

Imagem 9 – Capela São José

Fonte: Roberto da Silva Júnior

Caminhando para a escola, o senhor Cavalcante dizia-nos que a FEBEMCE mudara até a entrada da escola. “Aqui era os fundos – aqui não tinha entrada. Ninguém entrava por aqui. Com a FEBEMCE – eles inventaram um bocado de coisa só para comer a verba. É como hoje, inventa-se um bocado de obra só para comer a verba”. Mostrou o campo de futebol onde disputavam torneio. “Aqui dentro era mais para a gente e o campo lá de fora era para os adultos que vinham jogar de fora. O pessoal de fora não podia jogar aqui dentro, mas somente naquele campo”. Seu Cavalcante disse que já jogou no time da escola. “Joguei juvenil, joguei aspirante. Joguei titular. Joguei como lateral esquerdo e volante”.

Entrando na escola, o senhor Cavalcante nos mostrou o refeitório da escola. Uma das primeiras coisas que nos chamaram a atenção é como era possível caber mais de 400 meninos nessa escola. Fazendo essa pergunta ao senhor Cavalcante, respondeu-nos imediatamente: “fazendo fila; cada um esperando a sua vez. Como eram quatro turmas que funcionavam, cada turma esperava a sua vez para se servir”. O senhor Cavalcante nos contou que foi nesse espaço que o rei do baião, Luís Gonzaga se apresentou para os menores. O refeitório era como um galpão todo aberto. Somente com a presença do rei do baião é que eles pegaram caixas e fecharam fazendo um palco para receber o sanfoneiro. Segundo suas lembranças, foi um dos

momentos de maior alegria que a escola recebeu nesse dia. Como podemos perceber nas imagens acima, o espaço encontra-se malcuidado e com o mobiliário deteriorado pelo tempo e abandonado pelas autoridades públicas.

Imagem 10 – Refeitório da Escola



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Continuando a visita, seguimos para o espaço ao lado do refeitório, no caso a cozinha da escola. O senhor Cavalcante nos relatava das vezes que tiveram de cozinhar nos fins semana. Relatou que aprendeu a cozinhar ali mesmo sem ninguém ensinar. Cada um tinha de fazer alguma coisa. A gente fazia o almoço, o jantar. Nunca ninguém nos ensinou. “Aprendemos tudo na marra mesmo”, dizia o senhor Cavalcante, apresentando com nostalgia os tempos de aluno interno na escola.

A cada passo que dava dentro da cozinha rememorava cada detalhe daquele espaço, cada momento vivido durante décadas na escola. Mostrou-nos onde ficava o fogão à lenha e dizendo-nos que o fogão industrial que se via naquele momento não existiu no seu tempo de aluno, pois tinha sido comprado nos tempos que a escola passou a ser da FEBEMCE no final dos anos 1960.

Quando nós começamos não havia gás, era tudo a lenha. Esses fogões são do tempo da FEBEMCE. No nosso tempo tudo era muito simples. Na época de funcionamento da escola não havia pia dentro da cozinha. As pias eram todas no lado de fora. Era lá onde se lavavam os tachos.

Imagem 11 – Cozinha da Escola



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Essa cozinha ainda hoje é utilizada pelo 14º Batalhão da Polícia Militar do Estado do Ceará. No dia da visita, encontramos a cozinheira fazendo o almoço de alguns policiais que estavam de plantão naquele dia. Alguns desses espaços estavam praticamente abandonados, com pouca utilização, encontramos um ambiente escuro e sujo. Ao lado da cozinha, encontramos algumas salas fechadas com caixas de papelão, demonstrando o improvisado e a falta de zelo com o patrimônio público educacional. Com alguns armadores às vistas parecia servir de dormitório para os policiais daquele batalhão de polícia.

Segundo o Senhor Cavalcante, “a escola era para ser uma escola agrícola. Seria construída em Juazeiro, mas como não possível, fizeram aqui. Íamos ter uma escola em Pacatuba. Esse projeto inicialmente era para ser uma escola agrícola – e não deu certo e foi para Pacatuba”.

Saindo da cozinha, fomos para o quintal da escola. O senhor Cavalcante nos mostrou os espaços da escola onde se costumava sair para pescar. Mesmo abscondito, nosso guia, disse-nos que adorava pescar com seus amigos no ICM. “Nós pegávamos peixes e frutas sem o diretor ficar sabendo. Eram tempos muito bons que tenho muita saudade”, dizia o senhor Cavalcante.

Imagem 12 – Antiga horta da escola

Fonte: Roberto da Silva Júnior

Apontando para o terreno atrás da escola, o senhor Cavalcante dizia:

Esse terreno era todo utilizado por nós. Plantava-se batata, coqueiro, macaxeira, cana, abacaxi, manguá, dentre outras frutas; mas a gente não podia pegar nenhuma. Quando estava na safra, a gente colhia, colocava para amadurecer e levava para nossa merenda. Se algum menino fosse encontrado como alguma fruta escondida, o menino levava seis “bolos” nas mãos. E era obrigado a passar um mês arrodando o campo todos os dias com o nome de ladrão nas costas. E se repetisse passaria três dias na cadeia. Desse modo não tinha quem quisesse desobedecer. A parada aqui era dura. O pau quebrava aqui.

Em seguida, mostrou-nos onde os meninos ficavam na solitária quando desobedeciam às normas da escola repetidas vezes.

Imagem 13 – Fundos da antiga solitária onde se prendiam os meninos desobedientes.

Fonte: Roberto da Silva Júnior

O senhor Cavalcante nos mostrou, em seguida, a inspetoria e a diretoria. Explicou-nos que antes de se falar com o diretor, precisava falar com o inspetor de turma dos alunos. Quando tinha um menino para ser castigado, era o padre que pegava o menino para dar os “bolos” nas mãos deles. “O que foi que ele fez? Roubou coco? Vai passar duas semanas rondando aqui nesse campo com o nome nas costas: ‘Ladrão’. Era uma humilhação danada que se passava na escola quando se cometia alguma infração”, dizia-nos, o senhor Cavalcante. Segundo ele, quem trabalhava com os diretores eram os próprios alunos; ficam na porta para recepcionar aqueles que precisam resolver alguma coisa com o diretor. Ninguém podia entrar na sala do diretor sem autorização. O senhor Cavalcante disse que o Padre Paixão era tão severo que ele dizia assim: “somente deixe entrar se estiver bem vestindo, se chegar alguma mulher com roupa decotada não deixe entrar”. O senhor Cavalcante lembrou-se de que certo dia, a dentista da escola, Dra. Isolda, precisou falar com o sacerdote. Vejamos o que o ex-aluno narrou:

Quando eu perguntei ao padre se ele poderia receber a doutora Isolda. E quando eu abri a porta para ele ver a doutora, disse que não iria recebe-la. E complementou: a senhora vá trocar de roupa e depois a senhora vem falar comigo. Como essa roupa eu não lhe atendo. O padre Paixão era severo. Disciplina, moral e trabalho aqui funcionava.

Imagem 14 – Inspetoria e Diretoria da Escola



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Na diretoria, segundo o senhor Cavalcante, havia um cofre onde se guardava o dinheiro apreendido de crimes pela Chefatura de Polícia na escola. Ele relatou que:

Esse dinheiro servia para ajudar os funcionários da escola. Por exemplo, quando um filho de um funcionário estava doente e a família não tinha

dinheiro para comprar medicamento, o diretor da escola pegava dinheiro do cofre para os funcionários mais que estivesse necessitando. Era o chamado dinheiro destinado às ‘despesas diversas’.

Imagem 15 – Diretoria da Escola



Fonte: Roberto da Silva Júnior.

Na varanda não tinha porta. Tudo era aberto para o diretor ter uma visão geral da escola. Segundo o senhor Cavalcante o Padre não gritava da varanda da diretoria. Apenas ficava observando as atividades da escola e se precisasse conversar com alguém mandava chamar.

Imagem 16 – Visão da sacada da diretoria



Fonte: Roberto da Silva Júnior.

Imagem 17 – Sacada da diretoria – Visão lateral esquerda



Fonte: Roberto da Silva Júnior.

Imagem 18 – Sacada da diretoria – Visão lateral direita



Fonte: Roberto da Silva Júnior.

Saindo da diretoria, seguimos para conhecer os dormitórios e continuamos a testemunhar o descaso com patrimônio histórico da escola. Encontramos os dormitórios

servindo como depósito de mesas velhas, cadeiras e outros móveis da escola. Conforme podemos perceber na imagem abaixo.

Imagem 19 – Antigo dormitório dos meninos



Fonte: Roberto da Silva Júnior.

Encontramos apenas algumas salas em bom estado de conservação. No caso, a sala da diretoria, o antigo arquivo da escola e um dos antigos dormitórios que está sendo utilizado pela secretaria do 14º Batalhão de Polícia Militar do Estado do Ceará. Em 1998³⁴ o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (soldado, cabo, sargento e subtenentes) – CFAP cedeu as suas instalações para a criação do Colégio da Polícia Militar, tendo de se transferir para o prédio do Instituto Carneiro de Mendonça, onde funcionou até 2009.

Imagem 20 – Sala de Aula de Curso de Formação de Praças



Fonte: Roberto da Silva Júnior.

³⁴ ALVES, João Batista Rosendo. Docência na Polícia Militar do Ceará: Curso de Formação de Soldado de Fileiras (Turma 2007). Dissertação de Mestrado Acadêmico em Educação. Universidade Estadual do Ceará, 2008.

Ainda nos acompanhando, o senhor Cavalcante nos relatou que a escola era muito bem limpa e tudo nos seus devidos lugares. Cada um sabia o que fazer para manter a escola funcionando corretamente. Apontando para os carros abandonados atrás da escola, onde era a antiga horta, disse-nos:

Hoje se encontra nessa situação. Agora é um depósito de doença, Dengue, Zica, Chikungunya. Esses carros parados aqui acabam sendo um foco de doença para minha família e para a comunidade que mora ainda próximo à escola. Eu mesmo cuidava da limpeza da escola e tudo era feito com muito zelo e fico triste em ver nossa escola nessa situação de abandono e descaso.

Imagem 21 – Fundos da Escola



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Para conhecer os outros prédios da escola, tivemos de atravessar a rua. E a nossa impressão mais uma vez foi o de abandono e desperdício de um prédio enorme sem nenhuma utilidade no momento, a não ser de depósito de carros apreendidos pela Polícia Militar. Encontramos um policial de plantão fazendo a segurança do espaço com alguns cães. Segundo esse policial, se não fosse por esses cães, com certeza os vândalos ainda teriam coragem de furtar alguma coisa dos carros que foram apreendidos e guardados também naquele espaço. Ainda esse policial nos relatou que é projeto antigo do governo do Estado aproveitar todas as instalações do Instituto Carneiro de Mendonça para construir uma escola profissionalizante de tempo integral. No entanto, disse-nos que essas ideias e projetos até hoje nunca saíram do papel.

Imagem 22 – Carpintaria e Tecelagem



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Adentrando na antiga carpintaria e tecelagem da escola, tivemos de enfrentar o furor dos cães, que estavam amarrados, que não paravam de latir, impedindo que tivéssemos acesso aos pavilhões da tecelagem da escola. O Policial foi muito gentil e retirou os cães dos corredores, possibilitando que entrássemos na tecelagem.

Imagem 23 – Pátio da Carpintaria e Tecelagem



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Imagem 24 – Galpão da antiga Tecelagem do ICM



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Quando conseguimos entrar no galpão de trabalho da tecelagem, encontramos um espaço bastante amplo, com um telhado velho e na iminência de cair. O senhor Cavalcante aproveitou para nos contar que trabalhou vários anos nesse espaço. Disse que o seu tempo era muito bem preenchido e não tinha espaço para pensar em besteiras.

4. PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Considerando relevante para os leitores desta tese, elaboramos este perfil, que conta um pouco sobre as pessoas que participaram das entrevistas. Elas estão aqui por terem participado da escola como aluno, como professora ou porque testemunharam as práticas educativas do Instituto Carneiro de Mendonça e darem uma oportunidade para registrarem suas percepções e narrativas acerca de suas experiências e vivências. A sequência abaixo dos participantes foi feita levando-se em conta a ordem em que eles foram localizados e entrevistados.

Imagem 25- José Airton Ferreira



Fonte: Fotografia do Álbum de Família

José Airton Ferreira da Silva nasceu na cidade de Fortaleza no dia 25 de janeiro de 1945. Sua chegada ao Instituto Carneiro de Mendonça (ICM) se deu depois de duas tentativas feitas pela mãe quando ele tinha sete anos de idade. Com a maioridade, a convite do Padre Giovanni Saboia, ex-diretor do Instituto, tornou-se agregado, chegando a trabalhar como chefe da rouparia, treinador do time de Futebol da Escola, dentre outras atividades. “Sessenta”, como era conhecido no ICM e na cidade de Maracanaú, casou-se com Maria Alzenir Lima da Silva em 1966, filha de uma funcionária da rouparia. Pai de sete filhos, tornou-se funcionário público do Estado do Ceará; trabalhou no Instituto Penal Paulo Sarasate no município de Aquiraz-CE; trabalhou no Manicômio Judiciário do Estado do Ceará durante 10 anos, tendo se aposentado como Agente Penitenciário. Morreu aos 70 anos no dia 26 de junho de 2015.

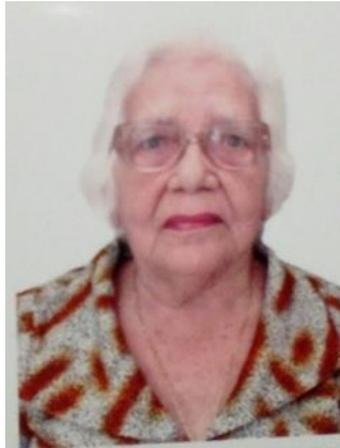
Imagem 26- José Winston Nogueira Lima

Fonte: Câmara Municipal de Maracanaú. **Disponível em:** <http://camaramaracanau.ce.gov.br> Acessado em: 11 de set. 2017.

Nascido em Maracanaú-CE, em 22 de julho de 1949, José Winston Nogueira Lima é filho dos enfermeiros do Instituto Carneiro de Mendonça, Vicente Severino Lima e Maria do Carmo Nogueira Lima. Pai de três filhos, Wilker Nogueira da Silva Lima, Aline Nogueira da Silva Lima e Wagner Nogueira da Silva Lima, iniciou seus estudos no Instituto São José, em Maracanaú-CE. Concluiu o Ensino Médio na antiga Escola Técnica Federal do Ceará (Técnico em Mecânica) e se formou em Administração de Empresas na Faculdade Integrada do Ceará- Estácio/FIC.

Antes de ingressar como vereador, Winston trabalhou na Companhia Docas do Ceará (1979 – 1983) como Chefe em Manutenção Industrial. Em Maracanaú, foi professor no Ginásio Gustavo Barroso (1981-1984); atuou como Diretor de Desporto da Secretaria de Educação desse mesmo município (1992-1995); exerceu o cargo de Coordenador de Prédios Públicos na Secretaria de Obras (2009-2011) e presidiu a União dos Estudantes por duas vezes (1982-1984 e 1985-1988).

Sua vida política foi iniciada em 1984, quando foi candidato a vereador pela primeira vez, convidado pelo ex-prefeito de Maracanaú, Almir Dutra, sendo eleito com 587 votos. Assumiu também os mandatos de 1989-1992; 1996-2000 e por duas vezes, o presidiu a Câmara Municipal de Maracanaú (1985-1987 e 1988-1990). Atualmente o camarista está em sua quarta legislatura, na qual, foi eleito com 1.515 votos.

Imagem 27 – Maria Amélia Gadelha**Fonte:** Foto pessoal da Entrevistada

Nasceu em Miguel Dias no Estado do Ceará em 1935. Seu pai era sitiante e filho natural de Aquiraz-CE. Com a venda do sítio da família, mudou-se para a cidade de Maranguape-CE. Passou a morar, com dez anos de idade, na localidade de olho d'água em Maranguape. Estudou no Instituto São José em Maracanaú-CE. Para estudar nessa escola, vendeu uma máquina de costura para comprar farda, óculos e material escolar. cursou o quarto ano primário com vinte e sete anos de idade. Fez o programa de admissão ao quinto ano. Após a conclusão desse programa, ensinou os vizinhos sem nenhuma remuneração. Foi nomeada professora leiga em 1964. Fundou a primeira escola do bairro olho d'água em Maracanaú, Escola José Mário Barbosa, em 1965. Com o Projeto Logos II – Maranguape, em 1969, concluiu o terceiro e quarto pedagógico. Foi professora leiga no Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL. Foi Diretora de Escola em Maracanaú no ano de 1977. Tomou posse na Chefia do Setor de Comunicação da Secretaria de Educação de Maracanaú no ano de 1993. Em 2000 licenciou-se em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Recebeu em 2005 a Medalha 8 de março, destinada para homenagear mulheres que se destacaram na área da educação, saúde e assistência social do município de Maracanaú. Aposentou-se como professora do Estado do Ceará. Mora próximo ao Instituto Carneiro de Mendonça e ajudou o Padre José Holanda do Vale, diretor da escola, na arrecadação de alimentos e finanças da escola.

Imagem 28 – Francisco Torcápio Vieira da Silva

Fonte: Secretaria Municipal de Maracanaú.

Disponível em: <http://www.maracanau.ce.gov.br/secretaria-de-saude/>

Francisco Torcápio Vieira da Silva. Nasceu em Maracanaú em 1952. Casado. Atual Secretário de Saúde do Município de Maracanaú, é graduado em Medicina Veterinária e licenciado em Pedagogia, ambos pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especialista em Saúde Pública (SP), Planejamento Educacional (RJ), Vigilância Sanitária (CE), Gestão Escolar (SC) e Vigilância e Controle de Endemias (CE). Mestre em Educação em Saúde pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Atuou como professor no Liceu do Ceará, como coordenador e diretor em escolas de Maracanaú e orientador no Crede 01. Como veterinário foi coordenador de Vigilância em Saúde de Maracanaú (1997-2004), atendeu como médico veterinário pela Prefeitura de Fortaleza (1981-2012), professor do curso de Pós-graduação “Saúde da Família e Gestão e Coordenação Escolar” (FVJ-CE). Na Gestão Municipal de Maracanaú, entre 2009 e 2012, esteve à frente do Centro de Zoonoses e Endemias do Município. Jogou futebol com os meninos do Instituto Carneiro de Mendonça.

Imagem 29 – Maria de Fátima Menezes do Vale

Fonte: Roberto da Silva Júnior

Maria de Fátima Menezes do Vale nasceu em 29 de maio de 1954 na cidade Maracanaú. Mãe de quatro filhos, iniciou sua vida profissional aos quatorze anos de idade como ajudante de professora na Escola José Mário Barbosa. Em 1975 ingressou no curso de Licenciatura em Enfermagem, cursou até o sétimo semestre, deixando o curso para atuar na educação. Contribuiu na emancipação de Maracanaú. No ano de 2000, graduou-se em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Em 2002, especializou-se em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio. Professora aposentada do Estado do Ceará. Atuou com gestora de Escola José Belsário de Sousa no município de Maracanaú-CE. No ano de 2006 através de concurso público tomou posse como professora do Ensino Fundamental na Prefeitura de Maracanaú, assumiu uma sala de alfabetização, trabalhando com crianças de cinco a seis anos de idade, utilizando o teclado de computadores para garantir uma maior eficiência no processo ensino aprendizagem. No ano de 2008 foi convidada a assumir a gestão pedagógica da Escola Francisco Comissário Barbosa. Desenvolveu na escola um trabalho de avaliação diagnóstica, identificando as dificuldades de aprendizagem, fazendo as devidas intervenções para garantir uma aprendizagem significativa. No ano de 2009 assumiu a Gestão da Escola Rui Barbosa, com sua grande experiência na Educação desenvolveu um trabalho por excelência, utilizando a metodologia de projetos entre muitos podemos citar: Projetos Valores, Cultura de Paz, Conhecendo Vários Pacifistas, Projeto de Leitura, Projeto A Classe Cidadã, Projeto

Recreio, entre outros. A professora Maria de Fátima Meneses do Vale teve destaque como escritora no Jornal Fique Sabendo, relatando os fatos relevantes da História de Maracanaú. Atualmente, trabalha na Escola CEJAM – Centro de Educação de Jovens e Adultos de Maracanaú como apoio pedagógico. Foi professora do Instituto Carneiro de Mendonça durante a gestão da escola pela FEBEMCE.

Imagem 30 – Elizete Alexandre de Lima



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Filha de Miguel Alexandre de Lima, ex-funcionário do Instituto Carneiro de Mendonça. Elizete Alexandre de Lima, nasceu na cidade de Cascavel-CE. Chegou no bairro do Horto, onde mora até hoje com apenas três anos de idade. Viúva. Não tem filhos. Estudou no Colégio Santa Rita de Maranguape, em internato para ser freira, mas acabou desistindo da formação religiosa. A convite do Padre Paixão, diretor do Instituto Carneiro de Mendonça, com apenas 14 anos de idade, iniciou sua carreira no magistério no Instituto Carneiro de Mendonça. Trabalhou em escolas particulares do município de Maracanaú e também do Estado do Ceará. Aposentada. Vive sozinha na casa de seus pais e antiga residência dos diretores do Instituto Carneiro de Mendonça.

Imagem 31 – Dulce Alves Almeida

Fonte: Foto pessoal da Entrevistada

Ex-aluna do ICM, Dulce Alves de Almeida nasceu em Maracanaú-CE no ano de 1954. Viúva e mãe de um filho. Filha de Francisca Alexandre Alves e Marcelino Avelino Alves, ambos funcionários do Instituto Carneiro de Mendonça. Professora, iniciou sua carreira docente como alfabetizadora do MOBREAL em 1971. Concluiu o Curso Normal no Colégio Municipal Filgueiras Lima em Fortaleza-CE em 1973. Tendo concluído o 4º ano Normal, habilitou-se como professora de Ciências no Instituto de Educação do Ceará em 1974. Atuou como docente do 1º ao 4º ano no Colégio Gustavo Barroso (escola vinculada à CENEC). Lecionou de 1974 a 1979 na Escola de 1º Grau Tenente Mário Lima no município de Maracanaú. Foi professora no Instituto Carneiro de Mendonça no ano de 1979. Com apenas 29 anos de idade, em 1983, aposentou-se como professora do Estado do Ceará, devido a problemas de saúde.

Imagem 32 – Rita Celmar Avelino Alves**Fonte:** Foto pessoal da entrevistada

Ex-aluna do ICM, Rita Celmar Alves Queiroz, nasceu em Maracanaú-CE no ano de 1952. Aposentada. Casada e mãe de dois filhos, é filha primogênita de Francisca Alexandre Alves e Marcelino Avelino Alves, ambos funcionários do Instituto Carneiro de Mendonça. Entre os anos de 1971 e 1972, atuou como alfabetizadora de jovens e adultos no Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL. Em 1973, concluiu o Curso Normal Colegial no Colégio Municipal Filgueiras Lima. No ano de 1974, concluiu os Estudos Adicionais ao 3º Pedagógico na área de Comunicação e Expressão, sendo considerada habilitada a lecionar nas 5ª e 6ª séries. Em 1973, foi convidada para lecionar, como professora leiga, no Ginásio da CENEC Gustavo Barroso, no centro do Município de Maracanaú. De 1974 a 1979, trabalhou na Escola Estadual de 1º Grau Tenente Mário Lima. Em 1979, foi transferida pela Secretaria Estadual de Educação para lecionar na Escola de 1º Grau Carneiro de Mendonça, no espaço da antiga enfermaria da escola de menores, no Horto Florestal. De 1986 a 1995, exerceu a função de Diretora dessa mesma escola, indicada pela Fundação do Bem-Estar do Menor do Ceará (FEBEMCE). Pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, concluiu em 2001, o Curso Especial de Formação Pedagógica /Licenciatura Plena, habilitando-se para lecionar nas séries terminais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, nas seguintes disciplinas: Fundamentos históricos, filosóficos e sociológicos da educação; introdução à filosofia, Introdução à psicologia. Em 2003, concluiu o curso de Pós-Graduação lato sensu em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio.

Imagem 33 – Maria Margarida Alacoque

Fonte: Roberto da Silva Júnior

A professora Margarida Maria Alacoque Correia Santos nasceu na cidade de Aurora-CE em 1931. É católica e filha de Pedro Correia Lima e Júlia Santos Correia. Viúva e mãe de três filhas, Júlia, Nelândia, Micheline e de um filho, João Alfredo Jr, assassinado em um assalto. Professora aposentado do Estado do Ceará, estudou o Ensino Primário no Patronato Nossa Senhora Auxiliadora e Curso Normal no Colégio Santa Cecília. Licenciou-se em História no Instituto de Educação do Ceará. Iniciou sua trajetória na docência como substituta de professoras parturientes. Trabalhou no Instituto Carneiro de Mendonça durante dez anos e também no Colégio Cenecista Gustavo Barroso, como professora e Diretora, também em Maracanaú.

Imagem 34 – Eugênio Estevam Batista**Fonte:** Fotografia pessoal do entrevistado

Filho de Antônio Batista de Lima e Maria Estevam Batista, nasceu no povoado da Barrinha, município do Trairi-CE, em primeiro de abril de 1947. A partir do terceiro mês de seu nascimento, em consequência da morte da mãe, sua criação é assumida pela avó materna, até os sete anos, quando ela morre, em 1954. Depois de um período passando de uma casa para outra, é internado em 1956, no Instituto Carneiro de Mendonça. Em 1958, é encaminhado ao seminário dos padres sacramentinos, no povoado de Capuam, município de Caucaia-CE. Ali concluiu o curso primário. Com o exame de admissão, cursa o ginásio e, como aluno visitante, externo, faz as primeiras duas séries do Segundo Grau na Escola Apostólica São Vicente de Paulo, em Antônio Bezerra (Barro Vermelho), Fortaleza-CE. Em 1964, em fins de dezembro, segue para a casa do noviciado sacramentino, em Uberaba-MG, do qual se desliga em março de 1966, e opta por não voltar para a terra natal. Em Uberaba, sobrevive dando aulas particulares, substituindo professor, trabalhando no comércio, e com a ajuda caritativa de uma família que o recebe à mesa, por meio ano. Obtém o certificado de Segundo Grau, por meio dos exames de Madureza, em 1968. Nesse mesmo ano, trabalha como professor substituto no Ginásio Cel. Geraldino Rodrigues da Cunha, em Veríssimo-MG, onde, com as ações de grêmio escolar, que ele assiste, alcança a mais alta satisfação de sua vida, como professor. No início de dezembro desse mesmo ano, vai a Goiânia-GO inscrever-se no Curso de Aperfeiçoamento dos Docentes de Ensino Secundário (CADES). Nessa ocasião estão sendo feitas também as inscrições para o vestibular da Universidade Federal de Goiás. Assim ele ingressa no curso da Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) graduando-se pela UFG, em 1972. A partir de então, passa a morar em Goiânia. Leciona na rede municipal de ensino. Em 1970, casa-se.

Dirige o Ginásio Municipal do Setor Ferroviário, 1970-1973. Integra a Coordenação de Moral e Civismo da Secretaria de Educação de Goiás (COMOCI, SEC-GO), de 1973 a 1977. Leciona no Ateneu Dom Bosco, em 1972; Fundação do Ensino Superior de Rio Verde, 1974-1977; Universidade Católica de Goiás, 1975-1977. Em março de 1977, muda-se para Rio Branco-AC, onde permanece até julho de 1985. Leciona na Universidade Federal do Acre, 1977-1985. Faz o Mestrado em Letras (Linguística, Psicolinguística), PUC de Campinas-SP, 1979-1981. Leciona, ainda, no Colégio Agrícola Roberval Cardoso, em 1984. Retorna a Uberaba, e leciona nas Faculdades Integradas (FIUBE), agosto de 1985 a fevereiro de 1986, quando se muda para Catalão-GO. Contratado pela Prefeitura de Catalão, leciona no curso de Letras da UFG, em seu campus avançado daquela cidade, 1986-1988. Vencendo o concurso de 1988, ingressa na UnB, Brasília-DF, para onde se muda em 1989. Leciona na UnB, 1989-2003. Em 1998 termina com o casamento. Em março de 2003, aposentado como assistente, retorna, em nova união conjugal, a Goiânia, onde reside atualmente, dedicado a atividades voluntárias. Entre os trabalhos de que se ocupou, aquele com que melhor se identifica é o de consertar coisas. Em sua área, onde mais se realiza é na revisão de texto em língua portuguesa.

Imagem 35 – FRANCISCO ALVES PEREIRA CAVALCANTE

Fonte: Roberto da Silva Júnior

Francisco Alves Pereira Cavalcante, conhecido na comunidade como “Mem”, nasceu em Maranguape-CE em 1951. Viúvo e pai de dois filhos. Ex-aluno e músico da banda de música do Instituto Carneiro de Mendonça, chegou na escola de menores como 10 anos de idade e nunca saiu de lá. Vive com seu filho e nora na casa onde funcionavam os ensaios da banda de música. Aposentado como servidor público do Estado do Ceará.

Imagem 36 – JOSÉ NARCÍSIO PEREIRA

Fonte: Roberto da Silva Júnior

Ex-aluno da escola, José Narciso Pereira nasceu em 1940 na cidade de Fortaleza-CE. Foi internado no Instituto Carneiro de Mendonça aos dez anos de idade. Vive atualmente com a esposa e alguns filhos na antiga casa de uma das professoras da escola, Margarida Alacoque. Essa residência fica ao lado das antigas salas de aula do Instituto Carneiro de Mendonça. Funcionário aposentado do Estado do Ceará, sempre morou na Escola.

Imagem 37 – JOSÉ IVAN DE CARVALHO

Fonte: Roberto da Silva Júnior

Ex-aluno da escola. José Ivan de Carvalho é cearense, aposentado, natural de Fortaleza. Nasceu no bairro Benfica no dia 01 de junho de 1949. Casado e pai de três filhos, uma mulher e dois homens, reside em São Luís do Curu-CE desde 2007. Concluiu o antigo 2º Grau. Frequentou vários cursos na área de Recursos Humanos, como, por exemplo, Curso de Relacionamento Interpessoal, Seleção e Recrutamento, entre outros. Sempre trabalhou em Departamento Pessoal em empresas. O primeiro emprego foi no Frifor³⁵ como auxiliar de Departamento Pessoal. Trabalhou na Construtora Aracati. Construtora Andes; Construtora Lourival Sales Parente; trabalhou na Fiação Jangadeiro; trabalhou nas Confecções Royale; trabalhou no Hotel Esplanada e na TNT Brasil.

³⁵ Frigorífico Industrial de Fortaleza S/A – Empresa de Economia Mista.

Imagem 38 – JOSÉ WELLINGTON NOGUEIRA LIMA**Fonte:** Roberto da Silva Júnior

Filho dos Enfermeiros do Instituto Carneiro de Mendonça, José Wellington nasceu em Maracanaú no dia 27 de janeiro de 1942. Comerciante e aposentado como agente administrativo pela Prefeitura Municipal de Maracanaú. Viúvo e pai de dois filhos, concluiu o antigo 2º Grau no Liceu de Fortaleza. Jogou profissionalmente no Ferroviário Atlético Clube, Ceará Sporting Clube, Fortaleza Esporte Clube, Santa Cruz Futebol Clube, Esporte Clube Vitória, Associação Esportiva Tiradentes. Trabalhou na Hidros Engenharia, Fábrica Estrela, Ex-jogador de Futebol. Proprietário do empreendimento Horto Society no bairro de mesmo nome no município de Maracanaú. Morou durante 50 anos em uma das casas de funcionário do Instituto Carneiro de Mendonça. Casou-se com uma ex-professora do ICM. Jogou no time do Instituto Carneiro de Mendonça.

5. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE GRANDES TESTEMUNHAS

5.1. José Winston Nogueira Lima

O Vereador de Maracanaú-CE, José Winston Nogueira Lima, foi entrevistado em sua casa, deitado em uma rede, acompanhado de um de seus amigos de infância, que conviveu na casa de seus pais por vários anos. O vereador conversou conosco com muita alegria de suas lembranças da escola. Começou a entrevista dizendo que seus pais eram enfermeiros na escola e que tinha orgulho de seu pai ter feito parte da primeira turma de enfermeiros do Estado do Ceará. Sua mãe concluiu o antigo Segundo Grau e também o curso de técnico de enfermagem. Seu pai antes de ir trabalhar no Instituto Carneiro de Mendonça trabalhou em um posto de saúde ao lado do Teatro José de Alencar na capital cearense. Seu pai se casou com 23 anos de idade e sua mãe com quinze anos. Desse casamento nasceram seis homens: José Wilson, José Wellington, José William, José Winston, José Washington e José Weiden. Todos nasceram em Maracanaú. E, segundo o vereador, quase todos se frequentaram curso superior.

O entrevistado nunca estudou no Instituto Carneiro de Mendonça, mas, no Instituto São José no centro de Maracanaú. Tinha uma grande amizade com todos os meninos da escola. “A gente com quatro ou seis anos de idade a gente ia para a escola para acompanhar o trabalho dos meus pais. Aqui na escola era cheio de menores distribuídos em faixas etárias e a gente se metia no meio dessa garotada da nossa idade à medida que a gente crescia”.

Disse-nos que em sua infância, costumava assistir às missas na capela da escola, construída ao lado de sua residência. Seu padrinho era o pároco da capela, José Holanda do Vale, que foi também diretor do ICM. Com suas próprias palavras, relatou que:

Até os meus dezesseis anos eu convivi com meu padrinho aqui na capela da escola. A mamãe nos levava todo domingo para a missa aqui ao lado da escola. Arrumava todos os meninos para ir para a missa de domingo. Depois da missa a gente ia jogar bola no campo pequeno. Minha mãe levava para confessar e comungar. Hoje eu vou à missa e acredito em Deus graças a ela, que nos levava para a missa na capela do ICM. Meu pai ia à missa porque a minha determinava que tinha de ir à missa.

Como seu pais eram funcionários da escola, a família tinha o direito de morar em uma das casas da escola. Segundo o vereador Winston, a casa onde eles moravam era uma casa grande e o suficiente para toda a família com oito membros. No entanto, eles não viverem sempre na mesma casa.

Quando o último diretor da escola, Padre Giovanni, chegou, autorizou a construção de outra casa para nossa família mais à frente. E tivemos de nos mudar. Essa mudança aconteceu porque nosso pai sempre foi amigo dos padres. E como enfermeiro formado, coisa rara, naquela época, encontrar alguém com curso superior, meu pai tinha um certo status. Ele era da primeira turma de enfermagem do Ceará a se formar. Então meu pai tinha uma amizade muito profunda, muito grande com os diretores da escola.

Continuando com sua narrativa, contou-nos que seu pai não tinha vícios. Não bebia e apenas acendia um cigarro de maneira esporádica. A reputação de seu pai na escola sempre foi boa, na sua época de infância, os médicos passam de quatro meses sem visitar o ICM. Seu pai era praticamente o médico da escola de menores.

Era meu pai quem consultava; era ele quem costurava; era ele quem passava os remédios; E me lembro que quando os médicos chegavam aprovavam todos os prontuários feitos pelo meu pai. E minha sempre dando assistência na enfermaria. Então o meu pai tinha amizade na escola.

Corroborando para entender o prestígio de seu pai na escola, o legislador municipal, contou-nos que seu pai tinha mais de 80 afilhados, compadres e comadres, incluindo filhos de funcionários da escola, filhos de moradores e pessoas da comunidade. Mas, falou com orgulho, que ele mesmo havia conseguido superar seu pai. “Tendo o número de 163 afilhados em Maracanaú. Eu já superei meu pai. Eu acho que nem o ex-presidente Lula tem esse número”, disse rindo durante a entrevista.

Com relação ao trabalho dos seus pais na escola, disse que percebia que sua mãe era mais dedicada na escola do que seu pai. Segundo ele, seu pai era mais acomodado e costumava ser prudente em suas ações que sua mãe. Caracterizou seu pai como um homem tranquilo e que não costumava dar resposta de pronto como sua mãe. Com relação à sua progenitora, disse-nos que era uma mulher que gostava muito de ler. E que, na sua percepção, talvez quisesse superar o seu pai profissionalmente na escola. Sobre esse aspecto, expressou-se, assim:

Eu me lembro que a minha mãe acordava bem cedo, colocava o jaleco, e se mandava para escola. Já meu pai somente chegava na escola bem mais tarde. Eu tinha os meus doze anos mais ou menos e observava a grande dedicação da minha mãe.

Ainda sobre sua mãe, afirmou que era uma mulher muito dedicada e com habilidades profissionais excepcionais, ao ponto de muitos pensarem que era ela quem era graduada e não seu pai. Esclareceu esse ponto dizendo que seu pai era homem um pouco tímido, trancado e falava apenas aquilo que lhe perguntasse. Por outro lado, sua mãe era falante e muito comunicativa com as pessoas.

Procurando uma identificação com seus progenitores, o camarista entrevista disse que tem um jeito manso e calmo de falar herdado de seu pai. No entanto, sempre admirou a personalidade de sua mãe, que por conta de sua habilidade comunicativa, era a ela a quem os filhos costumavam se dirigir quando queria fazer alguma pergunta. O entrevistado relatou que, quando completou doze anos de idade, sua minha mãe abriu um livro de anatomia e foi mostrar para ele as doenças sexualmente transmissíveis, em seguida, orientou-lhe para não ir ao cabaré procurar mulheres. Por conta disso, admitiu nunca ter ido ao cabaré por causa de mãe, que mostrava imagens de pênis enfermo e todas as doenças sexuais de sua época.

A base do que nós somos foi a nossa mãe. General do exército, posso dizer assim. Seis filhos e com meu pai, sete homens e apenas ela de mulher para criar. Colocava duas empregadas para lavar a roupa da gente e arrumar o quarto. Não era brincadeira! Era uma mulher de uma força! Era um vigor! Era responsável por tudo! Se não fosse a educação dela eu não seria o que sou hoje. Ela nos colocava de castigo ajoelhados no chão ou amarrados no pé da mesa. Ela tinha de fazer isso, pois eram muitos homens.

De acordo com o camarista, sua mãe pode ter se inspirado no modelo educacional da escola de menores onde ela trabalhava. Disse ainda que ela precisa ter feito isso mesmo, pois do contrário, “eles poderiam ter tornado bandidos e ter seguido para o lado do mal, da mesma forma que alguns na escola seguiram o caminho do mal”. Falou-nos que havia filhos de funcionários que era usuário de droga. Reforçou que não eram poucos. Mas devido à educação da mãe, ele e seus irmãos nunca usaram drogas.

A gente tinha era medo porque não tinha um dia na hora do almoço ou do jantar, com todos os filhos reunidos, que nossa mãe não passasse isso para nós: “cuidado! Esses meninos não têm família. Esses meninos são da rua. E colocava uma chibata pendurada por ali ou uma palmatória perto, mostrando para a gente. E sempre orientando para a gente não ter essa tendência de fazer coisa errada.

O vereador nos contou que, apesar das advertências da mãe, nunca deixou de brincar com os meninos do ICM. Mas, quando sua mãe descobria a desobediência, eles ficavam de castigo e apanhava. Declarou-nos que foi o filho que mais apanhou porque sempre desobedecia a sua mãe para jogar futebol. Disse que seu lazer era bola. Não pensava em outra coisa.

Quando se referiu à convivência na escola, disse que sua mãe tinha mais problemas com a gestão da escola do que seu pai. Isso se justificava porque todos adoravam seu pai enquanto sua mãe costumava questionar as ações dos diretores da escola de menores. Gostava muito de argumentar sobre as coisas que não concordava dentro da escola. Segundo José

Winston, sua mãe gostava de sinalizar o que deveria e o que não deveria ser feito dentro da escola.

Como a casa de seus pais era vizinho da escola, mantinha contato constante com os meninos da escola, que normalmente se dava por meio da bola. O futebol era o elo entre os meninos do ICM e os filhos do enfermeiro da escola. Lembrou-se de que:

Tocava-se para alguns irem almoçar; tocava-se para outros irem dormir e ficavam outros jogando bola. Então a gente entrava no meio deles para jogar com eles. Nunca nenhum me levou ou me incentivou para beber ou para o caminho das drogas. Coisa que eu nem conheço. Nunca me levaram para nenhum coisa ruim. Nós não tínhamos medo deles. Pelo contrário, nós tínhamos era uma segurança danada na escola, porque além dos inspetores, havia os subinspetores. Tudo era muito organizado.

Sobre essa convivência com os meninos do ICM, revelou que seus pais sempre davam algumas recomendações com relação à amizade com os meninos. Mas não havia impedimentos para eles brincarem com os infantes internados. O que existia, eram advertências. O entrevistado nos falou que nunca nenhum dos seis se envolveu com coisa ruim com os garotos da escola. E ainda se admira que com tantas pessoas diferentes convivendo juntas nunca viu droga na escola. Disse que os alunos mais velhos bebiam na escola, mas nunca lhe ofereceram.

A escola não era mar de rosas segundo o vereador José Winston. Ele lembrou-se de que presenciou algumas brigas e confusões na escola. Normalmente, envolvendo os garotos da quarta turma, que eram os mais velhos. Segundo ele, eram esses os meninos mais revoltados que ele conhecia. Alguns não tinham pai, outros chegavam drogados e muito revoltados. Envolviam-se em muitos atritos com os inspetores porque se recusavam a obedecer às normas da escola.

Apesar de não ter sido aluno da escola, o vereador José Winston confessou que tudo o que ele é hoje deve ao ICM. “Tudo de bom que eu aprendi na vida atribuo à escola de menores. Eu não vi nada de ruim. Foi onde eu convivi. Dormi. Foi onde eu aprendi a gostar de futebol”. A paixão pelo futebol, que aprendeu na escola, o levou a jogar profissionalmente em times de futebol, como a seleção municipal de Maracanaú, Fortaleza Esporte Clube e Ceará Sporting Club.

Eu jogava com a camisa 10 na posição de meia-esquerda, ao lado do primeiro prefeito de Maracanaú, Almir Dutra, que foi assassinado; ao lado de Torcápio, atual Secretário de Saúde de Maracanaú e de vários meninos da escola de menores que se destacavam no futebol, como Elias, ‘Bodinho’, ‘Bebê’, dentre

outros. Na seleção em que eu joguei, não jogou nenhum aluno da escola de menores. Eu ainda tenho o retrato³⁶ do nosso tempo de jogador.

Imagem 39 – Seleção de Futebol de Maracanaú em 1972



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado.

Segundo o vereador entrevistado, havia muitos jogadores bons na escola, no entanto, não havia rivalidade entre eles. Lembrou-se do treinador do time, inspetor Marcelino que o colocou no time da escola com apenas 14 anos de idade, mesmo não sendo um aluno da escola, mas filho de funcionário. Com a maioria, o ex-jogador e treinador de futebol, Moésio Araújo Gomes, veio vê-lo jogar na seleção de Maracanaú e se encantou com o seu futebol e com um gol feito de cabeça que ajudou o Maracanaú a ser campeão em 1972. Com isso foi jogar, ainda menor de idade, no Fortaleza Esporte Clube.

O vereador José Winston disse que parou de jogar futebol porque teve de estudar. Bem na verdade, sua mãe também nunca quis que ele jogasse futebol. Após concluir o Curso Técnico de Mecânica na antiga Escola Técnica do Ceará, em 1978 foi aprovado em concurso público para trabalhar na Companhia Docas do Ceará (CDC), tendo ficado o segundo lugar entre oitenta e oito candidatos. Ainda trabalhou por quatro anos nessa empresa que administrava o Porto de Fortaleza. No entanto, a pedido do ex-prefeito de Maracanaú, Almir Dutra, teve de licenciar-se do cargo público para pleitear uma vaga de vereador na Câmara daquele município, fato que

³⁶ O vereador Winston é o quinto da esquerda para a direita, agachado, na imagem acima.

conseguiu com apenas 23 anos de idade. Até o presente o momento está exercendo o seu quinto mandato como camarista em Maracanaú.

O vereador disse que nasceu em um ambiente simples. Passou toda a sua infância e adolescência com os meninos simples. A vida em torno da escola era simples. Orgulha-se de nunca ter saído do Horto Florestal, bairro onde está situado a escola de menores. Conforme seu relato, desde cedo esforçou-se para construir uma casa no bairro onde foi criado. Lisonjeia-se até hoje por ter passado toda a sua infância e adolescência com os meninos simples do ICM. Explicou porque nunca quis sair do bairro com sua família.

Eu nunca saí daqui por conta da vida política. O perfil do meu eleitor é uma pessoa simples e humilde. Eu não gosto de representar pessoas arrogantes e importantes. Só para você ter ideia, eu detesto *shopping* porque é muito cheio de frescurinha e eu não gosto de frescurinha. Eu fui criado junto com a turma da escola de menores, como é que eu vou gostar de pessoas importantes e soberbas. Eu acabei me identificando mesmo foi com as pessoas humildes. Papai era humilde até demais; mais do que os próprios alunos. O meu pai ficava no meio desses meninos conversando com eles. Lembro-me de vê-lo sempre debaixo dos pés de benjamim conversando com os meninos que eram maiores.

O que ficou marcado em sua vida, segundo, foram as amizades construídas no ICM. Lembrou-se da intimidade que ele tinha com os meninos da escola. Cada um da escola tinha um apelido. Aquele que era considerado muito inteligente, era o “dr. Rubens”. Lembrou-se do “Sessenta”, que também foi entrevistado nessa pesquisa, assim como do “Bodinho” e Geraldo Frota, que tomava de conta da rouparia.

Eram esses que eram mais próximos a mim. Eram os meus amigos que jogavam bola na escola de menores; a gente ia pegar roupa junto com eles na rouparia e acabamos fazendo amizade; eu tive amigos do refeitório, pois cheguei a almoçar várias vezes na escola. Mamãe nunca soube, mas eu me envolvi e almoçava lá.

Revelou-nos que se envolveu tanto na escola que as pessoas que muitas pessoas chegavam a confundi-lo como sendo um dos menores internados no ICM. Era uma relação, segundo ele, simbiótica, com os amigos do seu pai, funcionários, alunos, professoras, que todos lhe adoravam. Gostavam tanto dele que conseguiam, inclusive, chuteira e material de futebol para ele jogar no time da escola.

Na escola, havia muitas atividades e eventos, mas o que mais lhe chamava a atenção eram as festas juninas. Lembrou-se de quando tinha quinze anos de vida, e assistiu no refeitório da escola a apresentação do sanfoneiro pernambucano, Luís Gonzaga. “Foi um dia à noite. Eu fui com meus irmãos e meus primos. Eu me lembro que todo mundo da comunidade local foi

todo para o refeitório da escola de menores assistir ao rei do baião”. Segundo o vereador, sempre havia alguma atração na escola, principalmente nos fins de semana. Os padres que ele conheceu, seu padrinho, padre Vale, e Giovanni Saboia, sempre colocavam filmes para os menores e filhos de funcionários. Não havia nenhuma diferença de atendimento entre a gente. Convidava-se todo mundo, disse o interlocutor. Os diretores da escola, que ele conheceu, sempre pediam para seu pai trazer os filhos, fosse para um aniversário ou para outra festa.

A gente sempre ia para esses eventos na escola com nossa. Ela pegava em nossa mão e nos levava para participar das missas campais. A banda de música estava sempre presente nos eventos da escola. Eu me lembro que na banda de música tinha uma pessoa que se tornou meu grande amigo e compadre, Edílson Paiva. Era um menor abandonado que cresceu e se educou na escola e tornou-se membro da banda de música e conseguiu ser mestre da banda da própria escola.

A entrevista também foi um momento de revelações de segredos. O vereador aproveitou a ocasião da entrevista para tornar público o que ele nunca tinha conversado com ninguém até então. Ele nos disse que sabia que havia pederastia na escola, mas ninguém podia dizer nada, pois naquele tempo era considerado pecado e não se podia comentar sobre essas coisas. Mas sempre soube que havia essas práticas na escola.

Eu sabia de tudo porque eu convivia 24 horas lá dentro. Eu estudava e quando chegava da escola, tirava a roupa e me mandava para a escola de menores. Eu não sei se os padres sabiam disso também. Mas eu sei que um padre chegou a namorar com uma menina que tomava conta da igreja. Foi o padre Giovanni Saboia (galã, de óculos escuros alto, bem parecido). Seu relacionamento foi com uma menina que ainda hoje nunca se casou. Ainda mora aqui na comunidade. Ela está viva. Ela já tem quase setenta anos de idade. Dizem que ele também se envolveu com a irmã do Padre José Holanda do Vale. O pessoal desconfiava porque ela vinha para as missas aqui na capela São José e no centro de Maracanaú sempre com ela. Estava sempre no seu jipe. O pessoal não parava de comentar na época.

Disse que naquele tempo que conviveu na escola, tudo era sagrado. O pederasta não tinha vez. A prostituta não era bem vista. A vida na escola era organizada em torno da disciplina dura. Os meninos não tinham contatos com mulheres. Não tinham namoradas. O único contato que eles tinham com mulheres, era no momento das visitas de parentes que vinham deixar roupas e alimentos. Disse que sabe de tudo isso porque estava sempre por perto acompanhando, para saber o que os visitantes estavam trazendo para os garotos. Devido a rigidez das normas, não existia nenhuma chance para os garotos namorarem na escola. Os meninos que namoravam eram aqueles que já completavam a maioridade e que tinha se tornado agregado. Começava a ganhar um dinheirinho e começava a namorar com uma filha de um funcionário ou uma prima de um funcionário. Complementando, o vereador disse o seguinte: “aqui era duro! É como se

fosse um quartel. Ainda hoje eu converso com esses ex-alunos e dizem para mim que criaram os seus filhos com essa mesma disciplina e rigor”.

Na percepção de José Winston, o ICM era como se fosse uma família. Alguns funcionários levavam alguns alunos para ajudar em suas casas. No entanto, tudo de modo voluntário. Ou seja, não havia, segundo Winston, uma obrigação de trabalho. Eles ajudavam de modo voluntário a capinar os terrenos, a pintar a casa, entre outras atividades domésticas.

Eram meninos tão obedientes à nossas mães. Minha dava um agrado para eles. Um jantar; um almoço com nossa família. Eles eram convidados a participar dos aniversários que havia em nossas casas. Nessas festas eles costumavam ajudar em todo: na hora organização; levando as cadeiras, dentre outras coisas. Enfim, esses meninos estavam todos os dias em nossas casas. Capinando ou fazendo outras atividades na minha casa. Como tinha seis homens, mamãe tinha duas empregadas para cozinhar e lavar roupa.

Voltando ao assunto das visitas dos parentes dos alunos, nosso interlocutor disse que presenciou pessoas chorando nas visitas e outras pessoas felizes com o que estava acontecendo na vida daqueles meninos. Ou seja, os filhos estavam se desenvolvendo dentro da escola. E, de modo geral, as pessoas que colocavam os meninos na escola estavam satisfeitas. Nas suas próprias palavras:

Como eu lhe falei, a escola tinha muita coisa boa. Todos estudavam e trabalhavam na escola. Estudava-se e aprendia-se uma profissão, como carpintaria, alfaiataria, etc. Eram mais de dez profissões. Quando ele saísse da escola já sairia com uma profissão.

No entanto, havia alguns meninos que não se adaptavam e que não eram corrigidos. Segundo o vereador, aqueles mais desobediente e reincidentes, iam para a “tela”, como era chamada a “cadeia” da escola. Disse-nos que “havia um nome especial para quase tudo na escola e os todos os inspetores tinham alguma técnica especial para se empregada na correção dos alunos”.

Nosso interlocutor disse não saber porque as pessoas tinham construído uma má fama dos meninos internados na escola. De acordo com suas lembranças, esses meninos não roubavam casa de funcionário; não bebiam; não fumavam e não se prostituíam.

Aqui era tudo aberto e praticamente ninguém fugia. Você pode ver a altura dos muros. No ano todo fugia no máximo um menor, e quando isso acontecia, os funcionários da escola iam pegar e ficam aqui de novo. E por esses meninos não iam embora? Você deve estar se perguntando? Eles não iam embora porque eles tinham café de primeira qualidade. Merenda de primeira categoria com frutas e tudo mais. O almoço era igual ao da nossa casa; tinha o lanche

da tarde; tinha o jantar e ainda o lanchinho antes de dormir. Uma dormida maravilhosa! O que é que se queria mais para viver?

Não obstante, quando a escola passou a receber alunos da FEBEMCE, o vereador Winston disse que tudo que tinha sido feito na escola vanesceu. Na sua percepção, tudo piorou na escola. De acordo com suas recordações:

Mudou o regime da escola; a escola de menores funcionava em um regime militar sem que se soubesse que estava em um regime militar; tudo havia ordem, horário. Já com a FEBEMCE tudo ficou altamente desmoralizado. Os menores começaram a assaltar; a roubar as casas dos funcionários; começaram a fugir de maneira frequente. Daí começou a aparecer a figura do fujão. E na escola de menores não tinha isso. Posso lhe dizer que a escola se tornou uma bagunça. E o tratamento com os alunos já foi outro. Mudou-se o regime! Era agora um tratamento de mãe que não sabia criar o filho. Passava-se a mão por cima da cabeça do aluno. Na escola de menores era diferente. Havia o castigo. E era bom. Eu tenho muita saudade do castigo da minha mãe. O castigo da minha mãe foi a melhor coisa da minha vida. Hoje eu sou contra a mãe que passa a mão na cabeça do filho.

Voltando à educação materna, disse que ainda guardava na memória as orientações de sua mãe. Disse que não guarda nenhum rancor ou trauma psicológico pelo modo severo de sua mãe lhe educar. Sobre isso, relatou o seguinte:

Tenho saudade do castigo dela. Ela me deixava de joelho com a cadeira na cabeça. Me amarrava e dava bolo na minha mão. E dizia: chora! Ela não tinha muita força para dar uns bolos com força. Eu ainda morro de saudade dos castigos e das orientações da minha mãe porque quando você fica homem é que você ver o mundo. A gente ver que tudo o que ela nos dizia e ensinava é verdade. Minha mãe sabia de tudo. Eu era um abestado!

Ainda hoje disse que detesta a maneira como as mães criam os seus filhos. Na época atual, consoante seu ponto de vista, as mães encobrem os erros dos seus filhos; passam a mão na cabeça do bandido dela, dizendo que o bandido é o filho do vizinho. Para justificar esse olhar, contou-nos que:

Antes não tinha isso não. Minha mãe não fazia diferente. Quando a quando a gente errava, ela corrigia a gente na hora. Não queria nem saber! Colocava a gente de castigo durante uma semana e interessante é que eu não guardo nem um rancor disso, mas, pelo contrário, tenho é muita saudade desse tempo. Na atualidade não vejo mais esse tipo de criação.

Buscando relacionar sua criação familiar e sua vida profissional, revelou que quando lecionava era um professor severo e não gostava de passar a mão na cabeça dos alunos. No entanto, não gostava de gritar e dizer palavrões com os estudantes. Para ele, ser rigoroso na disciplina e na ordem, não implicava brigas e conflitos em sala de aula. Ele nos falou que procurava conquistar os alunos por meio da conversa.

Eu dizia para o pior aluno da classe que ele era inteligente e excelente, às vezes, até mesmo sem ele ser. Eu animava o aluno. Eu me inspirei nos meus professores, Moésio Gomes, que foi meu professor de história. Eu me espelhei muito nele. Eu me lembro que quando os alunos estavam pescando, ele se aproximava e mudava apenas o aluno de lugar. Ou seja, não tomava a prova; não repreendia o aluno como os outros professores fazem. E este modelo de professor me inspirou. Eu fiz muito isso que o professor Moésio fazia.

Algumas professoras do ICM também lecionavam no Instituto São José, no centro de Maracanaú, onde o vereador Winston estudou. Dentre essas professoras, teve aulas das professoras Elizete e Margarida Alacoque. Disse que esta foi a que mais marcou a sua vida, quando estava no 4º ano Primário. Ela era muito dedicada, comadre de sua mãe. Era muito cuidadosa ao ponto de passar o pano nas suas cadeiras para eles se sentarem. Pedia para trazer água para eles. Às vezes, eles não estavam nem com sede.

O vereador não destacou nenhum ponto negativo da escola, pois era a mesma que recebia na sua casa. Mas nos disse que se pudesse ter feito alguma mudança na escola, teria colocado mais mulheres para trabalhar nela. Não considerou positiva a ideia de todos os funcionários serem homens, com exceção das professoras. Porém, compreendia que muitos homens não deixariam suas esposas trabalhar. Assim, não consegue enxergar aspectos negativos que desabonem a reputação do ICM.

Quando eu penso nessa escola, tenho saudade dos meus pais que faleceram. Era minha vida. Eu nasci ali. Tenho saudades de meus irmãos e dos funcionários que nos tratavam muito bem. Toda a vida nós tivemos esse privilégio. Isso ficou na cabeça dos seis irmãos. Nós éramos lembrados e vistos na época com os filhos do seu Severino e dona Maria do Carmo, enfermeiros da escola de menores.

Eram seus pais quem cuidavam dos filhos dos funcionários. Fosse para aplicar uma injeção ou para levar ao hospital em seu carro. Seu pai não fazia o trabalho de enfermeiro apenas dentro dos muros da escola. Seu pai também atendia à comunidade do Horto Florestal, Picada, Olho d'Água e outras localidades adjacentes. Disse que se identificou com seu pai quanto a esse aspecto da aproximação com a vida comunitária. Com suas próprias palavras:

Eu acho que eu copieei isso dele na minha vida pessoal. De ir até a comunidade e gostar de ajudar. Aqui nessa comunidade nós ajudamos muito as pessoas simples e humildes. Em cada casa dessa tem uma plantinha nossa, uma telha, um tijolo. E tudo isso era do meu pai, que era um homem bondoso.

Sua mãe, por outro lado era completamente diferente, segundo ele. O seu jeito severo em casa com os filhos era levado para dentro da escola de menores.

De modo severo, ela perguntava para os menores que procuravam atendimento na enfermaria, o que é que você veio fazer aqui? O papai quando recebia um menor doente ele cuidava e dizia que ele não iria para a aula hoje não. Mas, a mamãe dizia: - você vai, sim. Aplicava a injeção no menino e o mandava de volta para a sala de aula.

Devido a esse modo severo de sua mãe, o vereador Winston nos assegurou que seu pai não lhe educou. Essa tarefa foi da sua mãe. O seu pai foi para ele um exemplo de cidadão e de pessoa enquanto que sua mãe figurava como um general do exército com pulso firme.

A educação profissional dos meninos do ICM chamava muito a atenção do vereador José Winston. Costumava, adentrar nos pavilhões para acompanhar os trabalhos dos garotos. Entrava na sapataria e ficava sentado; conversava com o Zé do sapato, com o senhor Aloísio. Sempre pedia para deixá-lo sentado acompanhando os trabalhos nas oficinas. Na tecelagem, testemunhava a fabricação de redes nas máquinas operadas pelos infantes, na coordenação do mestre Henrique. Segundo nosso interlocutor, todos os dias ele passava em todos os setores da escola. Da enfermaria ao salão de ensaios da banda de música. Adorava ouvir os ensaios da banda de música. No entanto, segundo nos relatou, era do campo de futebol que gostava mais.

Suas lembranças lhe remeteram às noites da comunidade, que segundo ele eram maravilhosas. Em seu relato registrou o seguinte:

Eu não me lembro de nenhum caso de estupro ou de arrombamento. Nenhum menor saía para roubar as casas dos funcionários. E era tudo aberto. Eu não me lembro de violência de nenhum tipo. A luz da escola de menor e dos funcionários fechava às 9h da noite. Não tocava para gente, mas a gente se recolhia também para dormir. A gente estava no mesmo barco juntos. Quando tocava e apagava a energia, a mamãe dizia para a gente ir dormir. Não tinha televisão mais. Às sete da noite, a corneta já tinha tocado para os menores pequenos irem dormir primeiro.

Ainda sobre as lembranças da noite na comunidade, lembrou-se de sua mãe que ligava o rádio. Mas como não gostava de rádio, ele ia mesmo era dormir às 9h da noite. Essa foi uma rotina que perdurou até os seus quinze anos de idade. Essas noites eram curtas e não existia o que hoje se chama de balada. Desse modo, essa rotina fê-lo ainda hoje não gostar da noite. Dizendo que, na realidade, odeia as noites, complementou:

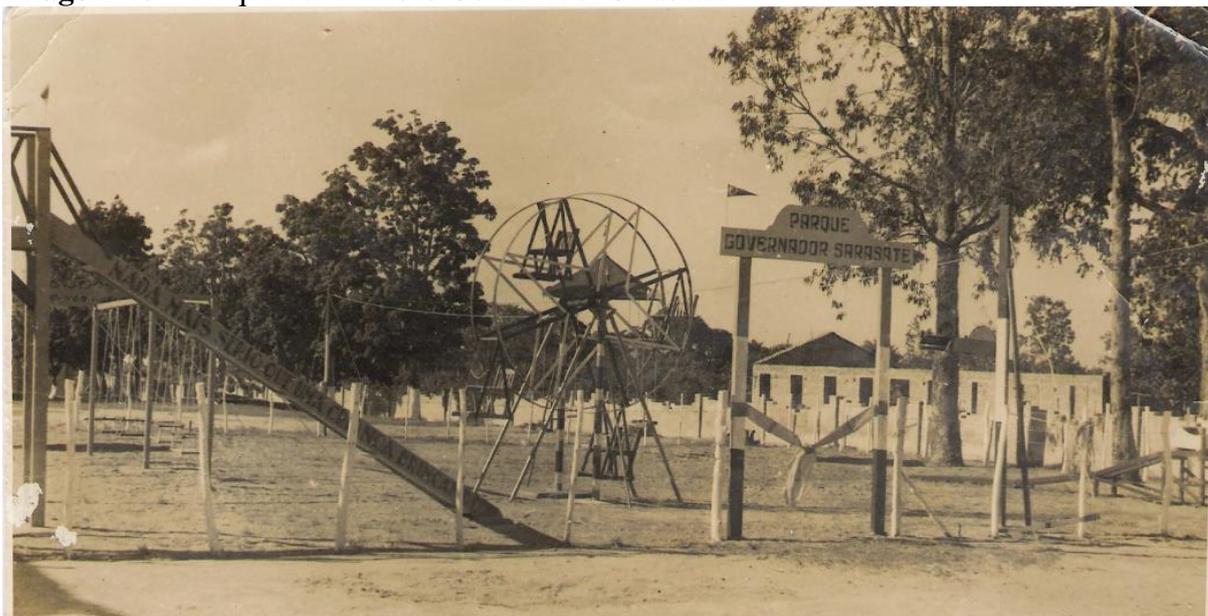
Eu me lembro que às vezes com os meus 16 anos de idade eu era convidado pelos amigos para ir para a tertúlia do ginásio. Mas, mamãe sempre lembrava a gente que no domingo estaria acordando a gente para a missa às 5h da manhã. E quando era às 7h da noite, na tertúlia eu já estava voltando para dormir cedo devido a missa do dia seguinte. E minha mãe me perguntava? Já voltou da tertúlia? E eu dizia que ia dormir para ir à missa.

Falando sobre o lazer na escola, lembrou-se que, naquele tempo, a única família que possuía aparelho de televisão em casa era a sua. Muitos iam para a casa de seus pais assistir televisão ligada à bateria. No entanto, ele mesmo preferia ir assistir televisão no pátio da escola com seus amigos. Gostava muito dessa integração com os menores. Na sua percepção:

Eu acho que talvez foi por isso que eu entrei na política. Eu gostava de conversar. Pela educação que eu recebi do papai e da mamãe não era para eu ser político. Eu acho que foi a influência da minha vivência com os meninos que me fez gostar da política. Eu vivia com a turma dos meninos. Eu era da gandaia. Eu tomava banho de rio com eles, sabendo que ia apanhar. Mas ia! Quando chegava com os olhos vermelhos, tomava peia.

Outro lazer que se lembrou na escola foi do parque de diversões. Disse que foi uma alegria o dia da chegada do parque. Houve uma grande festa para comemorar a chegada do parque. Na imagem abaixo, podemos ler no escorredor, “nada mais sério do que uma criança brincando.”

Imagem 40 – Parque de Diversão Governador Sarasate.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Dulce Alves Almeida

Outro lazer na escola, eram os casamentos. Muitos alunos que já eram agregados da escola se casaram aqui na escola. Quem fazia o casamento era os próprios diretores da escola, Padres José Holanda do Vale e Giovanni Saboia, os dois dirigiram a escola na sua época de infância. Os meninos casavam-se com as filhas de funcionários, com sobrinhas de funcionários, com primas, com as tias, ou com as amigas que vinham de Fortaleza passar o fim de semana. Segundo o vereador Winston, aconteciam muito casamentos. Lembrou-se de que era comum as filhas de noivos na Capela São José. E seus pais sempre estavam nesses casamentos e também

nos batizados, quando eram convidados para serem padrinhos. Nessas ocasiões, o vereador Winston e seus irmãos sempre estavam se envolvendo com os meninos da escola e convidados. Disse-nos que estava sempre lá também para tomar um guaraná, comer um pedaço de bolo. Mas, na realidade, o que mais se lembra mesmo dessas celebrações, era da bebida aluá, pois refrigerante era raro.

Para finalizar nossa conversa sobre sua convivência no ICM e sua trajetória de vida, disse-nos que todas as pessoas da escola eram pessoas que procuravam praticar o bem. Eram pessoas humildes e maravilhosas. Disse ainda que a escola de menores, como preferia chamar o ICM, teve uma importância maravilhosa para a comunidade do Horto Florestal e bairros adjacentes. “Eu acho se não tivesse tido essa escola eu acho que esses bairros não seriam o que são hoje”.

5.2. Francisco Torcápio Vieira da Silva

A entrevista com o atual Secretário de Saúde de Maracanaú aconteceu no seu gabinete na própria Secretária de Saúde. Foi uma conversa, na realidade muito descontraída, em caráter bastante informal. Apesar de sua atuação no momento está ligada à saúde, quase sempre esteve ligado ao campo da educação.

Para introito de conversa, pedimos a Torcápio para contar-nos sobre sua relação com o ICM. E, imediatamente, disse: Futebol. Seguiu narrando que hoje tudo que ele fala com a equipe de saúde da Prefeitura de Maracanaú relaciona metaforicamente a um time de futebol. Para o Secretário de Saúde, o futebol é um exemplo de um grupo que tem de trabalhar unido independente de gostar ou não. “Na hora do campo tem que ter essa coesão. Se um do time não tiver com harmonia e entrosamento, o resultado fica mais difícil”.

Desde garoto jogava peladas nos campos de futebol de Maracanaú. Buscava campos para praticar a sua principal paixão na época que era o futebol. E foi por meio desse esporte que teve os seus primeiros contatos com o ICM, que, segundo ele, considera a primeira escola de tempo integral do Estado do Ceará, pois oferecia música, trabalho, educação e futebol. E nas andanças pelo Maracanaú atrás de futebol, encontrou o campo de futebol do ICM, que fica localizado ao lado da antiga enfermaria da escola, conforme podemos ver na imagem abaixo.

Imagem 41 – Campo de futebol da escola na atualidade

Fonte: Roberto da Silva Júnior

Segundo o Dr. Torcápio, esse campo de futebol era o melhor para se jogar em Maracanaú em seus tempos de infância. O que havia no centro de Maracanaú era cheio de pedras e havia apenas um pouco de grama.

Eu tive contato nessa escola e com esse time de futebol por meio dos torneios que nós disputávamos. Formava-se o time infanto-juvenil na década de 1960. Eu com mais ou menos 15 anos, nós fazíamos o nosso time; existia o time do Boa Vista; o time do Coqueiral e o time da escola de menores. E aconteciam torneio no município envolvendo esses times. E o time da escola de menores era o melhor!

Segundo o Dr. Torcápio o que fazia o time daqueles meninos ser tão bom era o entrosamento entre eles, pois afinal de contas, eles não apenas jogam juntos como também moravam juntos. Eles eram muito unidos.

Imagem 42 – Time de futebol da escola



Fonte: Arquivo pessoal da professora Dulce Alves Almeida

Alguns jogadores da escola chegaram a se destacar e a jogar profissionalmente no futebol cearense. Dentre esses, lembrou-se de Wellington, Edvar e Elias, este último, um jogador de ataque; um ponta-de-lança; artilheiro e craque. Além de jogador de futebol, artilheiro e craque do time, tocava também saxofone. Lembrou-se também de um jogador chamado “bodinho”, que segundo nos contou era impressionante com o seu domínio de bola em campo. “Era-se incapaz de tirar a bola do pé dele. Bem que eu já o alcancei jogando já adulto, com vinte e poucos anos jogando. Além desses, recordo-me de Deusimar, Jiló, Zé Gomes e Ananias, que era um quarto zagueiro, que era um craque!”

Nos seus fins de semana, especialmente, no domingo, seu lazer era jogar futebol no Boa Vista, Coqueiral, conhecido como novo Fluminense, e na Escola de Menores. Seu time ia jogar, coordenado pelo Winston, que conhecemos anteriormente. O time andava cerca de quatro quilômetros, porque morava no Centro de Maracanaú, porque o time era bom demais. O que mais lhe impressionava no time do ICM era o goleiro. Normalmente, quem mais chama a atenção em time é o atacante, mas, no ICM, era diferente, quem chamava a atenção, segundo Dr. Torcápio, era o goleiro do time, conhecido pelo apelido de “bebê”.

Até hoje a gente ainda comenta sobre isso. O goleiro do time deles chamava atenção pela frieza. Além de ser frio jogando. Muito tranquilo, ele ironizava os adversários, segurando a bola e chacoalhando na frente dos adversários,

para desequilibrá-los e fazê-los perder o foco. Você sabe que goleiro é o jogador mais complicado do time, pois ele defende tudo e quando toma um frango, desfaz-se tudo que fez. E o diabo que o bebê tinha isso. Defendi tudo e, de repente, tomava um frango / ele pegava todas as bolas e no final engolia um frango. Mas eu gostava muito dele.

Além disso, na própria escola, chamava-lhe a atenção a destreza e a habilidade dos meninos que tocavam na banda de música. Contou-nos que ele era tão fanático por saxofone que chegou a pegar em sua casa um funil de geladeira para simular que estava tocando o saxofone. No entanto, lamenta-se de nunca ter tido a oportunidade de tocar saxofone.

Eu gostaria de ter aprendido a tocar um instrumento musical. Não por frustração. Por jogar bola eu conseguir jogar. Mas aquele instrumento que eles tocavam tão bem. E eles, às vezes em uma dessas festinhas, a gente via eles tocarem, ou no Colégio Gustavo Barroso, nas praticinas ou nas retretas, e dizia para mim mesmo: puxa vida! Esses caras além de serem craques na bola ele se garantem na música também. Para mim o camarada passava a ser ídolo duas vezes. Jogar futebol bem e ter a destreza de tocar um instrumento musical, que para mim era difícil demais. Mas eles conseguiam isso porque eles estudavam para isso. A escola deu essa oportunidade para eles apreenderem a tocar um instrumento de sopro.

Falando das amizades que fez na escola, lembrou-se de “Sessenta”, ex-aluno da escola, que era um dos fãs do seu futebol, quando jogou na seleção de Maracanaú. Costumava lhe elogiar dizendo que Torcápio era um dos melhores volantes que ele já tinha visto jogar, por ser muito aguerrido, dominar e tocar bem a bola.

Continuou dizendo que o ICM deixou o legado de gestão educacional. Para ele o que mais pode fazer a diferença em instituição social é a forma de gerenciá-la. Na ótica de Dr. Torcápio, o modelo de liderança foi relevante para o sucesso daquela instituição. Quem administrou o ICM teve o mérito de não a deixar cair. Quando esses líderes saíram, a escola começou a declinar na sua proposta de educação. Segundo nosso interlocutor, o sucesso dessas lideranças devia-se ao fato de eles serem *fulltime* na escola, ou seja, estavam lá pela manhã, tarde e noite. Era um modelo de gestão de tempo integral.

Dr. Torcápio disse-nos ainda que um amigo seu, na época em que a escola passou para a FEBEMCE, Prof. Dr. José Nailton Bezerra Evangelista, atual diretor geral da Faculdade de Veterinária da Universidade Estadual do Ceará, tentou recrudescer a escola, por dois anos, por meio de trabalhos de zootecnia com os meninos, mas não conseguiu grande êxito, pois, segundo Dr. Torcápio, não houve apoio governamental adequado para tal empreitada, com na época que a escola era administrada pelos religiosos padre Giovanni Saboia e Padre Vale.

A gestão desses padres coincidiu com a Ditadura Militar. E na opinião do Dr. Torcápio, houve aspectos do regime militar que corroboraram para se fortalecer e a administração dos padres. De acordo com as lembranças de nosso colocutor, os padres participavam de tudo quando os meninos participavam das apresentações. Eles estavam sempre à frente. Inclusive foram homens que fizeram história na vida política de Maracanaú. Segundo Dr. Torcápio o Maracanaú tinha força política dos padres locais com a UDN, coligado ao Paulo Sarasate, governador do Estado. A escola tinha apoio e força e não era para menos, segundo Dr. Torcápio.

Era uma escola que precisava de força, apoio e dinheiro, pois era um investimento alto com almoço, alojamento, instrumentos musicais para alunos. Tudo tem custo. Tudo o que você estiver fazendo tem de estar com uma calculadora nas mãos para fazer o orçamento. É o chamado custo-benefício. Precisamos definir o que é que queremos, podemos e fazemos. Então os trabalhos com os padres tinham mais recursos.

Além do campo grande, o Dr. Torcápio também destacou o campinho dentro da escola, conforme podemos ver na imagem abaixo. Para o Secretário de Saúde, esse campo era o mais aconchegante. Ao invés de ser onze, era nove com o goleiro, que jogavam nesse. Nele, juntavam-se mais pessoas para torcer pelo time da escola.

Os alunos ficavam dentro do seu próprio alojamento torcendo pelo time da casa ou debaixo das árvores. Era um espaço mais aconchegante; dava uma logística maior porque o estádio não tinha arquibancada. Eram aqueles banquinhos de madeira de carnaúba.

Imagem 43 – Campo de Futebol Pequeno



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Devido a essa convivência na escola, Dr. Torcápio reconheceu que a escola exerceu influência na sua vida, explicando da seguinte forma:

Eu sempre digo para meus filhos que não é que você tem adversário ou inimigos, mas a concorrência pesa para você. Então, desde então, meu time de futebol tinha de ser o melhor. E meu calo era o time da escola de menores que jogavam muito bem. Havia outros times bons em Maracanaú, mas não eram tão competentes como o da escola de menores. Então isso já fazia uma diferença porque eu além de jogar contra o time dos menores, já havia os meninos que estavam crescendo se tornando homens e eu vendo jogar. Então eu tinha os menores que eram meus adversários e tinha os grandes egressos da escola que eu dizia que eu para chegar lá ia ser muito difícil. Teve essa influência muito forte para a gente procurar melhorar; para se ter mais qualidade.

Para mostrar os efeitos da escola na sua vida profissional, admitiu que na sua rotina de trabalho na Secretaria de Saúde, procura avaliar os serviços prestados à população de Maracanaú, seja no acolhimento, atendimento, buscando fazer o melhor. Disse-nos que recebeu essa influência dos meninos do ICM. “Mexia comigo a maneira como aqueles meninos eram aplaudidos. Rapaz, quando o time entrava em campo, eles eram saldados pela torcida da mesma forma que os jogadores profissionais da atualidade. Os meninos do time eram reverenciados. Isso mexe”, disse Dr. Torcápio. E complementou com orgulho, que se considerava que tinha de alguma forma chegado ao nível deles, pois chegou a ser jogador profissional de futebol. Orgulha-se de ter tido sua carteira profissional assinada entre os anos de 1972 e 1973 com duzentos cruzeiros pela seleção de Maracanaú³⁷.

Nós jogávamos intermunicipal. Nós da seleção chegamos a jogar contra os meninos da escola de menores. Antes de mim, a seleção de Maracanaú chegou a ter mais jogadores do Carneiro de Mendonça. Era o que pesava mais na seleção de Maracanaú. Agregava jogadores do Boa Vista, Coqueiral e do Instituto Carneiro de Mendonça. Mas, posso lhe dizer que eram os jogadores que vinham do Carneiro de Mendonça que se destacavam mais na seleção. Pesava mais. Eles formavam o timaço de Maracanaú.

No auge de sua trajetória como jogador de futebol, foi vice-campeão cearense pela seleção de Maracanaú em 1972, tendo perdido, na ocasião da final, para a seleção do município de Pentecoste-CE no Estádio Municipal Presidente Vargas. Contou-nos que, para a seleção maracanauense participar da competição, foi necessário, na época, que a Prefeitura de Maranguape assinasse um termo de aceitação, visto que Maracanaú ainda não era emancipado

³⁷ Confira novamente a imagem 39 acima. O interlocutor encontra-se agachado, sendo o terceiro da esquerda para a direita.

politicamente. Devido a esses aspectos políticos, havia uma grande rivalidade entre as seleções de Maranguape e Maracanaú.

Procurando fazer uma comparação entre a educação praticada no ICM e as escolas de hoje, Dr. Torcápio explanou que se ele pudesse determinar o padrão das escolas de hoje, a escola de menores seria um modelo ideal. Faria uma escola que, se não tivesse um campo de futebol, mas pelo menos uma praça de esporte; uma escola onde se pudesse ensinar aos alunos uma profissão ou que pelo menos colocasse um encaminhamento para o seu futuro; gostaria de uma escola onde ensinasse música. Tudo isso o ICM ofertava para seus alunos.

Tenho a impressão que os alunos adorariam. Seria uma coisa diferenciada porque era uma coisa lúdica. A vantagem da escola de menores é que era uma escola lúdica e agradável, onde alunos moravam nela. Enquanto que hoje temos uma escola de tempo integral, a escola de menores era uma escola em que os alunos moravam nela.

Por tudo isso, Dr. Torcápio não concorda com a maneira equivocada de estigmatizar a o ICM como sendo um lugar de tortura e práticas educativas que depreciasse o desenvolvimento pleno dos meninos matriculados. O que, para ele existia era disciplina e organização. Segundo ele, a escola tinha disciplina dentro do contexto de sua existência, que ocorreu dos anos 1930 aos anos 1970. Além disso, afirmou que nunca viu a comunidade local rejeitar e ter medo das pessoas que estudavam nela. Pelo contrário, lembra-se de que a comunidade era louca pela escola. A comunidade queria de alguma forma participar das atividades da escola.

O meu amigo dentista William, estava lá por causa do futebol, que era coisa incomum. Ele estudava e quando era no outro turno estava lá dentro, perturbando os inspetores para deixarem jogar bola lá dentro. Havia toda uma atração da comunidade local pelos alunos da escola de menores.

Chegando ao final da entrevista, o professor e médico veterinário, disse que não conseguia ver nada negativo sobre a escola. Via apenas coisas boas. Asseverou que seus pais nunca lhe impuseram nenhuma restrição em ir jogar futebol na escola, pois além de ser a sua paixão, nunca correu nenhum risco em se deslocar para a escola. Disse que, inclusive, costumava ir de bicicleta com seus amigos, até mesmo à noite para a escola, pois na época não era perigoso.

Ao final da entrevista, pediu para deixar uma frase para os leitores dessa tese: “a escola de menores era uma escola de alegria, música, arte e futebol”.

5.3. Maria de Fátima Meneses do Vale

A professora Fátima Vale, ao ser convidada a participar da pesquisa sobre O ICM, ficou muito lisonjeada. Disse-nos que sempre quis uma oportunidade para registrar sua trajetória de vida e seu vínculo afetivo com a escola de menores.

Filha mais velha de Luiz Holanda do Vale e de Francisca Holanda do Vale. Sua família teve de enfrentar algumas privações porque, embora seu pai tivesse excelentes condições de vida, seu progenitor era viciado em bebidas alcoólicas e jogos de azar. Por conta disso, sua família perdeu tudo e obrigando-lhe a trabalhar muito cedo para ajudar em casa. Seu primeiro trabalho foi aos 13 anos de idade, na Escola José Mário Barbosa, no bairro Olho d'água, em Maranguape. As professoras dessa escola faziam doces gelados para ela vender e ajudar nos recursos dessa escola. Seu meio de transporte eram os carneiros dos meninos que estudavam no ICM. Ela montava nesses ovinos para poder chegar à casa dela. Sua infância não foi de muita brincadeira porque teve de assumir desde muito cedo a responsabilidade de ajudar seus pais na criação dos irmãos e no sustento da casa.

Em 1969, sua família foi morar ao lado do ICM. Essa mudança deveu-se ao fato de seu pai ser inspetor de educação no Colégio Estadual Tenente Mário Lima. Como não tinha casa própria, um dos inspetores do ICM ofereceu aos seus pais uma casa para eles morarem ao lado ICM. Nessa época, o diretor do ICM era o seu tio, Padre Vale. Com essa mudança, professora Fátima passou a brincar no pátio do ICM.

No início da entrevista, suas primeiras lembranças lhe remeteram à professora Margarida Alacoque, que lecionava em sala de aula ao lado de sua própria casa. Segundo a professora Fátima, essa acolhia todos os meninos daquela rua. E com o auxílio de outras professoras, fazia pipoca para todo mundo na hora em que os alunos estavam estudando lá. Pela manhã, a professora Fátima ia estudar e à tarde estava no ICM.

O ICM era uma extensão da nossa casa. Pela manhã, a gente ia para a aula e à tarde a gente ia para escola de menores. Eu posso dizer que a escola de menores era uma extensão da nossa casa. Não havia esse negócio de que era para os menores. Os nossos pais não viam esses meninos como sendo perigosos não. O pessoal inventou essa história de dizer que quando uma criança fazia alguma coisa de errado seria levado para a Escola do Santo Antônio do Buraco. Não havia nada disso, não. Os meninos não faziam medo a gente. Todo mundo daquela vizinhança em torno da escola foi criado com aqueles meninos. Podemos dizer que nós éramos uma família só.

Como o ICM ofertava apenas ensino primário, quando os meninos concluíam o 4º ano, era comum alguns deles irem estudar no Colégio Gustavo Barroso, fundada por padre Vale. Os

alunos da escola de menores estudavam gratuitamente naquela escola cenicista. Não pagavam nem mesmo o fardamento. A professora Fátima relatou que, nessa escola ginásial, ninguém tratava os meninos do ICM de modo diferente dos demais.

As moças eram todas doidas para namorar com eles. Na minha época era muito inocente, pois não havia essa classificação para diferença. A gente sentava junto; ajudava uns aos outros; brincávamos juntos. De modo que nossos pais não nos advertiam para a gente se afastar dos garotos. Coisa que hoje os pais fazem para não ter amizade com pessoas diferentes.

Professora Fátima quase sempre estava com os meninos da escola. Lembrou-se do “Itapipoca”, que foi aluno da escola e tornou-se motorista do ônibus que transportava os alunos do ICM para o Ginásio Gustavo Barroso. Esse motorista, acabou se casando com uma professora da escola, chamada Clotilde. Como professora Fátima também estudava naquele Ginásio, todos iam no ônibus conduzido pelo “Itapipoca”.

Era muito bom aquele tempo! Ficava todo o mundo esperando o “Itapipoca”. Todas as pessoas que ela via na rua, ele trazia também. Era um período que a gente respeitava muito as pessoas e não havia bagunça dentro do ônibus. Os meninos respeitavam muito o “Itapipoca” porque ele tinha aquela moral! Ele brincava com todos os meninos, mas não hora de falar sério, era sério! Na hora que ele entrava no ônibus, ele logo dizia como é que seriam as normas para o percurso.

Segundo a professora Fátima, alguns dos meninos do ICM quando chegaram ao Ginásio Gustavo Barroso, logo ingressavam na seleção de futebol de salão da escola e ajudavam a conquistar muitas medalhas e troféus para a escola cenicista. Esses meninos eram benquistos na sua nova escola. Não havia discriminação com ocorre hoje com pessoas que estudam em escola de recuperação de menores. Professora Fátima já presenciou, em certa ocasião, uma mãe não aceitar que sua filha se sentasse próximo de um menino que era de um abrigo. Isso, não acontecia com os meninos do ICM, garantiu professora Fátima. Mas, pelo contrário, havia uma integração de todos.

Esses meninos da escola de menores quando eles iam jogar fora, tinha a torcida organizada. Todos nós íamos para as cidades do interior. Padre Vale ia para todos os jogos dos garotos. Garante que o ICM marcou a infância de muita gente em Maracanaú. Não apenas a vida dos menores que estudaram internado.

A docente nos revelou que escola marcou a sua infância. Não é possível para ela se esquecer dos momentos que brincava no engenho onde se fazia rapadura e alfenim. Não dá para se olvidar das manhãs em costumava tomar banho no rio que passava por dentro da escola.

A professora Fátima disse que era um trabalho pedagógico muito bom o que era desenvolvido na escola. Isto porque os meninos estavam sempre ocupados, diferentemente dos jovens de hoje que não têm muitas oportunidades. Na sua opinião, o jovem de hoje deveria se ocupar mais, da mesma forma que os meninos do ICM. “Os meninos da escola de menores trabalhavam, viveram a vida! Apesar de muitos não terem mãe e pai”. Sobre a orfandade na escola, a professora Fátima contou a trajetória de um dos meninos que estudou no ICM quando já era administrada pela FEBEMCE, no início dos anos 1980.

Esse menino se chamava Tibério³⁸, que era do Rio grande do Norte. Sua mãe viajou de trem de Juazeiro com destino a Fortaleza. E ao longo da viagem, deixava um filho seu em cada estação que o trem parava. Pela manhã, o menino Tibério, com onze anos de idade, foi encontrado por Osmar, marido da professora Angélica, irmã do ex-prefeito de Maracanaú, Júlio César. Em seguida, levaram-no para o ICM. Conforme relatou da professora Fátima, Tibério era um menino muito inteligente e acabou se tornando um atleta de futsal. Aos 18 anos de idade teve de sair do ICM e, por isso, não teve mais onde morar. A educadora Fátima lhe deu aulas no Ginásio Gustavo Barroso. Disse que sempre conversava com ele sobre sua trajetória pessoal e que os garotos do ginásio gostavam muito por conta do drama de sua vida. Certo dia, ele se dirigiu à professora Fátima e disse que não poderia ficar mais na escola e que iria parar de jogar futebol. Então, houve uma mobilização em Maracanaú para ajudar esse menino. Ele ficava na casa de um ou na casa de outro. Então, a comunidade conseguiu dinheiro para ele procurar seus familiares no Rio Grande do Norte, mas não conseguiu localizar ninguém. Então, quando ele voltou para Maracanaú, voltou a morar nas casas de amigos. E, de repente, desapareceu. Anos depois voltou e encontrou a professora Fátima, a quem confessou que tinha feito tudo para não se perder. E não querendo mais morar nas casas de amigos e sem emprego, começou a morar com criminosos. Por conta dessas más companhias, foi preso.

A vida dele se acabou. O que eu tenho a dizer é que a partir da implantação da FEBEMCE não se conseguia mais corrigir os meninos. Recuperava-se nos tempos da escola de menores. Porque antes os meninos eram recuperados para voltar para a sociedade. Eles voltavam para a sociedade para serem verdadeiros homens, trabalhadores, donos de casa e empregado pelo Estado. Este assegurava tudo isso para eles. No entanto, hoje você vê uma porção de casa do menor formando bandido a cada dia que se passa.

A professora Fátima disse que sua história foi muito boa, pois foi marcada pelo ICM. Não poderia esquecer das vezes que ia assistir à banda de música, pelas manhãs nos coretos ou debaixo dos pés de pau-brasil da praça da estação de trem no centro de Maracanaú. Não poderia

³⁸ Usa-se aqui um codinome, pois não obtivemos autorização para mencionar seu nome original.

desmemoriar as apresentações dos menores nas quermesses de São José à tardinha na mesma praça onde ficava lotada para verem os infantes tocarem.

No entanto, havia alguns meninos que eram mais revoltados que outros. Mas, as professoras do ICM conseguiam educa-los. As próprias famílias dos funcionários ajudavam na educação dos meninos desses garotos. Segundo a professora Fátima, os garotos não sofriam discriminação pelas famílias. Eles assistiam televisão com seus filhos. Quem, na realidade, rotulava esses meninos eram seus próprios familiares quando traziam eles para correção.

Acerca do perfil dos meninos, muitas vezes as famílias traziam eles para o ICM porque não queria o filho indisciplinado dentro de casa. Normalmente não eram criminosos, apenas apresentavam comportamento indisciplinado em casa e os pais não suportavam. Frequentemente, os bambinos eram levados para a escola por conta de suas péssimas condições de pobreza ou mesmo porque queriam estudar e se profissionalizar.

Para a professora Fátima, o verdadeiro objetivo do ICM era transformar esses meninos em verdadeiros cidadãos e que, na sua percepção, de fato, a escola conseguiu atingir essa meta, pois eram poucos os alunos que não se tornavam cidadãos. Em oportuno, indagou-nos:

Hoje, eu lhe pergunto qual é a casa do menor em que o interno vai conseguir sair para o exército, como o senhor Macaíba, ex-aluno, que se aposentou pelo exército e construiu família? Primeiro, eles são hostilizados. A sociedade tem medo deles. Como exemplo, ontem eu estava fazendo matrícula de uma menina e a outra que estava com ela me perguntou se ela poderia estudar e eu disse: por que ela não poderia estudar? A menina respondeu: é que ela tem uma tornozeleira. Então eu disse: fale para ela que ela tem direito mais do que qualquer outra pessoa. Diga a ela que venha amanhã que eu farei a matrícula dela. O que eu quero lhe dizer com esse exemplo, é que se ninguém abrir as portas, como é que vai ficar?

Durante a entrevista, pediu para destacar que sua família é toda formada por professoras. Suas tias Mirtes Holanda, Maria José Holanda e Rita Holanda, que atualmente mora nos Estados Unidos da América. Todas trabalharam no ICM. Segundo nos relatou, essas suas tias nasceram para ser professoras. Disse não concordar com o fato de muitos professores hoje em dia quererem trabalhar apenas pensando nos vencimentos financeiros no final do mês. Lembrou-se da época em que foi diretora de uma escola de Maracanaú e encontrou um professor assediando sexualmente uma menina de 11 anos de idade.

Quero dizer que eu fiquei me sentindo muito mal com essa cena. E disse para esse ele: professor, se o senhor fizer isso de novo, eu não levo o caso para a secretaria de educação. Eu levo para a delegacia. Então você não faça isso. Quero dizer, você vai para a escola com um intuito desse! Em nossa época, o professor ia para dar aula para a gente, formar a gente. Se ele visse algum comportamento diferente, ele já intervinha. Para se ter uma ideia, a profissão

de psicólogo não era nem regulamentada porque já tinha psicólogo para a gente que eram os próprios professores.

Quando um dos menores do ICM apresentava um comportamento indisciplinado, as professoras, imediatamente, chamavam o diretor e era feita uma intervenção. Com isso, evitava-se um problema maior, declarou a professora Fátima. Segundo a docente, existia uma preocupação muito grande com a educação e formação dos menores. Essas professoras do ICM tem sido uma referência para sua vida profissional, pois ela presenciava a dedicação das tias com a educação dos menores da escola. Embora ela fosse muito pequena, o trabalho das tias serviu como referência para a sua prática docente ainda hoje.

Para ilustrar a influência das professoras do ICM na sua vida profissional, contou-nos que nunca media esforços para resgatar alunos com dificuldades de aprendizagem. Narrou que teve um aluno que se viciou em drogas. De família desestruturada, segundo a docente, o aluno faltava muito às aulas para usar drogas. E quando ela chegava em sala de aula, e não o encontrava, ela ia buscá-lo em lugar chamado mangueiral do caranguejo. Encontrando ele drogado, levava-o de volta para a escola, e lhe pedia para se deitar em um colchonete, uma vez que não conseguia nem estudar, de tão drogado que estava.

Certo dia, esse mesmo garoto praticou um roubo na escola onde a professora Fátima Vale trabalhava. Com a ajuda de um parceiro, aquele garoto conseguiu enganar o vigilante e conseguiu entrar na escola. Dias depois o parceiro de seu aluno ameaçou assassiná-la. Professora Fátima foi conversar com seu aluno e lhe informou que estava sendo ameaçada por seu parceiro. Seu aluno disse que não deixaria ela ser morta, pois ele mataria seu parceiro primeiro do que a professora Fátima.

Com medo dessa situação, foi à delegacia de Maracanaú registrar um Boletim de Ocorrência. O delegado lhe pediu que tivesse cuidado com aqueles criminosos, pois faziam parte de uma quadrilha muito perigosa que estava atuando em Maracanaú, e lhe orientou para que passasse três dias em casa sem sair com seus filhos. Dias depois, o bandido que lhe ameaçou foi encontrado morto e quadrilha foi deixado de atuar em Maracanaú.

A professora Fátima disse que sempre viu as professoras do ICM fazer o mesmo que ela. Ou seja, iam em busca dos meninos que eram mais difíceis de corrigir. Pegavam seus endereços e iam visita-los. Garantiu-nos que os meninos do ICM recebiam atenção especial. Eram muito bem cuidados.

A minha postura como professora de me preocupar em sala de aula e de não me limitar dentro das quatro paredes. Eu aprendi muito na escola de menores porque eu acompanhava o trabalho das professoras de lá. Eu achava aquilo muito bonito! Eu nunca ouvia alguma delas dizer que tivesse medo deles

porque eles eram perigosos. Eles eram tratados como pessoas que estavam ali para estudar. Eu cansei de ir e voltar a pé com eles. Era um bocado de alunos. Era tão bom. A gente passava pela ponte. Esses meninos eram como se fossem acompanhante da gente. Eles tinham cuidado com a gente. Eles foram educados para a vida.

Com relação à sua convivência com o padre Vale³⁹, tio e diretor do ICM, destacou que ele foi para ela como um segundo pai. Vivia mais com ele do que em sua própria casa. Acompanhou toda a trajetória de seu tio. Ele lhe ensinou muitas coisas desde os seus quatro anos de idade. Quando ela ia fazer suas provas e, tinha alguma dificuldade nas atividades, era ele quem lhe ajudava. Graças às suas aulas de português, aprendeu a escrever com facilidade. Segundo ela, padre Vale ajudou no desenvolvimento de Maracanaú em parceria com o governador do Ceará Paulo Sarasate⁴⁰, implantando o Centro Educacional Gustavo Barroso. Ajudou a federalizar o Hospital de Maracanaú para tratamento de tuberculose. E ainda colaborou na luta para a elétrica chegar ao Maracanaú. A inauguração da energia de Paulo Afonso em Maracanaú foi no ICM na década de 1960. Foi um dia de muita alegria. Padre Vale assumiu a direção do ICM depois do padre Giovanni Saboia, que indicou o seu nome porque eram muito amigos, como se fossem irmãos, segundo a professora Fátima Vale.

Imagem 44 – Fotografia de Padre José Holanda do Vale



Fonte: Blog José Holanda do Vale. Disponível em: <http://pehvale.blogspot.com.br/>
Acessado em 19 jan. 2018.

³⁹ Padre José Holanda do Vale – foi o primeiro vigário de Maracanaú. Foi diretor do Instituto Carneiro de Mendonça. Funcionário do Sanatório de Maracanaú onde desenvolveu a função de Capelão e assumiu outros encargos, como presidente da Cooperativa de Consumo dos Servidores. Liderou a terceira tentativa de emancipação do distrito de Maracanaú em 1962. Foi diretor da escola depois do padre Giovanni Saboia de Castro e indicado por este.

⁴⁰ Governou o Ceará entre 1955 e 1959.

Segundo a professora Fátima Vale, a gestão do padre Vale era bem diferente dos outros gestores da escola, especialmente em relação à do padre Paixão, que segundo ela, era um religioso muito rigoroso. Padre Vale era diferente, ele gostava mais do diálogo. Quando um menino, às vezes, queria fugir para ir à festa ou para beber, o padre Vale chegava a pular o muro da festa para levar de volta o menino para a escola.

Eu me lembro que às vezes padre Vale estava dormindo e quando sabia que tinha algum dos menores em uma festa e ele se levantava, vestia roupa, vestia a batina e ir buscar o menino, ou seja, ele era pai. Ele entrava nos dormitórios dos meninos e conversava com todos eles. Ele tinha aquela conversa próxima com os menores. E os meninos gostavam muito dele. Ele era rígido quando era preciso, mas ele era muito carismático.

Segundo a professora Fátima houve uma grande festa no ICM quando padre Vale assumiu a direção da escola. Quem veio lhe empossar no cargo foi o próprio Governador Virgílio Távora⁴¹. Toda a família Vale esteve presente nessa posse. Foi um período, segundo a professora Fátima, de muitas dificuldades financeiras. A escola começou a vivenciar uma situação complicada, pois os meninos maiores de idade não podiam mais ficar na escola. Ainda segundo a educadora, começaram se fechar as oficinas da escola, como a alfaiataria, carpintaria, dentre outras atividades.

A escola foi se acabando. A escola estava sobrevivendo de doações conseguidas por padre Vale. Transferido por dom José de Medeiros Delgado, Padre Vale teve de deixar a paróquia de Maracanaú para o trabalho sacerdotal em Itapipoca. Segundo sua sobrinha, entrevistada nessa tese, Padre Vale sentiu muito esse desligamento da escola. Em seu lugar assumiu o Coronel Façanha, do Exército, que foi o diretor do ICM, antes da implantação da FEBEMCE.

Padre Vale ficou muito sentido porque ele sabia que se a escola não estivesse nas mãos de alguém com experiência, as coisas iam se acabar. E com esse novo diretor, com pouca experiência com educação, pois era um militar, a escola foi se acabando; as coisas da escola foram se desativando.

Com a implantação da FEBEMCE, professora Fátima passou a lecionar para os alunos do segundo ano primário, que tinham sido detidos lá. Segundo suas lembranças, as mudanças foram drásticas, uma vez que os meninos agora eram mantidos presos. Devido a isso, perdiam muitas aulas. Certo dia, levou seu filho para conhecer a realidade da nova escola, mudou tudo na escola. Os meninos eram presos e por conta disso, muitos faltavam à aula. Chegou a ter

⁴¹ Virgílio de Moraes Fernandes Távora governou o Ceará de 1963 a 1966.

vários desentendimentos com a nova gestão do ICM, agora FEBEMCE. Ela relatou que não concordava com a forma de tratamento dos meninos pelos funcionários. Inclusive contou-nos que o novo diretor deu um bofetão no rosto de um dos alunos que era usuário de drogas.

O diretor e o monitor maltratavam os menores como hoje se tratam os menores nos abrigos. A FEBEMCE não assistia os menores nesse período. Começou a castigá-los e a fazer discriminação entre os menores; começou a surgir droga entre os menores; E todas as professoras eram revoltadas com isso. Mas a gente não podia fazer nada porque o diretor era indicado pelo governador. Tudo era indicação política. Eu era quem ainda falava, dizia alguma coisa. Até que um dia ele disse se estivesse insatisfeita, pedisse para sair, pois se ele me devolvesse, ele responderia inquérito administrativo. E eu mesma pedi para sair da escola porque eu não aguentei mais.

Assim, as pessoas passaram a ter medo dos menores que vinham para FEBEMCE. Segundo a professora Fátima, eles vinham com distúrbios de comportamento. Os trabalhos de correção que antes funcionavam no ICM, já não funcionavam mais. Não houve mais um trabalho de reabilitação, mas de punição. Daí o aumento da revolta dos meninos aprisionados. Agora havia uma separação entre a escola e a comunidade. Os meninos da FEBEMCE tinham raiva dos meninos da comunidade, chegando a atalaiar os garotos da vizinhança para bater. Quando eram chamados para conversar sobre suas zangas, insurgiam-se contra a direção, funcionários, professores e outros alunos.

A educadora Fátima ainda relatou um fato que lhe deixou muito chateada. Ao perguntar a um dos monitores sobre o porquê de um dos seus alunos não ter ido à sua aula, teve como resposta que ele estava preso como um criminoso. Questionando essa ação, ameaçou denunciar o monitor da FEBEMCE. Não lhe dando atenção, o monitor redarguiu dizendo que não tinha medo de ameaças e que ela fizesse como quisesse. Esse episódio serviu como rastilho para solicitação voluntária de transferência da docente.

Com semblante nostálgico, a professora afirmou que quando se encontra com suas amigas, que trabalharam na FEBEMCE, diz:

A nossa safra se acabou! Porque eu me lembro que a gente tinha um armário em que a gente tinha toalha, tesoura; a gente tinha sabonete para piolho. E quando era na sexta a gente ia com uma roupinha; a gente vestia; tirava o sapato; sentava; botava a filinha dos meninos; dava banho; lavava o cabelo; cortava as unhas. A gente fazia isso! Quem é o professor hoje que faz isso? E a gente fazia isso em todas as escolas em que nós passamos. A gente ainda fazia isso, inclusive na FEBEMCE. A gente era mãe. Além de ser mãe era professora desses meninos. Nós professoras trabalhávamos como uma família. Todo mundo se ajudava. Quando uma professora faltava a outra ficava na sala da colega para que ele não levasse falta. Coisa que hoje não existe mais essa parceria. Hoje se uma professora faltar na escola logo outro colega de trabalho estará denunciando o outro que faltou. Olhando o livro de ponto. Vendo como está a assinatura dos professores no livro de ponto. Hoje mudou tudo!

Segundo a professora Fátima, os funcionários da escola de menores eram vistos como uma autoridade. Hoje muitos não valorizam a sua profissão. Mencionou que o senhor Marcelino, inspetor de aluno do ICM, tinha orgulho de trabalhar com os menores. O porteiro tinha orgulho de trabalhar naquela escola. Quando era perguntado a qualquer um dos trabalhadores do ICM, onde eles trabalhavam, respondiam com orgulho que trabalhavam na escola de menores. “Era como se fosse uma honra trabalhar na escola de menores”, declarou a docente. Além disso, quando tinha reunião com os professores, “os funcionários também participavam. Não existia esse negócio de reunião em separado como é hoje”.

Para a professora Fátima, a escola deixou um legado para o município de Maracanaú, visto que trouxe alegria para a cidade com sua banda de música; nos desfiles cívicos de sete de setembro, a escola desfilava com seus carneiros com suas lãs escovados pelos garotos. Asseverou que se perguntássemos para qualquer pessoa em Maracanaú sobre os meninos da escola, surpreenderíamos com a resposta. Eram meninos educados e bem-comportados.

O que justificava o sucesso da escola, na percepção da docente, era a falta de ócio na escola. Com tantas atividades na escola, os meninos já iam dormir cansados. Além disso, eles mesmos escolhiam suas atividades preferidas e, portanto, funcionava o sistema educacional do ICM.

Ainda falando do legado da escola, disse-nos que a escola ajudou a comunidade local pois todos os moradores que viviam ali eram funcionários da escola. Cada um ganhou uma casa do Estado para morar. Além disso, alguns moradores da comunidade também estudavam com os menores.

Finalizou sua narrativa com o seguinte registro:

Eu vi eles trabalhando nos galpões. A gente ia para o engenho. A gente puxava o alfenim. Acabaram tudo. Quando a gente se reúne ainda hoje, a gente tem muita saudade do tempo bom que não volta mais. Hoje se desenvolveu muito. O progresso tem o seu preço. O progresso de Maracanaú acabou com tudo. Acabaram com tudo. Em Maracanaú destruíram tudo. Na minha opinião, esses galpões da escola de menores eram para ter sido aproveitado. Aquela escola atual do estado que funciona ao lado era para os alunos aproveitarem o antigo espaço para sua profissionalização. Mas, hoje o menor não pode fazer mais nada. Mas, pode matar, roubar, que não acontece nada com ele. A escola de menores existia para não deixar que aquelas crianças se transformassem em bandidos. Hoje botam nos abrigos de menores já sendo bandidos.

5.4. Professora Maria Amélia Gadelha

A professora Maria Amélia é uma das educadoras pioneiras no bairro Olho d'Água, bairro vizinho do Horto Florestal, onde estava situada o ICM, que se correspondia com a direção da escola. Fundadora e diretora da Escola José Mário Barbosa, professora Amélia mantinha

uma parceria com o diretor do ICM, padre Vale. Ela ensinava o catecismo aos meninos do ICM e padre Vale ia celebrar missas e a eucaristia para os meninos da escola José Mário Barbosa. Ambos cultivavam uma grande amizade.

A professora Amélia iniciou um curso pelo Estado do Ceará para lecionar como professora leiga. Ao mesmo tempo sendo diretora da escola que fundou, costumava receber merenda escolar em Fortaleza, no bairro São Gerardo. As dificuldades para levar essa merenda para o Maracanaú eram grandes, visto que a escola não possuía transporte próprio. Obrigava-se a pegar um táxi ou trazer as provisões nas gavetas dos ônibus. Apiedando-se das dificuldades financeiras e de alimentação porque passava a escola de menores em meados da década de 1960, professora Amélia sugeriu ao padre Vale, então diretor do ICM, para trazer merenda para os menores, que segundo a educadora, nesse tempo passava de 700 alunos internados. A princípio, padre Vale titubeou, dizendo que não sabia ao certo se a ideia seria boa e que não estava com tempo para essa ação. A insistência da professora devia-se ao fato do ICM possuir um caminhão e, se padre Vale tivesse interesse em buscar os alimentos, poderia ajudá-la. Além disso, professora Amélia não achava justo trazer merenda apenas para seus alunos do Maranguape e os alunos do ICM não terem o que comer. Uma mão lavaria a outra.

Professora Amélia lamentou que a escola tenha fechado e tenha sido enfeitada pela política educacional do governo do Estado. Segundo ela, a comunidade local sentiu muito o encerramento das atividades com os menores. Além do mais, a escola foi saqueada por vândalos e ladrões, que levavam as máquinas e móveis da escola. Lamuria-se pelo fato do governo estadual sequer ter contratado vigilantes para preservar o patrimônio da escola.

Com o fechamento da escola, parte da comunidade local também ficou desempregada, pois o ICM empregava muitas pessoas da vizinhança no engenho, no sítio e nas oficinas da escola. Alunos da comunidade perdera a oportunidade de estudar próximo de casa, uma vez que o ICM também atendia garotos da comunidade local. Muitas professoras de outras cidades tiveram de pedir remanejamento para outras escolas.

De acordo com a opinião da professora Amélia, a escola deixou um legado imenso para a coletividade local, pois mesmo depois de fechada, cada funcionário teve direito de ficar com suas casas. Segundo a professora Amélia, a maioria dessas casas não foram vendidas. Lembrou-se de seu vizinho, “Compadre Chico”, que foi funcionário da escola, com sua morte, os oito filhos herdeiros, construíram suas casas nos terrenos e vivem ainda hoje com suas famílias.

A professora também comentou sobre as mudanças com a implantação da FEBEMCE no ICM. Houve, segundo ela, uma mudança abrupta. A escola perdera aquele vínculo com a comunidade. Os funcionários eram todos de Fortaleza. E a população local passou a ter medo dos menores que vinham estudar na FEBEMCE.

Começamos a ter medo porque vinham meninos ruins, delinquentes. Diferente dos meninos do Carneiro de Mendonça, que eram mais órfãos e de rua. Mas com o funcionamento da FEBEMCE, chegavam alguns meninos que cometiam crimes pelo interior e o povo da comunidade não ficou nada satisfeito porque já se sabia que os meninos da FEBEMCE não era coisa boa. Houve uma certa rejeição desses meninos pela comunidade. Mas, eu mesma nunca sofri nada desses meninos.

Em sua breve narrativa, a docente disse que ao pensar no ICM emerge um sentimento de tristeza, pois quando ver o 14º Batalhão da Polícia, que segundo ela não serve para nada na comunidade local, ela fica muito triste. É uma instituição do Estado que não influi e nem contribui para o desenvolvimento local do bairro. Acha um absurdo que o ICM tenha sido ocupado pela polícia e que ninguém mais pensou em instalar uma escola que volte a beneficiar a comunidade.

Asseverando que a escola não era fechada em torno dela mesmo, lembrou-se das missas que toda a comunidade participava, assim como das quermesses. Mas, não apenas essa relação religiosa. Ela mesma já estudou nos espaços do ICM, quando fez um curso para ser professora leiga em 1967. No entanto, guarda até hoje um sentimento negativo em relação ao diretor da escola padre Vale. Pois sendo professora de Maranguape com um péssimo salário, chegou a pedir ao padre uma oportunidade para lecionar no ICM. Mas, segundo ela, o sacerdote não lhe concedeu essa oportunidade. Sobre esse episódio, narrou o seguinte:

O irmão de padre Vale veio na minha casa e me disse que seria ofertado um curso para professoras no ICM. – Maria Amélia, tá chegando gente de todo canto. Vai ter um curso para professores. Então, eu fui bater na escola de menores e procurei o padre Vale disse para ele: -padre Vale, como é que o senhor faz uma coisa dessa comigo? O senhor sabendo que eu tenho poucos recursos, apenas esse empreguinho da Prefeitura de Maranguape. Vai haver um curso para aperfeiçoar professores leigos. Era-se os tempos do governador Virgílio Távora, que dizia que ele não assinava um contrato para professora leiga nem que a mão dele secasse. Compadecendo-se de mim, disse que ia falar com sua irmã Mirtes Holanda, a coordenadora do curso, para conseguir uma vaga para mim. Assim, eu consegui fazer o curso pedagógico de cinco meses na escola de menores.

Por ser um curso de tempo integral, estudava até o turno da noite, concluindo as atividades para serem entregues no outro dia. O ICM acolheu bem as cursistas e servindo-lhes almoço e jantar. Muito dinâmico, padre Vale dava palestra e aulas de português para as futuras

professoras. Segundo a docente, era um tempo muito divertido em que suas colegas arranjavam namorados do centro de Maracanaú, que vinham tocar violão na escola. Ao concluir o curso, já estava com o contrato de professora do Estado, com um salário muito baixo. Recebia pagamento uma ou duas vezes por ano. Segundo a professora Amélia, conseguia viver como professora graças à ajuda de seu pai e ao emprego da Prefeitura de Maranguape.

Na versão da professora Maria Amélia, o padre Vale saiu do ICM por causa de um relacionamento amoroso com uma das empregadas domésticas que seus familiares convidaram para lhe ajudar, logo que assumiu a direção da escola. Era uma empregada mais velha e outra jovem. Mas ninguém comentava nada na comunidade local. Segundo a professora Amélia, somente ela sabia os segredos de padre Vale. “Ele era santo para todo o mundo!” Segundo relatou a professora Maria Amélia, o primeiro vigário de Maracanaú, padre Vale, tentou fugir desse relacionamento várias vezes. Foi embora para o Maranhão e para outros Estados, mas a jovem sempre lhe perseguia fazendo ameaças de abrir a boca e contar tudo para as pessoas. Acabou se relacionando com a mais jovem, com quem acabou se casando e tendo uma filha, quando saiu do ICM.

Abaixo vemos onde morou padre Vale, ao lado do Instituto Carneiro de Mendonça e de outras residências de ex-funcionários da escola, ocupada atualmente por irmãs da Congregação de Santa Elizabeth.

Imagem 45 – Ao fundo, casa onde morou Pe. José Holanda do Vale



Fonte: Roberto da Silva Júnior.

A convite do vigário, costumava fazer a prestação de contas da merenda da escola, pois Padre Vale considerava uma atividade muito difícil. Além disso, o diretor lhe pedia para preparar o cardápio da escola, que dispunha do “leite do padre”, da aveia, açúcar, arroz, dentre outros alimentos.

Eu tinha de inventar da minha cabeça o cardápio todinho para prestar conta daquela merenda. Eu vinha para a escola de menores, ficando às vezes, até o jantar, outras vezes até onze ou doze horas da noite. Quando eu terminava o trabalho, ele mandava o motorista me deixar em casa em um jipinho que ele tinha. Era uma prestação muito cansativa, pois era toda feita à mão. Sorte que eu já tinha prática de fazer a prestação da merenda da minha escola. Apesar de ser pouco, mas o modelo era o mesmo para fazer o cardápio. Eu aproveitava o modelo da Prefeitura de Maranguape para mim e para a escola de menores.

Ainda sobre esse trabalho voluntário no ICM, a educadora disse que nesse tempo eram pouco mais de setecentos alunos, mas padre Vale registrava sempre a mais na rua Pereira Filgueiras em Fortaleza porque ele queria que tivesse sobras para os meninos do ICM.

5.5. José Wellington Nogueira de Lima

O jogador aposentado de futebol, José Wellington, sempre foi aficionado por futebol. Na época em que morava vizinho à escola com seus pais, acordava antes das cinco horas da manhã para as peladas com os menores do ICM. Relatou-nos que o seu interesse por futebol venho do convívio e da influência daqueles garotos. A convivência na escola fê-lo aprender a gostar de futebol. Devido a esse envolvimento com os garotos da escola, o ex-futebolista nos disse que sua infância fora excelente, tendo sido um dos momentos mais felizes da sua vida. Ele e seus irmãos eram muito benquistos na escola porque seu pai, que era enfermeiro da escola, era muito querido pela comunidade e pelos alunos do ICM. Além disso, devido à sua destreza com a bola, as pessoas lhe admiravam bastante. Por isso, mesmo sem ser aluno, davam-lhe o direito de jogar como meia-direita do time da escola.

A gente jogava de 4h às 5h30. Nessa hora, os meninos iam tomar banho e café no ICM enquanto eu ia para me arrumar para ir à aula no Liceu de Fortaleza, onde estudava. Pegava o trem nessa época às 6h30 na estação do centro de Maracanaú. Eu ia de bicicleta. Eu deixava a bicicleta na casa de um colega. Meu pai permitia que eu jogasse futebol, mas, minha mãe não permitia e não gostava que a gente jogasse. Mamãe reclamava porque eu tinha de me aprontar para o colégio. Às vezes não deixava eu ir, mas eu desobedecia.

Segundo o futebolista, sua convivência com os meninos era excelente. Conseguiu construir grandes amizades com muitos deles. Nunca teve medo ou receio desses meninos

mesmo sabendo que alguns eram perigosos e de rua. Assim, havia uma convivência intensa e frequente entre ele e os meninos do ICM, ao ponto de esses irem tomar café em sua casa e ele, por seu turno, ia almoçar no refeitório da escola.

As peladas eram de pés descalços e com uma bola ainda de pito. Mas isso não os impediu de participar de várias competições, defendendo a esquadra de futebol do ICM, especialmente aos domingos. De acordo com o ex-jogador, pagava-se ao Quintino para ele agendar os jogos com equipes de Fortaleza. Havia dois times da escola, chamados de primeiro e segundo quadros. Segundo o senhor José Wellington, eram dois times muito bons com jogadores excelentes. A escolha desses jogadores acontecia na hora das peladas. Era o próprio treinador do time, senhor Marcelino, quem escolhia os melhores, após acompanhar as peladas ou quando alguém indicava um garoto que se destacava. Como havia muitos meninos no ICM, o treinador time poderia formar até mais de dois times, declarou o senhor José Wellington.

Na opinião de José Wellington, o senhor Marcelino era um excelente treinador. O time principal era treinado duas vezes por semana à tarde. O treino era sem chuteira. Treinava-se algumas jogadas. Se os jogadores errassem, senhor Marcelino parava e pedia para repetir. Era um treinador exigente que colocava o time do ICM para jogar no esquema 4 – 2 – 4. Especificando, quatro no ataque, sendo um ponta-direita e outro ponta-esquerda; dois no meio de campo e quatro da defesa. Depois do treino, os atletas tomavam suco. “A gente era muito bem tratado. Tão bem tratado igual ao Pelé”, disse José Wellington.

Imagem 46 – Inspetor e treinado Marcelino Alves com alunos do ICM



Fonte: Arquivo pessoal da professora Dulce Almeida. Em pé, o senhor Marcelino é o primeiro da esquerda para a direita.

Como José Wellington era um excelente jogador, recebia muitos convites para deixar a esquadra de futebol do ICM para jogar em outros times, como Boa Vista, Coqueiral, seleção de Maracanaú, dentre outros. O futebolista teve várias oportunidades de sair do time do ICM, mas, sempre quis ficar. Com suas próprias palavras:

Eu nunca quis sair! Eu sempre quis jogar pelo time da escola de menores. Eu até experimentei jogar alguns vezes defendendo outros times de Maracanaú, mas foi na escola de menores que eu quis ficar. Meus pais trabalhavam na escola de menores, era aqui que eu queria ficar. Eu me senti bem eu jogar com eles porque eu convivia com eles. O meu dia inteiro era com eles. A minha professora de reforço minha era a mesma professora da escola de menores. Eu me via como um deles, eu não vi nenhuma diferença entre mim e eles.

Havia uma grande rivalidade entre os times do Boa Vista, Maracanaú e Escola de Menores. Ninguém queria perder. O campo de futebol onde eles jogavam, segundo José Wellington, era péssimo e sem gramado. Com tanto cocô de vaca espelhado pelo campo, obrigava os jogadores a fazerem uma limpeza do espaço antes de começar o jogo.

Relatando sobre a educação que presenciou na escola, considerou um ensino muito positivo, visto que muitos saíam da escola para os melhores empregos da época, qual seja os das forças armadas. E da polícia. Comentou que tem amizade ainda hoje com coronéis da polícia que estudaram na escola.

Naquele tempo o ensino da escola era espetacular. Nem todos os meninos eram corrigidos, mas a maioria era corrigido. Eu tive um amigo na escola que saía da escola, foi para a cadeia e depois que saiu da cadeia mataram ele. Estevão⁴², meio de campo. Era um rapazinho que não tinha jeito. A gente fazia tudo por ele, mas em vão. A natureza dele era perversa. Eu joguei com ele aqui na escola. Ele pegava ferro quente e queria queimar os outros meninos. Mas, saía muita gente boa aqui da escola, que foi corrigido.

Eram comuns os jogos amistosos pelo interior do Ceará, como, por exemplo, Aquiraz, Pacatuba, Baturité. Em uma das viagens para essa última cidade, José Wellington lembrou de um acidente envolvendo o ônibus da escola durante o retorno para Maracanaú. Com excesso de velocidade, o motorista “Itapipoca” perdeu o controle do veículo, que já era velho e com pouco estabilidade. O acidente aconteceu no município de Pacatuba, a poucos quilômetros da escola, com muitos feridos, mas sem fatalidades.

O enfermeiro da escola, pai de José Wellington, estava presente. Era um torcedor aficionado pelo time da escola e não reprovava a ideia do filho de ser jogador profissional. No entanto, sua mãe, nunca concordava com a escolha do filho em ser jogador de futebol e, por

⁴² Usou-se aqui um codinome para preservar a identidade da pessoa.

isso, nunca foi assistir aos jogos do filho. Somente quando seu filho se tornou jogador profissional, aos dezesseis anos de idade, com carteira assinada pela Confederação Brasileira de Futebol, é que sua mãe aceitou a profissão do filho.

O seu primeiro clube, em que jogou como jogador profissional, foi o Ferroviário. Foi um ex-jogador e comerciante de Maracanaú, Helder Guimarães, quem lhe convidou para fazer teste naquele time na Vila Manoel Sátiro em Fortaleza. Sua sorte é que estava faltando jogadores e, portanto, foram aproveitados por aquele clube. Segundo o ex-jogador, esse foi um dos episódios mais felizes da sua vida. O outro foi sua experiência como jogador do time do ICM.

Eu me aposentei como jogador de futebol. Foi um período no Ferroviário Futebol Clube. E quando eu vinha para Maracanaú, meus amigos me ovacionavam. Vibravam comigo. Apesar de eu estar jogando no Ferroviário eu nunca sai da Escola de Menores. Continuei morando com meus pais. Eu joguei durante oito anos no Ferroviário. Fui campeão cearense jogando pelo Ferroviário.

Imagem 47 – fotografia do time do Ferroviário Atlético Clube. 28 de maio de 1961, no PV, tirada antes de uma partida do Ferroviário contra o Usina Ceará.



Fonte: Almanaque do Ferrão. Disponível em: <https://almanaquedoferrao.net/2015/05/>
Acessado em: 05 de janeiro de 2018.

Saindo do Ferroviário, José Wellington foi contratado, com o pagamento de uma motocicleta de modelo Vespa, para jogar no Ceará Sporting Club nos anos 1970. Nessa época o jogador de futebol ganhava pouco dinheiro. Do time alvinegro, partiu para o Recife para

defender o Santa Cruz Futebol Clube. No entanto, apesar das viagens profissionais, nunca deixou de morar no ICM.

Eu também gostava de uma menina aqui no Maracanaú e essa menina não deixou eu sossegado em Recife. Eu passei pouco tempo em Recife. Ela mandava bilhetes com beijo de batom e pedindo que eu voltasse. Então, voltei. Então, com pouco tempo o treinador do Santa Cruz me levou para o Vitória da Bahia. E não tive como deixar e a menina e voltei de novo.

Estando novamente em terras cearenses, foi jogar novamente no Ferroviário já com trinta anos de idade. Aos trinta e dois anos de idade, encerrou sua carreira futebolística no time da Polícia Militar, na Associação Esportiva Tiradentes. Segundo o atleta, esses últimos momentos foram horríveis porque sentia muita falta das amizades que tinha construído no futebol.

Eu saí de uma vida boa para ser agora um empregado da Prefeitura de Maracanaú. Eu nunca consegui estudar porque estava sempre envolvido com o futebol. No entanto, eu me considero uma pessoa realizada no futebol. Eu deveria ter ido mais longe. Mas eu primeiro conheci essa menina e ela me prejudicou muito para eu avançar na minha carreira. Segundo, porque eu desloquei um ombro e tive de parar de jogar. Eu quebrei a clavícula. Então fui trabalhar em construtoras como auxiliar de almoxarifado. Eu fiz alguns cursos no SENAI logo que deixei o futebol. Fiz o curso de almoxarifado e me indicaram para as construtoras. Eu viajei para o Acre, Maranhão, Recife, Minas Gerais, Natal pela construtora. Depois eu parei e fui para a Prefeitura como agente administrativo onde me aposentei.

Mesmo não tendo estudado no ICM, o interlocutor disse que, além de ter aprendido jogar futebol nessa escola, aprendeu também valores que ainda marcam sua vida, como a amizade e o respeito. E acrescentou em sua narrativa:

Eu não saía para nenhum lugar. Eu vivi o tempo todo dentro da escola de menores. Saíndo apenas para ir para o Liceu em Fortaleza. Eu ouvia os ensinamentos inspetores e dos diretores. Eu ouvia, gostava e aprendia o que os meninos estavam aprendendo. Eles ficam todos em forma, e eu ficava de lado ouvindo as instruções. Talvez se eu não tivesse morado na escola de menores, eu teria estudado mais e me dedicado mais aos estudos e não teria sido um jogador de futebol.

José Wellington relatou que se considera uma pessoa realizada, pois tudo o que ele aprendeu na vida, aprendeu na escola de menores. Segundo contou, as amizades que fez na escola, era amizades verdadeiras. Com suas próprias palavras:

Na escola de menores eu tinha verdadeiras amizades. Era um privilégio poder passar uma tarde conversando com eles. Na escola de menores tudo era juntinho. As famílias eram todas unidas morando dentro da escola de menores. As famílias se reuniam para fazer churrasco. Dentro da escola a gente não

tomar uma cervejinha, mas as famílias dos funcionários se reuniam sempre para alguma comemoração.

Suas lembranças alegres se remetem aos tempos de convívio na escola. Quando tinha por volta de quinze anos de idade, lembra-se que fez o gol da vitória pelo time do ICM. Graças a esse gol, recebeu um troféu, que guarda com orgulho até hoje. Segundo José Wellington, essa foi a sua maior alegria durante sua infância e adolescência, pois, afinal, nunca tivera visto ou recebido um troféu como aquele.

Não tem recordação de nenhum momento triste na escola, por mais que se esforce. Garante que guarda na memória apenas lembranças positivas do ICM, apesar de se lembrar dos diretores que não apoiaram o futebol da escola, como Dr. Gilson Leite Gondim e General Façanha. Ambos não gostavam de futebol. Foi um dos momentos mais difíceis para o time do ICM, segundo o ex-futebolista. Devido à falta de apoio daqueles diretores, o time quase se desfez. Eles tiveram de fazer cotas para comprar uniformes, bolas, chuteiras para o time continuar jogando. Até bingos chegaram a fazer. Ficaram sem treinar. Mas mesmo assim o time não caiu e continuou jogando.

Apesar de José Wellington ter sido o único da escola de menores que conseguiu se tornar a jogar profissional, assegura que muitos meninos tinham talento para se jogadores profissionais de futebol. Faltaram-lhes melhores condições financeiras para pagar transporte até a capital cearense, onde está a maioria dos clubes de futebol. Além disso, revelou que alguns meninos que jogavam com ele, fumavam e bebiam às escondidas, sem os inspetores saberem. Mesmo assim, Wellington fez questão de dizer que os meninos não eram transgressores e tinham responsabilidade nos treinamentos. O que acontecia era uma má fama dos meninos porque estudavam no ICM. Garante que eram meninos bons.

Quando seus pais faleceram, José Wellington e seus dois irmãos, José Wilson e Winston, que eram casados, continuou morando na casa ao lado da escola até os seus cinquenta anos de idade. Mesmo casado com uma ex-professora do ICM, Iolanda Clementino de Sousa, José Wellington continuou morando na casa dos pais ao lado do ICM. Somente após a morte da esposa, é que se muda para o bairro Alto da Mangueira, onde mora até hoje. Apesar da mudança de residência, mantém vínculo com o bairro da escola até os dias de hoje, visto que fundou e administra um campo *society* de futebol.

Imagem 48 – *Society* Horto Florestal – Visão frontal



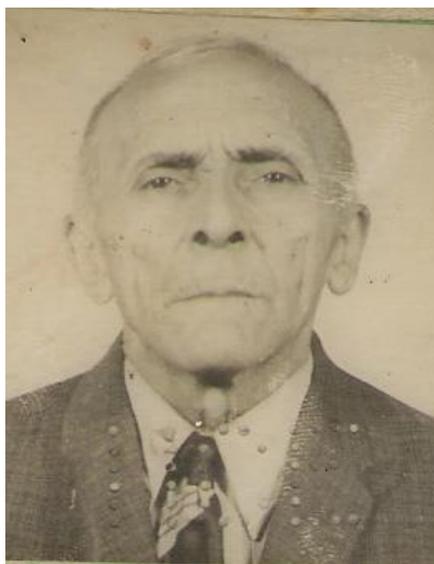
Fonte: Roberto da Silva Júnior

6 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DA ESCOLA

6.1 Elizete Alves Almeida

A professora Elizete Alexandre de Lima chegou ao bairro do Horto Florestal com três anos de idade, pois seu pai, Miguel Alexandre de Lima, veio de Cascavel-CE para trabalhar no Instituto Carneiro de Mendonça. Segundo a educadora Elizete, “era um homem muito inteligente e passou em primeiro lugar na seleção para trabalhar nessa escola”. Seu pai conseguiu destaque na escola. Quando as autoridades iam visitar o ICM, como por exemplo, o governador, era seu pai quem preparava o discurso. “Era ele quem discursava. O diretor confiava nele para falar nos dias de festa”.

Imagem 49 - Miguel Alexandre de Lima



Fonte: Arquivo pessoal de Dulce Almeida

Seu pai era professor de campo do ICM. Certo dia, em um dia chuvoso, com um cipó na mão, exigiu que todos os meninos voltassem do campo nus. Segundo a professora Elizete, esse fato ficou na história da escola. Era uma mania do seu pai de trabalhar com os garotos dessa maneira. Os alunos que não arrancassem o capim direito levavam surra de cipó nas pernas e voltavam nus do campo. No entanto, segundo a professora Elizete, seu pai era muito querido pelos alunos, pois era cordelista e costumava formar rodas de conversas para contar piadas para seus alunos enquanto estes descansavam nos intervalos de trabalho no campo. Chegou a fazer um cordel sobre o ICM, que posteriormente foi divulgado na 10ª região militar de Fortaleza.

No entanto, segundo a professora Elizete, seu pai não gostava de contar jocosidades em casa. Era um home sério e rígido em casa.

Lembrando-se do engenho da escola com o boi para rodar o volante de moer cana-de-açúcar, disse que seu pai, por ser funcionário da escola, tinha direito aos produtos do engenho da escola, como, por exemplo, a garapa, a rapadura. Esses produtos eram para os meninos da escola, mas os funcionários tinham direito também.

Logo que chegou ao Horto Florestal com sua família, foi internada no Colégio Santa Rita, em Maranguape, para ser preparada para a vida eclesiástica, como freira. No entanto, não ficou muito tempo. Aos dez anos de idade, saiu do internato de freira para estudar no ICM onde teve como primeira professora Nícia Façanha. Foi o padre Paixão quem teve a iniciativa de colocar os filhos dos funcionários para estudar junto com os menores do ICM.

Recordando da infância, professora Elizete lembra-se que chegaram 18 professoras do Crato e de Juazeiro para lecionar no ICM. Em seguida, o diretor da época fez uma casa para as professoras onde os meninos receberiam suas lições diárias. Entre as neófitas docentes que chegaram, professora Elizete deu destaque ao trabalho da professora Terezinha Lavor. Sendo uma das mais novas, os meninos gostavam muito dela.

Com a integração, segundo a professora Elizete, foi muito bem recebida pelos menores. Reiterou esse convívio inicial com os meninos dizendo que:

Os meninos respeitavam muito os filhos dos funcionários. Eles tinham grande consideração por nós, filhos de funcionários. Nunca houve um caso de confusão envolvendo a gente e os meninos. A gente se sentia era feliz estudando junto com eles. A gente se comportava tão bem quando estava sentada com os meninos. Eu me sentia feliz. Eu gostei mais do ICM do internato de freiras. Eu achava tão estranha a escola das freiras que me sentia desambientada.

Após concluir o 5º ano Primário, padre Paixão, vendo o grau de responsabilidade da jovem, convidou-lhe, com apenas quatorze anos de idade, para lecionar no ICM. Ensinou os meninos durante muitos anos até ser, de fato, nomeada como professora efetiva do Estado. Ao longo do tempo, muitas professoras perderam seus empregos no ICM porque tinham apenas o 5º ano primário. No entanto, professora Elizete não perdeu o emprego porque padre Paixão tinha muita afeição por ela. Desse modo, não deixava ninguém mexer com seu emprego. Além disso, os alunos gostavam muito de suas lições, conforme relata a própria educadora:

Eu comecei a ensinar com 14 anos de idade, quase a mesma idade dos meninos que eu ensinava. Eu dominava os meninos na sala de aula. Eles gostavam da minha aula. Eu tinha didática para ensinar. Eu explicava muito bem. Os meninos não bagunçavam na minha sala de aula, apesar de serem em torno de 45 meninos.

Em certa ocasião, padre Paixão disse-lhe que os meninos da escola que tirassem o primeiro lugar iriam ganhar prêmios. Segundo professora Elizete, sua sala de aula tinha oito meninos muito inteligentes. Todos com condições de ganhar o prêmio. Nessa época, todas as provas, feitas em papel almaço, quando corrigidas pela professora, deveriam ser checadas pelo padre Paixão. Depois de ter aplicado as provas, levou-as para a correção do padre, que logo verificou que na sala da professora Elizete havia oito primeiros lugares. Admirando-se das notas dos garotos, exclamou: – “Vixe, Maria!” Nesse momento, na sala do diretor, estava um inspetor de aluno acompanhando a correção do padre, que disse: – Padre, tire essa menina! Ela não dá para professora porque ela é muito nova. Onde já se viu oito primeiros lugares em uma única sala! Atendendo ao pedido do inspetor, padre Paixão mandou chamar a jovem professora para esclarecer o que estava acontecendo.

Quando eu cheguei na sala do diretor, ele estava bem sério olhou para mim e perguntou o que estava acontecendo. Você não sabe ensinar, não? Eu sempre atrevida, disse: – eu sei ensinar, sim. É porque eu não vou prejudicar esses meninos, padre Paixão. Esses meninos têm capacidade; eles vão pegar as outras professoras e vão tirar a mesma classificação. Não se preocupe que eu não dou primeiro lugar assim à toa não. Os meninos fizeram tudo correto, acertaram tudo em sala. Então, o padre Paixão resolveu premiar todos os meninos que havia ficado em primeiro lugar. A premiação foi sabonetes, escovas de dente, pasta de dente, calção e roupinha para quando eles fosse visitar seus parentes.

Todos meninos eram lembrados pelo número na classe. A professora nos contou que estudava no ICM um menino que ficou conhecido pelo apelido de “cinco”. Ele cresceu, estudou, saiu da escola e se casou. Mas sempre foi lembrado pelo nome de cinco. No entanto, o padre Paixão, nas reuniões ou palestras com os garotos, gostava de chamar os meninos pelo seu primeiro nome. Nas reuniões de formação dos professores, o religioso orientava a professoras para chamar sempre os garotos pelo seu nome, de modo que eles aprendessem a valorizar sua identidade e a se comportar de maneira adequada, declarou a professora Elizete.

Diferente de seu antecessor, Dr. Gilson Gondim, que era advogado, padre Paixão costumava rezar o terço todos os dias. Suas missas eram celebradas de costas para os fiéis e em latim. A professora Elizete auxiliava em todas as missas que eram celebradas pelo vigário diretor. Ensinava as regras e os ritos da missa para os menores, como a hora de sentar, de levantar e de se ajoelhar.

Nos boletins, a professora deveria registrar não apenas as notas das provas dos alunos, mas também deveria registrar o comportamento e a conduta dos alunos em sala de aula. Não tinham permissão para punir os meninos, visto que esse era uma atribuição do clérigo da escola. Diariamente, os inspetores entregavam os boletins com o registro da rotina da aula e de trabalho dos menores ao padre. Como não concordava com aquele tipo de educação, professora Elizete nunca registrava no boletim algo que desabonasse o comportamento dos menores. Desse modo, estaria evitando os castigos do padre aos infantes.

Eu nunca coloquei no boletim quando os meninos estavam fazendo algo de errado. Eu lá ia fazer isso com os bichinhos. Eu achava horrível quando os inspetores faziam isso. Eu achava que as pessoas deviam se comportar bem sem precisar da autoridade. Não concordava em ter que levar os menores para o diretor. Quem tinha de resolver esses problemas éramos nós mesmas professoras. Eu nunca concordei com as punições do padre.

Segundo a professora Elizete, o que acontecia de maior ocorrência no boletim eram as brigas dos meninos, que frequentemente eram interrompidas pelos inspetores. Alguns não obedeciam e não paravam. Não obstante nenhum desses meninos revoltavam-se contra os inspetores, garantiu a professora Elizete.

Ainda sobre suas percepções sobre a disciplina na escola e o rigor da direção, relatou:

Padre Paixão era muito carrasco. Ele tinha uma moral danada com os funcionários e com todo mundo na escola. Os meninos ficavam de joelho para serem castigados. Lembro-me de que, quando ele vinha da hora do pobre, umas oito horas da noite, ele enchia a calçada de menino cujo nome estava na lista dos inspetores, e dava bolo nas mãos de cada um. Menino que não se comportava bem leva bolo nas mãos.

A professora Elizete ainda sobre a sua convivência com o padre Paixão, disse-nos que o vigário dirigente não gostava de mulher na sua sala. Quando alguma mulher chegava na sacristia ou na diretoria para falar com ele, às vezes chegava até empurrar as mulheres. No entanto, segundo professora Elizete, o tratamento que o padre lhe dava era diferente. Vejamos o que ela narrou:

Eu fazia do padre Paixão gato e sapato porque eu trabalhava com ele. Como eu lhe ajudava em tudo, e se relacionava bem comigo. Eu ensinava os meninos no catecismo; ensinava os meninos as rezas; as respostas da missa eu sabia tudo; eu ficava com o padre no altar. Quando eu entregava o menino para o padre, ele estava perfeito! Não errava nada do que tínhamos ensaiado antes da missa. E se esses meninos errassem, eu não colocava nenhum menino de castigo. Nunca gostei disso.

Mas, contrastando com o seu rigor de autoridade, padre Paixão nem sempre punia os meninos de modo violento. A interlocutora lembrou-se de um furto do dinheiro que o diretor

havia guardado no cofre da escola. No entanto, acusaram um menino que não era, de fato, o culpado. Certo dia, o menino que havia furtado o dinheiro, chegou na escola com roupas novas. Dando pistas que tinha sido ele que, efetivamente, havia furtado o dinheiro. Confessando o furto ao padre Paixão, este não lhe punia com palmatória, mas apenas aconselhou em sua sala.

Professora Elizete contou-nos que sempre gostou de usar roupas curtas. Lembra-se que, quando auxiliava o padre Paixão na adolescência, aconteceu a seguinte cena:

Eu escolhi os meninos mais bonitos para ajudá-la a colocar o jarro no altar e me subi na cadeira e os meninos ficaram tudo de baixo. Rapaz, tinha tanto menino bonito. Se as mulheres vissem hoje ficariam doidas. Eu escolhia os meninos mais bonito nesse dia. De repente, o Padre Paixão vinha fazer a visita do santíssimo e viu aquela cena, os meninos debaixo das minhas pernas. Engraçado que os meninos daquele tempo não tinham maldade. O padre coçou a cabeça foi para seu gabinete. Em instantes, um inspetor de alunos veio me chamar para conversar com o padre Paixão. Chegando lá, o padre estava com a cabeça baixa e me disse: – Eu achei ridícula aquela cena de você com os meninos. Então, eu disse, pois me tire, falando bem atrevida. Mas, me acalmou e disse que não iria me tirar porque não via em mim nenhuma maldade. Eu era inocente. Apenas queria que eu não ficasse com os meninos daquele modo.

As turmas da escola estavam distribuídas da seguinte forma: 1ª turma para menino pequeno; 2ª turma para meninos de 8 e 9 anos; 3ª turma para garotos de 10 a 12 anos e a 4ª turma para meninos de 14 a 18 anos. Cada professora lecionava apenas para uma turma. No caso da professora Elizete, sempre lecionou na primeira turma. Era professora polivalente e, por isso, ensinava todas as matérias. No entanto, a matéria que ela mais gostava de lecionar era matemática, pois havia desenvolvido uma didática própria para fazer os alunos aprenderem direitinho a matéria.

A professora Elizete não concordava com o sistema de avaliação da escola. Essa refutação, justifica-se por meio da seguinte explicação:

Agora tem uma coisa no Carneiro de Mendonça que eu achava errado na escola antiga. Bem, no final do ano é que se aprovava o menino ou não. O aluno tinha de fazer uma prova final e se não passasse, nós tínhamos de reprová-lo. Era a mesma coisa de um concurso. Eu achava isso muito errado. O menino estudava o ano todo e se nessa prova tirasse nota um, dois ou um três, teria de repetir de ano. O regime da educação era assim no Carneiro de Mendonça. Hoje está muito diferente. Tem muito mais oportunidades para o estudante passar de ano. A gente colocava reprovado com nota vermelha. Para mim, o ponto negativo da escola que eu considerava era o aluno ter de repetir o ano todo de novo. Eu não concordava com isso. Na minha opinião deveria passar como a escola de hoje.

Apesar de não concordar com o exposto acima, disse ter orgulho de ter trabalhado em uma escola tão organizada. Os funcionários eram muito dedicados, especialmente, nos desfiles

cívicos de sete de setembro. Lembrou-se de um funcionário chamado Henrique, que preparava lindas alegorias para os meninos marcharem em Fortaleza. “Ele era muito talentoso na confecção de figuras para desfile cívico”. Lamenta, na época, não poder assistir aos desfiles dos meninos em Fortaleza, visto que somente os inspetores acompanhavam os garotos e a banda de música. Disse que se sentia orgulhosa onde trabalhava, pois, o ICM quase sempre ganhava o prêmio de primeiro lugar nesses desfiles em Fortaleza.

Relatou que sempre pensou em ser professora. Na infância, brincava com suas bonecas de sabugo de ser professora. Mas, na realidade, tornou-se professora por causa de sua primeira professora, Nícia Façanha. Com suas próprias palavras, explicou:

Minha professora Nícia todo dia ia com um sapato e um vestido. E eu pensava que, ah, meu Deus, quando eu for professora também, eu vou imitar a professora Nícia. Ela usava um sapato lindo e era toda faceira. Ela era tão bem arrumada com um cabelo frisado bonito. Eu sei que ela era toda vaidosa e, eu para imitá-la, quando eu dava aula, eu passava quatro dias usando o mesmo vestido para imitá-la. Eu imitei essa professora. Eu desde criança que eu fiquei com a ideia de que eu seria igual a minha professora Nícia façanha.

Quando começou a trabalhar no ICM, professora Elizete era um pouco sem jeito e costumava bater forte na mesa para chamar a atenção dos meninos para suas explicações. Certo dia, seu pai aproximou-se da sala de aula e ficou observando o seu trabalho. Em determinado momento da aula, seu pai lhe viu batendo na mesa para aquietar os meninos. Quando ela chegou a casa, seu pai lhe advertiu para não lecionar daquela forma, pois se o diretor visse aquele modo de lecionar, iria suspender a filha das atividades docentes.

Sua experiência como professora do ICM, fê-la aumentar a compreensão sobre comportamento sobre o ser humano. Segundo a professora Elizete, foi uma convivência muito significativa para ela. Quando saiu do ICM para lecionar em outras escolas públicas de Maracanaú, com por exemplo, Colégio Tenente Mário Lima e Ginásio Gustavo Barroso, não sentiu dificuldades em lidar com os garotos indisciplinados. No seu entendimento, a experiência adquirida no ICM lhe deu mais segurança lidar com meninos de qualquer escola. Disse que sua experiência no ICM a fez mais segura na sua profissão. Não tinha medo de trabalhar em nenhuma escola. No entanto, o ponto negativo dessas mudanças, era o nível de aprendizagem dos alunos. Os alunos, na concepção da professora Elizete, tinham conhecimentos deficitários em comparação aos alunos do ICM.

O que me chamou a atenção nessas novas escolas, era o nível dos alunos que era diferente dos alunos do Carneiro de Mendonça estudavam e posso lhe dizer com toda a certeza de que quem fez a educação melhorar lá foi a gente, nós

fizemos a educação do Tenente Mário Lima melhorar, as outras professoras viam a gente ensinar na escola muito bem e elas queriam nos ouvir sobre nossa experiência, eu acho que o meu bom desempenho no Tenente Mário Lima foi por causa da minha experiência aqui. Até hoje eu domino qualquer pessoa assim. Eu sei conversar. Eu aprendi a ter esse domínio no Carneiro de Mendonça. Hoje os pais não gostam que falem de seus filhos, não gostam de enredo. Hoje se você for falar do menino para a mãe, ela sai falando mal de você. No tempo do Carneiro de Mendonça não era assim.

Nessas outras escolas em que trabalhou, Elizete disse que outras professoras expressavam certa inveja por sua prática profissional. Não entendendo como se conseguia administrar também a disciplina em sala de aula, suas novas colegas professoras queriam ouvir sobre sua experiência no ICM. No final do ano, os pais e os alunos dizem que gostariam de continuar com seu trabalho. Acabou no revelando o segredo do sucesso de suas aulas, que aprendeu no ICM:

Somente com minhas palavras, contando exemplos para eles e histórias de vida. Eles gostavam muito das minhas conversas. Eu dizia para eles que eles deveriam estudar para quando crescerem serem alguém na vida. Eles, se quisessem, poderiam ser médicos, deputado; poderiam ser funcionários do Estado. Eu preparava muito os meninos para a marinha ou para a polícia.

Revelou-nos que nunca teve problema de indisciplina com nenhum aluno do ICM por conta do regime disciplinar da escola. Os meninos lhe respeitavam. Devido ao regime da escola rigoroso, os alunos mesmo vindo da rua e com certa revolta, eram dominados pelos inspetores e corrigidos na escola. A escola tratava bem os meninos que chegavam ao ICM.

Professora Elizete acredita que acabou influenciando sua família para a docência.

Eu tenho a impressão que as minhas sobrinhas viram eu e Raimundinha toda empolgada sendo professoras e quiseram ser iguais a gente. Eu acabei influenciando minhas sobrinhas. Eu me sentava aqui na casa do meu pai com minhas sobrinhas e ficava ensinando a elas como dar aulas. Explicava como deveria usar a tabuada; como deveria ensinar os meninos a fazer ditado. Enfim, elas gostaram e aprenderam a ensinar muito bem.

Além da convivência com o padre Paixão, com quem teve mais proximidade, professora Elizete presenciou o trabalho de outros gestores da escola. Lembrou-se do Dr. Viana, que era advogado, que foi diretor da escola no final dos anos 1940. De acordo com suas lembranças, quando esse diretor assumiu a direção, a escola quase fechou. Faltavam os recursos. Os meninos ficaram no campo, nas oficinas, jogando bola, sem aula. As professoras tinham ido embora. Apesar das dificuldades, seu pai continuou fazendo o mesmo trabalho no campo com os meninos.

Recorda-se que, nesse período, o Governador do Ceará visitou a escola.

E para ser bem avaliado por esse político, Dr. Viana chamou minha irmã, Raimunda Alexandre de Lima e todas as mulheres que sabiam ler e escrever e botou para ser professora do Instituto Carneiro de Mendonça. Quando o Governador chegou estavam todas em sala de aula. Até mesmo as mulheres dos funcionários que não eram nem professora se fizeram de funcionária

Contudo, depois da gestão do Dr. Viana, a escola conseguiu alavancar o seu crescimento e desenvolvimento. Com a mudança de direção, ou seja, com a chegada de outro advogado, Dr. Gilson Gondim, a escola prosperou. Segundo a lembranças da professora Elizete, Dr. Gilson, era muito bom. Todo mundo gostava dele, tanto os funcionários como as professoras, pois não costumavam repreender os funcionários e professoras.

Seu primo padre Giovanni Saboia, também foi diretor da escola por oito anos. Foi o diretor que ficou mais tempo na gestão da escola. Segundo a professora Elizete, padre Giovanni entrou no ICM e permaneceu por tanto tempo devido ao prestígio político adquirido no Estado do Ceará⁴³. Ele tinha muita atenção pelos meninos do ICM e incentivando-os para que eles, saindo da escola, ingressassem no serviço militar.

Com relação à gestão do padre Vale, que sucedeu ao seu primo, disse ter sido uma administração sem pulso firme, pois “padre Vale era mole”. Tudo deixava passar. Sua percepção sobre o trabalho desse gestor era a seguinte:

A escola era toda baldeada. Você sabe que quando o chefe é mole, a repartição vira uma bagunça. O trabalho do chefe aqui no Carneiro de Mendonça era segurar e disciplinar os meninos. Ou seja, colocar limites nos garotos internados. Ele não fazia isso. No entanto, ele era um homem bom. Gostava de passear a gente. Gostava de levar as moças no carro para passear. Ele tinha amizade com várias professoras do Carneiro de Mendonça. Ele tinha uma grande amizade comigo. Não sei se ele tinha algum interesse amoroso por mim. Eu me lembro do dia em que ele me convidou para ir ao Rio de Janeiro com ele, assistir à apresentação da banda de música do Carneiro de Mendonça. Como eu não quis ir, ele ficou muito chateado comigo.

Durante nossa conversa, não deixou de mencionar as mudanças no ICM quando este passou a ser administrada pela FEBEMCE. Segundo a professora Elizete, com a implantação do novo modelo de educação da escola, os meninos que chegavam em suas aulas, já era de outro perfil. Mudou-se o nome de inspetor para monitor e estes não conseguiam mais conter o ímpeto dos alunos durante as lições.

Depois que implantaram a FEBEMCE, o Carneiro de Mendonça se acabou, infelizmente. Os meninos eram muito danados. A gente estava dando aula, os meninos colocavam aranha caranguejeira em cima do birô; traziam cobra para

⁴³ Dentre outras homenagens, no dia 10 de dezembro de 2013, recebeu o Título de Cidadão de Fortaleza concedido pela Câmara Municipal de Fortaleza.

dentro da sala de aula. Os alunos somente tinham medo de um dos monitores chamado Roberto. Quando sabia dessas malinações, levava os meninos para um castigo às escondidas. Só sei que a escola virou uma anarquia geral no tempo da FEBEMCE.

Relatando sobre as traquinagens dos alunos da FEBEMCE, lembrou-se de que, um dia, seu pai foi ferido no olho devido a uma pedra jogada por um dos alunos. Com o impacto do golpe, seu pai quase perdeu o olho. No hospital, o médico chorou com dó de seu pai. Segundo a educadora, isso nunca havia acontecido no ICM e para aumentar a sua indignação como filha, não houve nenhuma punição para o garoto infringente. Nesse ambiente, para a professora Elizete lecionar era necessária a presença de um monitor acompanhando as aulas.

Com o fim da FEBEMCE, professora Elizete e suas colegas docentes ficaram temerosas de perder o emprego, pois não havia mais alunos para elas ensinarem. Apesar de serem concursadas ficaram sem escola e ociosas. Então sua irmã Raimundinha, que foi a primeira diretora da Escola de 1º Grau Carneiro de Mendonça⁴⁴, saiu pela comunidade local para conseguir alunos para se matricular na “nova” escola.

Fizemos da enfermaria o que é hoje o novo Instituto Carneiro de Mendonça. Todas as salas que estavam aqui funcionando, no Rancho ou na capela da escola transferimos para lá. Minha irmã, Raimundinha, como diretora, administrou por quase quinze anos.

Imagem 50 – EEM Carneiro de Mendonça – Horto Florestal Maracanaú



Fonte: Roberto da Silva Júnior

⁴⁴ Com o fechamento da FEBEMCE, as instalações do ICM ficaram desativadas. Somente em 1975, na antiga enfermaria da escola, por meio do decreto Nº 493, de 17 de outubro, autoriza-se o funcionamento de uma nova escola estadual, qual seja, Escola de 1º Grau Carneiro de Mendonça. Sua Irmã Raimundinha foi a primeira diretora dessa escola (cf. Ata da Escola nos anexos desse trabalho).

Nessa escola, professora Elizete ajudou suas irmãs diretoras⁴⁵ a multiplicarem o número de alunos matriculados. Continuou utilizando a metodologia de trabalho do antigo ICM nas turmas do “novo” Carneiro de Mendonça. Abaixo, vemos professora Elizete, com um grupo de alunos da EEM Carneiro de Mendonça.

Imagem 51 – Professora Elizete no meio da fotografia, com as mãos no ombro de uma das alunas da EEM Carneiro de Mendonça.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Rita Celmar.

Com a década da educação, professora Elizete obrigou-se a voltar a estudar para não perder o seu emprego no Estado. Trabalhava durante o dia no Colégio Tenente Mário Lima e, à noite, teve de fazer o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e o Curso Normal no Colégio Justiniano de Serpa. Pegava uma carroça até o centro de Maracanaú e depois pegava o trem para chegar à Fortaleza. Depois que os ônibus da empresa da Santo Antônio, começou a circular no seu bairro, ficou um pouco mais fácil. No entanto, como não tinha o transporte de volta depois da aula, conseguiu com uma prima uma casa para dormir em Fortaleza. Em seguida, Licenciou-se em Ciências da Religião na Faculdade de Educação Teológica do Nordeste – FAETEN, estudando na cidade de Maranguape.

⁴⁵ Outra irmã da professora Elizete, Rita Celmar Alves de Queiroz, ex-aluna do ICM, também foi diretora da EEM Carneiro de Mendonça. Tomou posse no ano de 1989.

Imagem 52 – Fotografia de Formatura da professora Elizete



Fonte: Arquivo pessoal da Entrevistada

Considerando-se como católica, apostólica e romana, professora Elizete disse que com quase cinquenta anos ainda não tinha se casado. Em momentos de oração, pedia a Deus um homem para se casar, pois não queria viver sozinha a vida toda. Além disso, as pessoas de sua família diziam que ela não se casara, até então, por ser uma pessoa de natureza ruim. No dia em que colocou uma imagem de São Francisco em sua bolsa, passou em sua rua um homem viúvo, que era seu primo. Parando em sua casa, perguntou ao seu pai se todas as suas filhas tinham se casado. Respondeu ao parente que todas estavam casadas, mas apenas uma era solteira, no caso, a professora Elizete. Dias depois, esse mesmo homem veio pedir a mão da docente para casamento. Seus pais disseram para o parente que ela não queria se casar.

Ela não quer casar com ninguém porque ela é moça velha. Trabalhou com os padres e freiras. Eu comigo mesma, pensando; doida para casar, valha-me, Deus do céu! Eu me senti horrível! No outro dia, ele veio de novo. Então, o papai perguntou ao meu pretendente, o que foi que você veio fazer aqui? Na hora eu tive uma crise de gargalhada. Ele bem sério e eu rindo para ele. O papai ficou brigando com ele.

Dias depois, seu primo lhe mandou um bilhete dizendo que não tinha gostado do comportamento dela. Então, professora Elizete fez uma carta de amor para se desculpar com ele. Depois disso, começaram a namorar e a firmar um enlace matrimonial. Ela já com mais de cinquenta anos de idade. Mas, devido aos problemas de relacionamento no casamento, separou-se poucos anos depois. Na realidade, disse que nunca teve muito interesse por homens. O casamento com o primo não passava de uma brincadeira.

Eu não tinha muito interesse por homem, mas sei lá, alguns se interessavam por mim. Lembro que o Frei Celso de Maracanaú disse que deixaria a batina por mim. Em uma missa no Cágado esse padre foi me buscar com minha mãe, e um aluno que era doido por mim fui atrás de mim e o padre percebeu que o

imbecil foi atrás de mim e ficou muito chateado. Depois de alguns dias, ele namorou com uma secretária de Maracanaú e se casou com ele. Quando nós estávamos no altar em Maracanaú, ele passava mais de uma hora me paquerando e perguntando se eu tinha coragem de me casar com ele. E outros padres também me achava muito bonita e se interessavam por mim. Mas eu tinha muito respeito por eles.

Separada e sem filhos, mora sozinha na casa do seus pais e antiga casa de diretor da escola. Segundo a professora Elizete foi o padre Vale quem deu a casa para sua família. Antes da família morar nessa casa, a família morava nas casas da escola. Mas, como padre Vale gostava muito de sua família, acabou cedendo a casa para eles morarem.

Imagem 53 – Antiga casa de diretores e atual residência da professora Elizete



Fonte: Roberto da Silva Júnior

6.2. Margarida Maria Alacoque Correia Santos

A entrevista com a professora Margarida Alacoque aconteceu no dia 29 de agosto de 2017 em seu apartamento em Fortaleza, onde vive há décadas com algumas filhas. Como os demais entrevistados, pedimos à docente para relatar sua trajetória de vida como professora e suas experiências vividas no Instituto Carneiro de Mendonça.

A ex-professora do ICM iniciou sua narrativa dizendo que sua carreira como professora foi muito exitosa e agradável. Agradeceu a Deus, pois tudo deu certo quando trabalhava como docente, exceto quando se trata do salário que recebe como professora aposentada do Estado do Ceará. Disse que quando estava em sala de aula, sequer pensava no

salário que recebia e na desvalorização social da profissão. Acha ainda hoje um absurdo que, no Brasil, a profissão de professor não tenha um reconhecimento digno, uma vez que médicos, advogados, deputado, generais, todos passaram e dependeram de um professor para sua formação.

Antes de se mudar para Maracanaú, trabalhava como professora substituta nos bairros da capital cearense. A secretária de educação do Estado do Ceará era muito amiga da sua mãe, e, por conta disso, sempre conseguia uma oportunidade para ela substituir as professoras parturientes.

Muito emocionada em narrar sua trajetória de vida e em falar dos momentos de felicidade que vivenciou no ICM, disse ter ouvido falar pela primeira vez do ICM por meio do rádio, quando foi noticiado que o padre Paixão estava contratando professoras para o “Santo Antônio do Buraco”, como era conhecido popularmente o ICM. Nessa época, professora Margarida Alacoque era casada e havia acabado de voltar de São Paulo, onde trabalhara por seis meses em um escritório. Com o anúncio ouvido no rádio, achou muito interessante ir trabalhar no ICM, pois o atual diretor da escola tinha uma excelente reputação na cidade. Além disso, segundo a educadora, era uma escola onde agregava pessoas de todos os extratos sociais, desde crianças pobres e sem condições até aqueles que de melhores condições sociais e econômicas que saíam da linha da disciplina e da obediência. Seria uma experiência interessantes para sua carreira.

Sua vaga na escola foi conseguida por meio de uma análise de curriculum. Foi para a entrevista acompanhada de sua mãe. No entanto, antes da entrevista, sua mãe já havia falado com a Secretária de Educação, que verificou sua documentação e experiência profissional. Dias depois da entrevista, recebeu uma convocação para se apresentar na escola imediatamente.

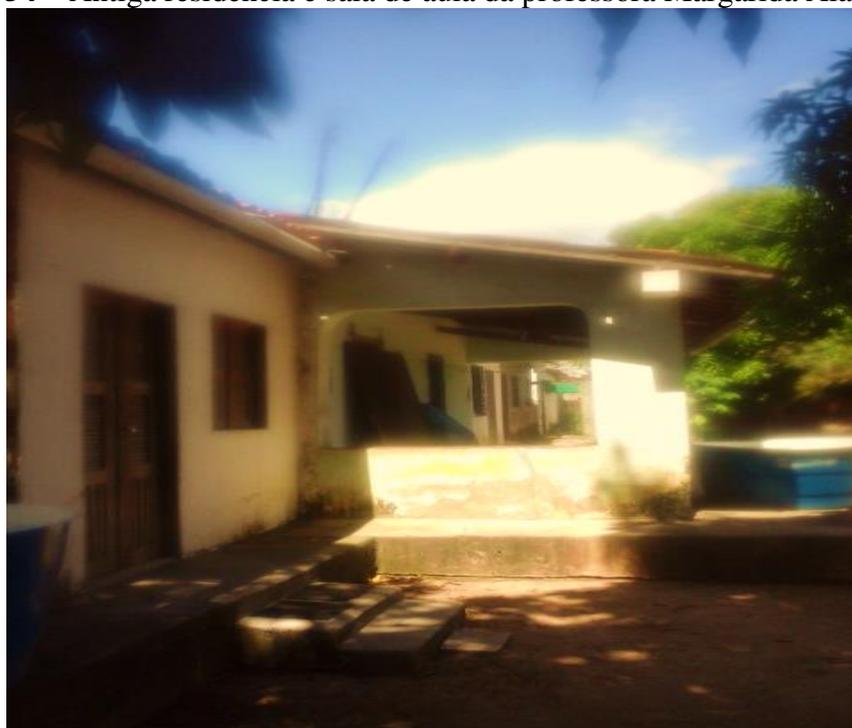
Chegando à escola, logo foi nomeada como vice-diretora do ICM. Acumulando o cargo de vice-diretora e professora, admitiu não trabalhar tanto na gestão, pois, nas reuniões a opinião do padre Paixão era a que sempre prevalecia.

A gente podia opinar, mas a gente atendia as indicações do padre. Ele nos orientava que a gente devia prestar a atenção no comportamento dos alunos. Cobrar atitude dos meninos. Cobras os deveres dos alunos. E se tivesse alguém que não cumprisse com os deveres, o padre pedia que a gente comunicasse a ele. Eu vi o padre Paixão como um espetáculo! Era uma maravilha! Não apenas porque era padre, mas porque era um excelente diretor. Ele era carinhoso com as crianças. Digo criança, porque para mim, menino até 18 anos ainda é uma

criança. O Padre Paixão era muito preocupado com o futuro dos meninos e quando os garotos completavam a idade de servir às forças armadas, ele se articulava para encaminhar os meninos para a Marinha, a maioria não voltava para casa, mas seguia o seu caminho na Marinha, para onde ia a maioria dos alunos.

Durante a entrevista, sua filha Júlia, que morou na escola com mãe no ICM, pediu para relatar também sobre suas lembranças. Disse que cada funcionário tinha direito a uma casa e sua mãe morava no próprio trabalho. A sala de aula era apenas separada por uma mureta, conforme podemos ver na imagem abaixo.

Imagem 54 – Antiga residência e sala de aula da professora Margarida Alacoque



Fonte: Roberto da Silva Júnior.

Na percepção de sua filha Júlia, a escola era um modelo perfeito de reformatório para crianças, visto que tanto oferecia para os meninos o ensino das letras, como a formação profissional com as diversas oficinas que possuía. Com relação à rotina na escola, Júlia admirava-se da forma como as atividades da escola eram planejadas e organizadas. Júlia percebia aquela escola como sendo um lugar que possibilitava ao aluno ter a visão do mundo. Preparava ele para o mundo. Ou seja, formava os meninos para distinguir as coisas boas das ruins.

Eles atravessavam a rua para vir estudar com a mamãe. O interessante dessa escola é que eles tinham o tempo todo ocupado. A diferença que a gente ver e compara com os reformatórios atuais é que no ICM os meninos estavam

ocupados toda hora. E hoje os meninos que vão para os reformatórios são muito ociosos. Hoje não recupera o menor delinquente. E isso acontece porque simplesmente não ocupa a mente do menor. Havia o momento religioso na escola; havia o aspecto profissional; o aspecto educacional; e além disso, havia o acompanhamento diário desses meninos, seja com os inspetores, seja com as professoras.

Professora Margarida Alacoque lembra-se de que quando chegou à escola foi recepcionada pelo padre Paixão, que disse em qual casa a recém-chegada professora iria morar com sua família. A educadora deixou apenas uma filha, chamada Nelândia, em Fortaleza com sua mãe porque já estudava. Professora Margarida Alacoque foi a primeira professora a ocupar as casas para professora. Depois outras foram chegando também.

Depois de acomodada na casa, padre Paixão explicou para a novata professora toda a rotina da escola. A escola funcionava em tempo integral, sendo um turno para as atividades intelectuais e outra profissional, nas oficinas de alfaiataria, carpintaria, entre outras atividades. Professora Margarida assumiu a turma do quarto ano, que no caso, era a dos meninos maiores. Na ocasião, padre Paixão disse que seria a primeira classe que seria ocupada por uma professora. Ele estava aguardando outras profissionais e, se elas preferissem morar na escola, seriam selecionadas prioritariamente. Disse ter ficado muito satisfeita com a turma que recebera. Disse ter nascido para ensinar.

Outra vez, sua filha Júlia interveio na entrevista e nos informou que sua mãe recebeu na cidade Maracanaú várias homenagens pelo mérito de ser professora. Em uma dessas homenagens, a plateia da Câmara dos vereadores de Maracanaú emocionou-se.

Toda vida minha vida minha mãe foi reconhecida como a professora-padrão. De dar sempre chance ao aluno. E um dos vereadores que veio entregar essa placa, disse o seguinte: olha, eu estou aqui entregando essa placa de homenagem, porque se não fosse essa mulher, essa profissional na minha vida, eu não seria nada. Era um ex-aluno dela. Ele confessou que já tinha sido expulso de todas as escolas de Maracanaú. E chegando no Colégio Gustavo Barroso, minha mãe também foi diretora do Colégio Gustavo Barroso. Alguns alunos saíam do ICM, tendo terminado o primário, seguiam para o ginásio no Colégio Gustavo Barroso. Esse ex-aluno, vereador, disse que certa vez um professor chegou para minha mãe e disse: olha, a senhora terá de escolher ou eu ou ele, se referindo ao aluno. E minha mãe disse, olha, vamos analisar a situação melhor, a função do professor nunca é dizer ou eu ou o aluno, mas, porque você está acima do aluno, você está preparado, para modificar o aluno, transformar. Enfim, chegaram à conclusão acerca desse ex-aluno. Esse vereador disse que minha mãe começou a enaltecer as virtudes dele, sua capacidade, e ele disse que aquela situação marcou e mudou sua trajetória de vida. Graças a essa postura pedagógica de minha mãe. Ele disse que fazia coisas erradas era para chamar a atenção porque tinha problemas familiares. Minha mãe conseguiu ir no âmago da questão. Ao invés de rejeitá-lo, a mamãe a valorizá-lo e orientando-o.

Segundo a professora Margarida Alacoque, ela aprendeu a valorizar e a orientar os alunos, enaltecendo o seu potencial, no ICM. Sua filha endossou esse aspecto dizendo que sua mãe via o progresso dos seus alunos do ICM com o passar do tempo e isso lhe incentivava a acreditar na capacidade do ser humano se refazer para melhor. Professora Margarida validou o pensamento da filha, dizendo:

Como a minha turma já era do quarto ano, na maioria já estava pronto para ir para a sociedade, para sair pela idade, e o diretor orientava e tinha contato com a Marinha, e 90% ia para a Marinha, apenas 10% voltavam para os pais. Relatava-se que esses meninos do ICM encantavam as pessoas nas forças armadas pelo excelente comportamento na Corporação.

Na concepção pedagógica da professora Margarida, muitas vezes as pessoas subvalorizam a capacidade dos adolescentes. Para ela, os adolescentes demonstram uma capacidade de raciocínio nas ocasiões necessárias, de acordo com a formação que recebe. E esta formação os alunos recebiam no ICM, asseverou a educadora. Sobre a formação oferecida no ICM, os alunos não recebiam apenas as instruções das professoras, mas, também as dos padres. Estes reuniam todos os dias os meninos antes de dormir, explicando e orientando como eles deveriam se comportar. Mostravam para os meninos a importância de se ter um comportamento para o progresso da vida deles.

Como professora polivalente, ensinava geografia, matemática, história e português. Mas, era com essa última disciplina, que se identificava mais no ensino. Nessas aulas, ensinava os meninos a ler e a escrever por meio de ditados, redações e leituras coletivas e individuais. Havia os intervalos entre uma matéria e outra muito curtos. Com o toque da corneta, os meninos atravessavam a rua para merendar no refeitório da escola e depois voltavam para outras lições.

Eu nunca tive problema nenhum com meus alunos. E atribuo isso a Deus por sempre ter me protegido, e porque eu sempre ia de encontro às expectativas deles. Havia alguns meninos que eram mais negligentes, e eu lidava com os meninos mais trabalhosos através da conversa e da orientação. Nas reuniões de professores com Padre Paixão, a gente citava os problemas que nós tínhamos com os alunos mais negligentes e trabalhosos, e quem resolvia os problemas dos alunos com mais negligência era o padre Paixão. E o padre Paixão resolvia por meio da conversa e da privação de certas atividades na escola.

Sua sala de aula era grande e confortável, com o birô e o quadro negro. Era uma sala bem arejada com duas janelas e com uma porta de entrada grande. Conforme suas lembranças, os meninos durante a aula não davam trabalho de jeito nenhum.

Deus me livre! Isso não depende apenas do aluno. Depende do professor! O bom comportamento do aluno depende do professor. Para eu manter esses

meninos comportados eu conversava com eles dando as orientações como deveria ser e cobrava a atenção deles. Mas, eu nunca precisei castigar os meus alunos para eles terem um bom comportamento ou para eles cumprirem os seus os seus deveres. Eu nunca usei palmatória. A gente tinha muito o apoio do diretor. Este dizia para os alunos não aborrecerem as professoras. Caso algum aluno tivesse algum mal comportamento na aula, seria punido. Não éramos nós quem puniam os alunos, mas o padre. No entanto, eu nunca levei os meninos para o diretor, pois nunca houve necessidade.

Na avaliação da professora Margarida, os inspetores eram maravilhosos. Em caso de algum desvio de conduta de um aluno, as professoras podiam chamar um inspetor para ajudá-las em alguma situação mais crítica. Às vezes um aluno demorava a chegar na sala de aula, o inspetor era chamado também para procurar pelo aluno em algum canto da escola. Mas, as queixas e reclamações da professora Margarida eram raras.

Professora Margarida morava no ICM durante a semana e, nos fins de semana, voltava para a casa da mãe em Fortaleza, levando para a progenitora frutas da escola. Sobre isso explicou melhor:

Essas frutas não eram da escola, era do nosso terreno, da casa onde a gente morava, cada funcionário tinha direito a casa e nela podia-se fazer o que quisesse, inclusive plantar. E na minha casa tinha cajueiro, bananeira, mangueira, entre outras frutas. A casa não era propriedade nossa, era do Estado. Quando eu saí da casa, eu transferi para um ex-aluno, que se tornou funcionário da escola, senhor Narciso. Quando eu saí da escola eu tive de prestar conta com o diretor da época.

Professora Margarida Alacoque saiu da escola por causa de um infortúnio que ocorreu com seu marido que fora assassinado pelo irmão da babá de sua filha mais nova. Seu marido trabalhava como comerciante varejista em Maracanaú e em Fortaleza. Segundo a professora Margarida, seu marido era um homem muito zeloso, por isso, sua casa era a que mais se destacava no ICM. Nela tinha muitas plantações, abacateiros, jaca, banana. Era como se tivesse um pequeno sítio em casa. Cada funcionário fazia da sua casa um lugar muito aprazível onde os filhos viviam ali de maneira muito agradável. Os filhos brincavam no alpendre que separava a sala de aula da casa. Nesse ambiente tranquilo, perdeu o marido após uma tentativa de furto no comércio da família. Nessa época, professora Margarida era diretora no Colégio Gustavo Barroso no centro de Maracanaú. Por isso, a família decidiu morar em Fortaleza para poupar sua genitora dessas lembranças trágicas do ICM.

Apesar da fatalidade mencionada acima, a filha mais nova da família, Júlia, dia que o Instituto Carneiro de Mendonça foi um ícone na vida da sua família. Sente orgulho da sua mãe porque era uma professora que se dedicava de corpo e alma à educação. Ela trabalhava três

expedientes. No Instituto Carneiro de Mendonça trabalhava pela manhã. E à tarde e à noite, trabalhava no Colégio Gustavo Barroso.

Júlia disse que ela e suas irmãs não brincavam com os meninos de jeito nenhum. Havia contato com os menores, mas não havia nenhum tipo de intimidade, pois a mãe dela era muito zelosa pelo fato delas serem mulheres e existir muitos homens na escola. Segundo Júlia, os menores não eram perigosos como os jovens de hoje. Eles tinham temor; também porque eles tinham orientação religiosa; eles tinham temor a Deus; eles eram pessoas decentes; no geral, aqueles meninos eram corrigidos. Segundo a professora Margarida Alacoque,

Havia alguns meninos que se destacavam na escola, e às vezes iam na minha casa, não para trabalhar ou para brincar; eles iam para conversar de modo bem rápido. O tempo deles era bem preenchido. Não havia muito tempo livre. Quando terminava a sala de aula, eles já envolviam em outra atividade.

Os problemas que os meninos tinham em suas famílias e da sua vida pessoal antes de entrar na escola quem sabia era o pai. As professoras não tinham conhecimento dos problemas pessoais e familiares que os meninos tinham.

A gente fazia os nossos deveres profissionais, o pai fazia o dele. Os meninos não conversavam sobre sua vida pregressa com a gente. Não havia tempo para se ter esse tipo de conversa. Havia muitas atividades. O meu contato com os alunos era apenas na sala de aula. Eu não acompanhava eles em outras atividades. Eu dava minha aula e eles tinham outras atividades com outros profissionais na escola.

Na visão da professora Margarida, nunca houve nenhum problema em morar no mesmo ambiente de trabalho. Segundo relatou a organização do ICM era muito boa, que os funcionários, professoras e alunos se sentiam como se fizessem parte de uma mesma família.

Sua maior alegria na escola ocorria quando pedia para ver as atividades dos alunos e eles lhe mostravam todas feitas e corretas. A docente disse que nasceu para ser professora. Amava ver o progresso intelectual e pessoal dos alunos. Essa era a sua maior satisfação de trabalhar no ICM. Apesar dos salários sempre baixo, disse que nunca deixou de fazer o melhor na educação.

O que fez eu escolher ser professora, foi a minha simpatia pelos meus professores. Eu via a profissão deles. Eu ainda como estudante, costumava substituir minha mãe. Depois quando eu comecei a fazer o ginásio, a Secretária de Educação do Estado do Ceará, conversando com a mãe, e dizendo que estava com dificuldade para conseguir substituta para uma professora que estaria de licença maternidade. Então, a mãe disse que eu já estava fazendo o ginásio e perguntou se eu poderia ter uma oportunidade. A secretária disse que não tinha problema, os alunos vão cursar a alfabetização

e o primeiro ano, nos bairros. Portanto, foi a minha mãe quem orientou-me a ser professora.

Segundo Júlia, sua avó era muito visionária, naquela época, chegou a falar com o Presidente da República para pedir um emprego para sua mãe. E como sua mamãe tinha a tendência a ser professora, o emprego ficou para sua tia, que hoje é funcionária pública federal aposentada.

Ao final da breve entrevista, professora Margarida, disse-nos que nunca sofreu nenhum tipo de frustração no ICM. Considera-se muito bem-sucedida em Maracanaú. Foi muito respeitada e reconhecida como professora na Escola. As pessoas lhe tratavam muito bem. E continuando a narrativa da sua trajetória, afirmou:

Professor não apenas ensina, mas também aprende. E aprendi no ICM que devemos tratar as pessoas de maneira especial. Tratar o aluno de maneira especial. Há professores que se aproveitam da sua profissão e ridicularizam o aluno. E eu aprendi a nunca discutir com aluno. Quando o aluno não fazia a sua atividade, eu chamava ele para conversar e mostrá-lo a importância de estudar, que ele não poderia perder o tempo dele e a oportunidade de aprender. Mostrava para ele que ele deveria estudar para ser uma pessoa independente economicamente. Eu orientava que o menino que não tenho conhecimento na vida adulta não consegue emprego, pelo menos um emprego que exija letras. Nas reuniões do ICM havia alguns professores que se queixavam com problemas com os alunos, mas, eu mesma não tinha porque me queixar, por isso, eu nunca sofri nenhuma frustração na escola ou decepção.

Desse modo, professora Margarida Alacoque disse que o que aprendeu no ICM traz consigo até os dias de hoje. E a maior lição que nunca esquece é a que se refere à honestidade. Aprendeu a aplicar a honestidade no meu dia-a-dia. Outro valor que aprendeu no ICM foi a sinceridade. Até hoje detesta as relações hipócritas e exploradoras. Segundo a educadora, no ICM, as pessoas davam as mãos umas com as outras. Por ser católica, achava uma maravilha trabalhar com os padres. A escola atendia exatamente aos seus anseios pessoais.

O ICM significou muito para mim porque era um espaço onde atendia pessoas simples, de origem humilde; ajudava os meninos a terem um bom comportamento na sociedade. Eu me sentia muito bem em poder ajudar as pessoas menos favorecidas. Era uma escola maravilhosa na minha percepção porque ajudava as pessoas a vencerem. E eu me sinto feliz em poder ajudar as pessoas a vencerem. A serem felizes. Eu fico feliz com a felicidade das pessoas que venceram batalhas e se tornam pessoas de sucesso.

Segundo a professora Margarida Alacoque, o ICM era perfeito em tudo. Com exceção da desvalorização salarial, as professoras e funcionários não tinham motivos para reclamações. Segundo a educadora, as condições de trabalho e a convivência faziam valer a pena o trabalho

na escola. Foi uma tragédia o que acontecia com seu marido, pois ficou muito triste em ter que sair da escola.

Não tínhamos motivos para sair da escola, pois nos oferecia casa para morar, frutas e hortaliças. A luz que a gente não pagava; eu fiz muitas amizades não apenas na escola, mas também na comunidade. A gente ia para aniversários, batizados. Sou madrinha de muitas pessoas da comunidade e de funcionários. Além disso, os ex-alunos me procuravam muito depois de adultos para eu ser madrinha de casamento. E quando adultos, eles vinham na minha casa agradecer pela educação que eu havia lhes dado.

Por fim, a professora disse ser uma pessoa realizada pelo que fez na escola e na profissão docente de modo geral.

7 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE EX-ALUNOS DA ESCOLA

7.1. José Airton Ferreira da Silva

José Airton, popularmente conhecido em Maracanaú como “Sessenta”⁴⁶, foi o primeiro ex-aluno a aceitar o convite para ser entrevistado nessa pesquisa. Por meio de uma conversa informal em sua residência, “Sessenta” registrou alguns momentos de sua experiência como estudante e funcionário do ICM.

Ele nos falou que já com sete de anos de idade, “dava muito trabalho à sua mãe”. Com essa idade “escrutiava toda a cidade Fortaleza”. Por isso, sua mãe resolveu lhe internar em uma escola onde ele pudesse ser corrigido e não desse mais trabalhos para ninguém. Sua mãe tentou três vezes deixá-lo internado no ICM, mas “Sessenta” conseguiu fugir duas vezes, voltando de trem para Fortaleza. Na última vez, em definitivo, sua mãe sentiu-se obrigada a mentir para o diretor, simulando que seu filho havia cometido vários furtos e que era um garoto muito perigoso para a sociedade, caso permanecesse em Fortaleza.

Apesar de ter ingressado no ICM de forma forçada e somente depois de três tentativas da sua progenitora, “Sessenta” nos falou que a Escola de Menores, como ele preferia chamar o ICM, foi a melhor experiência da sua vida. Apesar de não ter conseguido realizar o seu maior sonho que era o de ingressar nas Forças Armadas do Brasil, foi nesse estabelecimento, que “aprendeu a ser gente, aprendeu as regras da vida, conheceu professoras que queria o seu bem; pôde aprender uma profissão”.

Para esse interlocutor, a escola nunca representou um lugar tenebroso e malévolo. Pelo contrário, foi nessa escola que “ele aprendeu a ser um homem; casou-se com uma funcionária da escola; e ainda se profissionalizou, tornando-se um funcionário efetivo do Estado, lotado na própria escola onde estudou”. Na realidade, segundo “Sessenta”, a Escola acabou significando um pai e uma mãe, uma vez que sua genitora lhe abandonara e seu pai morreria quando ele tinha apenas quatro meses de vida. Seguindo sua narrativa, registrou:

O Colégio Santo Antônio do Buraco foi um colégio que ficou na história como um exemplo excelente. Ele não era só aquele colégio que tirava das ruas crianças marginais, mas também aquelas que as mães não tinham condições de sustentá-los e educá-los. Não foi só um colégio do ensino primário, mas de ensino profissionalizante, pois os alunos da minha época foram recuperados e ressocializados a viver na sociedade.

⁴⁶ Conforme já mencionamos anteriormente, os alunos que frequentaram o Instituto Carneiro de Mendonça eram geralmente conhecidos pelo número grafado em seu uniforme escolar. O entrevistado faleceu meses depois da entrevista realizada em 2013.

Apesar de ter manifestado todo esse orgulho pelo ICM, “Sessenta” nos falou também que a relação dos alunos e sociedade da época não era das melhores. De acordo com suas lembranças, os rapazes que matriculados na escola não podiam namorar com as moças da cidade; eles eram alcunhados de “rabos-de-burro”, pessoas ruins e, por isso, deveriam ser evitados pelas moças da cidade, hoje Maracanaú. Segundo esse interlocutor, a escola possuía alguns rótulos na sociedade que dificultava o entendimento real do que era a escola. Com suas palavras:

Todo menino tinha medo do Buraco de Santo Antônio, as crianças na época ouviam histórias de que iam para lá para ficar enterrada no buraco, passar o dia inteiro enterrada num buraco ou iam ficar apanhando; as crianças tinham medo. No Santo Antônio do buraco os meninos se ajeitava ligeirinho. Quando a caminhoneta Madalena chegava na esquina, pronto, ela abria aquela sirene, corria o que era de menor, corria tudo.

No entanto, paradoxalmente, tecendo comentários lisonjeiros sobre o ICM, “Sessenta” asseverou que mesmo com essas representações na cidade, era a escola mais desejada pelas pais em sua época. “Muitas pessoas que moravam em Maranguape, gostariam, na época que seus filhos estudassem naquela instituição correcional”. “Sessenta” insistiu em dizer que a escola não era apenas uma escola para meninos de ruas. Mas para todos que quisessem melhores condições de vida. Conviveram com ele meninos de rua, mas também compartilhou a experiência do ICM com filhos de fazendeiros, pessoas importantes do Ceará e até de outro Estado.

Como sabemos, o Instituto Carneiro de Mendonça fazia parceria com as Forças Armadas e Polícia Militar e, anualmente, recrutavam-se, segundo “Sessenta”, aproximadamente cem alunos para a Marinha, cerca de oitenta alunos para o Exército e cinquenta para a Aeronáutica, assim como outros eram recrutados para a Polícia Militar. Sobre a preparação e as possibilidades de os alunos ingressarem nas Forças Armadas, “Sessenta” relatou o seguinte:

Nós estudávamos o programa que estava no programa da marinha, tinha lá no papel o que eles mandavam para escola de menor, aí pronto, tão precisando de cem aluno, querendo que ele preparasse; aí pronto, aí preparava, ele passava três meses estudando lá dentro, os professores eram bons, os alunos faziam exame e passava, aquele que não passava voltava para lá de novo, até esperar a idade maior.

“Sessenta” lembrou com muita saudade de seus amigos do ICM que foram aprovados na Marinha e seguiram carreira militar, como por exemplo, os amigos Jiló, Eliseu e João. Este último, que nem era aluno da instituição corretora, morava no bairro vizinho à escola, no Olho

D'água, estudou o programa para a Marinha no ICM e obteve aprovação. Apesar de sentir orgulho de ter estudado no Instituto Carneiro de Mendonça, “Sessenta” lamentou não ter conseguido êxito nos exames das Forças Armadas e explica por que acabou ficando a vida toda na escola.

[...] Você sabe que quando a gente é pobre, filho de gente pobre, para poder chegar aonde quer chegar é meio difícil. E o Santo Antônio do Buraco foi essa escola que adiantava a gente, preparava a gente, se quisesse, para não se tornar um marginal. Se te perguntavam se não tinha emprego. E você dizia que não tinha. Eles conseguiam para você. Se não conseguisse o emprego para você, a escola pedia para a gente ficar na escola. Assim, eu tentei entrar na Marinha, não passei, fui para polícia, e não passei na polícia, aí fiquei como agregado. Mas, da minha turma todos passaram. Somente eu fiquei de fora porque não passei no exame psicotécnico. Porque o exame da Marinha era duro. A escola preparava bem, mas não preparava para o exame psicotécnico. Quem levou pau fui eu.

Não obstante esse infortúnio na sua trajetória, “Sessenta” considera-se um homem de sorte porque, segundo ele, muitos de seus colegas foram embora de Maracanaú, mas logo morreram. “Eu perguntava, cadê aquele rapaz? Morreu. O outro casou, ou a mulher matou, o fulano foi tomar um banho no rio Tietê, desceu de água abaixo e morreu.

Apesar de ser uma escola de oportunidades, preparação e preocupação com a vida profissional dos alunos internos, de acordo com os relatos de “Sessenta”, as regras e as punições do ICM costumavam ser duras com alunos fujões. Leiamos o seu relato:

[...] se você fugia, você levava uma pisa, levava doze bolos, levava umas doze correada boa; se errasse apanhava, por exemplo, se desse um murro num menor, se fosse visto, o inspetor colocava o seu nome em um papelzinho, pronto, deu um murro na cara do menino, aí ia para o castigo, o castigo era bolo, palmatória, viu? A primeira vez que errasse era quatro bolos, a segunda vez era seis, e preso se fosse uma coisa muito grave, aí ia para o xadrez, por exemplo, o caboclo queimasse uma rede, o caboclo passava trinta dias num xadrez.

A escola estava organizada para a correção e formação profissional, visto que a escola precisava gerar receitas para complementar as verbas do governo federal.

[...] rapaz, nós vendíamos rede, o diretor pegava 500 redes. A escola precisava de dinheiro; o Estado pagava aquela quantia, mas atrasava, o dinheiro era pouco, então, nós tínhamos que trabalhar, trocava as coisas, por exemplo, quando faltava o feijão, a gente trocava a rapadura pelo feijão para nós, aí a gente armazenava em alguns armazéns. Vinha aquela verba e o dinheiro que sobrava o padre pagava a gente com o que sobrava, quando eu já era agregado.

“Sessenta”, chegando à maioridade, tornou-se agregado⁴⁷, a convite do diretor da escola, Pe. Giovanni, passando a trabalhar como chefe da rouparia da escola. Não era raro que os ex-alunos se tornassem funcionários efetivos do Estado trabalhando na própria escola. “Sessenta”, inclusive, lembrou-se dos falecidos colegas, o 5 (cinco) e o 47 (quarenta e sete), que trabalharam como inspetores de turma, após concluírem os estudos. Não era qualquer ex-aluno que podia conseguir empregos como esse. “Sessenta” nos disse que para ser agregado era precisava ter um bom comportamento e ser trabalhador”. Relatou que o diretor levava em consideração se a família do aluno era pobre. Vários alunos que tinham condições financeiras, tiveram de sair da escola assim que completaram a maioridade. Levando em conta esse critério, “Sessenta” disse que o diretor da escola não deixou ele sair da escola. O diretor disse para ele: “eu saio, e você fica”.

No ano de 1966, Sessenta casou-se com Hozenir, que era filha de uma funcionária da rouparia da escola. Durante a conversa, Hozenir pediu para registrar que não foi fácil namorar um aluno do ICM. Ela nos revelou que “era proibido que as moças namorassem os rapazes do ICM porque eram pessoas consideradas ruins, ou seja, eram como ‘rabo-de-Burro’”. Em uma de suas lembranças nessa caminhada junto com “Sessenta”, Hozenir relata que certa vez, indo para Fortaleza, com o seu marido, foi surpreendida por uma senhora, que conheceu o seu marido na infância, e disse-lhe:

Minha filha, eu pensava que esse menino não tinha dado para nada. Eu não estou acreditando que seja ele. Aí eu disse, pois é. O nome dele é José Aírton? Aí eu disse: é sim senhora. Pois, minha filha, ninguém dava um tostão furado pelo seu marido; ninguém nunca imaginou que ele desse para um dono de casa. Eu até fiquei surpresa porque eu não conhecia ele assim, porque quando eu conheci ele, ele já era um rapaz já formado, educado.

Hozenir acrescenta:

[...] o pessoal dizia, se a gente namorasse com o pessoal da escola de menor, dizia que, na época, as pessoas achavam que os rapazes não tinham responsabilidade, namorava, conhecia as jovens e as deixava. Só que comigo era diferente porque a minha mãe queria muito; eu é que não queria porque eu conheci ele com nove anos de idade e começou a frequentar a minha casa eu tinha treze anos de idade, esperou que eu ficasse mocinha, e meu pai e minha queria muito porque ele era uma pessoa muito boa... [...] meus pais moravam no Boa Vista e minha mãe trabalhava lá.

⁴⁷ O agregado era o ex-aluno que, depois da maioridade ou do serviço militar, voltava para o ICM. Quando acolhido - evidentemente não mais como aluno - passava a ser um funcionário da escola. Trabalhando, residindo no ICM. Acabava, no mais das vezes, casando-se e estabelecendo-se em uma rua que ficava por trás da escola, mais para o poente, ao lado do caminho para o campo.

Casados, os dois permaneceram no ICM, morando em uma casa cedida pelo Pe. Giovanni. Durante esse período, o casal relatou que eles passaram a ter o direito de levar alguns menores para ajudar na casa dele. Sobre isso, Hozenir explicou:

A gente tinha o direito de levar o menor para casa, não só para minha casa, mas para casa de funcionário todo dia, ajudava a lavar um prato, eles faziam questão de fazer alguma coisa, a gente dava uma gorjeta, eles iam porque gostava, ia assistir televisão, eles gostavam dos meninos meu, aí depois voltava para a escola.

Quando o ICM passou a ser administrado pela FEBEMCE, segundo “Sessenta”, a condição de vida e moradia na escola piorou, pois começaram a faltar os recursos necessários para manter a escola funcionando de maneira satisfatória. A escola ficou praticamente fechada e ele ficou morando na escola sem fazer nada. Foi nesse período que ocorreu uma discussão entre “Sessenta” e Pe. Giovanni, provocando a sua saída da escola. A esposa de Sessenta registrou esse episódio:

[...] aí eu passei três meses fora da escola, e aí ele foi para casa da mãe dele em Fortaleza. Aí o nosso namoro não era do agrado dela, nunca foi de acordo, então eu sabia que ela não gostava de mim, dizia que eu era uma pessoa pobre, era provinciana, era assim que ela me chamava; ela dizia que o filho dela tinha capacidade de arranjar uma moça de Fortaleza, uma moça instruída; aí ele foi para lá, aí eu disse pra ele: você pode ficar lá, arranjar uma moça que a sua mãe queira, não tem problema, não adianta eu ficar aqui esperando por você, a sua mãe não gosta, aí fique pra lá que eu fico pra cá. Aí ele disse: não, não de maneira alguma, aí ele saiu sem dizer nada a ela, passava o dia na minha casa; dormia na casa da minha avó; meu pai queria me tirar de casa.

Depois de ter passado alguns meses longe da escola, o casal resolve se reconciliar e se confessar com o Pe. Giovanni para pedir o retorno à escola.

Pedi o padre para deixar “Sessenta” voltar novamente. Então, o padre disse: ele saiu porque ele quis, eu não botei ele para fora. Peça para ele voltar no dia primeiro de setembro. Eu disse que estava certo. Quando nós voltamos, ele não ficou porque a casa de agregado estava em reforma, não tinha onde ele ficar. O padre disse: “Sessenta” volte no dia 15 de setembro. Assim, no dia 15 ainda não tinha terminado a reforma. Aí venha agora no dia primeiro de outubro. Aí nesse intervalo entre o dia quinze e o primeiro de outubro, eu voltei a conversar com o padre e disse: padre, aceite ele novamente aqui, deixe ele onde quer que for, bote ele para dormir em qualquer canto porque eu sou uma moça e o pessoal fica falando. Eu disse para o padre que meu pai já queria me expulsar de casa e eu não quero fazer nenhum mal a ele. Ele é uma pessoa muito boa. Aí o padre disse: então, a partir do dia primeiro de outubro, traga as coisinhas dele e ele pode ficar.

Nessas condições, “Sessenta” retorna à escola, agora conveniada à FEBEMCE, não mais na condição de agregado. Pe. Giovanni o empossa como funcionário público do Estado. Ele passa a trabalhar no ICM como auxiliar de enfermagem e, posteriormente, como chefe de

cozinha. No entanto, apesar de contente com os empregos públicos, “Sessenta” teve que sair novamente da escola, pois não queria ficar ligado administrativamente à FEBEMCE. Nosso interlocutor passa a trabalhar no Instituto Penal Paulo Sarasate. Em seguida, desempenha suas funções públicas no Manicômio Judiciário durante 10 anos, até voltar ao Maracanaú onde se aposentou.

Chegando ao final da nossa primeira e última conversa⁴⁸, “Sessenta” pediu para registrar suas lembranças acerca das professoras que lhe ensinaram no ICM. Reconheceu que as professoras eram ao mesmo tempo generosas e severas. Nesse sentido, relembrou do modo rígido com que sua professora Hercília ensinava. “Ela era muito carrasca com a gente. Não consigo esquecer da sua rigidez”. Por outro lado, sentiu-se contente em registrar os nomes das professoras Elizete, Margarida Alacoque e Raimundinha, dizendo o seguinte: “eram professoras realmente muito boas. Você não aprendia com elas se não quisessem. Eu nunca vi professoras assim! Eram professoras que só faltava abrir nossa cabeça e botar o conhecimento para dentro. Professoras nota mil mesmo!”

Finalizando o diálogo, “Sessenta” declarou não ter nenhuma lembrança negativa da escola:

Eu só tenho lembrança boa, porque é o seguinte: Eu era um menino de rua, e aprendi alguma coisa lá dentro, me formei um cidadão. Se eu tivesse ficado com minha mãe, ela não teria condições para me criar. Hoje eu sou uma pessoa realizada, agradeço a Deus, em primeiro lugar, e depois ao Carneiro de Mendonça porque aqueles que estiveram comigo lá e fugiram, morreram, se acabaram tudo, e eu estou vivo contando a história. Fechar uma escola daquela ali é um crime. Aquela escola tinha uma moral medonha.

7.2. Eugênio Estevam Batista

Nosso primeiro contato com Eugênio aconteceu no dia 28 de março de 2017, ocasião em que ele nos enviou uma mensagem pelo aplicativo de celular, *WhatsApp*. Nessa primeira comunicação, informou-nos que tinha sido aluno no Instituto Carneiro de Mendonça durante a gestão de Pe. Paixão, entre anos de 1956 (2º semestre) e 1957 (todo o ano). No entanto, devido aos problemas de acesso àquele aplicativo, não foi possível mantermos contato com ele.

⁴⁸ Infelizmente, meses depois de nosso primeiro encontro, “Sessenta” falece devido a complicações cardiovasculares.

Dois dias depois, procurou-nos novamente pelo mesmo aplicativo, dizendo que, pelo *Facebook*, teve conhecimento do projeto dessa tese⁴⁹. Disse ainda, que a pesquisa lhe tocou bastante, inclusive por ter lido um comentário de um ex-aluno, João Neves, que lhe emocionou bastante. Aproveitou esses primeiros contatos para nos informar que, em 1992, havia encontrado outro ex-aluno chamado Valdemes numa escola pública em Gama, na região administrativa do Distrito Federal. Porém, perdera o contato com ele e ainda não havia obtido resposta. Eugênio nos disse que estava muito animado e esperançoso com a presente tese, pois, por meio dela, poderia ser uma ótima possibilidade de reencontro dos ex-alunos. Desse modo, sugeriu-nos que enviássemos o projeto da pesquisa para ele conhecer com detalhes os objetivos da investigação. Finalizou esse primeiro contato com a seguinte frase: “estamos no jogo, na luta; juntos, meu amigo”.

Inicialmente, pensamos em fazer uma entrevista por meio do *Skype*, mas, Eugênio falou que não utilizava esse *software* de comunicação e que preferiria que nossas conversas acontecessem por meio do *WhatsApp* ou mesmo por e-mail através do relato escrito de sua trajetória de vida. Sempre perguntando se nós tínhamos conseguido localizar João Neves e outros ex-alunos. Aconselhava-nos que não deveríamos perder de vista cada um dos sujeitos que fossem localizados e que não deixássemos de enquadrá-los na época em que eles estudaram ou atuou na escola. Reiterou que haveria uma necessidade de promover um encontro dos ex-alunos e que a tese poderia ser uma ferramenta para promover esse encontro. Disse-nos ainda que a tese seria uma excelente oportunidade de retratar a realidade daquela época. Um período de muita pobreza. Independente do medo que lhe causou, Eugênio disse ter consciência hoje que a escola desempenhou muito bem o seu papel no combate à pobreza. Desse modo, registrou:

É uma pesquisa para olhar para o pobre e para a verdadeira realidade brasileira. Não é uma vergonha. O Santo Antônio do Buraco não deve ser lembrado como uma coisa de horror. Não deixa de ter um sofrimento, é claro. Mas, é como uma injeção. Dói, mas é algo necessário. Não precisamos ter vergonha da nossa história.

Eugênio era um menino que não conheceu sua mãe, morta pouco tempo depois de ele ter nascido. Não teve convívio com o pai, pois foi criado pela avó materna. Além dele, sua avó criou uma neta, que era gêmea de um menino, que ficara com a mãe. Quando Eugênio nasceu, aquela menina gêmea, com 13 anos de idade fora enviada do povoado Barrinha na cidade de Trairi-CE para trabalhar como doméstica na capital cearense.

⁴⁹ Na tentativa de localizar ex-alunos, professoras e “grandes testemunhas” do ICM, divulgamos parte do projeto dessa tese nas redes sociais, inclusive no *Facebook*.

Com a morte de sua avó, que ele chamava de mãe, afirmou que passou a ter uma vida itinerante na casa de familiares. Foi sua prima-irmã, madrinha de batismo, em uma ação conjugada com empregadas que conseguiu que o patrão de dona Neném Malaquias, Sr. Aderbal Freire, conseguisse uma vaga no ICM.

Eugênio chegou ao ICM aos nove anos de idade, sendo matriculado na 2ª turma. Segundo suas lembranças, na alfaiataria, recebeu uma muda de roupa de mescla azul; uma muda de roupa de tecido igualmente rústico, com cor esverdeado. No bolso de cada camisa veio bordado o seu número na turma, 170. Segundo as normas da escola, a roupa de mescla azul deveria ser usada durante a semana e trocada aos sábados, depois de uma revista do seu estado de conservação; a outra muda era para as aulas em sala, para a missa, e para apresentações oficiais. Passando pela sapataria da escola, recebeu um par de alpercatas, para uso nas ocasiões em que se vestia a roupa "melhor". Na realidade, segundo Eugênio, eles andavam descalços, inclusive nas aulas de Ginástica e no jogo de futebol. Na tecelagem, recebeu uma rede. Recebeu do inspetor de sua turma uma escova de dente, que na entrada do banho às 6h, esse funcionário espremeria o creme dental na medida certa. Na marcenaria, recebeu uma maleta onde seriam guardados todas os seus pertences que trouxera de casa os que acabara de receber.

Com a maleta na mão, ele foi conduzido ao pavilhão (alojamento/dormitório), que tinha apenas uma porta de entrada e saída. Depositou sua mala em uma estante de madeira. Procurou uma vaga para pendurar sua rede; encontrou fileiras de canos com armadores em forma de um esse para prender os punhos. Por uma larga porta ao fundo, viu que teria acesso para um banheiro e um pequeno lavatório; havia também um mezanino com escada, sobre o qual dormia o inspetor; ao pé da escada, uma pequena sala, chamada de tela, porta com cadeado por fora, para isolamento de algum menino desobediente. Eugênio disse que, durante o tempo em que ficou na escola, nunca viu alguém de sua turma ocupar aquela sala de isolamento.

Internado em julho de 1956, Eugênio descreveu seus primeiros sentimentos no ICM da seguinte maneira:

Era de tarde. Eu fiquei tão desolado quando me vi ali, sem conhecer ninguém, que passei o restante do dia sem comer nem beber coisa alguma. Anoteceu e, depois do jantar, antes de nos recolhermos ao pavilhão para dormir, lembrou-me do breve recreio e algumas distrações. No topo de um poste, havia a irradiadora que tocava uma música de Luiz Gonzaga, intitulada: "Não meta a mão no buraco de tatu".

Segue a letra da música⁵⁰:

Não boto a mão em buraco de tatu,
 Que é muito perigoso, é preciso ter cuidado.
 Lá dentro pode ter um cascavel, ou um urutu.
 Esperando com o bote armado.
 Não bote a mão em buraco de tatu,
 Que é muito perigoso, é preciso ter cuidado.

Lá no meu roçado, no meio do mandiocal
 Tem muito buraco de tatu
 O meu irmão que é muito enxerido
 Botou a mão puxou uma surucucu
 Bem feito, quem foi que te mandou
 Enfiar a mão no buraco do tatu, (2x).

Cada noite, antes de adentrar o pavilhão, para dormir, devia-se observar o intervalo de meia hora entre o recolhimento da 1ª, 2ª e 3ª turmas (19h30) e a da 4ª turma (20h). Todas deveriam ficar em filas voltadas para a porta da entrada. O inspetor chamava cada um dos alunos pelo número e, caso houvesse alguma anotação disciplinar sobre o meu número, aquele inspetor apontava o meio-fio da calçada para ficar ajoelhado, aguardando a chegada do diretor, que depois do recolhimento dos maiores vinha aplicar a punição, que geralmente consistia em açoites de correia nas costas. No mais das vezes, eram três ou quatro açoites. Somente depois das punições, liberavam-se os meninos para dormir.

O dia a dia de Eugênio era bastante atarefado. Contudo, as atividades da escola eram feitas de modo discreto, inteligente e decisivo. Havia grupos de trabalho. Faziam-se planos e aguardava-se sempre a melhor ocasião para cada atividade. Eugênio nos contou que a competição de um passar por cima do outro não se sobrepunha ao senso de honra. Marcava-se um encontro; distribuíam-se funções; cumprida aquela etapa, a questão ficava resolvida. As insatisfações que apareciam eram mais em comentários e atitudes de ex-alunos, fora da escola, conjugadas com os preconceitos da própria sociedade comum.

⁵⁰ Fonte: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/954996/> Acesso em 26 de julho de 2017.

Com relação aos docentes, Eugênio lembrou-se de que havia apenas um professor no ICM. Ele atuava em duas salas com carteiras, que havia no térreo do prédio central da escola, que era o da Diretoria. Tratava-se de Teófilo, um ex-aluno da 4ª turma, um dos pouquíssimos de que ele sabia o nome de batismo. Teófilo atuava auxiliando outras professoras na alfabetização das turmas de 1º ano. De quando em vez, Pe. Paixão acompanhava e monitorava o ensino nas salas de aula. Com exceção de Teófilo, todos os docentes eram mulheres. Eugênio lembrou-se da irmã do Pe. Paixão, Dona Alba, ainda solteira, e que todo mundo achava muito linda, que lecionava nos turnos manhã e tarde. Recordou-se também de outras professoras, dona Maria José, dona Zuíla e dona Mirtes.

Na percepção de Eugênio, a escola era muito bem articulada com vários órgãos governamentais. Quando não podia contar com a polícia militar, fazia parceria com a polícia técnica⁵¹. A escola também tinha a colaboração da Secretaria de Saúde e da Secretaria de Agricultura. Segundo Eugênio, além do agrônomo no campo, a substituição do Diretor do ICM, algumas vezes, era feita por meio do Diretor do Centro Experimental, sempre com seu chapéu de *cowboy*, que lembrava o ator americano Hopalong Cassidy. A escola era administrada por meio da parceria entre os funcionários. Entre estes, Eugênio conseguiu registrar lembranças do senhor Laranjeira, que era inspetor de alunos; dos motoristas de caminhão, senhor Osmundo, que dirigia um Ford modelo V8 e senhor Zeca Nogueira, que dirigia um veículo modelo *International*.

Com relação à instrução e regência recebida no ICM, Eugênio afirmou que não se fazia nada de modo improvisado. Tudo era muito bem pensado e planejado. Contou o exemplo da atuação da banda de música nos desfiles da escola. Segundo Eugênio, enquanto os integrantes da banda não tinham alcançado a excelência no domínio do ritmo e sincronia do movimento da marcha, não paravam de exercitar. Executar as instruções do comandante, exigia-se muito fôlego e preparo físico adquiridos nas aulas de Educação Física, que tinham a regência de um sargento da PM. Uma execução da banda, seja em desfile ou em alguma apresentação com regência do maestro, custava longo treinamento com rigorosa instrução. Segundo Eugênio, no ICM, conjugavam-se instrução e regência. A transmissão do conhecimento era feita de modo rigoroso, para fins práticos. O ensino era comprometido com a assimilação feita pelos alunos.

A organização e o funcionamento da escola davam-se com a participação de diversos profissionais. Além do instrutor (chefe ou comandante) e do regente (professor, maestro,

⁵¹ Atualmente, Polícia Civil.

inspetor) havia na escola enfermeiro, cozinheiro, roupeiro, barbeiro, eletricista, motorista e pedreiro. Era comum os agregados conseguirem o emprego e desempenharem a função de pedreiro no ICM. Eugênio comparou a situação dos agregados do ICM com o que ele encontrou em Itamaracá-PE, a vida de ex-presidiários. E, algum tempo depois ainda, viu situação análoga em Cruzeiro do Sul no Acre, com pacientes curados da lepra, que após tentativas de convívio na sociedade comum, acharam por bem retornar ao hospital em que haviam sido tratados, o que ocasionou a formação de uma vila e a ampliação da atividade com as criações em uma verdadeira fazendinha. Eugênio ilustrou essa comparação parafraseando Giannetti: “a natureza pode não fazer concessões, mas é pródiga”⁵².

Em uma das conversas pelo *WhatsApp*, às três horas da madrugada, Eugênio pediu para narrar sua rotina no ICM. A corneta soava às cinco da manhã. Ao longo do dia, Eugênio ouvia os sinais na hora certa para as ações diárias, emitidos por esse instrumento, que ficava na saleta da Inspetoria, no térreo do prédio da Diretoria. Timbre muito claro, agudo, enérgico e composto de sopros mais breves e sons mais longos, no despertar da atenção. No pavilhão de Eugênio, estavam os alunos menores. Rapidamente desciam, desarmavam a rede, deixando-a enrolada de modo mais perfeito possível, presa por um dos punhos ao cano que lhe prendia. Aqueles que urinavam na rede, sem que ninguém precisasse mandar, desatavam-na, e, em uma torneira do comprido lavabo, no banheiro, lavavam o fundo e estendiam para secar. Tudo era feito muito rapidamente.

Em poucos minutos, em frente à porta, pelo lado de fora - semelhantemente ao recolhimento, na noite anterior - os alunos de cada pavilhão, distribuídos em quatro filas, tinham sua presença conferida pelo inspetor. Em rodízio, após a chamada, cada uma das turmas era destacada para o banho, após o qual, metida na 2ª muda de roupa que havia na mala da escola (tecido rústico, mas de aparência um pouquinho melhor que a da mescla azul com o número bordado em relevo no bolso, de uso mais comum, no trivial) ia assistir à missa; uma outra ia para os ensaios de música; ia para a carpintaria ou marcenaria; outra, conduzida por policiais militares, ia para as aulas de educação física, para aprender a marchar, conforme podemos conferir na imagem abaixo. O dia começava, portanto, bastante intenso e com atividades todas programadas. É essa organização e funcionamento das atividades que ainda hoje chama a atenção e admiração de Eugênio pelo ICM.

⁵² GIANNETTI, Eduardo. *Autoengano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.17).

Imagem 55 – Aulas de Educação Física no ICM

Fonte: Arquivo pessoal de ex-aluna, professora Dulce.

Outras turmas restantes eram incumbidas de fazer a limpeza da escola. Essa tarefa deveria ser uma das mais primorosas. A escola começava o dia muito bem limpa. Entre 6h e 6h30min, todas as turmas tinham de concluir o banho. Havia dois banheiros coletivos, que eram ocupados turma a turma. Cada banheiro consistia em amplo salão, com cabideira que se estendia ao longo da parede do piso mais elevado. Bem acima das cabeças dos meninos, havia uma rede de canos paralelos com bocas de saída d'água, distantes uma da outra cerca de um metro.

Havia bocas para uns 80 banhistas. O aluno, munido de sua escova dental, na entrada do banheiro recebia a suficiente porção do creme dental (o inspetor postado à porta espremia a bisnaga sobre as cerdas). Pendurada a roupa num dos cabides, a pessoa punha-se debaixo de uma daquelas bocas. Disposta a turma sob as bocas d'água, o inspetor expedia aviso para abrir o registro. Após algum tempo, sob observação do inspetor, a água jorrando para todos, o inspetor dava ordem para fechar o registro. Havia findado o prazo para aquele banho, e respectiva higiene bucal. Não havia toalha nem sabonete. Diariamente, além deste pela manhã, todos tomavam um segundo banho à tardinha, entre 5 e 5h30min; desta vez, sem escovação dos dentes.

No refeitório, que era chamado de rancho, não cabiam todos os alunos de uma vez, ao mesmo tempo. Assim, em frente ao rancho, havia um longo banco de cimento, dividido em duas metades, com uma abertura entre elas, na largura de uma porta, que ficava, assim, bem em frente da porta de entrada para o rancho. O banco, em suas duas metades, tinha assento nos dois

lados da divisória que oferecia encosto comum, dos dois lados. Nesse banco esperavam, sentadas, as 1ª, 2ª, 3ªA e 3ªB, todos no assento. Segundo Eugênio a disciplina era uma realidade no ICM. Enquanto isso, a 4ª turma estava em quatro filas adentrando no rancho, fila por fila para se servir. Esse banco tinha ainda outra função, que veremos mais adiante.

As refeições eram simples, mas suficientes e satisfatórias, segundo Eugênio. Ele esteve em outro estabelecimento em regime de internato, em seminários católicos. Eugênio disse, com certo orgulho, que o ICM não precisa constranger-se diante da mesa dos seminários em que ele estudou: Seminário Sacramentino (1958-1964) em Caucaia-CE, Escola Apostólica São Vicente de Paulo (1963 e 1964) em Fortaleza-CE. Com a diferença significativa de que os alimentos de que se serviam alunos e funcionários do ICM eram, quase tudo, o fruto do trabalho no campo dos próprios alunos. A escola era farta. Fruto do trabalho de Eugênio e outros garotos. Sobre o valor pedagógico do trabalho na escola, Eugênio ressaltou:

Naquele tempo, a insegurança do remorso histórico ainda não tinha atingido o nível de não se admitir o valor pedagógico do trabalho. Mesas nuas, com bancos compridos, onde se faziam as refeições em prato de ágata, comendo com colher.

O cardápio era o seguinte: no café-da-manhã, serviam leite e bolo de milho; no almoço, arroz, feijão, carne (dia sim, dia não), jerimum (ou macaxeira), farinha, um copo de refresco; no jantar, era servida sopa. Pela manhã, depois das 9h, e à tarde, por volta das 3h, servia-se uma merenda, onde o mais comum era o leite (da marca Aliança para o Progresso) ou refresco, para acompanhar alguma coisa mais sólida (à base de milho ou farinha/goma).

De acordo com as lembranças de Eugênio, todas as obrigações com o ensino escolar eram cumpridas em sala, estritamente durante determinado período. A sala era bem equipada com a mobília e os objetos tradicionais: carteiras, lousa, o gabinetezinho da professora, mapas, e gravuras para descrição, presos a uma ripa. O material de uso dos alunos, como lápis, borracha, caderno, livros de leitura, tabuada, tudo era deixado em sala de aula para outra turma do turno da tarde. As aulas no turno matutino aconteciam das 7h30 às 11h30 e, no vespertino, das 13h30 às 17h30.

Eugênio, além das lições em sala de aula, à tarde, ia para o campo com outros colegas, sob a responsabilidade de um instrutor e as diretrizes de um agrônomo. Além disso, Eugênio ajudava dona Lourdes no trabalho doméstico e, sobretudo, durante a madrugada, cuidando do forno à lenha, preparando a massa, organizando a grande quantidade de formas, assando o bolo do café ou da merenda. Nesse ponto, Eugênio lamentou o fato da escola não possuir pedreiro. Pois na sua percepção, seria necessário.

Eugênio também mencionou o futebol praticado na escola. Lembrou-se de que o time principal colheu muitas conquistas e viveu tempos de glória diante de adversários visitantes. Segundo Eugênio, eles jogavam descalços. Alguns usavam tornozeleiras e os goleiros Joelheiras. Mas, em competição interna, os garotos dispunham de dois uniformes: um alviverde, com faixa transversal verde, chamava-se Cruzeiro do Sul; o outro, alvirrubro, com listas verticais vermelhas, que se dizia do Bangu.

Um lazer muito apreciado na escola era o “gol a gol”. Em dupla ou individual, os meninos confrontam-se em cada um dos extremos do campo, chutando a bola erguida com a mão, à maneira do futebol americano contra as metas do adversário. As rebatidas eram válidas, ocasionando chutes, de curta distância, de difícil defesa. A vitória decidia-se pelo número de gols marcados no adversário. As competições ocorriam nos domingos e feriados. Nos breves intervalos dos dias úteis, praticava-se apenas o “gol a gol”.

Outro lazer que Eugênio recordou-se era passear de bicicleta. Conforme Eugênio, havia bicicleta para os diversos tamanhos de ciclistas. O rodízio para poder usar a bicicleta obedecia a um critério fundamental na escola: a disciplina. Para Eugênio, “a disciplina com critério e justiça, produzia frutos”. A disciplina casava-se com o senso de honra, que reinava nos próprios grupos de garotos para todos se divertirem com as bicicletas. Eugênio aprendeu a andar de bicicleta no ICM. Mas, essa diversão somente era permitida aos domingos e feriados. No entanto, de acordo com Eugênio, a diversão mais querida de todos era feita aos domingos e feriados, qual seja, o de sair para pescar e caçar na mata da escola. Após o café, formavam-se os grupos, em geral de 6 a 8 meninos. Então, apresentavam-se ao Diretor para esse anotar os números dos menores e o nome do responsável pelo grupo. Os garotos acabavam passando o dia no mato. Comiam por lá mesmo. Eles apreciavam o campo fértil; os bichos e os peixes na correnteza, assim como as aves na mata. O grupo voltava ao final da tarde para se apresentar ao diretor.

Eugênio recordou de outro lazer que era o de recolher castanhas de caju para assar, aos domingos e feriados; ouvir música da irradiadora, todo dia depois do jantar; uns poucos retiravam livro na biblioteca, que se punham a ler lá mesmo em uma salinha localizada no térreo do prédio central, o da Diretoria. E havia o parque, com balanços, carrossel, escorregador, roda gigante, de inesquecíveis momentos de alegria para Eugênio. Funcionava mais regularmente nos domingos e feriados.

Voltando ao banco em frente ao rancho. Após o banho do final de tarde (depois das 17h) - bem mais cedo no sábado (15h30min) - aproximando-se das 18h, o alunado encontrava-

se, todas as turmas, perfilado sobre a areinha clara e rala do campo de futebol, em frente do grande banco, onde as turmas esperavam o momento de poder ir-se servir no rancho. Ao comando dos silvos, as turmas passavam da posição de sentido para a de descanso. O padre, então, subia no banco de cimento e, em pé sobre o assento, em meio ao completo silêncio do fim de tarde, tirava do bolso o terço e começava:

Creio em Deus Pai todo poderoso, criador do céu e da terra”. Todos os alunos acompanhavam o sacerdote. Na escola, a gente estudava, trabalhava e rezava. E as conquistas que vi, naquela época, atribuo-as à disciplina e regência, onde se incluía rezar, todos juntos.

Outra cena marcante, diante do banco de espera da alimentação, acontecia aos sábados. Estava a população dos internos inteira em forma, após aquele banho que se tomava mais cedo aos sábados. Era a hora da revista do estado da roupa: aquela muda estivera no corpo durante uma semana. O diretor passava por entre as colunas, em todas as turmas, verificando o estado da roupa. Era um momento de enaltecimento breve e preciso e, ao mesmo tempo, de repreensão severa diante de sinais de descuido ou desleixo. Aconteceram casos extremos de zelo que resultaram em gratificações para alguns alunos. Mas também houve casos de punições severas por desleixo com o vestuário.

Depois da revista da roupa (sábado de tarde, após o banho e antes do terço e jantar) dava-se a troca da roupa. Uma turma por vez (as outras permaneciam em forma, na posição de descanso), em marcha, dirigia-se à rouparia. Em forma, ao ouvir seu número proferido pelo roupeiro, cada um se destacava de sua coluna e se dirigia ao balcão onde recebia do roupeiro a muda limpa (lavada e passada) para se trocar em um quarto reservado. Ali retirava a muda usada e vestia a limpa, que acabara de receber.

A disciplina se fazia não apenas com aplicação de castigos físicos. Empregavam-se medidas de efeito moral. O objetivo formativo era buscado por todos os meios. Anualmente, havia eleições dos alunos com comportamento excelentes. Em 1957, por exemplo, Eugênio foi eleito em sua turma.

Era uma eleição de verdade: cada aluno, de todas as turmas, votava (ou se omitia, mas junto à mesa) em algum candidato de sua turma. Havia um cultivo do senso de honra, do orgulho, da dignidade: na administração da escola; assim como no interior dos grupos. Isso era a coisa mais valiosa da escola. Detestava-se delator, que na época era chamado de cagueta. Jamais se soube de prêmio, por parte da administração, para esse tipo de "colaboração". Se houve, deve ter ficado muito bem guardado. Era constrangedor para todo mundo. Nunca foi motivo de orgulho. Havia no Santo Antônio do Buraco um respeito recíproco entre os alunos e a administração da escola. Os que agiam, a esse respeito, de modo escuso, era desprezado.

Quem entrava no ICM passava à tutela do Estado. Dos seis anos até a idade de prestar o serviço militar, com dezessete anos, o menor não poderia afastar-se sem que fosse acompanhado por algum adulto responsável pelo seu retorno seguro ou com destino específico a alguma família ou instituição à qual se vincularia, por adoção, ou conforme os ditames de alguma carreira de reconhecimento social, desde os níveis de preparação. Em certa ocasião, diante de vários outros garotos, Pe. Paixão perguntou a Eugênio se ele queria ser padre. Não usando da verdade, naquele momento, respondeu ao sacerdote afirmativamente.

Para mim seria uma oportunidade de sair do Santo Antônio do Buraco. Assim passei de um para outro internato: fui para o seminário. Tal foi o meu encaminhamento tutelar. A impressão que sempre tive foi a de que a maioria dos meus colegas maiores dirigiram-se para a carreira militar. Devido ao cumprimento obrigatório do serviço militar. Mas, pensando melhor, suponho que meus colegas, chegando ao serviço militar, tenham enfrentado dificuldades com a escolaridade de 4º ano primário apenas.

Eugênio lembrou-nos de que a reputação que a escola adquiriu na sociedade em seu tempo devia-se à sua disciplina interna. Passavam-se muitos períodos de tempo sem faltas graves dos alunos. Confrontar as autoridades da escola, fosse o diretor, inspetor, professor, instrutor, chefe de serviço ou comandante de turma, eram coisas raras na escola. Quem garantia essa disciplina na escola, na percepção de Eugênio eram os castigos físicos. Mas, certa manhã, em uma segunda-feira, na hora do café, Pe. Paixão, escorado no janelão do rancho, pediu a atenção de todos os alunos e proferiu:

O Senhor Bispo deu-me uma ordem que me deixou perplexo. Custa-me acreditar. Mas, vinda do Bispo, não me dá escolha. Mesmo contrafeito, vou ter que cumprir a determinação do meu superior. De hoje em diante estou proibido de aplicar castigos físicos. Não posso saber o que vai acontecer. Mas obedecerei. Daqui para a frente não aplicarei mais castigos físicos no Instituto Carneiro de Mendonça.

Após ter dito isso, Pe. Paixão afastou-se um pouco do janelão inquieto, como se fosse sair. Mas, suspendendo o movimento de quem vai sair, voltou-se novamente para as turmas e falou:

Uma vez que, no íntimo não consigo acreditar que seja possível administrar sem as punições que vínhamos aplicando, vou sair da escola, peço demissão. E para demonstrar minha admiração com o alto nível da conduta que atingimos, como presente de despedida, eu comprei um parque para vocês. Hoje mesmo, está chegando os brinquedos, vai iniciar-se o trabalho de montagem.

Com a anúncio da demissão e da chegada do parque, Pe. Paixão retirou-se do rancho. Sentados, todos os meninos se entreolhavam, estupefatos. Eugênio se perguntava: “como é que

podia ficar a escola sem castigo?” Um pouco depois dos meninos deixarem o rancho, os caminhões chegavam com os brinquedos do parque: escorregadores, balanços, montanha russa, carrossel, roda gigante, dentre outros equipamentos. A montagem dos brinquedos durou uma semana. A inauguração aconteceu em um domingo.

A “escola sem castigos” não durou nenhum dia, disse Eugênio. Às 4h30 da tarde daquela segunda-feira, deu-se uma suspensão geral. Todas as atividades terminaram mais cedo. Todas as turmas reunidas, em forma, responderam a uma chamada extraordinária. Os de número marcado pelos inspetores, professores, chefes de serviço e comandantes de turma foram reunidos no pavilhão. Não era raro, na hora de dormir, que a palmatória ou correia fossem aplicadas para corrigir as indisciplinas do dia. Tratava-se de uma experiência feita pelo Pe. Paixão. Dado o aviso da proibição de castigos físicos, todos os responsáveis por cada contingente dos meninos e por cada modalidade de atividade deveriam observar, mais atentamente o procedimento dos alunos, adotando-lhes o número conforme a transgressão.

Até aquela segunda-feira, na administração do Pe. Paixão, jamais uma autoridade no ICM havia sido tão confrontada e contrariada. A relação dos faltosos era grande. Todas as turmas tinham sido contempladas na listagem.

Durante aquela semana, o enquadramento dos alunos passou a ser duplo: de um lado, perfilados os alunos que não faziam parte da "lista"; do outro, os da "lista negra". No ato de inauguração do parque, estavam presentes autoridades. Havia muitos convidados. E o quadro era este: brincando no parque, aqueles que não tinham sido colhidos em falta, na fatídica segunda-feira. E, próximo, em forma, todos os que tinham sido colhidos em falta, na dita segunda-feira.

Mudando de assunto, no ano de 195, a gripe asiática atingiu o ICM. Os sintomas que assolaram os meninos infectados eram: febre, astenia, dores musculares, cefaleias, prostração, tosse, coriza e, em alguns casos, náuseas, prisão de ventre e perda de apetite. A doença preocupou toda a escola, pois, com uma evolução grave, poderiam surgir complicações em determinados casos e levar as pessoas à morte. A infestação foi rápida. Logo a enfermaria da escola, que não era pequena, ficou lotada. Foi preciso acolher os que contraíram a gripe nos 3 pavilhões existentes. Eugênio foi um dos poucos que conseguiu escapar àquela moléstia asiática. Segundo Eugênio, o cenário que ele vivenciou nunca conseguiu esquecer. Pe. Paixão estabeleceu uma "lei de guerra": Estava proibido apanhar caju no ICM.

Aquilo soou estranho: uma das coisas mais livres na escola era poder apanhar caju. Havia muitos cajueiros na escola. Jamais se cogitara a possibilidade de qualquer medida impeditiva. Apanhava-se o caju, que era consumido; guardava-se a castanha. No domingo, ou feriado, sobretudo na parte da manhã, vários alunos eram vistos debaixo das mangueiras, junto ao caminho do campo, perto da casa do motor (gerador de energia), assando castanhas. Mas,

vendo, o inspetor anotava o número dos alunos. E à noite, antes de entrar no pavilhão para dormir, era indicado o meio-fio (coxia da calçada), onde, de joelhos, esperava-se o Diretor para receber a punição, por um caju. Pode haver absurdo maior? Pode! Absurdo maior é: não contar a história direito; não tomar conhecimento da história completa.

Durante aquele amargo período, todo caju que amadurecia no ICM era recolhido para se fazer suco que seria administrado em cada pessoa gripada. Todos os dias os doentes tomavam suco de caju. Desse modo, segundo contou-nos Eugênio, paulatinamente, seus colegas, na enfermaria ou nos pavilhões, conseguiam ficar de pé. Mesmo tendo sido surrado algumas vezes, por ter apanhado um caju no campo, segundo ele, a sensação de orgulho por ver a recuperação da saúde dos colegas era enorme.

Eugênio lembrou-se de falar sobre o “Programa A Hora do Pobre”. Até hoje ele não compreende o porquê desse programa ter sofrido desconsideração dos mais diversos tipos. Para ele, esse programa radiofônico é semelhante a outros assuntos da história brasileira sobre os quais não se quer falar: “são empurrados para debaixo do tapete”.

A Hora do Pobre foi uma ação beneficente: um verdadeiro benefício para muitas pessoas carentes. Em cena: Pe. Paixão, que ocupava o microfone, na realização do programa; seu irmão Airton (irmão por parte de pai, que, viúvo, casara novamente), que atendia os ouvintes ao telefone e redigia as mensagens; e equipes de alunos trazidos do Santo Antônio do Buraco, entre os quais me achava, que faziam a leitura das mensagens ao microfone.

Por trás dessa programação da rádio⁵³, havia toda uma infraestrutura para atender às necessidades das pessoas em instituição ou individualmente, como assistência médico-dentária, aquisição dos medicamentos, alimentos, vestuário, calçados, rede, entre outros. O excedente da produção do ICM era levado também para o programa. As mensagens dos ouvintes, pelo telefone, eram de ofertas, contribuições, com a devida identificação para o recolhimento posterior.

Em outro momento de conversa, no dia 18 de julho de 2017, Eugênio propôs que fizéssemos um encontro dos remanescentes do ICM. Explicando que o povo brasileiro deveria deixar de sentir vergonha das instituições que, de fato, contribuíram para a moralização do país. Falar do Santo Antônio do Buraco não deveria ser motivo de vergonha. A mídia, segundo Eugênio, poderia ajudar a localizar ex-alunos e outros que ali estiveram. Seria um evento que supunha cumprimento de etapas. Merecia um planejamento para que o povo brasileiro deixasse

⁵³ Rádio Iracema é uma emissora de rádio brasileira sediada em Fortaleza, capital do estado do Ceará. Opera no dial AM, na frequência 1300 kHz. Foi fundada através de uma sociedade entre os irmãos Flavio Barreto Parente e José Barreto Parente e do empresário José Josino da Costa, em 9 de outubro de 1948. É controlada atualmente pelo empresário Francisco Magno Nogueira.

de sentir vergonha daquilo que não precisa. Por nosso turno, falamos das dificuldades de conseguir reunir os ex-alunos, mas, nos propusemos que após a conclusão dessa tese, poderíamos promover um reencontro dos alunos. Devido ao pouco tempo para a tessitura da tese, naquele momento não seria viável essa empreitada.

A partir do dia 21 de julho de 2017 passamos a nos comunicar por telefone. Concordamos que Eugênio continuaria sua narrativa por meio de um texto escrito que seria enviado por e-mail. Nessa segunda etapa de suas narrativas, disse que foi um dos alunos que sentiu vontade de sair da escola, mas admitiu que:

A palmada que a vida me deu ali, remetendo-me ao poeta Bráulio Bessa, foi das mais leves, entre as muitas que a vida já me deu. O povo brasileiro carrega uma herança amarga e triste: a de sentir vergonha de coisa que não lhe dá motivo para tal constrangimento (por exemplo, as misérias sofridas); e não tem vergonha daquilo de que realmente deveria envergonhar-se (como a miséria causada, por exemplo, com a apropriação indébita de recursos públicos). Devo a libertação de minha alma dessa torpe inclinação à experiência de ter sido um dos internos no Santo Antônio do Buraco.

Eugênio disse ainda que, no curso dos seus 70 anos de vida, não conheceu nenhuma outra instituição onde ele pudesse aprender os valores da honra e da justiça de modo tão claro. E a forma de se aprender esses valores era por meio da correção, que se estendia a todos da escola. As correções se estendiam a todos que estivessem em desacordo com as diretrizes da escola. No entanto, segundo Eugênio, jamais soube ou vi algum ridicularizar aqueles que estavam sendo corrigidos. Além dos valores da honra e da justiça, a honestidade também era valorizada no ICM.

Quando alguns dos meninos encontrava algum objeto no chão, na hora do recreio, na frente dos presentes na ocasião, o entregava ao Diretor, o padre recebia e, colocando-o no bolso, dizia: - Muito bem! Esse aqui vai voltar para a alfaiataria. O que não significa que somente se fazia tal entrega ao padre diretor. A devolução era feita a qualquer um dos funcionários da escola.

Eugênio destacou em sua narrativa a honra com um dos valores mais ensinado no ICM. Nosso interlocutor disse que enfrentar qualquer situação, por mais adversa que fosse, não poderia deixar de valorizar a honra. Por exemplo, na luta contra a gripe asiática em 1957, como mencionamos acima, ele levou surra por ter apanhado caju, visto que o suco de caju era para aqueles que tinham sido vitimados pela enfermidade oriental. Assim, ele disse não se sentir na época magoado por ter sofrido os castigos. Mas, pelo contrário, sentia muita honra e orgulho de ver seus colegas se levantando e voltando para a sua rotina normal na escola. Eugênio disse que talvez fosse difícil para o pesquisador da tese compreender esses valores na época. Mas disse que se orgulhava de não ter morrido ninguém na escola de gripe asiática. Por isso, mesmo

aos 70 anos de idade, Eugênio diz que está ainda ligado à escola, depois de vários anos que estudou na escola.

Ele admite que o que apreendeu e aprendeu na escola aplica ainda hoje na sua vida. Nesse sentido, ressaltou a lealdade, outro valor ensinado na escola, que abaliza suas ações e condutas na sociedade. “Em lugar algum vi isso de modo tão nítido. Eu gostaria de parceria com alguém leal assim como me sinto para com os outros”. Desse modo, Eugênio nos falou que, se o pudesse voltar no tempo e ouvir novamente a pergunta de Pe. Paixão: - “Você quer ser padre”? Longe dos receios que lhe preocupavam na época, disse que responderia negativamente, pois nunca quis ser padre. Na época ele mentiu para o sacerdote diretor do ICM.

Na época, eu menti, a resposta que dei ao padre, não época, disse que queria ser padre. Para mim lealdade é reconhecer, assumir, e se sentir bem em responder pelo que se fez. Eu menti. Olhando pelo lado do padre, que fez a pergunta. Eu respondi, não do lado dele; respondi pelo meu lado. E do meu lado a pergunta tinha outro sentido.

Segundo Eugênio, Pe. Paixão quando lhe perguntou se ele queria ser padre, emergiu grande chance de ele sair do ICM. Quando teria outra oportunidade em sua vida de sair do ICM? Eugênio se perguntava. Na sua percepção de infante, na época, imaginava que a vida de seminarista seria bem melhor do que dentro do ICM, visto que ele poderia concluir seus estudos.

Não sabendo o dia de amanhã. Achando que o seminário, onde poderia continuar os estudos, ia ser melhor. Conhecendo só aquela situação de vagar pelas casas de um e outro tio, ser o menino da empregada doméstica pelas dos patrões, até o Santo Antônio do Buraco, dei a resposta que me assegurava sair de lá. Quer dizer: fui besta até em não querer mais. Mas isso é o que a gente vê depois. Dos meus colegas que ouviram o diálogo, a mesma pergunta do padre a mim dirigida significou: “Que cara mais de sorte! ” Detalhe: a pergunta foi feita no recreio na frente dos colegas.

Tornou-se professor, segundo ele, por influência de seus estudos no seminário. No ICM, trabalhou no campo, brevemente na tecelagem, e algum tempo na carpintaria e na oficina mecânica com a qual mais se identificava. Gostava de consertar coisas. Talvez sua influência maior da escola, tem sido, segundo ele, gostar de consertar as coisas. Na minha área acadêmica, formado em letras, realiza-se como profissional em fazer correções e revisões de textos em língua portuguesa.

Não tinha, de fato, vocação para o sacerdócio. Desligou-se da vida religiosa em Uberaba-MG, no ano de 1966, prestes a completar dezenove anos de idade. Sua chegada ao seminário serviu para se concretizar seu juramento, depois do jantar, no primeiro dia no ICM, junto ao poste da irradiadora da escola – que um dia sairia da escola.

Pela forma mais temerária com que, a voltar para minha terra, preferi ficar na terra estranha, sem familiares, sem amigos, quase sem conhecer ninguém,

precisando até de documentos, sem dinheiro, sem emprego. Minha situação chegou a atenção de pessoas que eu não conhecia. Nunca, em minha vida, consegui ser tão radical comigo próprio.

Segundo Eugênio, nem mesmo sua separação conjugal em 1998, quando se viu novamente sem família, pode-se comparar ao choque de viver na terra estranha.

Nem mesmo naquela manhã de 28 de dezembro de 1964, quando o sol, batendo na minha cara, me fez acordar, na poltrona do ônibus da Expresso de Luxo, já depois do asfalto, sobre as irregularidades da estrada de Messejana. Fui tomando consciência de que estava saindo do Ceará, com destino a lugar desconhecido por mim: senti faltar-me o chão. Nessa ocasião, pelo menos eu me sentia encaminhado de verdade: expus-me a uma situação até vergonhosa, em que foi preciso ajustar-me a uma condição de dependência, sem a dignidade que eu havia aprendido a prezar, exata e especificamente, no ICM.

Eugênio não chegou ao ICM como uma criança delinquente. Foi internado após levar uma vida itinerante pela casa de seus familiares e os patrões de sua madrinha de batismo, que era empregada doméstica desde os treze anos de idade. Segundo Eugênio, sua vida de nômade fez-lhe preferir se estabelecer em alguma instituição a qualquer tipo de adoção por família.

Eu não gostava do internato, mas o meu constrangimento em ficar na casa dos outros era muito maior. Por isso, quando aquele Diretor, que era um padre, na hora do recreio, na frente de vários colegas, me perguntou: - Você quer ser padre? Eu tive medo de perder aquela oportunidade, e não vir a ter outra chance como aquela: ir embora. Sair. Sair daquela coisa. Seguir para outro lugar. Aproveitar aquela oportunidade fazia parte da busca pela outra oportunidade, que eu me prometera: a de sair da terra onde eu vinha levando uma vida que, de acordo com meu temperamento, era de deixar saudade.

Em março de 1958, Eugênio entrou no Seminário Sacramentino Capuan Caucaia, onde ficou até dezembro de 1964. Em meados de janeiro de 1965, Eugênio já se encontrava na casa do noviciado Sacramentino, em Uberaba-MG, cuja duração seria de 2 anos. Mas, em março de 1966, desligou-se da vida religiosa.

No seminário, apesar de ter entrado por mera conveniência, que eu me supunha pelo modo mais equivocado, por volta de 1961, eu pensei que estava no caminho certo. O esforço alcança resultados, sim. Mas, de fato, não era real. A isso acrescentou-se o tumulto do concílio Vaticano II, com proliferação de teologias de religiosos mal resolvidos – além de mim próprio, é claro – a vida religiosa acabou se tornando muito difícil de suportar.

Eugênio não abandonou a vida religiosa por causa de escândalos sexuais ou mudanças inopinadas da Igreja Católica do seu tempo. Na realidade, Eugênio disse que percebeu que não daria conta de viver a ascese e os dogmas religiosos. Vejamos os motivos:

Considerando os três votos sacerdotais: castidade, pobreza e obediência, esse último, para quem conseguir ser fiel, sobretudo diante de um superior, não raro, imprudente, eu tiro o chapéu. Mas, eu não consigo essa obediência. Nem

naquela época; nem agora; nunca. Mas isso não se deu de repente. Foi evoluindo. Até eu não poder suportar. Então saí.

Durante o tempo em que estive no Seminário (1958-1966), Eugênio estudou a história da Igreja; vida dos santos; história do fundador, da congregação, da regra da congregação. Tudo isso mostrou-lhe que, de fato, a vida religiosa não era sua vocação. O tempo em que Eugênio ficou no Seminário coincidiu com o último ano do Concílio Vaticano II (1965). Alta ebulição de ideias novas em choque com a tradição no seio da Igreja. Para Eugênio, um período de muita confusão e conflitos de ideias. Enquanto a falta de fraternidade entre os religiosos foi lhe desapontando cada vez mais, a obediência, para ele, foi assumindo um rigor sem sentido, coisa absurda.

Andar pela casa alheia, achei muito pior. O internato no seminário foi muito mais desagradável, embora lá eu tivesse feito minhas poucas, mas as melhores amizades: tanto com colega; como com alguns dos padres. Mas, na minha condição de sem família e com o meu temperamento, lidar com a classe média foi enormemente custoso e desagradável. Nesta vida, para usar a linguagem do seminário, não há pecado maior que eu sinta ter cometido do que não ter dado a devida atenção a quem merecia; e ter dado atenção a quem não mereci. Isso por não enxergar direito. Pela minha ignorância. Pela falta de noção. Pois bem, minha experiência no santo Antônio do Buraco enquadra-se nessa moldura.

O padre superior do noviciado apresentou-lhe duas alternativas: Se Eugênio voltasse para o Ceará, o noviciado mineiro pagaria sua passagem; se não quisesse voltar para o Ceará, sairia do seminário por conta própria. Eugênio preferiu a segunda alternativa. Jamais pensou em voltar para a vida religiosa ou voltar para o Ceará.

Minha saída do Ceará, para mim foi como morrer. Talvez tivesse voltado por algum dever institucional. Mas, em mim mesmo, não senti mais a menor energia de raiz, ligando-me à terra em que nasci. Isso sempre me causa admiração. Ainda mais que nunca senti vontade de sair do Brasil. Mas, não posso atribuir isso ao meu internamento no Santo Antônio do Buraco. Não voltei ao Ceará por causa do Santo Antônio do Buraco. Embora aquele reformatório oferecesse o estudo apenas até o 4º ano primário, e hoje estar num tempo cortado até pela mudança na legislação, ainda assim, foi não apenas minha melhor escola, mas onde me senti melhor tratado na minha terra.

Em dezembro de 1968, já se encontrava em Goiânia-GO, para fazer o vestibular para o curso de Licenciatura em Letras (Português), onde acabou morando por nove anos. No entanto, casou-se em Uberaba-MG no ano de 1970. Morou em Goiânia de 1968 até março de 1977. De Goiânia, partiu para o Acre, onde residiu até julho de 1985. Retornou a Uberaba, onde permaneceu até março de 1986. Depois mudou-se para Catalão-GO, onde habitou até março de

1990, quando se mudou para Brasília-DF, vivendo até março de 2003. Nessa data, retornou à Goiânia, onde vive atualmente.

Depois de quarenta e quatro anos, Eugênio voltou a Ceará para visitar Trairi, a cidade onde nasceu. Eugênio falou que uma de suas maiores dificuldades na vida é o de “sentir as raízes”; ou seja, a dificuldade de ter o espírito de pertença, sentir-se fazendo parte de algo. Voltou ao Ceará por incentivo de sua atual esposa. Além disso, Eugênio disse ter muita dificuldade para lidar com naturalidade com as hostilidades, competições e disputas da vida social. Não é fácil aceitar uma vida competitiva. No entanto, asseverou que essas dificuldades não são devidas à sua experiência no ICM. Dessa instituição, somente pode destacar as melhores lembranças e momentos de sua infância e do Ceará.

O seminarista não se arrepende de ter saído de qualquer dos internatos por que passou nem de ter ido embora para os outros estados. Para ele, cada uma dessas experiências foram esforços de sobrevivência. Dentre esses esforços, a experiência de estudar no ICM, apesar de ter sido pouco tempo, um ano e meio, foi o mais interessante. Foi no ICM que aprendeu, segundo ele, as atividades mais inteligentes de uma administração. Como exemplo, “O Programa A Hora do Pobre” foi uma experiência inesquecível em sua vida. Para se ter uma ideia da influência em sua vida, ainda hoje participa de uma organização voltada para serviços humanitários, o Lions Clube Internacional, ajudando crianças que precisam e idosos que não têm o suficiente para comer e ter uma vida digna. Para ele, o Programa A Hora do Pobre foi um exemplo de responsabilidade social da escola e de uma administração preocupada com as questões da pobreza e da fome.

Imagem 56 – Fotografia de Eugênio com esposa no Lions Club Internacional.



Fonte: Arquivo pessoal de Eugênio. Eugênio é o segundo da direita para a esquerda.

Ainda no ICM, Eugênio, além de desenvolver atividades no campo, trabalhou na casa do Pe. Paixão, que vivia com seu pai, senhor “Ioiô”, já idoso e com filhos do primeiro casamento. Ele trabalhava na casa do Pe. Paixão com um colega da escola, o Hugo, da 3ª turma. Seu trabalho principal era ajudar dona Lourdes a fazer o bolo do café-da-manhã e as merendas da escola. Tudo feito em um grande forno a lenha.

A hora de levantar era bem cedo. O café era servido um pouco antes das 7h, no rancho. A farinha vinha do almoxarifado. Dona Lourdes preparava a massa. Muitas travessas. Era um serviço que não cabia apenas no início da manhã. A limpeza das vasilhas, o preparo do forno e das massas era feito na tarde do dia anterior. De manhãzinha tinha de assar e suprir o rancho. Outro serviço que lhe cabia, era o de acompanhar seu “Iôô” ao campo, carregando a enxada: diariamente ele cuidava de suas plantações no campo, arrumando as levadas, regos na rede de irrigação. Após o acordo feito com Pe. Paixão, de sair da escola para estudar no seminário, Eugênio pediu ao padre que lhe dispensasse dos serviços da casa, para que ele pudesse praticar um ofício. Assim, passou a atuar na tecelagem, fazendo trancelins. E, por período mais longo, na carpintaria: ajudante em serviços diversos.

O espaço preferido de Eugênio era uma pequena biblioteca da escola. Situada no térreo do prédio da Diretoria. Essa pequena biblioteca possuía duas salas de iniciação à alfabetização e serviam como salas de leitura. Segundo Eugênio, apesar de ser o espaço da escola que ele mais gostava, não passava muito tempo nela, pois o dinamismo e as ocupações na escola não permitiam vivenciar o ócio da leitura. Ele tinha de participar de várias outras atividades. O ritmo de movimentação, não permitia mais. A leitura era a atividade que Eugênio mais gostava de fazer no ICM. Depois de um dia de atividades naquela escola, era muito prazeroso para ele poder se sentar para ler uma estorinha. Mas o tempo era muito curto para esse lazer. Não passava de meia hora. Outro momento de lazer era ajudar no Programa “A Hora do Pobre”.

Narrando sobre o lema da escola: “instrução, religião e trabalho”, Eugênio disse que, no Santo Antônio do Buraco, o significado das três palavras, no seu tempo, era edital de viva voz. Todos os dias, às 18h, todas as turmas, perfiladas, no campo de futebol do pátio, rezava o terço conduzido pelo diretor em cima de um banco de cimento. O trabalho era uma necessidade e orgulho para Eugênio. Amava o trabalho na oficina e na carpintaria. Admirava a divisão das tarefas e a organização do tempo e do espaço na escola. Os serviços eram muito bem marcados e breves. O mestre⁵⁴ estava sempre por perto para acompanhar o desempenho de Eugênio, pois

⁵⁴ O funcionário que lembra ainda hoje é o senhor “Laranjeira”, que era um inspetor que acompanhava mais de perto as turmas dos menores. Dormia em uma rede no mezanino do pavilhão das turmas menores. Todo mundo dormia em rede, inclusive ele.

era iniciante. As orientações feitas sem confusão, situação que Eugênio ainda hoje não gosta. Das três palavras acima, Eugênio, pelo caráter mais transitório, era da instrução o que Eugênio menos gostava. “Uma instrução, dada só para você, pode ser perigosa. Cumprindo-a, sem mais ninguém sequer saber, você vai-se tornando estranho, esquisito, suspeito; você vai virando lobisomem”.

Encerrou sua narrativa dizendo que, assim como as instruções, o futebol era o que menos gostava na escola, pois não sabia jogar e nunca se sentia bem em ter que ir para o gol, defender o time. Somente no seminário aprendeu a jogar futebol.

No ICM não teve tempo de fazer amigos, mas de aprender os valores do trabalho, da honra, justiça e lealdade.

7.3. Francisco Alves Pereira Cavalcante

Realizamos a entrevista com o senhor Francisco, conhecido na comunidade com “Mem”, na sua residência, antigo salão de ensaios da banda de música do ICM. Nunca conheceu o seu pai, que era do Piauí. Chegou à escola com dez anos de idade e de lá nunca saiu. Ele morava em Fortaleza na casa de João Maria, patrão de sua mãe que trabalhava como empregada doméstica. Esse gerente tinha uma relação prestigiosa com o então Governador do Ceará, Paulo Sarasate, que por sua vez tinha uma excelente relação de amizade com o diretor do ICM, o advogado Gilson.

O colégio era um jogo político. Aqui tudo era comandado pela política. Aqui tudo era o governo. E coisa do governo é política. Todo o dinheiro daqui era vindo pelo Banco do Brasil ao colégio. E todo dinheiro que entrava no nome do colégio era vindo pelo Banco do Brasil. E a amizade do gerente com o diretor da escola resultou na ideia de me colocar aqui na escola.

Certo dia, ainda em Fortaleza, “Mem” foi deixar o almoço do patrão de sua mãe. Quando chegou ao Banco do Brasil, encontrou Dr. Gilson e o senhor João Maria conversando. Este último perguntou ao “Mem” se ele queria ser internado no ICM, pois seria um estabelecimento ideal para se aprender uma profissão: música, carpintaria, alfaiataria, tecelagem e podia se preparar para ingressar no Exército, Marinha ou Polícia. “Mem” disse que sua resposta ao convite foi, de modo espontâneo e imediato, sim. Voltando para casa, conversou com sua mãe sobre o convite, que concordou com a decisão do filho. Sua mãe era também convicta de que a internação de “Mem” seria o melhor para o futuro de seu filho. “Mem” desconfiava que sua mãe queria, na realidade, ir embora para sua terra natal, Maranguape-CE. “Mem” nos falou que a razão de sua mãe aceitar a internação do filho no ICM não tinha

nenhuma ligação com suas condições financeiras, pois, segundo nos contou, eles tinham tudo na casa do patrão de sua mãe.

Ela achou melhor me internar aqui. Eu até concordo com ela ter aceitado eu vir para cá, porque ela queria um pretexto de sair de Fortaleza. Porque para sair de lá para sair comigo, ela acharia ruim. Se ela saísse de lá sem mim, a carga seria mais maneira. Ela talvez pensou que eu saindo de lá. Eu estando no colégio seria melhor para ela, ou seja, ela poderia sair da casa dos patrões dizendo que tinha sentido minha falta.

Com relação à sua chegada ao ICM, disse-nos que ele queria se sentir bem. Ele morava praticamente sozinho com sua mãe na casa dos patrões dela. Era apenas o senhor João Maria e sua esposa. “Mem” se reclamava porque ele não tinha lazer. Com exceção, nas manhãs para ir comprar o pão na Padaria Estrela, na esquina da rua Afonso Bezerra. Não tinha lugar nenhum para ir. Às vezes, nos finais de semana, a família do senhor João Maria saía para passear na Messejana. A rotina era sempre essa: o senhor João Maria ia trabalhar e sua esposa ficava em casa porque não trabalhava; sua mãe era dentro de casa; “Mem” saía para a escola diariamente.

Quem foi lhe deixar no ICM foi o próprio senhor João Maria e sua esposa num carro da Ford, modelo *Perfect*. Segundo “Mem” fora muito bem recebido no ICM, uma vez que estava sendo recomendado pelo senhor João Maria, amigo do diretor da escola.

O casal veio me deixar na Escola de Menores. Fui muito bem recebido já que eu já vinha recomendado pelo senhor João Maria, que era amigo do diretor. Todo o dinheiro do colégio que era depositado na conta do colégio, o senhor João Maria encaminhava o dinheiro para o diretor Gilson. Fiquei aqui e depois de dois meses, eles vieram me visitar para saber se eu queria ficar. Se não gostasse eu poderia voltar.

Disse para os antigos patrões de sua mãe que estava gostando da escola e queria ficar. De acordo com suas lembranças, logo que chegou à escola foi aprender a plantar batata onde hoje é o quintal de sua casa. O inspetor que lhe recebeu logo lhe conduziu para agricultura. O que lhe chamou a atenção de imediato na escola era o fato de que ninguém na escola ficava parado. Todo mundo tinha alguma tarefa para fazer em algum espaço da escola. Além disso, aprendeu, assim que chegou na escola, que não tinha o direito de se fazer escolhas. O que lhe mandava fazer, deveria ser feito.

Aqui não tinha negócio de escolher, não. Mandava-se e tinha de ir. Satisfeito ou não, mas tinha de ir. Aqui era obrigado a trabalhar. Não tinha negócio de não aceitar. Não tinha negócio de escolher. Se não quisesse trabalhar era levado à força. Trabalhava-se pelo progresso do país, meu filho! Tudo isso pelo progresso, meu filho! Palmatória, de joelho de noite. Nós criamos até uma música: ‘Pela frente não temos atalho, nessa estrada real da instrução; disciplina, moral e trabalho são palavras do nosso brasão’.

O trecho da música acima resumia a moral do ICM, segundo “Mem”. Essa era a disciplina do país. Segundo “Mem”, a moral era representada pela figura do inspetor e do diretor; o trabalho era representado pelos alunos e a disciplina era uma obrigação de todos que estavam no ICM. Para “Mem”, era um dever de eles respeitarem as normas do ICM. Afinal, essa disciplina era para o progresso do Brasil, e deveria ser deles também. “Nós não fomos criados pelo governo? Nós não tínhamos tudo? Por que a gente não ia respeitar às normas do colégio?”

Essa disciplina que “Mem” vem relatando diz respeito, segundo ele, apenas ao período da gestão dos padres. “Mem” disse que na gestão do advogado Gilson Leite Gondim, não havia a mesma disciplina dos padres. Ou seja, a indisciplina era de alguma forma mais tolerada e as rezas ocorriam apenas aos domingos. A gestão eclesiástica dava ênfase às orações diárias e ao trabalho agrícola. Devia-se aprender a limpar o mato, a plantar e colher diversas culturas agrícolas.

Com os padres, tivemos de nos adaptar e a aceitar a disciplina e a lógica de organização. Se a comida fosse feijão com arroz e bife, tinha de comer. Quando não tinha o bife, tinha de comer o ovo e pronto. Não tinha o que se discutir. Não havia nenhum tipo de relação por parte dos alunos. Era a disciplina e a moral da casa. O período do Dr. Gilson se podia relaxar a disciplina um pouco mais. Com os padres, os meninos eram muito ocupados. Na época do Dr. Gilson, brincava-se mais.

Com relação à rotina educacional, “Mem” recordou-se de que na gestão de Gilson Gondim, a carga horária de estudo era maior. “Mem” trabalhava pela manhã e estudava durante toda a tarde. Por outro lado, na gestão eclesiástica, as aulas aconteciam somente até às nove horas da manhã. A preocupação maior dos padres era com o trabalho.

Eu ia para aula intelectual de manhã; vinha para banda de música e saía às 11h30; tomava banho, almoçava, às 13h ia para a alfaiataria para costurar. À medida que eu ia crescendo, os padres iam puxando mais de mim. Eles queriam que eu progredisse mais no trabalho. Eu percebia que meu tempo estava fechado e completo. Chegava às 16h30, tomava banho e saía para o centro de Maracanaú para cursar datilografia. Se alguns alunos quisessem sair da escola para fazer cursos no centro de Maracanaú podiam sair para estudar. No entanto, a gente nunca saía sozinho. Sempre tinha um inspetor que nos acompanhava. A gente somente saiu acompanhado com o um apoio.

Foi durante a gestão dos padres que “Mem” passou a ter interesse pela música. Na gestão de Gilson Gondim já tinha a banda de música, mas era para os meninos maiores da quarta turma. “Mem” ainda era das turmas dos menores da escola, por isso, ainda não podia aprender a tocar um instrumento musical. “Mem” lembrou-se de que, na gestão religiosa da escola,

entraram mais meninos na banda de música. Havia a banda dos adultos e a banda dos juvenis. O primeiro contato de “Mem” com a banda de música foi como substituto dos músicos que saíam do ICM. Quando algum músico ia embora, “Mem” começou a tocar como substituto. Dessa forma, imergiu no mundo da música no ICM. Como trombonista da Banda de Música do ICM, participou de um concurso de bandas no Rio de Janeiro.

“Mem” entrou na banda de música por volta dos 16 anos de idade. Lembrou-se de que foi durante o café-da-manhã no refeitório que Pe. Paixão perguntou quem queria ingressar na banda de música da escola. Apesar de padre Paixão ser muito rígido, era praxe que o mesmo permitisse que os meninos decidissem por eles mesmos o ofício que queriam aprender. Isto é, não lhe impunham sua participação. E quando o Pe. Paixão perguntou no refeitório quem gostaria de participar da Banda de Música, “Mem” gritou imediatamente que queria participar.

Eu gritei logo porque eu estava doido para malandrar. E lá na banda de música tinha mais respeito o músico. A comida da Banda de Música era feita separada. A comida dos músicos eu digo que era diferente porque não era feita na mesma panela; era em panela separada; mas o paladar era a mesma coisa, mas havia essa separação: a comida do inspetor e a dos músicos era feita na mesma panela. Mas as comidas dos outros eram diferentes dessas duas classes. O cozinheiro era o mesmo, mas a diferença era o tacho. E devido a isso eu me sentiam mais valorizado. Mas, apesar dessa diferença da comida, aqui todo mundo era igual.

Acerca da alimentação da escola, aproveitou para nos informar que a carne consumida na escola era comprada da fazenda do Senhor Saturnino. “Mem” expressou-se dizendo que a escola sempre esteve mergulhada em abundância. Nunca faltou carne para eles. Vejamos o que ele nos disse:

A escola tinha dinheiro. Na diretoria, tinha o cofre lotado de dinheiro, que era apreendido de criminosos. A polícia recolhia um dinheiro de crime e levavam para o ICM. E esse dinheiro não era para beneficiar apenas os meninos que estavam matriculados, mas também serviam para ajudar alguns funcionários que estavam precisando roupa ou remédio para um filho.

“Mem” continuou sua narrativa contestando o hábito de algumas pessoas chamarem a escola onde ele estudou de Santo Antônio do Buraco. Disse que a escola deve ser chamada de Instituto Carneiro de Mendonça. Seguiu explicando que o Santo Antônio do Buraco fica mais à frente em uma reserva indígena. O ex-aluno não compreende por que algumas pessoas ainda hoje fazem confusão entre o Santo Antônio do Buraco e o ICM. Não concorda com as representações sociais que ligam o nome da escola apenas com meninos que davam trabalhos aos pais. Não se deve compreender dessa forma, na percepção de “Mem”. Não eram todos os meninos matriculados que eram delinquentes e davam trabalhos aos pais.

Tem-se de se acabar com essa ideia de que quando o menino não prestava mandava para o santo Antônio do Buraco, achando que é como se coloca menino hoje nessas casas de menores e pensa que eles vão se ajeitar e corrigir. Na escola de menores aqui não tinha isso não. Aqui a gente vinha para estudar e se preparar para o futuro. Na minha opinião a gente estava sendo bem corrigido e bem administrado, abrindo caminho para o futuro. Quando a gente saía daqui a gente sabia para onde é que a gente iria. Para onde nós íamos nós sabíamos que tinha competência de chegar e seguir em frente.

“Mem” ainda disse que essa competência era adquirida com muitas horas de estudo e dedicação nas atividades da escola. Na banda de música, antes de pegar o instrumento, eles passavam pelos menos três meses apenas tendo aulas teóricas. Disse que eram três meses de ansiedade para poder pegar no instrumento. E quando o mestre da banda lhe disse que ele poderia pegar no instrumento musical pela primeira vez, passou a noite acordado, ansioso e com medo de não saber o que fazer com aquele instrumento musical. O mestre fez a distribuição de todos os instrumentos para os meninos que estavam estudando na banda de música. “Mem” recebeu um trombone de pistos, pois, na época, praticamente não existiam trombones de vara.

Eu me lembro o dia em que íamos receber os instrumentos. Eu tinha tomado café, então o mestre da banda, Tenente Pirrita, da Polícia Militar. Homem competente e fino. Então, ele chegou e disse para todos nós: bora, pessoal, vamos cuidar da vida. Chegou a hora. Agora é dedo, boca, inteligência. É tudo! E fomos para o ensaio.

No ensaio, “Mem” lembrou-se de que o Mestre da banda colocou uma valsa para eles aprenderem. Foi a primeira música que ele aprendeu na banda de música da escola. Depois de um ano de ensaio é que eles foram liberados para se apresentarem. “Mem” disse que os novos garotos tiveram essa oportunidade na banda de música somente depois que os membros veteranos da banda foram para a Marinha e o Exército. Em seguida contou como foi sua primeira apresentação na banda de música do ICM.

Nossa primeira apresentação foi no palácio do bispo na praça onde eu estudava antes de vir para escola. Eu fiz um retorno para onde eu morava, só que agora tocando na banda de música do colégio. Quando eu passei e olhei para a casa onde eu morei, fiquei me tremendo e arrepiado. Eu sempre ficava me tremendo, inclusive nas apresentações na televisão. De tanto me tremer, o trombone chegava a cair das minhas mãos. Tudo era novidade para a gente.

Segundo “Mem”, graças à competência e destreza dos músicos do ICM, conseguiram uma vaga para representar o Ceará no Festival nacional de Banda de Música. No entanto, apenas o mérito da banda não teria sido suficiente se não fosse a influência política do ex-governador do Ceará, Paulo Sarasate e do ex-senador, Parsifal Barroso, que era muito amigo de Pe. Vale. A viagem aconteceu em um ônibus cedido pela empresa Rio Poty.

Além da banda do ICM, participaram do concurso a banda de música do Rio de Janeiro, Piauí, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e uma banda do Pará, formada por freiras. Os músicos do ICM permaneceram no Rio de Janeiro durante seis meses, fazendo apresentações em vários pontos da capital fluminense. Tudo foi patrocinado pelo governo do Estado do Ceará. Hospedaram-se em um excelente hotel e tiveram à disposição da banda um carro para traslado durante as apresentações. Entre uma apresentação e outra, esse mesmo carro levava-os para passeios na praia. Eram o diretor, os inspetores, as professoras e o mestre da banda quem os acompanhava nesses passeios no bonde ou no Corcovado. Durante esses momentos de folga, “Mem” disse que não era permitido qualquer tipo de relacionamento com mulheres. Por isso, as paqueras com as meninas eram às escondidas.

No Hotel Regina, onde nos hospedamos, do outro lado, estava a banda do Rio grande do Sul. As componentes da banda eram todas mulheres lindas e atraentes. Mas a gente pegava e dava umas puxadinhas nas meninas pelas paredes às escondidas e depois voltava para o hotel. Nesse hotel ficaram apenas essas duas bandas. A gente aproveitou para dar umas barrigadinhas. Mas, não tinha esse negócio de sexo. Eu mesmo namorei uma negona lá. Eu fiquei até com medo da negona. Ela era maior do que a Ivete Sangalo. Oh! Nega para tocar contra baixo!

Naquele Hotel Regina, na entrada, debaixo de alguns sapotizeiros havia alguns bancos onde os meninos do ICM ficavam sentados à tardinha, pois eles não podiam sair. Os portões ficavam trancados. À noite eles ficavam debaixo dos oitizeiros conversando sobre música. Apesar da vigilância dos funcionários da escola, os garotos conseguiam dar alguns beijinhos nas meninas às escondidas atrás do hotel, deitados em um capinzal, porém, sem nenhum tipo de relacionamento sexual.

Nesse festival, no Rio de Janeiro, duas bandas se apresentavam por dia no Conservatório Cecília Meireles. Na época, segundo nosso interlocutor, considerado o melhor conservatório da América Latina. “Mem” lembrou-se muito bem de que esse espaço musical ficava entre a Praça Getúlio Vargas, a Lapa boêmia e o Cabaré Brasil. Quando terminavam as apresentações, por volta de quatro horas da madrugada, os garotos davam umas fugidinhas para o Cabaré Brasil e para a Praça Getúlio Vargas. Recordou-se de que nesse espaço público frequentavam homossexuais, prostitutas e, de quando em vez, para matar a curiosidade, iam para uma boate pertinho do Hotel Regina. Eles entravam escondidos do padre e dos funcionários que lhe vigiavam. “Mem” disse que eles eram muito unidos e que ninguém delatava o outro. Para eles dar uma fugidinha sempre contava com a cumplicidade de um trompetista da banda, Edílson Brasil, conforme relato abaixo:

Para dar uma fugidinha eu tinha um colega que era meu parceiro mais próximo que era um trompetista. Um malandro sem vergonha. Cabra namorador, foi com ele que eu aprendi a namorar. Ele me incentivava para eu ser sem vergonha igual a ele. Mas, a gente não namorava com ninguém no cabaré. Nós éramos apenas furões e espões. Quando a gente voltava para o hotel, todo mundo ficava de bico calado porque todos nós éramos unidos na escola.

No Conservatório, eles eram apresentados como a banda de Música Juvenil do Ceará. Eles se sentiam muito orgulhosos pelos elogios que se faziam no palco da banda do ICM, composto por trinta e dois meninos. Segundo “Mem”, eles tocavam tudo nessas apresentações. Mas, para vencer concursos e serem aplaudidos de pé pelo público no Rio de Janeiro, tocavam valsas, boleros e dobrados militares, como, por exemplo, “saudade de minha terra”, “Canção do Soldado” e “Cisne Branco”. Eles também tocavam um dobrado intitulado “Vila Mar Damasceno”, em homenagem a um menino órfão de pai, que estudou no ICM. Foi Pe. Paixão quem adotou esse menino para morar no ICM. Na realidade, ele foi criado pelo próprio padre em sua casa. Ele se tornou um grande violinista da banda de música, chegando a tocar no Trio Laguna no Rio de Janeiro. Quando voltou ao Ceará, casou-se com a filha do gerente da Rádio Iracema em Fortaleza. Mas, como ele bebia muito, seus sogros obrigaram o divórcio. Depois ele morreu de tanto beber, desgostoso pela separação. Ele não chegou a tocar na banda de música do ICM. Ele somente tocava violão porque participava do programa de rádio “A Hora do Pobre”.

Sobre esse Programa da Rádio Iracema, já mencionado acima por outros interlocutores, “Mem” o definiu como sendo um programa criado por Pe. Paixão para ajudar a encher a barriga dos que não tinham nada. O Pe. Paixão levava dois ou três meninos que se comportavam bem no ICM. “Mem” lembrou-se de que o maior desejo dos meninos era participar desse programa aos sábados, das 19h às 21h. Era o maior prêmio que os meninos podiam receber no ICM. “Mem” recordou-se de que, às vezes, queria se danar, mas conseguia se comportar bem porque queria acompanhar o sacerdote nesse programa radiofônico. Na realidade, ele reconheceu que queria mesmo era sair da rotina e não ficar recluso no ICM.

“Mem” não se lembrou apenas da gestão do Pe. Paixão. Ele também em seu relato mencionou o nome do Pe. Giovanni Saboia. Para ele, “era um espetáculo”, pois foi um diretor excelente do ICM, dando continuidade ao trabalho que Pe. Paixão já vinha fazendo na escola. No entanto, considera que Pe. Giovanni administrava a escola de modo menos autoritário que Pe. Paixão. Este, segundo suas lembranças, ficava na diretoria dele e, se chegasse uma mulher para conversar com ele, usando vestidos curtos, ele não a recebia em sua sala, conforme vimos no capítulo 3 com o episódio ocorrido com a dentista Isolda. Segundo “Mem”, Pe. Giovanni

era diferente. Quando esse clérigo via uma mulher, os olhos cresciam e quase saltava em cima das mulheres. Inclusive, segundo “Mem”, o sucessor de Pe. Paixão chegou a namorar com uma vice-diretora do ICM, irmã de Pe. Vale. No entanto, segundo o ex-aluno, Pe. Giovanni nunca deixou de ser padre, mesmo tendo casos e relacionamento com mulher. “Mem” ainda disse que Pe. Giovanni só namorava mulher bonita e revelou que todas as pessoas da escola e de Maracanaú sabiam desses casos amorosos do pároco.

Voltando a relatar sobre suas experiências na banda de música da escola, “Mem” declarou que eles também tocavam nas festas das igrejas católicas do interior. Eles passavam cerca de quinze dias tocando em determinada paróquia. Tocava-se a alvorada pela manhã em frente à igreja para acordar os munícipes. Apresentava-se na hora do café da manhã. Depois das exposições, ficavam conversando até chegar a hora do almoço, que era servido por volta das 11h. Depois do almoço, a banda de música do ICM tinha de tocar novamente às 12h. Eles não tocavam à noite nessas paróquias. Os párocos locais não aceitavam que eles tocassem forró. Em absoluto. Já saíam de Maracanaú avisados que não poderiam tocar esse gênero musical. No entanto, em outras ocasiões em que eram convidados, como por exemplo, aniversários, festas de emancipação dos municípios, eles podiam tocar forró.

“Mem” tocou na banda de música do ICM até seus vinte anos de idade. Sua última exposição pela banda foi no concurso de bandas no Rio de Janeiro no final dos anos 1960. Quando voltou do Rio de Janeiro disse que ficou muito triste por saber que o ICM deveria ser administrado pela FEBEMCE. “Mem” sentiu-se desolado ao saber que todo o patrimônio do ICM teria de ser transferido para a FEBEMCE. Não foi fácil aceitar que todos os instrumentos da banda de música fossem entregues à administração do ICM. Com suas próprias palavras: “nós entregamos tudo. Não podemos ficar com nada da escola. Foi uma situação que fez a gente ficar muito frustrado. Eu tive de entregar o meu xodó, meu trombone”. Na realidade, o ICM saiu da tutela da Secretaria de Segurança Pública e ficou subordinada à Secretaria de Justiça.

Quando “Mem” viajou para o Rio de Janeiro, ele já era maior de idade e funcionário do Estado como auxiliar administrativo. Quando o trombonista voltou do Rio de Janeiro, tornou-se funcionário da FEBEMCE no ICM. Atualmente é aposentado do Estado como músico e também pelo INSS. Conseguiu essa segunda aposentadoria graças aos conselhos de um médico, dono de uma banda de música onde ele tocou.

Meu amigo médico e flautista de Maranguape, Dr. Ageu, me ensinava que eu não deveria gastar todo o dinheiro que eu ganhava. Ele me aconselhava eu pagar uma aposentadoria extra e deveria comprar uma casa para mim. Ele

achava que minha aposentadoria do Estado não daria para nada. Meu dinheiro como funcionário do ICM era cerca de Cr\$ 5,00 por mês. Eu pensava comigo, casa eu não vou comprar porque eu já tenho uma casa que meu pai me deu, o Estado. O dinheiro eu não vou guardar em banco porque ele rouba todo. Então, eu pensei em enterrar no salão da banda música da escola. Eu arrancava o azulejo debaixo do armário dos instrumentos e enterrava o dinheiro lá. Eu e o trompetista, Edílson, coloca o dinheiro dentro de uma lata de leite ninho e, em seguida, enterrava. E com esse dinheiro eu pagava minha previdência privada, para não depender da aposentadoria do governo. Nós da escola, nós éramos inteligentes porque esses homens grandes querem apenas derrubar a gente.

“Mem” disse que conseguiu esse emprego porque aprendeu muitas habilidades no ICM. Dominava as técnicas da alfaiataria e tocava um instrumento musical. Poderia, segundo ele, ter engajado no exército, onde alistou-se aos dezoito anos. No entanto, foi dispensado desse segmento militar. Nunca quis servir às Forças Armadas, pois odeia farda. Disse não ter desenvolvido habilidades para servir às Forças Armadas, por se autodeclarar tíbio e incapaz de afligir qualquer pessoa.

Eu me lembro que havia um excedente de soldados no Exército. Então, eu pensei em ser dispensado de lá. Mas, como eu já era músico, um dos coronéis do Exército chegou para conversar comigo, dizendo que eu tinha prioridade para engajar em relação aos demais candidatos, por ser egresso da Escola de Menores. Eu fiquei calado. E quando ele perguntou quem queria servir ao exército? Todo o mundo levantou a mão e eu, com vergonha de dizer não, levantei também, mas, sem querer. Minutos depois procurei o Coronel e disse para ele que gostaria de ficar na sobra.

O Coronel, não concordando com esse descarte, replicou dizendo que havia muita gente querendo aquela vaga. Não era aceitável aquela refutação pois ele era um fruto do Carneiro de Mendonça. Ele era um patrimônio do Estado. Este não poderia lhe abandonar porque foi ele quem o criara. “Mem” redarguiu dizendo que já estava criado. No entanto, o Coronel continuou lhe indagando e querendo saber o motivo real de ele não querer servir ao Exército. Depois de tanta insistência, “Mem” teve de mentir: “bem, minha mãe é pobre; é lavadeira de roupa em casa de família; ela paga o aluguel de uma casa; eu tenho duas irmãs; eu não quero ser militar. Eu quero ser músico e ganhar dinheiro tocando forró à noite para ajudar minha mãe”.

Nesse tempo, “Mem” já tocava em uma boate chamada “La Bamba”, na praia de Iracema. Não era uma das mais frequentadas da capital cearense, mas já dava para ele conseguir juntar um bom dinheiro. “Mem” morava e trabalhava no ICM e, à noite, tocava o seu trombone para complementar sua renda. Era uma rotina difícil, pois bem cedo, no outro dia, tinha de assinar o ponto como servidor público no ICM. Nesse emprego público, ele ensinava os

meninos a costurar; dava conselhos como eles poderiam aprender uma profissão como ele próprio fez na escola anos antes.

“Mem” falava com orgulho de não ter saído do ICM. Reconheceu sua felicidade de ter aprendido duas profissões: música e alfaiataria. Nosso interlocutor reconheceu que, apesar dos padres serem duros na sua disciplina, eles sempre ajudavam os meninos a se colocarem em um emprego. Quando chegavam à maioridade, os padres procuravam empregos para eles em lojas em Fortaleza ou no comércio local. Ou mesmo podiam ficar nas Forças Armadas. Como vimos, os alunos egressos do ICM tinham preferência nas seleções militares. Sobre esse aspecto, “Mem” admitiu que não quis ficar no exército porque passara a vida inteira usando farda no ICM. Para todos os lugares que ia, era obrigado a usar farda. Revelou que em determinados momentos não suportava o calção de mescla azul com duas listras vermelhas. A farda lhe aborrecia. Era uma roupa grossa e fedorenta, que roçava no seu corpo, algumas vezes, sob um sol escaldante. Quando o coronel do Exército disse, finalmente, que ele estava dispensado, ele nos falou que passou três dias na capela da escola agradecendo a Deus por terem lhe livrado da vida de farda.

Com relação à sua mãe, ele nunca mais teve contato. Ele nunca ajudou sua mãe, como havia dito para o coronel do Exército. Foi uma grande mentira. Ela ainda veio umas duas vezes no ICM visitá-lo. Mas, quando saiu da casa de seu patrão, foi embora para o Maranhão. Mesmo assim, “Mem” reconheceu não guardar nenhum ressentimento pelo fato de sua mãe ter permitido sua matrícula no ICM. Na sua visão, ela agiu certo em concordar com seu internato na escola.

Eu acho que a minha mãe fez certo em colocar eu aqui. Ela fez melhor do que meu pai de ter me deixado só nas mãos dela sem ter feito nada por mim. Foi a coisa melhor que ela já fez foi ter me colocado aqui dentro. Foi a mesma coisa de ter me colocado em uma faculdade. Eu chamo a escola de menores a minha faculdade. Eu costumo dizer que fiz uma faculdade juvenil aqui. Tudo que eu aprendi na minha vida eu aprendi às custas daqui.

“Mem” mostrou-se muito grato ao ex-diretor da escola, Pe. Giovanni, pois foi este vigário que lhe deu a oportunidade de se tornar servidor público do Estado do Ceará. Em certa ocasião, foi Pe. Giovanni quem chamou todos os inspetores da escola para comunicar que a partir daquele momento, “Mem” deveria sentar-se na mesa dos funcionários da escola. Por conta disso, todos os presentes ficaram lhe chamando de “macumbeiro”, “cabra de sorte”, pois conseguiu um emprego público na escola. Ironizando, “Mem” retrucou dizendo que eles não rezavam como ele. “Quem não reza não consegue nada”.

A casa onde atualmente mora com um filho e sua família era o salão da banda de música, lavanderia e rouparia do ICM. Acabou ficando com a casa logo depois que se aposentou. Alguns funcionários da escola tiveram direito de morar nas casas da escola. “Mem” disse que ficou no lugar porque o seu sentimento é morrer naquele lugar. E se poder escolher onde será enterrado, irá escolher o quintal da casa dele, pois foi nas terras da escola onde tudo ele aprendeu a vida. Além do mais asseverou que:

Se o filho tem direito herdar as coisas do pai. E o meu pai era o governo. Era direito meu herdar as coisas do pai. Eu fiquei na minha casa. Não foi o governo que me criou, então, ele tinha de me dar uma casa. A gente tem de ser inteligente.

Mas sua “herança do governo” foi ameaçada com a chegada da FEBEMCE. “Mem” disse que ainda hoje guarda ressentimentos pelas várias tentativas da FEBEMCE de tirar o patrimônio do ICM de suas mãos. Contou-nos que a Fundação do Bem-Estar do Menor do Ceará elaborou vários documentos falsos para o Ministério Público com o intuito de retirá-los de suas casas. Por meio do Projeto da COHAB do Ceará, a FEBEMCE prometeu-lhes casas no bairro Conjunto Ceará em Fortaleza. No entanto, todos os moradores da escola reuniram-se e disseram que não aceitavam aquela proposta.

Nós dissemos que ninguém ia sair daqui. Quando fizeram a reunião, todo mundo disse: Não! Quando chegou a comissão do Estado, tentaram nos iludir, iludir de todas as formas, ainda nos deram terrenos para nós construirmos nossas casas aqui mesmo no bairro. Fizeram um mundo de fantasia. Casa com luz e água encanada. Prometeram tudo para a gente. E quando veio a reunião para a votação. Unânime: ninguém quer sair daqui, não. Derrubamos a ação no Ministério Público. A gente acabou ficando com os terrenos que nos deram, mas nós o vendemos em seguida. Eu vendi o meu. Com o dinheiro, aproveitei para reformar minha casa aqui. Eu vendi por R\$ 2.000,00 na época, bem baratinho.

Imagem 57 – Terreno doado pelo Projeto da COHAB do Ceará



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Não obstante as empreitadas da FEBEMCE de apossar-se das residências de moradores, “Mem” contou que não se acomodou.

Então, nós fomos para justiça e um deputado foi pela gente. O deputado João Viana. A gente tinha trabalhado para ele na política, e ele gostava muito de nós. E então, conseguimos reverter a situação e ficamos aqui. Eles vinham num ônibus velho caindo aos pedaços e via a gente tudo aqui no conforto e eles queriam tomar tudo da gente.

Como funcionário público, com a chegada da FEBEMCE, “Mem” teve de ser transferido para outra instituição estadual, o manicômio judiciário. Ficou na escola apenas morando na casa que teve direito de morar como funcionário.

Em determinado ponto de sua narrativa, “Mem” nos convidou para conhecermos um dos seus lugares prediletos na escola: o caminho da roça. Era por esse caminho que os garotos saíam para plantar milho, batata, feijão, entre outras culturas. Disse-nos que tudo que se plantavam naquelas terras dava bons frutos. Eles saíam todos conversando. Era uma estrada toda limpa onde se passava carro para deixar o estrume para adubar o terreno e para pegar as plantações em época de colheita. Ele não trabalhava no campo, mas, como vimos, na banda de música e na alfaiataria da escola. Trabalhou no campo somente depois que casou para alimentar seus filhos. Apesar de não ter trabalhado no campo nos tempos em que era aluno, “Mem” lembrou-se de que os garotos iam para o roçado, em uma turma de dez garotos. Um dos meninos era colocado como chefe do grupo e se responsabilizava para ninguém fazer algo errado. O escolhido era o mais velho da turma. O padre andava com uma palmatória em um dos bolsos da batina e no outro era uma correia de couro.

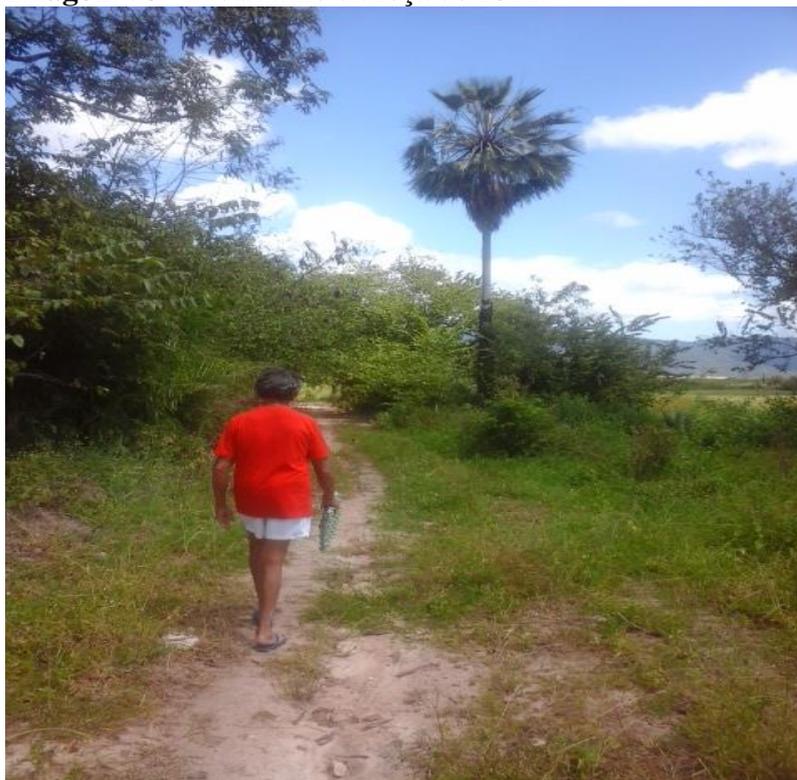
Como vimos anteriormente, “Mem” e outros garotos criaram uma música que sintetizava a filosofia do ICM. A letra da música foi apresentada a um professor de música da escola, chamado Anemias. Depois de duas semanas, esse professor apresentou a melodia, harmonia e o ritmo da música, que acabou se tornando o lema da escola. Abaixo, destacamos novamente um trecho do refrão da música, cantada várias vezes durante o caminho do roçado.

[...] Pela frente não temos atalho
 Na estrada real da instrução
 Disciplina, moral e trabalho
 São palavras do nosso brasão.

Com relação à disciplina na escola, “Mem” disse que a escola não precisava de muros altos. O ICM sempre teve muros baixos, pois, segundo esse ex-aluno, uma escola, onde o lema

é: disciplina, moral e trabalho não precisa de muros altos. Basta fechar o portão. Muro alto ficou para lugares em que não se tem disciplina, moral e trabalho. “Na escola tinha disciplina e ordem. Para irmos até a bodega, nós tínhamos de falar com o diretor. E quando a gente voltava tinha de mostrar a compra para ele. Aqui no ICM era um cativeiro de moral, mas era bom”, afirmou “Mem”, com um semblante de satisfação.

Imagem 58 - A caminho da roça do ICM.



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Mais à frente, pelo caminho da roça, “Mem” nos mostrou o antigo açude da escola, que fora construído na gestão do Pe. Giovanni Saboia de Castro. Quando fizeram o açude, “Mem” contou que a direção da escola trouxe três caminhões de peixe da localidade Amanari. Eram várias espécies, como por exemplo, cará tilápia e curimatã. O peixe era todo consumido na escola. Não se permitia que ninguém de fora viesse pescar no açude do ICM. Os peixes foram colocados no açude no mês de dezembro, e depois de seis meses, em junho, o peixe já estava bom para o consumo.

“Mem” olhando para as águas do açude, contou-nos que ele e quatro meninos, mesmo sabendo que não era permitido pescar no açude da escola, planejaram um furto que colocou o seu emprego público em perigo.

A gente pegou os galões e colocamos bem longe no açude. A gente colocou às 8h da noite e mais ou menos 9h, eu disse: pessoal, vamos olhar o peixe, era uma noite de lua cheia e estava o galão branco de tantas curimatãs. Eu fui o idealizador do roubo. Eu já era funcionário da escola. Como fui quem ajudou

a colocar o peixe, tinha de ser o primeiro a comer. Nessa noite, nós passamos a noite todinha comendo peixe. E até hoje nunca ninguém soube desse furto. Se o padre descobre, com certeza, eu perderia meu emprego e teria sido expulso da escola.

Imagem 59: Açude da escola



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Finalizando sua narrativa, “Mem” nos contou que tem muita saudade do seu tempo na escola, pois era um espaço muito bem cuidado. Vendo o espaço atualmente deteriorado e malcuidado, disse ficar muito triste. Declarou que quando entra no terreno e vê o abandono por parte dos governos, ele fica em choque. Nunca pensou que a escola, pelo seu esplendor e valor para a sociedade e para os meninos, um dia fosse acabar abandonada. Esse abandono, na percepção de “Mem”, começou com a FEBEMCE e a gestão do General Façanha. Para “Mem”, a partir dessa direção, tudo mudou na escola, provocando sua bancarrota. Mudou a disciplina. A escola morreu, tudo ficou sujou. Os meninos passaram a quebrar e vender os bens da escola. A casa de farinha, o engenho onde eles faziam a rapadura, tudo foi quebrado ou vendido. “Mem” disse que a escola se transformou em um inferno. A disciplina ficou frouxa com os militares. Ninguém respeitava os dirigentes e funcionários da escola. A FEBEMCE trazia caminhões lotados de meninos para serem internados. Mas, em pouco tempo, fugiam. Fato que, segundo “Mem”, não acontecia no ICM.

“Mem” finalizou seu relato afirmando que a escola hoje é um retrato do país. Toda abandonada. E recitou um ditado popular: “onde foi casa, sempre é tapera. Agora tudo aqui é tapera. Eu tenho mais saudade do passado. Quando nós tínhamos disciplina e progresso”.

7.4. José Narcísio Pereira

Em frente à casa de “Mem”, conseguimos entrevistar outro ex-aluno do ICM, que também nunca saiu das terras da escola. Trata-se de José Narcísio Pereira. Este servidor público aposentado chegou ao Maracanaú aos dez anos de idade para ser internado no ICM. Sua mãe conseguiu uma vaga na escola por intermédio de um deputado estadual. Narcísio nos contou que, nesse tempo, uma das formas para se conseguir uma matrícula na escola era por meio de uma “autoridade”. Era preciso conhecer um “pistolão”.

Narcísio relatou que sua mãe resolveu lhe internar no ICM porque era um lugar onde poderia ser instruído e aprender uma profissão. Sua mãe era quem sempre vinha lhe visitar na escola. Seu pai nunca lhe visitou. Quando Narcísio chegou ao ICM, havia cerca de seiscentos meninos internados e a direção da escola estava sendo feita pelo advogado Viana. Logo ele conseguiu adaptar-se ao ambiente escolar, pois, segundo ele, a escola tinha divertimento e campo de futebol. Além do mais, fora muito bem recebido pelo inspetor chefe da escola. Narcísio foi matriculado na primeira turma. Recebeu sua farda de mescla, que era confeccionada na própria escola, e foi deixado solto no pátio até receber as devidas instruções do seu inspetor responsável.

Logo que entrou na escola, procurou não dar trabalho a ninguém e se afastava de qualquer tipo de bagunça. Desse modo, procurava concentrar-se em suas tarefas de aritmética, geografia, história, português e matemática. Estas duas últimas eram suas matérias favoritas. Narcísio não conseguiu se lembrar do nome de sua primeira professora no ICM, mas disse que não consegue se esquecer de sua professora e amiga Margarida Alacoque. Sempre admirou o trabalho dessa professora por sua paciência e a maneira de tratar os alunos e sua capacidade de incentivá-los aos estudos. Narcísio tanto estava ocupado no turno da manhã quanto no turno da tarde. Mas o turno em que ele tinha mais disposição era o matutino. No período vespertino, não era raro se encontrar cochilando nas horas das aulas. Estudar nesse horário era um enfado para o jovem estudante.

Narcísio lembrou-se de que nas aulas de português, os alunos liam as lições em voz alta e todos deveriam prestar a atenção na leitura dos colegas. Não se recordou de ninguém na sala de aula que não conseguisse ler corretamente. Quando alguém não conseguia fazer a leitura e as lições de português e de outras disciplinas, eles recebiam alguns castigos definidos pelo diretor do ICM. Não eram as professoras que castigavam os garotos com dificuldades de aprendizagem. A professora pedia para o inspetor da turma levar o boletim de ocorrência dos alunos que não estavam tendo um bom desempenho ou dando trabalho em sala de aula para eles serem castigados pela direção. Um desses castigos consistia em ficar isolado em uma sala durante uma semana. O menino devia ficar isolado e trancado. Quem fosse uma vez para essa sala não queria mais voltar. Eram raras as reincidências. As professoras, portanto, não castigavam os menores do ICM, segundo Narcísio, mas apenas faziam o boletim de ocorrência para a direção definir os castigos correspondentes aos seus desajustamentos de conduta e deficiências de aprendizagem.

Os padres daqui eram padres moralistas. Todos tinham de fazer o que eles queriam. O que estava no figurino. Se algum menor pisasse na bola, à noite, o diretor fazia uma visita em cada pavilhão, levando a relação dos alunos que estavam no boletim. Pedia para todos fazerem fila e começava a sola e as lapadas nos alunos que estavam no boletim de ocorrência.

Para conseguir manter os meninos enquadrados, o ICM utilizava um recurso militar. O ritmo das atividades da escola era controlado pelo som de uma corneta. Da hora de acordar até a hora de dormir. Tudo tinha o seu horário certo para ser feito seguindo os toques da corneta. Quem não obedecia ao toque da corneta era punido pelo diretor. Como tivemos conhecimento por meio do relato de outros interlocutores acima, as normas da escola assemelhavam-se ao modelo educacional militar. O padrão de ensino desenvolvido no ICM procurava se assemelhar com aquele praticado em regimes militares. Até mesmo porque era intencional encaminhar os garotos para a carreira militar.

Semelhante a outros alunos da escola, Narcísio também tentou servir às Forças Armadas. Ele fez a seleção para a Escola de Aprendiz de Marinheiro. Conseguiu passar nas provas escritas, mas, não conseguiu passar no exame psicotécnico. Durante o período em que o Brasil esteve em Estado de sítio nos anos 1950, Narcísio, chegou a ser agregado da Marinha, pois todos os homens de seu tempo tinham sido convocados. Em 1955, no bojo da crise político-institucional, que culminou na deposição de Carlos Luz e sua substituição por Nereu Ramos na presidência da República, instaurou-se o estado de sítio no Brasil. Nesse contexto, Narcísio foi convocado e agregado na Marinha. Nesse período, cortava os cabelos de vários marinheiros,

mas utilizando uma máquina elétrica, diferente do ICM, que ainda era manual, causando ferimentos em seus dedos depois do trabalho.

Narcísio lembrou-se de que, quando saíam os aprendizes, tinha os agregados para tomar conta das rotinas na Escola de Aprendizes de Marinheiro. Porém, Narcísio disse ter ficado muito chateado pelo infortúnio de não ter conseguido se firmar na Escola de Aprendizes de Marinheiro. Voltou para continuar sua carreira como funcionário do ICM, que havia iniciado desde 1959.

Quando voltou para o ICM assumiu o posto de barbeiro. Ele cortava o cabelo de todos, exceto do diretor. Narcísio cortava em média de 10 a 12 cabelos por dia. Sua rotina era trabalhar até às 10h da manhã nessa função, almoçava às 11h, depois ele ia trabalhar como instrutor da banda marcial⁵⁵ da escola, com cerca de trinta garotos. Narcísio teve de aprender a tocar todos os instrumentos, de modo que pudesse ensinar a todos os meninos do grupo musical da escola. A obrigação de Narcísio era ensinar aos meninos pelo menos vinte dobrados militares. Os ensaios aconteciam como uma preparação para os desfiles cívicos em comemoração à Independência do Brasil.

Segundo Narcísio, a banda de música e também a banda marcial eram espaços de preparação dos meninos para ingressarem nas Forças Armadas. Afinal de contas, os mesmos dobrados que se tocavam na escola, eram os mesmos exigidos nos testes das Forças Armadas. Assim, aqueles que queriam ingressar nas Forças Armadas como músicos, poderiam ter melhores chances de se engajarem no serviço militar. Os ensaios eram rigorosos e começavam cedo. Às 7h da manhã, aconteciam os ensaios da banda de música. Depois do almoço, realizavam-se os ensaios da banda marcial, por volta das 11h. Não havia nem tempo para ir descansar um pouco. Era essa a rotina deles todos os dias. Para ingressar em uma das bandas de música, perguntava-se ao aluno se o mesmo tinha interesse em participar. Assim como outros interlocutores, Narcísio reiterou que, no ICM, não havia nenhuma imposição para se tocar na banda. As aulas começam do zero e iam progressivamente chegando às músicas mais difíceis. Como relata Narcísio:

Eu aprendi música aqui mesmo na escola. Antes eu já tinha feito parte da banda marcial e quem me ensinou foi o mestre Luís Gonzaga, sargento da polícia. Ele era tanto mestre da banda de música e da banda de marcial. Eu ia aprender na banda de música, mas aconteceu um imprevisto e eu não fui mais

⁵⁵ Uma banda marcial é um grupo de músicos instrumentais que geralmente apresentam-se ao ar livre e incorporam movimentos corporais - geralmente algum tipo de marcha - à sua apresentação musical. Esses grupos geralmente utilizam duas classes de instrumentos musicais: os metais e a percussão. Sua música geralmente tem um ritmo forte, adequado à marcha.

para a banda de música. Eu frequentei talvez duas aulas apenas. Meu interesse mesmo era pela banda marcial.

O ofício de barbearia foi aprendido por Narcísio no Carneiro de Mendonça. Sendo um menino curioso, Narcísio costumava visitar a barbearia, pois gostava de ficar observando o trabalho do barbeiro da escola. Ficava consigo mesmo pensando em um dia tornar-se o barbeiro da escola. A oportunidade para a realização desse desejo surgiu quando o barbeiro titular pediu demissão. Nessa época, Pe. Paixão ficou muito preocupado porque não sabia quem colocar em seu lugar. Esse barbeiro, antes de ir embora, indicou o nome de Narcísio para o posto vago. Afinal, Narcísio já havia lhe auxiliado algumas vezes na barbearia. Recebendo a indicação do barbeiro veterano, Pe. Paixão mandou chamar Narcísio para trabalhar na barbearia do ICM, ainda menor de idade.

Relatando acerca dos momentos de lazer na escola, Narcísio destacou o aglomerado de pessoas para assistir aos filmes exibidos no ICM. Mulheres na escola eram raras. Com exceção das professoras, algumas funcionárias e as filhas do senhor Marcelino⁵⁶, que estudavam na escola, eram raras na escola. Mas, durante as exhibições dos filmes, segundo Narcísio, algumas garotas vinham assistir às películas que faziam sucesso nessa época, como, por exemplo, as séries “O gordo e o magro”, “Zorro” e Hapolong Cassidy. Os filmes eram projetados em uma parede de cor branca em um dos galpões da escola, que ficava lotado não apenas de alunos, mas também de muitas pessoas da comunidade e parentes de alunos, que visitavam a escola, sobretudo, nos finais de semana. O Pe. Paixão estava sempre presente nas horas da exibição, fazendo o controle das cenas que ele não considerava adequadas para os alunos presentes.

Sobre esses filmes, eu me lembro que, Pe. Paixão via que eu aprendia as coisas ligeiro e resolveu me enviar para um técnico chamado Raimundinho, que sabia passar filme na Colônia Antônio Justa⁵⁷ no bairro Boa Vista. Na Colônia, eu ficava com ele aprendendo a passar filme. Coisa que logo aprendi. Nos dias de exibição do filme eu ia de bicicleta para a Colônia e os doentes sempre nos procuravam querendo saber se a gente ia passar filme aos domingos. Na escola de menores, eu levava a máquina e o autofalante e deixava tudo pronto para esperar a chegada do padre Paixão umas 7 horas da noite. Eram duas horas de projeção.

Narcísio casou-se em 1975 com uma funcionária do ICM. Para morar com sua esposa, o diretor do ICM concedeu-lhe uma casa dentro da escola. Era uma casa reservada

⁵⁶ Senhor Marcelino era um inspetor de alunos cujas filhas estudaram na escola. Elas relatarão suas experiências nesse capítulo mais à frente.

⁵⁷ Inaugurada em 1942 como Colônia Antônio Justa, foi reinaugurada em 2006, como Centro de Convivência Antônio Justa. É o órgão que se dedica ao tratamento da hanseníase em Maracanaú.

especificamente para quem era aluno da escola ou para algum funcionário que era transferido pelo Estado para trabalhar no ICM. Essas casas eram feitas pelos próprios funcionários. Depois teve de sair da casa localizada dentro da própria escola, e passou a morar na casa de sua ex-professora, mencionada acima, dona Margarida Alacoque. Não foi Narcísio quem escolheu a casa onde mora. A professora Margarida Alacoque depois de perder o marido assassinado em Maracanaú, sentiu-se obrigada a sair da casa. Quando ele foi embora, Narcísio recebeu a casa da Secretaria de Justiça do Ceará. Para Narcísio, foi muito melhor, pois a casa fica às margens da rodovia, que dar acesso à escola e ao centro de Maracanaú. Além do mais, a casa dentro do ICM era menor.

Narcísio mora nessa casa há décadas com sua esposa, alguns filhos e netos. Ao lado de sua casa, existem ainda outras casas que eram sala de aula e galpão do ICM. Narcísio contou-nos que não trocaria aquele espaço por nenhum outro. Não saberia morar em outro lugar, pois ali ele tem raízes e construía toda sua família. Disse ter muito orgulho de morar na casa de sua ex-professora e patroa de sua esposa, que trabalhou como doméstica. Narcísio considera-se parte da família da professora Margarida Alacoque. Quando soube que tínhamos entrevistado sua ex-professora em Fortaleza, tanto ele como sua esposa, pediram-nos os contatos telefônicos e endereço para visitá-la brevemente. Apesar de seu parente ter assassinado o marido da professora Margarida Alacoque, em uma tentativa de assalto, as famílias preservam um sentimento fraterno e amigável nos dias hodiernos. Por razões de intimidade pessoal, Narcísio não quis relatar com detalhes com acontecera a morte do marido da professora que acabou provocando sua saída da casa do ICM.

Imagem 60– Narcísio em frente às antigas salas de aula do ICM



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Em suas narrativas, Narcísio versou sobre a disciplina do ICM e sua participação na captura de meninos que fugiam. Como vimos em outras narrativas, eram poucos alunos que fugiam das aulas. Segundo Narcísio, não havia necessidade fugir da escola, pois a escola era um espaço agradável para todos. No entanto, quando alguns tentavam fugir, ele ajudava a capturar os seus colegas. Vejamos como acontecia:

Quando alguns fugiam. Alguns meninos mais doidinho que se apavoravam, por saudade de casa ou da mãe. A gente ia atrás; a gente ia atrás desses meninos fujões; a gente ia de bicicleta ou de cavalo. Uns três alunos de confiança do diretor iam atrás deles. Quando a gente encontrava o menino, a gente pegava o menino pelo braço e a gente dizia para ele: olha se você não quiser ir, será amarrado e vai voltar à força. Quando se chegava aqui na escola, colocavam-se esses meninos na cela e se conversava com eles. A gente perguntava o porquê das fugas. Eles diziam que era por saudade de casa ou da mãe. Então, a direção ordenava que a gente levasse o almoço dele, a merenda e o jantar. Ele ficava preso na cela.

Apesar dessa disciplina rigorosa, Narcísio disse que não tem de que se queixar de ter estudado na escola. Além disso, antes de chegar ao ICM, ele estudou em outra escola, mas mesmo assim, nunca quis sair da escola. Sempre procurou cumprir as normas da escola como estabelecido pela direção. Acabou se adaptando bem à convivência e as normas desenvolvidas na escola.

A gente se entrosava uns com os outros. A gente não achava coisa melhor. A gente achava uma convivência legal. Quando as pessoas que vinham nos visitar e perguntavam se nós gostávamos da escola de menores, a gente sempre dizia que gostava porque a gente aprendia as profissões de tecelão, alfaiate, carpinteiro, sapateiro, músico e muitas outras atividades, como aprender a tomar de conta das salas de aula.

O que contribuiu para sua rápida adaptação à dinâmica da escola, na percepção de Narcísio, foi o fato de eles estarem sempre ocupados. Fosse nas oficinas, no campo ou mesmo limpando a escola, os meninos estavam sempre ocupados. Quem controlava essas atividades como vimos, na narrativa do “Mem” e do próprio Narcísio era a corneta. Era por meio de seus toques, que se faziam as distribuições das atividades nos turnos matutino, vespertino e noturno. Narcísio lembrou-se de que assim que se entrava na banda de música, aprendiam-se os toques das ordenanças, baseando-se no padrão das Forças Armadas. Todos tinham de obedecer aos toques da corneta, que eram acionados por um piquete em plantão de 24h. O próprio Narcísio fez plantão na escola como piquete. Contou-nos que várias vezes nessa atividade, no ICM, fazia o toque da alvorada para todo mundo se levantar às 5h; fazia o toque para limpeza; toque para o banho; para o café; para a merenda; para o almoço; toque para ir e voltar do campo. Baseando-se no som estridente da corneta, às nove horas da noite havia o toque de silêncio. A partir esse

momento, não se podia mais falar na escola e adjacências. Portanto, Narcísio confirmou que era a corneta que tinha o controle da rotina de suas vidas.

No entanto, segundo Narcísio, alguns se atreviam a desobedecer ao silêncio e o repouso dos moradores, funcionários e alunos da escola. Sobre isso, relatou-nos o seguinte:

O silêncio tinha de ser obedecido. Mas a gente cansou de pegar alguns abestados que passavam em frente à escola fazendo barulho. O silêncio tinha de ser obedecido em toda a área do Carneiro de Mendonça, mas havia atrevidos bêbados que passavam desafiando o silêncio. E os alunos que já tinham se tornado agrega⁵⁸, com a maioria, pegavam essas cabras que faziam barulho. Armados com revólver calibre 38 e rifles, eram três agregas por noite que fazia a patrulha de toda a área da escola por 24h.

Narcísio trabalhou também fazendo a patrulha da escola. Era ele quem fazia a proteção às casas dos funcionários, na pocilga e na vacaria. Para poder fazer esse trabalho, teve de fazer um teste de tiro na própria escola. A munição era fornecida pela Secretaria de Segurança Pública. Os treinamentos eram feitos em frente a uma parede espessa na própria escola. Narcísio nos relatou que, por volta de duas horas da madrugada, ele costumava dar um tiro de rifle Winchester calibre 44, conhecido como “papo amarelo”, apenas para intimidar alguém que ousava perturbar o sossego no ICM.

O cabra sabia das nossas normas. Ele tinha de respeitar e não se fazia barulho. Se fizesse barulho ficava preso em um quatinho que apenas cabia ele em pé. O cabra que resolvesse perturbar a tranquilidade da vizinhança, amanhecia com o corpo todo picado de muriçoca da cela. Não era brincadeira. A escola tinha respeito. A gente tinha respeito.

Narcísio aproveitou a ocasião para nos falar que, em um de seus plantões, um homem bêbado passou em frente ao ICM falando muitos palavrões e xingando o Pe. Giovanni Saboia⁵⁹, diretor da escola. Por conta disso, eles prenderam-no até de manhã, quando o padre viesse para o expediente. Quando o pároco chegou às 8h30, teve uma conversa com o bêbado e este lhe pediu desculpas. Pe. Giovanni ameaçou o bêbado dizendo que se ele reincidisse nas ofensas, ele seria encaminhado para a polícia para receber uma boa sova.

Narcísio nos contou que permaneceu na escola por opção pessoal. Ele teve oportunidade de sair da escola. Recebeu convite de seu padrinho, o engenheiro da Petrobrás na Bahia, Luciano Gurgel do Amaral, para concluir seus estudos em outra escola. Mas, o diretor do ICM não o deixou sair. Além do mais, ele já estava como agregado. Ele disse que não podia

⁵⁸ O agrega a que se refere Narcísio é o menino que ficou maior de idade e tornou-se funcionário da escola.

⁵⁹ Nomeado diretor do Instituto Carneiro Mendonça, em Maracanaú, por um período de 8 anos.

também deixar o ICM porque era uma escola referência para sua vida. Foi uma escola onde ele recebeu as instruções mais importantes da sua vida. Narcísio disse que esqueceu sua vida que levava fora da escola. O ICM lhe proporcionou ensinamento para ele se tornar um cidadão e ter um futuro, segundo ele, melhor do que ele tinha antes de entrar na escola. A escola sempre quis o melhor para ele e se alguns não quiseram é porque não quiseram aproveitar as oportunidades.

A gente sempre conversava com o diretor do Carneiro de Mendonça. O padre nos dava conselhos e instruções para o nosso futuro. E isso foi muito importante para todos nós. Quem quisesse seguir os ensinamentos do diretor, poderia mudar de vida na escola. Mas muitos que vinham para cá, que eram pegos na rua, às se perdiam porque iam para a vida que levava antes. O Carneiro de Mendonça era isso. Sempre procurava orientar. E não desistia da gente. Sempre acreditava que a gente podia mudar. Quando algum menino fugia, eles iam atrás. A escola procurava mostrar o caminho do bem e o caminho do mal. O Carneiro de Mendonça era isso. Recebia o menor da sociedade e depois devolvia para ela de novo. Mas, agora com uma profissão. Já adulto, cidadão. Instruído e ensinado para seguir sua vida de maneira independente.

Falando sobre os conselhos e instruções, Narcísio disse que tinha uma predileção pela gestão dos padres. Ele gostava muito da forma como os sacerdotes conversavam com os alunos. Sempre havia reuniões. Apesar de manterem uma disciplina rigorosa, os padres que dirigiam a escola gostavam de perguntar a cada um dos alunos o que eles gostavam de fazer na escola. Os meninos que estudavam na escola, escolhiam as oficinas de acordo com os seus interesses pessoais. Por outro lado, Narcísio falou que os outros dirigentes agiam de maneira diferente. Por exemplo, os dirigentes que eram advogados, costumavam tomar suas decisões dentro de seus gabinetes. Narcísio disse que não gostava dessa postura deles na escola, pois tomavam as providências, cumpriam seu expediente e depois iam embora. Sua insatisfação com esses gestores é que eles não se envolviam com os alunos da mesma forma que os diretores religiosos do ICM, que antes de ir para a sala da direção, entravam em todas as salas, oficinas e no campo para ter conhecimento das ocorrências do dia. Ou seja, não ficava apenas no gabinete esperando as ocorrências.

Sobre essas ocorrências, Narcísio lembrou-se de que no ICM havia uma estação de rádio amadora, vinculada à Secretaria de Segurança Pública. Era por meio dessa estação que muitas ocorrências policiais chegavam ao conhecimento da direção. O próprio Narcísio trabalhou como operador e mensageiro dessa rádio. Ele recebia diretamente da Secretaria de Polícia as ocorrências de delitos envolvendo o ICM.

Narcísio recordou que havia em Fortaleza, ao lado do quartel da polícia na Avenida Bezerra de Menezes, uma instituição que fazia um trabalho semelhante ao do ICM. Dirigida também por padres, essa instituição fazia parceria com o ICM. Narcísio contou-nos que em certa ocasião, Pe. Giovanni ficou dirigindo as duas instituições. Nesse período, aquela instituição estava precisando de barbeiro. Assim, Pe. Giovanni convidou Narcísio para trabalhar nessa instituição para cortar o cabelo dos garotos.

Pe. Giovanni Saboia me falou que ia me levar para esse Núcleo de menores no Antônio Bezerra em Fortaleza. Nós fomos no carro do padre. Aqui sempre teve carro. Era um carro pequeno e dois caminhões. Um da Ford e Chevrolet Brasil. O carro pequeno era um Opala Automático que tinha somente a primeira marcha e a ré.

Chegando ao Instituto em Fortaleza, Narcísio encontrou vários meninos com os cabelos grandes. Entre estes garotos, conheceu o “Mata Sete”, que estava internado por ser considerado um menino delinquente. Narcísio percebeu que os dois institutos, apesar de serem semelhante quanto às missões pedagógicas, os castigos nesse Instituto eram bem mais severos do que no ICM. Ele descobriu que nesse instituto havia um armário com prateleira e uma tela de ferro para prender os meninos que desobedeciam às normas da instituição. Narcísio passou alguns dias cortando os cabelos dos garotos desse instituto educacional.

Narcísio reconheceu o ICM como uma escola de regime militar. Mas, isso não implicou em malefícios para a vida dos garotos que a escola atendia. A escola era rigorosa; havia disciplina, instrução e moral. Durante nossa entrevista, Narcísio se perguntava o que seria dele e de seus colegas se não tivesse existido o ICM. Na percepção dele, alguns teriam continuado cometendo delitos, outros continuariam abandonados, sem profissão e sem perspectiva de vida. E complementou: “eu penso que se o Carneiro de Mendonça tivesse continuado o seu trabalho em Maracanaú, não existiria a delinquência que existe hoje em dia”.

Narcísio também atribuiu a decadência do ICM à gestão e às práticas educativas adotadas pela FEBEMCE. Para ele, a missão e as estratégias educativas utilizadas pela FEBEMCE não conseguiam mais corrigir os meninos que precisavam do ICM. Um dos erros da FEBEMCE, na concepção de Narcísio, era expulsar os meninos que não se adaptavam ao ambiente do ICM. Os dirigentes, professores e funcionários do ICM não tinham a praxe de excluir os rapazes que eram mais trabalhosos. Pelo contrário, o ICM tinha o hábito de insistir na correção deles, mesmo quando se sabia que eles não queriam mudar e fugiam. Outro ponto equivocado, na visão de Narcísio, era o fato da FEBEMCE ser muito fechada em torno de si mesma e não aceitar parcerias e contato com comunidade. Ela não aceitava funcionários que

não fossem originários dela mesma. Eles não aceitavam funcionários, por exemplo, da Secretaria de Justiça. Por isso, Narcísio, já como funcionário público, teve de ser transferido para trabalhar no Manicômio Judicial, localizado na BR-116, Km 17, no município de Itaitinga, cerca de trinta quilômetros de Maracanaú.

Com a FEBEMCE, tudo foi quebrado. Nós tínhamos máquinas caras de serrar, aplinar, furar. Entrava um pau sem forma e saíam móveis. Era uma tristeza a gente ver os meninos da FEBEMCE quebrando as máquinas para retirar os rolamentos. Dava era pena e vontade de chorar só de ver o que estava acontecendo porque no tempo do Carneiro de Mendonça não se fazia nada disso. Antes da FEBEMCE, o menor fazia diferente. As oficinas era lugar de trabalho e aprendizagem.

Segundo Narcísio, os alunos tiveram de aprender a conviver com os alunos que chegaram da FEBEMCE, com um perfil bem diferente deles. Os meninos da FEBEMCE eram mais agressivos e não queriam aprender o trabalho nas oficinas. Narcísio ratificou que os bens das oficinas começaram a ser furtados pelos internos. Até mesmo o frigorífico que fora construído dentro da escola teve mercadorias furtadas, segundo nosso interlocutor.

Portanto, segundo Narcísio, a FEBEMCE não conseguia corrigir os meninos como era feito no ICM. Narcísio asseverou que os alunos do ICM eram corrigíveis enquanto os da FEBEMCE eram irrecuperáveis. Narcísio lembrou-se da história de um garoto que chegou ao ICM por ter deflorado sexualmente sua prima. Estudou na escola, aprendeu uma profissão e conseguiu ser um cidadão. Lembrou-se ainda de outro garoto, chamado Quintino, que foi internado no ICM porque matou enganado toda a família com veneno. Esse garoto confundindo sal com veneno, acabou matando toda sua família. Ele ficou órfão de pai e mãe e sem irmãos. No ICM, voluntariamente, Quintino ingressou na banda de música. Segundo Narcísio, ele tornou-se um dos melhores saxofonistas da escola. Narcísio disse que sempre conversava com ele sobre sua família, destruída involuntariamente. Nessas conversas, Narcísio aproveitava para aconselhar o amigo. Procurava ajudá-lo a superar o drama de perdido toda a família. As recomendações eram direcionadas para Quintino não deixar o seu passado interferir nas suas decisões pessoais e no seu futuro. No entanto, certo dia, Quintino, já adulto, começou a frequentar festas e a beber com amigos em Maracanaú. Ao terminar as festas e reuniões com os amigos, costumava voltar sozinho para casa. Certa noite, um homem desconhecido lhe seguiu e lhe desferindo golpes de faca. Não morreu porque se fingiu de morto. Em outra ocasião, após receber o salário do Estado, foi novamente beber com os amigos. Depois de todos os colegas terem ido embora, ele ficou sozinho. Desafortunadamente, Quintino fora agredido novamente por uma pessoa desconhecida e não conseguiu resistir aos ferimentos e morreu. Narcísio contou

essa história para mostrar que seu colega no ICM conseguiu se corrigir do que fez com a família. Mas, não conseguiu se corrigir do vício de beber. Ganhou a vida na escola, mas acabou perdendo-a para o vício do álcool.

7.5. Dulce Alves Almeida e Celmar Alves Queiroz

Dulce e Celmar optaram para relatar suas trajetórias de vida ao mesmo tempo. Dulce iniciou seu relato dizendo que era viúva e mãe de um filho que ainda vive com ela. Afirmou que mora em Maracanaú desde que nasceu e que estudou até o 4º ano Normal, habilitando-se em Ciências e Matemática. Relatou que não frequentou o ensino superior porque adoeceu de lúpus e teve de parar os estudos para tratamento médico. Isso lhe deixou muito triste, tanto por não ter conseguido fazer uma faculdade quanto por ter sido obrigada a se aposentar de maneira compulsória. Disse que sempre gostou de ensinar, mas devido à doença, teve de abandonar a sala de aula. O tratamento médico durou cerca de cinco anos. No entanto, após a cura da doença, não conseguiu mais voltar às salas de aula. Na época, como funcionário do Estado, não lhe era concedido mais de dois anos de afastamento das funções docentes. O Instituto de Saúde dos Servidores do Estado do Ceará (ISSEC) apenas permitia a licença de apenas dois anos para tratamento médico. Mas, no caso da sua enfermidade, seriam necessários cinco anos. Desse modo, com apenas 22 anos de idade, teve de ser aposentada compulsoriamente.

Após relatar sobre esses problemas de saúde e de sua aposentadoria precoce, Dulce começou a falar dos aspectos de sua infância. Disse que essa etapa da sua trajetória de vida foi excelente porque aconteceu toda dentro do Instituto Carneiro de Mendonça. A história da sua família se confunde com a história do ICM. Seu avô, Miguel Alexandre de Lima, colaborou como sacristão na paróquia dirigida pelo Pe. Paixão na cidade de Cascavel. Quando este vigário assumiu a direção do ICM, fez o convite para seu avô trabalhar como horticultor da escola.

Seus pais, Marcelino Avelino Alves casou-se com Francisca Alexandre Alves em Maracanaú. Por afinidade e experiência com o trabalho com meninos infratores, seu progenitor mudou-se para o ICM para trabalhar como inspetor de alunos.

Meu pai era da polícia especial e trabalhava em Fortaleza com aqueles menores que já eram traquinos e infratores; ele não era soldado não; ele era da polícia especial. Como papai era uma pessoa muito disciplinada e tinha muita capacidade, trazia os meninos para a Escola de Menores para serem internados aqui. Desse modo, o diretor da escola, que não me lembro o nome, convocou o meu pai para vir trabalhar na Escola de Menores (DULCE).

Professora Dulce e Celmar nasceram e cresceram no Instituto Carneiro de Mendonça. Como seu pai era funcionário da escola, teve o direito de estudar com suas irmãs junto com os meninos. Eram as únicas mulheres que estudavam naquela escola para rapazes. Sobre essa excepcionalidade, professora Dulce registrou:

Eu estudava aqui, tinha os salões para os alunos estudarem. Comecei na terceira turma com a professora Safira, filha do senhor Laranjeira, funcionário daqui. Eu estudava junto com eles (os menores). Na minha classe tinha cinquenta alunos, e só eu de mulher.

Dulce relatou que era muito bom estudar no ICM, pois os meninos tinham muito respeito pelo seu pai e sua família. Cresceu aprendendo as mesmas normas, ofícios e valores dos meninos. Compreendeu desde pequena que deveria aprender a respeitar as normas da escola e honrar o nome de seu pai. Por conta disso, sempre foi uma aluna dedicada aos estudos. Na sala de aula, sua professora costumava lhe colocar para sentar na frente dos meninos. Esse procedimento era para evitar que os garotos pescassem respostas das suas provas, que eram sempre avaliadas com notas altas. Sentava-se, portanto, junto à mesa da professora.

Na realidade, Dulce ficou estudando no ICM porque ela era muito pequena e sua mãe tinha medo de deixá-la estudar no centro de Maracanaú. Seus pais nunca viram nenhum problema em deixar suas filhas estudando no ICM, que era um direito de todos os funcionários ter seus filhos estudando na escola. O fato dos garotos serem disciplinados e respeitarem muito bem os filhos de funcionários, deixavam Dulce e suas irmãs mais seguras para conviverem e estudarem em uma escola para meninos. Na sua classe, era apenas ela de garoto, mas isso nunca lhe intimidou e prejudicou seus estudos.

Sua irmã, Celmar, mais velha, confirmou também sua experiência exitosa na escola. Para ela, não teve experiência melhor na sua vida do que ter sido aluna do ICM. Lembrou-se dando algumas gargalhadas das tentativas sedutoras dos meninos que, por vezes, queriam namorar com elas. No entanto, sempre hesitaram, pois, tinham medo do seu pai, que não aceitavam que elas namorassem com os meninos do ICM.

Segundo a professora Celmar, os meninos queriam paquerar com elas na hora do recreio. À tarde, eles ficavam brincando no pátio e costumavam depois dirigirem-se à casa delas para conversar. A irmã mais velha ainda acrescentou que “tinha alguns mais peitudo e metia a cara e vinha para a casa dos nossos pais. Eram meninos mais velhos do que a gente em poucos anos. Dois ou três anos a mais”. Seu pai de maneira austera, dizia para os menores que frequentavam sua casa: “menores não podem namorar as filhas de funcionários”. Então, alguns

menores diziam: “não, senhor Marcelino, a gente tem respeito às suas filhas. A gente vem aqui porque a gente acha elas muito bonitas”.

Segundo a professora Dulce, eles eram bem recebidos em sua casa. Elas ficavam tranquilas por tinham a certeza de que os meninos eram disciplinados. A correção no ICM funcionava e não tinha ninguém que pudesse colocar em perigo a tranquilidade da convivência, da amizade e das aulas. Não havia, portanto, motivos, segundo a professora mais nova, para elas terem medo dos meninos. Eram três irmãs que estudavam no ICM, Celmar, Dulce e Vilma. Em nenhum momento, nenhuma das três sofreu qualquer tipo de ameaça e violência.

A professora Celmar lembrou-se de que a sua irmã Dulce era muito inteligente, com apenas 10 anos, passou no exame admissional para se matricular no 5º ano do Ginásio Gustavo Barroso, escola cenicista no centro de Maracanaú. Mas, ela não foi aceita por conta da idade. A professora Dedé, irmã do ex-diretor do ICM, Pe. José Holanda do Vale, disse que a infante Dulce não poderia se matricular porque ela era muito nova. Além do mais, ela não poderia ser promovida do 3º ano primário direto para o 5º ano. Então, ela teve de fazer a sua matrícula na turma de 4º ano no Instituto São José, outra escola, que fora fundada pelo primeiro vigário de Maracanaú, Pe. Vale.

As professoras Dulce e Celmar nos disseram que elas estudaram com esses meninos não apenas no ICM. Quando elas foram estudar no Ginásio Gustavo Barroso ou no Instituto São José, alguns garotos também se matricularam e continuaram estudando com elas. A ida ao centro de Maracanaú era sempre acompanhada dos garotos do ICM. De acordo com as professoras, os meninos continuaram morando no Instituto Carneiro de Mendonça, porém, estudando no centro de Maracanaú. Eles iam todos juntos a pé, conversando. Os garotos serviam como proteção para elas na ida e na volta. Conforme suas lembranças, nunca houve nenhum caso desses alunos se desgarrarem do ICM. E quando eles fugiam, logo eram capturados pelos inspetores e funcionários, que iam imediatamente buscá-los. Sobre esse aspecto, a professora caçula registrou:

Quando os meninos pulavam o muro, que fugiam, aí todo mundo ia atrás deles, inclusive os menores que eram disciplinados também ajudavam na capturados dos menores, completou as professoras. Havia meninos que auxiliavam os inspetores na captura dos meninos que raramente fugiam. Esses meninos assistentes eram selecionados por meio do critério de disciplina. Quanto maior fosse a disciplina, maiores seriam as chances de se tornar um auxiliar na captura de outros garotos.

No seio de uma grande família com sete irmãs, as professoras disseram que falar da sua infância é uma satisfação muito grande porque faz lembra-las de momentos de muita alegria

e lazer em um ambiente que elas consideravam muito saudável e inocente. Um desses momentos de aprazimento, por exemplo, era quando seu avô as levava para o roçado; não conseguem esquecer ainda hoje dos tempos da farinhadas, do mel e cana de açúcar e da rapadura. Com apenas 12 anos de idade, segundo elas, já faltavam alguns dentes, de tanto comerem rapadura, alfenim e mel. Quando as plantações de arroz e feijão cresciam, elas iam ajudar seus pais e avós a fazerem a colheita. À noite, divertiam-se debulhando o feijão que passara o dia secando ao sol.

Como todos os anos os meninos do ICM iam para Fortaleza desfilarem nas comemorações do dia sete de setembro, por volta do mês de julho, iniciavam-se a confecção das fardas dos garotos selecionada para a parada militar. Como sua mãe era costureira na alfaiataria da escola, as duas irmãs testemunharam várias vezes sua mãe levarem essas fardas para confeccionar os últimos acabamentos e ajustes das peças. Sua mãe ainda hoje guarda com carinho uma máquina da marca Clothing em que costurava as fardas do desfile. Ainda segundo essas professoras, com mais ou menos nove anos de idade, em casa, aprenderam com sua mãe a chulear as roupas dos infantes. As fardas eram da cor cáqui e mescla azul com branco. Para as professoras, era momento de muito prazer por causa da convivência. Não tinha outro lazer. Elas apreciavam esses momentos de convivência e prazer. Quando não tinham mais nada para chulear, Celmar e Dulce aproveitavam algumas horas da noite para brincar com as filhas de outros funcionários.

Segundo as professoras, os meninos do ICM estavam sempre por perto. Alguns meninos iam para sua casa ajudar seus pais a varrer o quintal. Mas, seu pai sempre lhes orientava para terem cuidados com os meninos. Elas podiam brincar e conversar com os meninos, mas deveriam ter um certo cuidado para não dar maus exemplos, pois elas eram filhas de funcionários. No entanto, não havia, segundo elas um fosso que os separassem. Na realidade, seu pai se envolvia com os alunos com o intuito de prepará-los para os Forças Armadas e para a Polícia. Era comum o pai delas levarem os garotos para se apresentarem ao governador do Ceará na tentativa de pleitear uma vaga de trabalho no próprio ICM.

Apesar das advertências dos pais, as professoras relataram que um dos alunos do ICM, o Barreto, chegou a namorar com Vilma, uma de suas irmãs. Quase chegaram a noivar. Mas, a família do pretendente arranjou um emprego para ele na Bahia. Barreto ainda convidou Vilma para lhe acompanhar, mas ela não aceitou. Se tivesse aceitado, já teria o consentimento dos pais da noiva, pois estes já estavam confiantes com a índole do rapaz. Seus pais aceitariam o casamento pois passaram a ter um grande apreço por ele e por ele ter sido, inclusive, inspetor de aluno na escola.

Barreto chegou ao ICM não por ter sido um menino indisciplinado, mas porque era órfão de pai e passava necessidade financeiras. Na realidade, as professoras disseram que cresceram aprendendo a separar as coisas. “A gente sabia que eles eram menores e nós éramos filhos de funcionários. Mas, não era por discriminação, era por causa mesmo da criação. Mas nunca nossos pais nos impediram de conversar com eles. Quando era à noite, tinha deles que vinha de lá e vinha bater aqui conversar com a gente”.

Com relação à educação escolar, suas primeiras professoras foram suas tias, Raimundinha e Elizete. Esta última participante dessa pesquisa. No entanto, as professoras não conseguiam se esquecer das aulas de outra professora, dona Nelzite. Esta tinha o hábito de pedir aos alunos para decorarem a tabuada de matemática de cor. Segundo as professoras, elas e os garotos não podiam errar. Quando os alunos erravam, eles eram obrigados a ficar sentados para decorar novamente a tabuada. As duas irmãs concordaram ao dizer que os meninos que não acertavam a tabuada eram achincalhados pelos demais. Isso era feito como uma forma de divertimento e descontração. As professoras disseram que sempre conseguiam decorar a tabuada pois eram treinadas por sua mãe no quintal da casa. O ABC foi ensinado por sua mãe. Apesar delas considerarem as professoras do ICM excelentes e competentes, elas aprenderam muito com a ajuda da sua progenitora.

Comparando a educação atual com a educação que elas receberam no Instituto Carneiro de Mendonça, a professora Dulce lamentou saber que, atualmente, alunos de 4º ano do Ensino Fundamental I ainda não saibam ler e escrever corretamente. Declarou que, no ICM, no final do 2º ano Primário, os meninos já sabiam ler, escrever e fazer as quatro operações básicas de matemática: somar, subtrair, multiplicar e dividir. Desse modo, quando os meninos saíam da escola, não era difícil conseguir êxito nos concursos e seleções em Fortaleza.

Segundo as professoras Celmar e Dulce, o segredo desse êxito era o fato do ICM basear-se em um modelo tradicional de ensino-aprendizagem. Os alunos eram classificados pelo grau de desempenho em todas as disciplinas escolares. Isso era uma forma de incentivar os garotos e elas mesmas para sempre buscarem os melhores lugares nessa classificação. Desse modo, as nossas interlocutoras se dedicavam aos estudos da tabuada, ditados de português, leituras e produções textuais todos os dias. As ex-alunas ressaltaram que, mesmo com o apoio das professoras do ICM, não teriam conseguido alcançar êxito em seus estudos se não tivessem tido o acompanhamento e o apoio de sua mãe, como já mencionamos acima.

A respeito disso, Celmar pediu para mostrar seus resultados nas provas feitas nas disciplinas lecionadas pelas professoras Elizete e Nelzite.

Imagem 61 – Capa das Provas Finais da professora Celmar - 1963.

INSTITUTO

CARNEIRO DE MENDONÇA

PROVAS FINAIS

1963

Aluno Rita Celmar Arvelino Alves

1º Ano

Média Geral 8,3

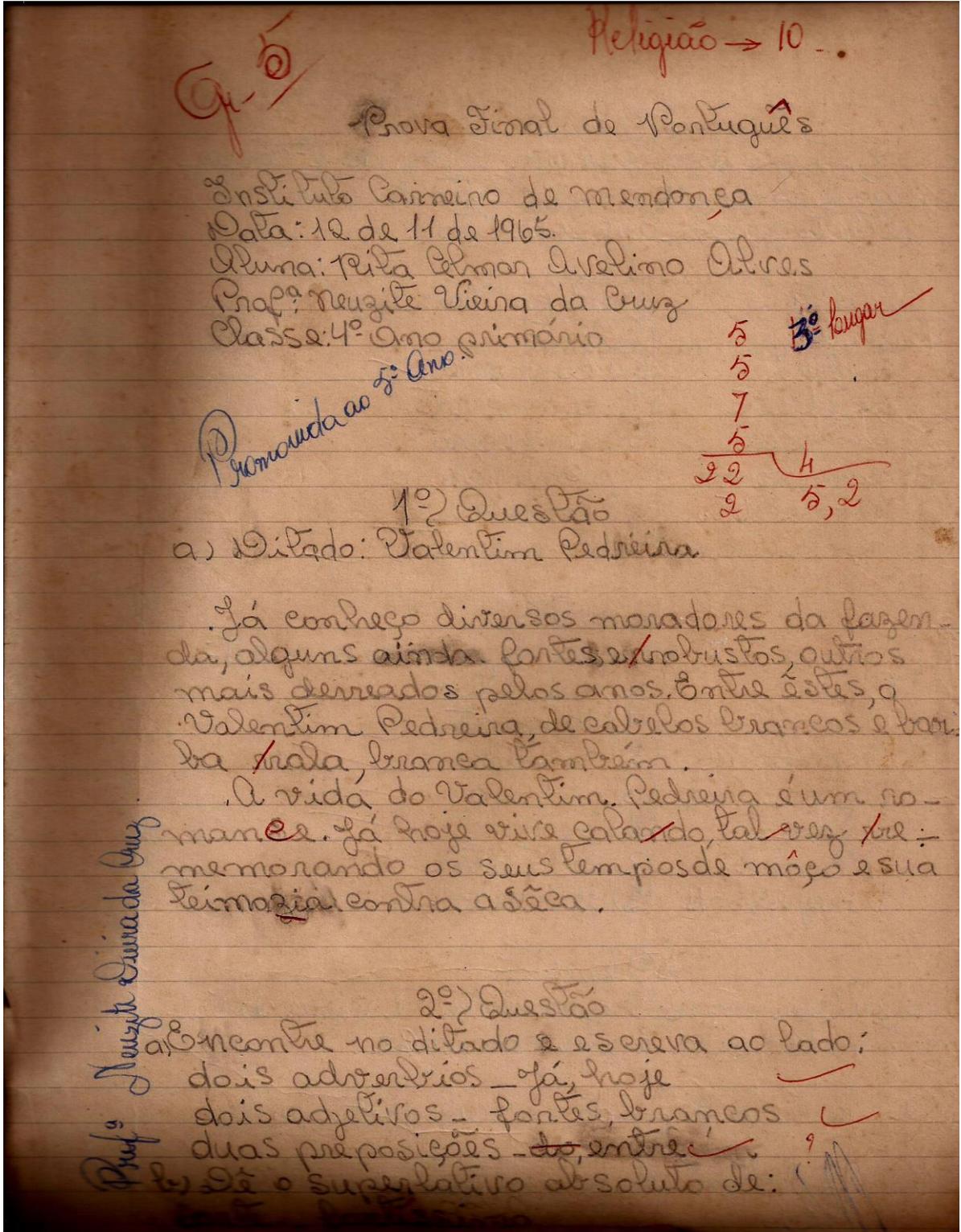
Classificação 6º Lugar

[Assinatura]
ALUNO

Eliseth Alexandre de Lima
PROFESSORA

Fonte: Arquivos pessoais da Prof.ª Rita Celmar.

Imagem 62 – Prova Final de Português - 1965



Fonte: Arquivo pessoal da Prof.ª Rita Celmar.

As professoras reconheceram que a educação de hoje é melhor do que a de seu tempo no ICM. Mas, o desinteresse dos alunos na atualidade é muito maior, apesar da fartura de recursos didáticos e da qualidade da formação docente. Na ocasião, lembraram-se de que nos seus estudos primários, as três irmãs utilizavam o mesmo o material didático chamado “Minhas

Lições”. Mas, apesar das dificuldades, elas não desanimavam e procuravam fazer o melhor para alcançarem os primeiros lugares na turma. A primeira a ter o direito de estudar o material era a Dulce, depois era a vez de Celmar e, por último, passava-se o livro para Vilma. Dulce, quase sempre, era a primeira a terminar as lições porque fazia mais rápido que as outras. Era necessário um revezamento e uma cooperação entre três irmãs, pois, elas somente tinham a tarde para estudar e no outro dia já tinham de apresentar a lição na escola. Não havia tempo para distrações.

Como vimos no capítulo 5, era senhor Marcelino, pai de nossas interlocutoras, quem selecionava e treinava o time de futebol do ICM. Por essa razão, a família tinha muito contato com jogadores de futebol. Dulce e Celmar não se esquecem das vezes que jogadores de Fortaleza e do centro de Maracanaú vinham jogar contra o time do ICM. Muitos desses jogadores, como Paulo Honório, Almir Dutra, que foi o primeiro prefeito de Maracanaú, ficavam conversando com elas debaixo dos pés de benjamim na casa de seus pais. Alguns professores do Ginásio Gustavo Barroso, onde as irmãs estudavam, ficavam paquerando com elas. Eles iam para a casa de seus pais. Foi por conta dessa amizade com esses jogadores de futebol, que professora Dulce conheceu Marcos, com quem viria a se casar com dezoito anos de idade. Foi seu colega do Ginásio, Paulo Honório, quem trouxe Marcos para jogar no time da escola.

A professora Celmar relatou que ela e suas irmãs estavam sempre próximas de seu pai quando este estava resolvendo alguma diligência na escola. O seu pai fazia reuniões com jogadores de futebol para decidirem quais seriam seus adversários. E professora Dulce disse que amava futebol e torcia muito pelo time de futebol da escola. Por isso, estava sempre ao lado do pai.

A gente gostava de futebol. Nós íamos assistir às partidas do time da escola de menores no domingo à tarde. A gente se arrumava toda para ver o time da escola, que quase sempre ganhava aqui. Lembro-me de alguns jogadores que eram conhecidos do time da escola: o Bodinho, Pelé, Didi, o goleiro Bebê. Nosso pai era o treinador do time. Ele era inspetor, mas como fazia tudo na escola, ele treinava o time também. Havia outros inspetores, como meu tio, Sebastião. Lembro-me também dos inspetores Sr. Raimundo Pinheiro, Sr. Laranjeira, o Pedro Rego. Havia um revezamento dos inspetores, mas meu pai não tinha folga, estava todo o dia aqui. O meu pai tinha essa paixão por futebol porque era uma forma de lazer para os meninos do Carneiro de Mendonça (DULCE).

Mudando de assunto, Professora Celmar disse que se tornou professora por influência de suas duas tias, Raimundinha e Elizete, que eram professoras do ICM. Elas cresceram ouvindo as histórias do pioneirismo de suas tias na comunidade. Dona Raimundinha, por

exemplo, com apenas 12 anos já lecionava de maneira improvisada na comunidade. Professora Dulce relatou que sua tia reunia os meninos da comunidade em uma sala improvisada de sua avó e convidava as sobrinhas para lecionar. Seguindo o exemplo da tia, professora Celmar disse com orgulho que, com apenas 12 anos, já era professora.

Minha tia passava as tarefas e a gente auxiliava ela nas atividades com os alunos. Pedia para a gente copiar tudo no caderno dos alunos. Eu tinha a letra bonita. A gente ensinava os alunos a escrever. A gente se sentia tão feliz porque nós percebíamos que o que a gente estava aprendendo já estava servindo para alguma coisa (CELMAR).

A professora caçula, na realidade, admitiu que tinha a maior vontade de ser médica. Inclusive disse que ainda hoje se sente como uma médica da família, prescrevendo medicamentos para os parentes que se encontram enfermos.

Quando eu ia para a aula, os cabelos muito bonitos e grandes, minha mãe pegava um paninho e amarrava nos meus braços para não pegar poeira e aumentar a alergia. Na época, ela achava que era por causa da rapadura e do mel, e retirou essa alimentação da gente. Então, eu pensei em ser médica para quando eu estivesse formada fosse cuidar de mim e de minha mãe que tinha umas feridas nas pernas (DULCE).

Mas, não foi possível cursar medicina. Quando chegou o período de prestar os exames no vestibular, adoeceu de Lúpus. Assim, quando ela concluiu o Curso Normal, sua tia Raimundinha lhe aconselhou que ela deveria seguir a carreira do magistério. Sua tia argumentava que ela já tinha um contrato de professora no Estado e já ganhava dinheiro com essa profissão. Deveria fazer uma especialização e o doutorado. Mas, Dulce sempre questionava e dizia que, de fato, gostaria de ser médica. Mas, por dificuldades até mesmo de transporte para estudar em Fortaleza, resolveu assumir a docência.

As professoras disseram que começaram a lecionar como auxiliares de suas tias no ICM. Mesmo quando elas foram estudar no Ginásio Gustavo Barroso, elas ainda continuaram como assistentes de suas tias. Quando concluíram o Curso Normal, foram convidadas para lecionar naquela escola cenicista. Além disso, trabalharam durante quatro anos no MOBREAL enquanto estudavam no Colégio Municipal Figueiras Lima. Não era um período fácil, pois chegavam de Fortaleza às 18h. Na correria, jantavam em pouco tempo e partiam para lecionar alunos matriculados no MOBREAL. Nos finais de semana, elas saíam com suas tias convidando pessoas que não sabiam ler nem escrever. Sua tia Raimundinha fazia a lista com o nome dessas pessoas. Inclusive, funcionários do ICM que não tinha sido alfabetizados.

Sobre essas primeiras experiências como professora, a professora Celmar relatou o seguinte:

A gente cantava a música do MOBREAL: caminhando e cantando, subindo a ladeira, os bairros, subindo as serras, porque a gente ia atrás dos alunos. A gente tinha de ensaiar com os alunos. A música era deles. Eram alunos de 30, 40, 50 anos. Muitos deles não votavam porque não sabiam fazer o nome, por isso, a gente alfabetizava eles. Quando eles terminam o curso, ficavam muito felizes porque iam poder votar. As turmas se formam a cada seis meses. A gente ensinava a ler e a escrever em seis meses dentro do Carneiro de Mendonça nas aulas do MOBREAL.

Falando a respeito do significado do ICM na sua vida, as professoras concordaram em dizer que a experiência na escola foi muito boa porque não existia violência na escola e na comunidade onde elas viviam. Era um clima de paz e de confiança entre as pessoas. Isso se fortalecia, segundo as professoras, porque as pessoas se conheciam e compartilhavam um sentimento de solidariedade e fraternidade tanto na escola quanto na comunidade. As pessoas não costumavam entrar em conflito. Em alusão a esse espírito, a professora Dulce narrou:

Apesar daqueles meninos estarem na escola por terem um comportamento traquino ou mesmo infratores, eles conseguiam mudar o comportamento deles. A gente começava a ver as mudanças deles. A minha convivência que eu tinha com meus pais, com minhas tias aqui na escola, foi muito boa. A gente foi crescendo com aquela educação: trabalhar, ajudar, e crescer e ser professora. A minha infância aqui na escola foi só de coisa boa. Nós tivemos o prazer e a riqueza de morar aqui dentro. Aqui a gente tinha disciplina e aprendemos a ser gente.

A irmã mais velha endossou esse entendimento:

Aqui foi uma lição de vida. Meu pai veio do interior para cá. Minha mãe veio com meu avô. Meus pais se conheceram aqui e construíram família. Foi um lindo casamento. Até hoje eu me sinto privilegiada porque foi criada dentro daquela situação de estudar e conviver com nossos pais e se profissionalizar no Carneiro de Mendonça. Eu sou feliz porque meu pai e avô foram grandes funcionários daqui. Eu me sinto orgulhosa de estar relatando aqui minha história de ter estudado e trabalhado no Instituto Carneiro de Mendonça.

A professora Dulce relatou que antes de seu pai falecer, os muros da casa onde eles moravam caíram. Ele lhe pediu para que a família, em momento oportuno, reerguesse o cercado do terreno, envolvendo a capela, a casa da família, a antiga casa de diretor da escola e de outros ex-funcionários da escola. O filho de Dulce, sensibilizando-se com o desejo do avô, decidiu colaborar com a construção do muro do terreno. Professora Dulce, por seu turno, conseguiu convencer sua família e os demais membros da comunidade a promover uma campanha de valorização do espaço comunitário e familiar. Para as professoras era uma obrigação preservar a história e a memória do lugar.

Professora Dulce disse que eles decidiram reerguer o muro para não deixar as pessoas invadirem o terreno. Existem pessoas desconhecidas que passaram a ocupar as terras no fundo de sua casa, nas proximidades do açude e do engenho do ICM. Os familiares de Dulce e outros

moradores não reconhecem essas pessoas como pertencentes à história da comunidade. A professora Dulce registrou o seguinte comentário:

Eles não fazem parte da história de nossa comunidade. Eles moram lá porque meu tio, Sebastião, ex-inspetor da escola teve compaixão deles. Quando a escola fechou e ficou esse terreno da farinha e da rouparia, meu tio deixou eles ficarem morando lá para não ficarem abandonados. Eles ficaram plantando. Mas, os pais morreram e os herdeiros acabaram com as plantações e mandaram fazer piscina para alugar para banho de pessoas de fora. Isso tudo desagrada bastante a mim, meus familiares e outros moradores antigos.

A preocupação das professoras é tanto com a segurança quanto a preservação da memória do lugar. Admitiram que a preocupação delas é com a identidade dos moradores do antigo espaço da escola. Ao lado da casa da professora Dulce mora um ex-aluno, “Mem”, que conhecemos anteriormente, assim como a capela do ICM ainda em funcionamento. Do outro lado, está a antiga casa do diretor da escola e de sua mãe. Em frente, estão as casas de seus primos e do ex-aluno Narcísio, também participante dessa pesquisa. Por tudo isso, a construção do muro tornou-se uma urgência e prioridade.

Construído o muro. Restava agora resolver o problema do portão. Professora Dulce disse que foi necessário reunir os vizinhos que moram dentro do terreno para decidirem sobre o problema do portão do muro, que frequentemente estava aberto, facilitando a entrada de pessoas estranhas para tomar banho de piscina nos fundos do terreno. Os vizinhos estavam se sentindo incomodados com a entrada frequente de carros e motos, que perturbavam a tranquilidade da comunidade. A outra preocupação de Dulce e Celmar e de outros moradores relacionava-se com a violência social que mudou a rotina do bairro. Segundo as professoras, a invasão do espaço chegou ao ponto de vendedores estacionarem seus carros debaixo das árvores e se deitarem em redes por horas.

Há cinco anos a comunidade conseguiu instalar um portão automático e, obrigando cada um dos moradores utilizarem um controle eletrônico para terem acesso ao terreno. Segundo as professoras, a comunidade comemorou essa conquista.

Nós chamamos todos – os posseiros e todas as famílias – para colocar o muro e o portão automático. Mas, foi meu filho quem fez todas as estacas do muro. Quando terminamos de cercar, inauguramos e fizemos uma festa. E depois que fizemos tudo isso, os posseiros resolveram fazer um piscinão para alugar. E nós reclamamos porque isso não estava em nosso projeto. Nós concordamos que festa deve ser apenas para os moradores daqui e não para pessoas estranhas de fora. Mas eles continuam fazendo isso. É um fuxico! (DULCE).

Imagem 63 – Muro de um dos terrenos da antiga escola



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Segundo as professoras, a ideia de fazer o muro e o portão coaduna-se com o objetivo de preservar a história e o espaço da vizinhança que se formou ao lado do ICM. A ideia era obstaculizar a comercialização do espaço. Segundo elas, se não fosse feito nada, os terrenos da escola estariam sendo invadidos e alugados para pessoas que não pertencem à história local. As terras que tentaram ocupar são as terras do antigo engenho e açude da escola. Elas informaram que vivem cadastradas por elas, quatorze famílias e um grupo de irmãs. Outros que chegaram para ocupar esses espaços, elas os consideram apenas como posseiros e invasores.

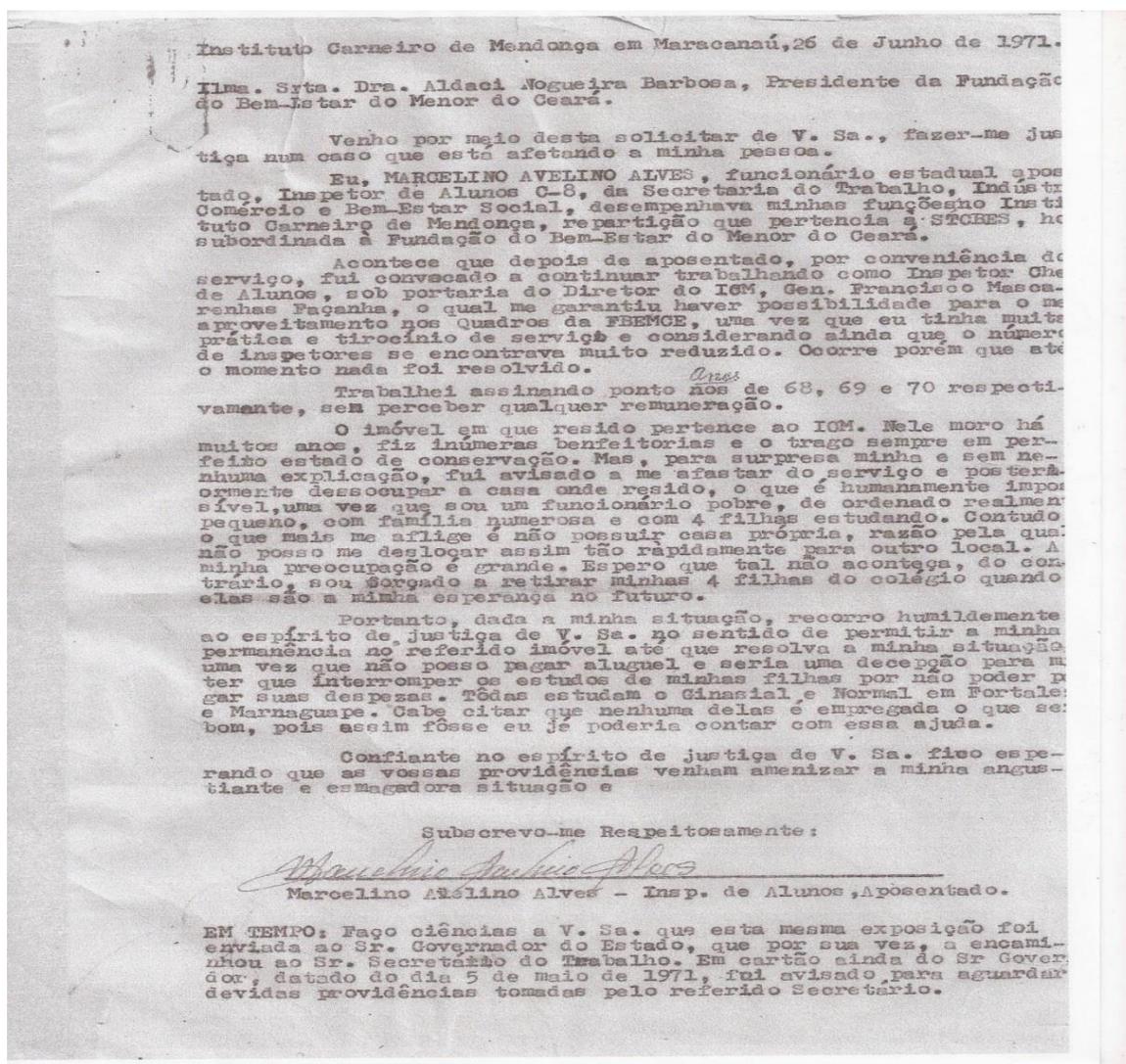
Imagem 64 – Discurso de Dulce na Inauguração do Portão



Fonte: Arquivo pessoal de Dulce

As professoras lembraram juntas a situação de maior tristeza vivenciadas por elas no ICM. Isto aconteceu quando seus pais se sentiram ameaçados de perder sua casa. Elas ainda se ressentem das mudanças pedagógicas e administrativas que ocorreram no ICM com a chegada da FEBEMCE. Seu pai, já aposentado, senhor Marcelino, foi convidado pelo então General Francisco Mascarenhas Façanha, diretor do ICM (agora FEBEMCE), para continuar trabalhando como inspetor chefe de alunos. Tendo aceitado o convite, trabalhou na FEBEMCE durante os anos de 1968 até 1970, sem receber remuneração. Além disso, de maneira intempestiva, recebeu o comunicado que deveria se afastar do serviço e, posteriormente, desocupar a casa de funcionário do ICM. Por isso, seu pai recorreu à presidência da FEBEMCE para solicitar a permanência na residência, visto que não tinha para onde ir com sua esposa e as filhas. Abaixo segue a carta de seu pai, suplicando à presidência da FEBEMCE sua permanência na casa de funcionários da escola.

Imagem 65 – Carta do pai de Dulce e Celmar à FEBEMCE



Fonte: arquivo pessoal da professora Dulce.

O resultado foi o direito de seu pai continuar morando na casa. Segundo as professoras, seu pai teve um papel significativo para a preservação das casas e dos prédios do ICM. Trabalhou durante toda a vida na escola e sua luta era contra aqueles que queriam invadir e ocupar as terras do ICM. A casa onde ela atualmente mora com o filho pertenceu ao mestre Henrique, carpinteiro do ICM. Depois dele, morou Maria, sua filha. Quando a FEBEMCE passou administrar as instalações e equipamentos do ICM, a casa ficou abandonada e desocupada. Então, senhor Marcelino ficou cuidando das casas, de modo que não houvesse invasões.

Nesse período, veio morar nessa casa um menor oriundo da FEBEMCE. Um jovem que entrara no ICM por ter cometido roubos e furtos. As professoras nos explicaram que esse jovem teve o direito de morar em uma das casas do ICM porque ele namorava a filha de uma ex-funcionária, que morava na casa e faleceu. O pai das professoras Dulce e Celmar não se opôs à ocupação da casa pelo aluno. No entanto, senhor Marcelino ficou muito chateado e triste em ver a casa sendo malcuidada e deteriorada. Assim, senhor Marcelino falou para filha Dulce sobre o que estava acontecendo com a casa. Seu pai lhe perguntou se ela queria morar na casa desse jovem para não deixar a casa ir ao chão. Professora Dulce ofereceu a quantia de Cr\$ 5.000,00 pela casa. Era o dinheiro que ela guardava para trocar seu carro velho. Desse modo, Dulce e o marido passaram a morar nessa casa do ICM. A respeito do ex-aluno da FEBEMCE, ele foi embora para Fortaleza e, anos depois, as professoras ficaram sabendo que ele fora assassinado.

Imagem 66 – Casa da professora Dulce



Fonte: Roberto da Silva Júnior

Atualmente, a casa foi reformada e em frente ao terraço da casa, os moradores que vivem nas antigas terras do ICM, reúnem-se para diversas confraternizações e quadrilhas. Aliás é uma forma de reviver os momentos de alegria que existia no ICM. A professora Celmar relatou que, em seu tempo de mocidade, o momento que mais gostava na escola era nos dias de quadrilha. Ela se sentia muito bem dançando com os meninos do ICM. De acordo com suas lembranças, ela chorava para sua mamãe deixá-la participar das quadrilhas. Para manter a tradição, ainda hoje acontecem as quadrilhas dentro do terreno em frente à casa de Dulce.

Imagem 67 – Quadrilha no terreno da comunidade



Fonte: Arquivo pessoal de Dulce.

As professoras disseram que elas sempre valorizaram o espírito de família. Por isso mesmo, os seus melhores amigos eram pessoas da própria família. Elas tinham contato com as pessoas da comunidade, mas a aproximação maior era com seus avós, os pais e tias. Ainda hoje elas estão juntas todos os dias. Todas moram próximas umas das outras. Durante as várias visitas que fizemos para ouvi-las, encontramos outras irmãs e parentes visitando a casa da professora Dulce. Quase sempre tivemos de esperar por uma das irmãs para que pudessemos começar a conversa.

Professoras Dulce e Celmar concordaram em dizer: “Nossos melhores amigos eram da nossa família. Tinha a vizinhança, mas, nós não tínhamos aproximação. Nós somos muito família. Tudo o que a gente faz festa aqui é apenas com a família. A gente não conhece casa de ninguém aqui dentro”.

Com relação ao espaço da escola que elas mais gostavam, a professora Dulce não titubeou em dizer que o espaço da escola que ela mais apreciava era uma espécie de pracinha onde estava um coreto. Quando havia aniversário do diretor da escola, ou mesmo quando algumas pessoas vinham visitar os meninos, a banda de música costumava tocar ao lado da casa de seus pais. Ao fundo da imagem abaixo, à direita, podemos ver o coreto citado pela professora Dulce.

Imagem 68 – Alunos perfilados em frente aos visitantes do ICM



Fonte: Arquivo pessoal de Dulce.

Por fim, as duas professoras relataram que se sentem muito privilegiada de terem visto seus pais ajudarem a fazer a história do Instituto Carneiro de Mendonça. Afirmaram que nunca houve qualquer tipo de discriminação de sua família com relação aos meninos do ICM. A convivência com eles era a melhor. Apesar alguns deles serem afamados de delinquentes e traquinos, a família das professoras e elas mesmas nunca discriminaram nenhum menino.

7.6. José Ivan de Carvalho

O último aluno que conseguimos localizar e que aceitou narrar seu vínculo com o ICM foi José Ivan de Carvalho. Seu pai trabalhava no Departamento de Estradas de Rodagem (DER), construindo estradas em vários estados da federação brasileira. Assim, sua família não tinha um lugar fixo para morar. Passava dois meses em uma cidade, três meses em outra. Por conta disso, aos 8 anos de idade foi morar com sua avó, Francisca Amélia Menezes, no bairro Henrique

Jorge em Fortaleza. No entanto, não passou muito tempo com a avó. Esta, que era prima de Pe. Vale, logo conseguiu com o pároco uma vaga para Ivan estudar no ICM. Seus pais concordaram que o jovem garoto fosse estudar no internato de Maracanaú porque não tinha residência fixa e isso estava prejudicando os estudos do filho. Sua avó e uma de suas tias, chamada Vera, disseram que se ele não gostasse do internato poderia sair de lá a qualquer tempo. Seria apenas uma experiência. Ivan tem recordações vivas do momento em que lhe disseram que ele iria estudar no ICM.

Eu me lembro quando minha avó disse que ela tinha conseguido essa vaga para eu estudar no Santo Antônio do Buraco. Porque eu não tinha costume de ficar andando com meus pais, não tinha costume de ficar saindo por aí, e quando disseram que eu ia estudar no Santo Antônio do Buraco, eu imaginei que era um lugar assim restrito, isolado, nos matos. Mas, quando eu cheguei lá não era nada disso.

Ivan recorda-se que sua avó comprou vestuário, calçados e lençóis para levar para o ICM. A viagem até à nova escola foi de trem, partindo da estação do bairro Henrique Jorge, em Fortaleza, até o Maranguape, hoje Maracanaú. Desembarcando na estação ferroviária, no centro de Maracanaú, Ivan e sua avó tiveram de pegar um caminhão para chegar até o ICM. De acordo com as lembranças de Ivan, ao chegar na escola, ele caiu em lágrimas, pois nunca tinha passado tanto tempo fora casa. Chegou à escola no ano de 1961, aos nove anos de idade. Fora muito bem recebido pelo inspetor Edmundo, que cuidou imediatamente de lhe apresentar o seu alojamento, onde ficavam os meninos menores da escola.

Nesse alojamento, recebeu a chave do armário para poder guardar os seus pertences pessoais e viu a cama onde iria dormir. O inspetor logo lhe falou que uma de suas obrigações era arrumar bem cedo sua cama antes de ir para o café da manhã. Em seguida, fora apresentado à uma senhora, que Ivan não conseguiu mais se lembrar do nome. Foi ela quem mostrou-lhe todos os espaços da escola e funcionamento, assim como as normas que ele deveria cumprir diariamente. Essa mesma senhora ainda o levou para conhecer o refeitório, explicando-lhe que cada uma das turmas deveria esperar sua vez na hora de entrar no refeitório. Como eram muitas turmas e o refeitório pequeno, era necessária essa organização para não causar tumultos e desconfortos. Recebeu também a informação de que o almoço seria servido às 10h30 para ter tempo de todos serem atendidos.

Aquela senhora também não esqueceu de informar para o recém-chegado qual era a missão do ICM, qual seja a de corrigir crianças delinquentes e de crianças abandonadas nas ruas ou que as famílias não pudessem criar. Segundo Ivan, esse primeiro momento foi muito

importante para que ele pudesse se situar no tempo e no espaço. Sua chegada era cheia de dúvidas e apreensões, pois nunca havia saído de Fortaleza ou para outro lugar mais longínquo.

Quando Ivan chegou no Instituto Carneiro de Mendonça, a escola ainda estava sendo dirigida pelo padre Teógenes⁶⁰.

Imagem – 69 - Padre Teógenes e alunos em traje de gala num passeio à Fortaleza.



Fonte: Livro "Maracanaú Paisagens e Memórias", de Tânia Albuquerque. s/d.

Apesar de tímido, Ivan disse-nos que logo começou a fazer amizade com os colegas internados. Lembrou-se de que fez amizade com um menino que era considerado delinquente na escola. Ele tinha ferido o próprio irmão com uma faca. Esse garoto com quem Ivan logo fez amizade, ficou isolado dias. Todos na escola sabiam do que ele tinha feito. Mas, eram seus próprios parentes que ficavam comentando o que ele havia feito. Segundo Ivan, eram os próprios parentes que tornavam pública a vida pregressa dos meninos que chegavam ao ICM. Disse-nos ainda que não havia bisbilhotices sobre a origem dos colegas da escola. Eles somente ficavam sabendo do perfil dos colegas porque seus parentes faziam visitas e acabavam falando os pormenores da vida daqueles infantes. Mas, depois que se sabia, tudo se espalhava no ICM.

⁶⁰ Padre Teógenes foi Capelão da Capelania Bom Jesus dos Navegantes, da Escola de Aprendizes-Marinheiros do Ceará de 07.04.1947 a 11.10.1968.

Quem sempre ia lhe visitar era a sua avó. Seus pais raramente colocavam os pés no ICM, pois estavam ora no Maranhão, ora no Piauí ou Rio Grande do Norte. Porém, Ivan disse-nos que nunca perdeu o contato com seus pais. E nas férias, viajava para a casa dos pais.

Naquele tempo nós tínhamos férias duas vezes por ano. Tinha as férias do meio de ano e as do final de ano. E as dos finais de ano eram férias mais demoradas. Naquele tempo, as férias do final de ano iam de dezembro até março. E eu iam para onde estivesse os meus pais. A minha avó colocava o dinheiro no meu bolso e eu me mandava para onde meus pais estavam. Eu não ficava direto na escola. Nas férias eu estava com meus pais. Eu aproveitava muito bem essas férias, principalmente, com minha mãe que não trabalhava, apenas acompanhava meu pai. Meu pai era feitor e pegava o armazém do fornecimento dos trabalhadores. E minha mãe ajudava meu pai a cuidar daquele negócio. E todas as mercadorias eram compradas com meus pais. Eu me lembro que meu pai saía de manhã e vinha almoçar. E voltava às cinco horas.

Nessas férias, Ivan aproveitava para fazer o que não podia fazer no ICM. Não perdia a oportunidade de brincar nessas férias, tomando banho de rio e caçando passarinho nos matos. Foi durante essas férias que acabou colocando fogo na casa dos pais. Seu pai havia saído para trabalhar de manhã e sua mãe estava lavando roupa no rio. Sua mãe pediu para Ivan e seu irmão ficar olhando feijão no fogo. No entanto, entretidos com as brincadeiras ao lado da casa de palha do DER, esqueceram de olhar o feijão na panela. A casa dos seus pais incendiou-se. Quando os dois irmãos notaram que a casa estava pegando fogo, saíram gritando e pedindo o socorro dos vizinhos. Como as casas eram bem afastadas uma das outras, não conseguiram ouvir a tempo. Quando chegaram, não puderam fazer mais nada. Restavam apenas duas redes.

Quando minha mãe chegou, colocou a trouxa de roupa na cabeça do que sobrou. A pobre. E não fizeram nada comigo. O meu pai era até meio rígido como a gente, mas não podiam fazer nada. Nós éramos duas crianças. Isso em uma das minhas férias do ICM. E foram fazer outra casa. Quando eu voltei para o ICM fui relatar essa peripécia. E todo mundo começou a rir dessa situação como foi que a gente deixou a casa dos pais pegar fogo.

Ivan deu um destaque em sua narrativa à banda de música da escola. Ele considerava os músicos e as apresentações algo extraordinário. Em sua época, recorda-se dos concursos de Banda de Música do Estado do Ceará. Lembrou-se de que a maior adversária do ICM era a Banda de Música do Colégio Piamarta. As duas bandas reversavam-se como as melhores do estado todos os anos. Eram rivais.

A Banda de Música do ICM era sensacional! Eu me lembro muito bem do Coronel Perrita, que morava na rua da minha avó no Henrique Jorge. Ele era também maestro da Polícia Militar. Lembro-me de Timóteo, que era saxofonista. De Elias, outro saxofonista, que jogou futebol no Time do Ceará

Sporting Clube. E dos instrumentos musicais que eu mais admirava era o saxofone.

Mas, Ivan nunca tocou na banda de música porque ele não se sentia capaz de aprender algum instrumento musical. Na realidade, ele nunca tentou entrar na banda de Música do ICM. Seu negócio era jogar futebol. Até chegou a participar da Banda Marcial da escola, tocando caixa. Mas, seu interesse mesmo era futebol. Assim, aos dezesseis anos de idade chegou ao time principal da escola.

Ivan orgulha-se de ter conseguido assinar sua carteira de trabalho, pela primeira vez, como *office-boy* na empresa Frifort⁶¹ graças ao futebol que aprendera no Instituto Carneiro de Mendonça. Ele pediu dispensa do exército para trabalhar no Frifort durante sete anos. Coincidentemente, quando chegou à essa companhia, encontrou o antigo diretor do ICM, Pe. Teógenes, diretor do departamento de recursos humanos. Foi uma surpresa agradável encontrar o sacerdote que conhecera anos atrás no ICM. Pe. Teógenes não o conheceu de imediato, mas quando soube que Ivan era neto da dona Fransquinha, sua avó, passou a tratá-lo muito bem na empresa. E quando os dirigentes da empresa tentaram fazer a transferência de Ivan de Fortaleza para Caucaia, Pe. Teógenes não foi de acordo. O vigário disse que não aceitava que fizessem a sua transferência. Segundo Ivan, talvez por conhecer a sua avó e por ele ter sido aluno do ICM.

Ainda graças ao futebol que aprendeu no ICM, Ivan conseguiu, por intermédio de sua tia, estudar com bolsa integral, jogando na seleção de futebol do Colégio Júlia Jorge. Sempre jogou de centro avançado ou de ponta direita. Já no futebol de salão, jogava na defesa. Segundo Ivan, suas habilidades como futebolista aprendeu no Instituto Carneiro de Mendonça. O ambiente esportivo na escola, interferiu na sua personalidade e no despertar pelo futebol. As competições e o clima de rivalidade entre a seleção do ICM e as outras seleções de Maracanaú e das cidades adjacentes faziam Ivan e seus colegas aperfeiçoarem cada vez a técnica de jogar futebol.

Os jogos na escola de menores eu me lembro muito bem. Muitos times de Fortaleza iam jogar lá. Era time da Tabatinga, de Maranguape, de Maracanaú, de Pacatuba. E o nosso time geralmente ganhava desses times porque o time era muito bom. Para você ter uma ideia a seleção de Maracanaú era quase toda da escola de menores. Cerca de oito jogadores da seleção de Maracanaú eram da escola de Menores. Era o Ananias, Ribamar, Elias, entre outros. O Bebê que jogou também no time do ferroviário. Bebê jogou no time aspirante do Ferroviário. Era um goleiro muito bom. Muito frio no gol. E eu joguei muito com ele na escola de menores. As partidas eram emocionantes. Todos os

⁶¹ Atualmente desativada, Frigorífico Industrial de Fortaleza S/A Frifort, era uma empresa de Economia Mista da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

alunos assistiam às partidas. Os funcionários e as pessoas da comunidade. Os diretores assistiam às partidas de futebol.

Ivan lembrou-se de que todos os dias tinha o rachaço na escola. Depois da aula, eles sempre jogavam. Quando não havia aula na escola, eles aproveitavam para jogar pela manhã, tarde e noite. Não faltava materiais esportivos para eles jogarem. O próprio Estado fornecia esses recursos para eles. Quando a escola não tinha material, eles recebiam doações, como camisa, calções e bola.

Apesar de não ter se reconhecido como um aluno estudioso no ICM, Ivan, declarou que nunca ficara de castigo na escola. Apesar de ele ser um pouco perturbador das aulas, as professoras nunca lhe impuseram qualquer tipo de punição pelos seus comportamentos inadequados e desajustados. Ivan costuma beliscar, cutucar e perturbar as aulas das professoras. Na realidade, insultava os seus colegas. Mas, de maneira esperta, sempre fazia tudo escondido para não ser notado pela professora. Segundo ele, não fazia isso por maldade, mas apenas por brincadeiras de criança.

Apesar de não se identificar muito com os estudos, mas com o futebol, Ivan passou admirar um colega que conheceu na escola, que se chamava Arimateia. Era um garoto negro que tocava na banda de música. A admiração de Ivan por esse rapaz era exatamente pelas características que não possuía, qual seja, o de ser uma pessoa calma, inteligente e dedicado aos estudos. Ivan respeitava bastante esse colega de escola porque este procurava fazer tudo bem feito, de acordo com as ordens e instruções dos inspetores, professoras e da direção. Até no futebol, quando Arimateia participava de jogos, procurava fazer o melhor.

Mas, a calma desse amigo, certo dia, chegou ao limite. Ivan recordou-se de que Arimateia se envolveu em uma briga no ICM. Alguns colegas costumavam insultar o garoto pelo seu comportamento de ser “certinho” e fazer “tudo correto”. Em certa ocasião, Arimateia perdeu a paciência e partiu para cima de um dos meninos que estava lhe ofendendo com palavras torpes. Ivan disse que Arimateia esbofeteou outro garoto no pátio da escola, debaixo dos pés de benjamim. Ivan nunca tinha visto tanta cólera por parte de Arimateia. Não era para menos, pois Ivan nos contou que o outro o insultara ao extremo e ainda jogou areia nos pés dele.

Eu e outros meninos tentamos separar os dois, mas Arimateia queria bater cada vez mais nele. Foi a primeira vez que eu vi ele brigar. Mas, também o outro menino todo dia tirava ele do sério. E eu não sei se ele ainda é vivo.

Tomara que seja. A única que eu sei dele é que ele foi para a Polícia Militar. O Coronel Perrita na época trouxe ele para a Bande Música da Polícia.

A sala de aula não era o espaço mais apreciado por Ivan. Seu lugar predileto na escola eram os campos de futebol e um galpão, onde os meninos assistiam, sentados no chão, aos filmes de faroeste. Todas as noites, Ivan estava no galpão dos filmes. Somente saía de lá às nove horas, quando eram obrigados a se recolher para dormir.

Com relação ao lazer na escola, Ivan lembrou-se de que, quando ele chegou na escola não havia assistente social. O ex-aluno recorda-se que esse profissional chegou à escola somente quando ele tinha quinze anos de idade. Graças ao trabalho da assistência social na escola é que foi implantado o projeto das quadrilhas. Os ensaios das quadrilhas eram feitos exatamente no galpão onde eram exibidos os filmes. Antes de ser contratada uma assistência social na escola, era costume das professoras desenvolverem as atividades extracurriculares dentro da própria sala de aula. Aniversários e outras festinhas eram feitas em sala de aula. A professora fazia um bolinho do dinheiro dela mesmo. O cardápio era bolo com suco artificial. Refrigerantes eram raros. Mas, com a assistência social, as atividades deixaram de ser feitas exclusivamente entre as quatro paredes da sala de aula. Apesar de não faltar oportunidades, Ivan declarou que nunca participou das quadrilhas e festinhas.

Ivan não conseguiu mencionar nenhum aspecto negativo com relação à educação que recebeu no ICM. Disse que aprendeu muita coisa na escola e que tem orgulho de ser ex-aluno de lá. Entre os valores que mais aprendeu na escola, deu destaque para a honestidade, igualdade e respeito. Também aprendeu a respeitar as diferenças e entender que as pessoas são todas iguais e merecem ser tratadas como iguais, independente da raça, cor ou classe social. Comparou a educação que recebeu no ICM com a mesma disciplina que recebera no exército. Não consegue ver diferença. No exército, nos anos 1970, conheceu um rapaz de origem rica, que fazia as mesmas atividades que todos os outros faziam. Não havia distinção e favorecimento, segundo ele, por conta da classe social. No Instituto Carneiro de Mendonça era do mesmo jeito. Os meninos que eram internados eram todos tratados da mesma forma. Era uma escola que não fazia acepção de pessoas. Esses valores da igualdade e respeito, Ivan os consideram como sendo um dos maiores legados que recebeu do ICM. Acerca dessas comparações entre o exército e a educação que recebera no ICM, Ivan lembrou-se das palavras do sargento Macário, que costumava dizer que todos no Exército eram iguais. As pessoas que estavam no Exército poderiam ter dinheiro do lado de fora; poderiam ser tratadas de modo diferente por conta de sua condição financeira, fora do Exército. No ICM, não era diferente.

E na escola de menores se aprendia tudo isso também. Não havia diferenças. Agora, as pessoas que tem a inclinação de fazer as coisas erradas, vão fazer as coisas erradas. Não tem jeito. Não se corrige. Eu não me misturava muito. Eu sempre me aproximava na escola de pessoas em que eu fosse tirar algum proveito.

Desse modo, Ivan procurava aproximar-se de pessoas na escola que podiam lhe ajudar. Não era à toa que conseguiu fazer amizade com os filhos de Severino, enfermeiro da Escola. Para Ivan, esse profissional da saúde e seus filhos eram exemplos de respeito e honestidade. Era esse enfermeiro que conversava, aconselhava e orientava sobre os valores que deveriam ser aprendidos pelos meninos. Ivan recordou-se de que o Severino chegava até mesmo a jogar com eles. Era nesses momentos que eles aprendiam que não deveriam se envolver com pessoas de desonestas, irresponsáveis que não pensassem no futuro.

Ele nos instruíra para analisar se as pessoas que nós estávamos nos envolvendo eram pessoas de boa fé. Ele fazia isso porque na escola havia meninos que tinha o hábito de furtar as coisas dos outros dentro da própria escola. É que havia meninos que gostavam de mexer na merenda da gente, de mexer nas coisas pessoais da gente. A gente muitas vezes costumava ir no campo e esconder mangas em nossos armários para merendar depois. E várias vezes a gente foi flagrado comendo as frutas escondidos. E os inspetores corriam atrás da gente. A gente levava bronca deles.

A respeito dessas travessuras, Ivan ainda lembrou do açude da escola, conhecido como Prado. Existia um canal que levava água desse açude para os canaviais da escola. Era por esse canal que Ivan e seus colegas escondiam-se para chegar até ao açude e tomar banho. Eles tinham de superar o medo do escuro dentro do canal para depois se divertirem, geralmente aos sábados e domingos. Ivan admitiu que costumava descumprir as normas do ICM para tomar banho no açude. Quando era flagrado com os amigos, era castigado com o isolamento dentro do alojamento. Não podia sair nem mesmo para almoçar ou jantar. Por conta dessas traquinices, Ivan recordou-se do momento mais triste dele na escola:

Momento mais triste que eu passei na escola, que eu me lembro, foi essa marca aqui no meu joelho. Coisa de menino traquino, eu subia na caixa d'água da escola e escorreguei no cano e bati o joelho na chave. E todo mundo correu para me socorrer e me levaram para um hospital de Fortaleza. E daí eu passei a ter problema nos meniscos. Tive de fazer cirurgia nos meniscos. E mesmo como esses problemas ainda consegui jogar bola. Fui servir ao exército.

Nos fins de semana, os meninos não tinham aula e atividades para eles se ocuparem. A opção que eles tinham era jogar futebol. Quem não gostava, ficava ouvindo rádio instalado ao lado da televisão no galpão. Alguns ficavam brincando de pião, outros brincavam de bila. De quando em vez, algum inspetor passava para dar uma olhadinha no comportamento dos infantes.

Ivan falou também dos diretores da escola. Não conseguiu falar muito sobre o Pe. Teógenes, porque este saiu logo que chegou na escola. Disse ter uma enorme admiração pela gestão do Pe. José Holanda do Vale. De acordo com sua percepção, Pe. Vale era um gestor excelente, principalmente, na maneira de lidar com Ivan e com as outras crianças do ICM. Quando Ivan mais precisou de um apoio, na adolescência, Pe. Vale conversava, aconselhava, exortava e dava dicas de como estudar e se comportar na escola. Para Ivan, era uma referência para ele de homem educado e amigo. Nos tempos da direção de Pe. Vale, todos os dias tinham missa. Todos os alunos eram obrigados a participar. Aprendia-se a cantar e a rezar. Hoje, Ivan é católico devido aos ensinamentos que recebeu no ICM. Ainda na escola, o mês que Ivan mais gostava era maio, pois era nesse período que se realizavam as novenas à noite. Como normalmente os meninos tinham de dormir às nove horas, na época das novenas, eles aproveitavam para dormir mais tarde.

O motor que deixava a luz acesa ficava aceso por mais tempo. E lotava de gente, não apenas da escola, mas de toda a comunidade. Mas mesmo com toda essa animação eu não me lembro de pessoas namorando na escola. Não havia essas coisas de namoro. Eu mesmo nunca namorei na escola ou com alguém da comunidade. Mas o pessoal comentava na época que um aluno namorava com a assistente social que eu lhe falei que trouxe as quadrilhas para a escola. E eu acho que não era apenas fofoca das pessoas, pois depois que ele saiu da escola, os dois se casaram.

Ele nunca gostou de se envolver com as atividades de alfaiataria, carpintaria, marcenaria, que eram realizadas na escola. Havia a oportunidade de se aprender essas profissões na escola, como vimos nas páginas anteriores, mas o seu interesse era mesmo era jogar futebol. Sua paixão mesmo era praticar atividade esportivas. Gostava de correr, praticar atletismo e jogar bola. E a escola, segundo Ivan, deu-lhe a oportunidade de fazer tudo isso.

Quando Ivan saiu do ICM em 1968, começou a jogar futebol em alguns times do subúrbio da capital. Chegou a fazer um curso de mecânica, mas seu interesse era mesmo pelo futebol. Jogou pelas seleções de Maracanaú, Caucaia e Itapipoca. Quando ele foi servir ao exército, já estava jogando no time Tocantins. No dia da sua apresentação no 23º Batalhão de Combatentes, encontrou-se com um sargento que lhe conhecia dos tempos em que ele jogava no time Grábea, do bairro Antônio Bezerra em Fortaleza. Foi este sargento que intermediou seu engajamento no Exército, onde serviu por dois anos e seis meses. Segundo Ivan, não eram pretensões suas servir às Forças Armadas. Mas, com seu talento no futebol, tornou-se jogador titular também no time do Exército.

Ivan saiu do Exército apenas quando conseguiu um emprego no Frifort. Saí para jogar na seleção de futebol de salão do Frifort. Naquela época, o time dessa empresa estava disputando a primeira divisão do futebol de salão cearense. Ele lamenta não ter se tornado jogador profissional por ter sofrido uma bolada no olho direito na ocasião das olimpíadas do Exército em Jaboatão dos Guararapes em Recife-PE. Mas o olho só veio lhe trazer problema dois anos depois que ele tinha saído do Exército. Ele fez uma cirurgia e perdeu parcialmente a visão desse olho ferido. Se não tivesse acontecido esse acidente, Ivan disse não ter dúvidas que teria se tornado um jogador profissional de futebol.

Ivan ainda deixou registrado nessa narrativa o momento que ele considera de maior alegria no ICM. Circunstância também relacionada ao futebol. Nutre recordações do tempo em que a seleção do ICM jogou contra a seleção de Maranguape e ganhou pelo placar de 5 a 0. Foi um acontecimento extraordinário porque o time de Futebol de Maranguape era um time excelente. Apesar de não ter recebido nenhum troféu por essa conquista, ganhar da seleção do Maranguape ficou marcado em sua memória. Era um dos maiores rivais do time dos meninos do ICM.

Por fim, Ivan disse que ainda hoje coloca em prática os ensinamentos que recebeu no Instituto Carneiro de Mendonça. Um desses ensinamentos que valoriza é saber lidar com pessoas das mais diferentes índoles e naturezas. No ICM, Ivan disse ter aprendido a conviver com pessoas honestas e desonestas; com pessoas de bom caráter e mau caráter. Mas, conseguiu ser uma pessoa de bom caráter porque sempre procurou se espelhar em seu amigo, Arimateia. Ele era um menino de origem pobre, mas centrado e inteligente. Disse ter aprendido a tratar bem as pessoas com Arimateia. Devido a essa influência, ao final da carreira de futebol, passou a trabalhar na área de recursos humanos. Carreira pelo a qual conseguiu se aposentar. Por tudo o que aconteceu na sua vida. Ivan considera-se uma pessoa realizada.

8 REFLEXÕES FINAIS

Esta pesquisa foi perspectivada com a finalidade de compreender a constituição histórica e o sentido das práticas educativas desenvolvidas no Instituto Carneiro de Mendonça, considerando não apenas documentos escritos e imagéticos, mas também as percepções, lembranças e narrativas de alunos, professoras e “grandes testemunhas” que participaram dessa experiência educativa. No percurso investigativo sentiu-se a necessidade de se discutir os aspectos teórico-metodológicos, visto que se optou pela construção de um enredo que buscou relacionar personagens, fatos e atos numa rede de significados das práticas educativas no ambiente do Instituto Carneiro de Mendonça.

Não foi uma tarefa fácil construir um texto em uma perspectiva narrativa, tendo em vista predominar no seio acadêmico explicações causais e deterministas, em que se valorizam muito mais postulados teóricos sob o manto do fetichismo do conceito. O leitor dessa tese pode ter sentido falta de um extenso referencial teórico. Isso ocorreu pelo fato de não termos privilegiado uma pesquisa teoricamente orientada. Mas, isso não impediu que os objetivos da pesquisa fossem alcançados. Pelo contrário, o fato de não termos buscado encaixar fatos, atos humanos e práticas educativas em conceitos e abstrações, possibilitou-nos dar vozes aos protagonistas anônimos da história da educação cearense. As volições humanas apareceram ao longo da tese prioritariamente, onde nosso papel como historiador da educação foi o de escrever e compreender o que aconteceu, dentro da disciplina dos fatos e atos.

Esperamos que a presente tese possa ter ampliado as possibilidades de realização de outras investigações no campo da história da educação, de modo que valorize caminhos metodológicos que não sejam puros apógrafos das ciências da natureza em estudos das ações humanas ao longo do tempo. Considerando os resultados dessa pesquisa, podemos afirmar que não é razoável construir leis deterministas acerca dos atos humanos, inclusive no campo da educação, e, em decorrência disso, inventar previsões. Assim, precautelamos que nenhum quadro teórico e suas categorias de análise elucidam, por si mesmas, as contradições e dilemas das práticas educativas.

Por conta dessa postura teórico-metodológica, ambicionamos produzir um texto em que diversos ambientes, personagens e diálogos fossem expressos. A pesquisa seguiu um caminho em que os narradores pudessem, com seus depoimentos, percepções, lembranças, se ver no próprio estudo, sem, no entanto, anular-nos como pesquisadores. Pretendemos redigir um texto em que as “múltiplas vozes” que compõem a pesquisa, aparecessem, em seu

movimento complexo, de diálogo e discussão das práticas educativas e profissionais vivenciadas no Instituto Carneiro de Mendonça. A atenção à diversidade e à contradição, bem como a diferença e a desigualdade, foi um meio pretendido, por nós, para buscar a realização desse intento.

Consideramos que a pesquisa foi exitosa, visto que conseguimos compreender e esclarecer os sentidos das práticas educativas, ao mesmo tempo em que entendemos os desafios e possibilidades pedagógicas, administrativas e políticas que o Instituto Carneiro de Mendonça experimentou na sua constituição histórica. Além do mais, o trabalho foi bem-sucedido, pois permitiu-nos resgatar os primeiros anos de funcionamento da escola, bem como, por meio de um enredo narrativo, propiciou-nos a identificação dos principais conflitos e dilemas por que passou a escola nos últimos anos de seu funcionamento.

A pesquisa revelou como o patrimônio histórico educacional é concebido e tratado pelo Estado do Ceará. Nosso estudo não apenas pode compreender as práticas educativas, mas pode também compreender o significado da História do Instituto Carneiro de Mendonça e seu lugar no quadro das políticas públicas para infância e juventude no Estado do Ceará. Conseguimos perceber as discontinuidades do interesse político do Estado em manter um projeto educativo cuja responsabilidade social se concretizava no cuidado e formação de centenas de crianças e jovens, muitos deles desafortunados. O Instituto Carneiro de Mendonça prestou um serviço educacional notável à sociedade cearense. No entanto, seus personagens, paredes, campos e árvores testemunham a falta de reconhecimento e o esquecimento dos poderes públicos. Nós mesmos encontramos a instituição praticamente abandonada, com mobília quebradas e empilhadas; prédio deteriorado e subaproveitado pelos poderes públicos e pela própria sociedade. Com exceção do campo de futebol, que ainda hoje é utilizado pela comunidade e algumas salas de aulas que são utilizadas nos cursos de formação da Polícia Militar do Estado Ceará, nosso estudo constatou um verdadeiro esquecimento do valor social do Instituto Carneiro de Mendonça.

Desse modo, a pesquisa trouxe à tona um problema de gestão pública, qual seja, a falta de planejamento e pesquisa quanto ao patrimônio histórico e cultural existente no Estado do Ceará. Sugerimos que o espaço do Instituto Carneiro de Mendonça continue sendo aproveitado como um ambiente para formação de policiais, mas, sugerimos também que a escola seja reformada e adaptada para a construção de uma escola profissionalizante, de modo a valorizar a sua história e memória junto à sociedade cearense.

Recomendamos que as políticas públicas educacionais, no caso de se revitalizar o Instituto Carneiro de Mendonça, não sejam concretizadas de modo autoritário, mas valorizem

os moradores que fizeram parte da constituição histórica da escola, de modo que sejam feitos intercâmbios de conhecimentos, com o intuito de melhorar a eficiência e eficácia dos recursos

Com essa tese, a própria comunidade local será beneficiada, pois muitos moradores locais podem ter esquecido a própria história do bairro e a importância da escola como eixo essencial para a organização coletiva. Também a atual Escola de Ensino Médio do Estado, de mesmo nome do Instituto Carneiro de Mendonça, agora pode ter acesso às histórias, memórias e às práticas educativas desenvolvidas pela a instituição predecessora. A comunidade escolar na atualidade poderá fazer suas próprias comparações acerca das permanências e mudanças que se constituíram ao longo da trajetória escolar.

Mesmo possibilitando essas comparações, ao longo da pesquisa, evitamos nos abancar em anacronismos históricos e deixamos que as histórias narradas estivessem exatamente no tempo vivido e definido pelos próprios narradores. Isso nos permitiu compreender que as práticas educativas do Instituto Carneiro de Mendonça, sob os olhares de hoje pode favorecer a construção de uma efígie da escola rotulada com suas práticas rígidas, bruscas e ofensivas para as juventudes da época. Rompendo com esse olhar anacrônico, pode entender que, na realidade, essas práticas eram toleradas pela própria sociedade cearense e local. A pesquisa mostrou que a disciplina, a moral, o trabalho e a instrução, no mesmo espaço educacional, eram desejados pela própria sociedade daqueles tempos. A própria sociedade cobrava do Estado uma solução para os graves problemas sociais que emergiam.

Daí, não podemos afirmar que o Estado era um infalível controlador social, aterrorizante e pernicioso, que buscava controlar os atos humanos, moldando corpos dóceis para a sociedade. Pensar dessa forma, é subvalorizar os seres humanos e transformá-los em autômatos do Estado e seus agentes. Os personagens que participaram da educação do Instituto Carneiro de Mendonça insurgiam-se, transgrediam e encontravam meios de se subverter em uma teia de significados e criatividade. Desse modo, a partir dos achados da pesquisa, não podemos validar a compreensão de que o Instituto Carneiro de Mendonça seja um símbolo do mal e depósito de “marginais”, “delinquentes” e “anormais”. Nosso estudo constatou que essa instituição era um dos caminhos alternativos de formação de pessoas de diversas origens, interesses e segmentos sociais. O Instituto Carneiro de Mendonça, ao longo de sua constituição histórica, aos poucos deixou de ser uma escola apenas de caráter correccional para se tornar uma escola autossuficiente, sustentável e de tempo integral.

O Instituto Carneiro de Mendonça desempenhou com êxito sua função social. Apesar disso, não podemos sacralizar e ovacionar suas práticas educativas como sendo o “caminho, a verdade e a vida” para a educação brasileira. Não se constituiu como objetivo do nosso estudo

levantar a bandeira de defesa da educação correcional desenvolvido naquela instituição. Não é nosso papel como historiador.

Se tivéssemos partido de um olhar fetichizado do conceito de “anormal” e “disciplinado” não teríamos chegado à compreensão de que a escola foi um espaço que trouxe benefícios para muitos garotos que não tinham onde crescer, brincar, instruir-se e aprender um ofício. Nossa investigação evidenciou que o Instituto Carneiro de Mendonça não efetivou apenas uma missão burocrática e engessada de controle social, mas no seio da escola e da vizinhança criou-se um ambiente familiar para crianças e jovens sem parentela estabelecida. Se tivéssemos enquadrado o Instituto Carneiro de Mendonça como uma instituição total para controle dos corpos dos “anormais”, “vadios”, “marginais”, “delinquentes”, por meio de uma compreensão determinista dos fatos e atos humanos, não teríamos conseguido adentrar no mundo subjetivos das percepções e o mais importante, na diversidade, nas contradições e nuances educativas que o Instituto Carneiro de Mendonça constitui a trajetória como instituição educacional.

A pesquisa conseguiu ir além do rótulo de que a instituição era uma instituição total nos moldes teóricos de Erving Goffman (1995). Dentre os cinco grupos que Goffman classificou como instituição total, o Instituto Carneiro seria uma instituição estabelecida como a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais. Havia o controle do tempo, sob a autoridade do diretor ou de um inspetor de turma; constatamos a vigilância dura dos inspetores; narrou-se a anulação de tudo que pudesse perturbar e distrair as atividades educativas na escola; verificou-se a constituição de um tempo integralmente útil. Mas, a constituição histórica do Instituto Carneiro de Mendonça não pode ser limitada a essa imagem monocromática. A pesquisa mostrou outras nuances e detalhes que rompeu com uma maneira estruturalista e economicista de se observar a realidade educacional. A pesquisa mostrou que as volições humanas e criativas construíram formas subversivas de driblar o controle, a vigilância e a moral estabelecida na escola. Assim, não podemos concluir que o Instituto Carneiro de Mendonça foi um símbolo de disciplina infalível e instituição onde as volições humanas eram encapsuladas na sua totalidade.

As teorias sociológicas que pensam as chamadas instituições de correção como a ideia determinista de que os corpos são dóceis e diminuem as capacidades humanas de transgredir acabam trazendo um entendimento de que essas instituições amedrontam e acorrentam. Essas ideias podem chegar à sociedade por várias vias e podem acabar fortalecendo aqueles rótulos de controle, medo e punição. A pesquisa não trouxe elementos que possam ratificar que a sociedade e a comunidade tinham medo e receio do ICM. Na realidade, a pesquisa mostrou que

esse medo dos alunos e da própria escola se constituiu a partir da implantação da FEBEMCE. Os detalhes narrativos mostraram que as fugas e brigas recrudesceram nesse novo ambiente escolar, fazendo com que alguns docentes e a própria comunidade não reconhecessem o trabalho educativo feito pela FEBEMCE. As ideias equivocadas de que a FEBEMCE incorporou e deu continuidade às práticas educativas desenvolvidas no Instituto Carneiro de Mendonça não foram constatadas na pesquisa. Na realidade, as práticas educativas da FEBEMCE não estavam alinhadas com as práticas educativas do Instituto Carneiro de Mendonça. A pesquisa demonstrou como a FEBEMCE solapou as práticas educativas que estavam sendo desenvolvidas no Instituto Carneiro de Mendonça, alterando o sentido da sua constituição histórica desenvolvida a décadas.

Não podemos, é evidente, culpar a FEBEMCE pela derrocada daquela instituição, mas o fato é que os personagens que testemunharam esses processos de transição, perceberam uma mudança brusca na gestão escolar, na proposta pedagógica e, conseqüentemente, em suas atividades educativas. Desse modo, o presente estudo nos possibilitou reconhecer a necessidade de se fazer mudanças na educação de modo processual e gradual. Nenhum resultado na educação pode vir de modo imediato e sem a adequada mobilização dos protagonistas da história. Porém, o contexto político por que passava o país todo no final dos anos 1960, explica em parte essa forma autoritária de implantação da FEBEMCE. O choque foi grande, visto que o Instituto Carneiro de Mendonça, apesar de ser representado nas redes sociais como sendo uma escola do medo e instrumento de controle social, a escola, mesmo gerida pelos religiosos austeros, os alunos eram ouvidos pelo menos em suas escolhas de ofício.

A pesquisa também suscitou novas dúvidas quanto a constituição da gestão escolar do Instituto Carneiro de Mendonça. Como vimos, a gestão feita por líderes religiosos constituiu-se de modo muito peculiar e diverso da administração feita por diretores civis e bacharéis. Foi possível na pesquisa percebermos as mudanças significativas na gestão da escola sob a administração de líderes da Igreja Católica. Por conta disso, propomo-nos a continuar investigando especificamente a gestão dos padres da Igreja Católica. Quais os fatores políticos e pedagógicos se constituíram como basilares das práticas educativas no Instituto Carneiro de Mendonça? Infelizmente, a pesquisa não teve tempo suficiente para se enveredar por esse estudo. Sugerimos novas pesquisas acerca da História do Instituto Carneiro de Mendonça a partir das suas articulações com a Igreja Católica. Inquietamo-nos com as assertivas dos narradores dessa tese a respeito da eficácia e eficiência da gestão eclesiástica na escola. A pesquisa trouxe respostas parciais a essas indagações. Por isso, pensamos que sejam necessários novos estudos.

Apesar das mudanças de gestão, o que nos chamou mais a atenção nesse estudo, foi em parte, a continuidade da missão da escola, qual seja a de corrigir e formar pessoas, tanto para a “vida” quanto para o mercado de trabalho. Os tempos hodiernos são outros, mas se percebe que nas escolas contemporâneas, quando se muda a gestão, muda-se tudo! Não apenas a forma de gerir a escola, mas, desnecessariamente, muda-se até as cores da escola e o uniforme dos estudantes. Em outros termos, praticasse uma ineficiência da escola para se realçar nomes e figuras em detrimento da aprendizagem dos alunos. Assim, a pesquisa nos mostrou que, no Instituto Carneiro de Mendonça, por décadas a escola conseguiu manter um padrão de serviço em suas práticas educativas, mesmo com as disputas políticas e as mudanças de gestão. A escola manteve um padrão na consecução de sua missão, de modo que os alunos que lá chegassem não fossem prejudicados em nome de disputas de poder.

Os resultados evidenciaram que o próprio nome da escola tem dificultado a compreensão das suas atividades educativas e constituição histórica. O fato da escola ser conhecida como “Santo Antônio do Buraco” acaba prejudicando a compreensão do significado da escola no cenário educacional cearense. A pesquisa mostrou que as pessoas não aceitam que o Instituto Carneiro de Mendonça seja confundido com “Santo Antônio do Buraco”. Isso mostrou que os alunos, professoras e grandes testemunhas têm orgulho, efetivamente, de terem participado do Instituto Carneiro de Mendonça. A negação do nome não decorre do fato de ter um elemento em seu nome que lembra a religiosidade, Santo Antônio. A pesquisa não demonstrou um desprezo das pessoas pela religiosidade da escola. Pelo contrário, evidenciou a sua relevância para se concretizar a missão da escola. O que se verificou é que as pessoas entrevistadas preferem o termo Instituto Carneiro de Mendonça pelo fato de uma identificação como o lugar. O Instituto Carneiro de Mendonça não serviu apenas para se criar uma estrutura de práticas educativas e moldar corpo dóceis, mas teve efeitos e extensão de suas atividades fora da escola, no sentido de construir uma identidade local em torno da escola. Por isso, conseguimos destacar no texto a organização coletiva de moradores, ex-alunos e professoras que defendem e valorizam o espaço da escola.

Esse sentimento de pertencimento ao lugar não era à toa. A pesquisa demonstrou que havia uma parceria entre escola e a comunidade que favorecia o seu funcionamento exitoso. A escola não estava fechada em torno de si mesma como se imaginava antes do início da pesquisa. Com efeito, a escola estava fechada em torno de si mesma apenas para dar segurança e conseguir manter a ordem no funcionamento de suas atividades. Ela sempre esteve aberta à comunidade e às pessoas, independentemente da sua origem social. A longo de sua trajetória, a escola foi se consolidando como uma instituição de educação de tempo integral com diversas

atividades feitas graças às parcerias conquistadas tanto com o poder público quanto com as pessoas comuns. Fato esse, que cremos ser muito significativo para que ocorra a eficácia dos serviços públicos. Creemos que a gerência estatal tem muito que aprender com esse modelo de parceria. Afinal, não podemos esperar tudo do Estado.

Já chegando ao final de nossas reflexões, creio que o leitor deve ter notado que a trajetória da escola se dar entre dois momentos análogos e autoritários do Estado brasileiro. A escola foi construída durante o governo de Getúlio Vargas e fechada sob a égide da Ditadura Militar. Desse modo, é razoável compreender que a constituição histórica da escola e suas práticas educativas tenham sido desenvolvidas *pari passu* das intolerâncias dos governos que se sucederam ao longo de sua trajetória. Apesar dessas coincidências históricas, não podemos afirmar que o Instituto Carneiro de Mendonça se constitui como um modelo uníssono de autoritarismo, crueldade e pavor. Daí, sugerimos um estudo para se investigar como as políticas públicas dentro do contexto da ditadura militar no Ceará pode ter sido significativo nas mudanças das instituições escolares semelhantes ao Instituto Carneiro de Mendonça.

À guisa de conclusão, após análise dos resultados, constatou-se que há inúmeras facetas imbricadas na constituição histórica das práticas educativas desenvolvidas no Instituto Carneiro de Mendonça. A pesquisa revelou que a escola, na realidade era organizada por meio dos princípios da disciplina, moral e trabalho e, a despeito disso, na realidade trouxe benefícios para seus alunos e comunidade local. A pesquisa mostrou que a escola não pode ser rotulada como a escola que simboliza a pedagogia do medo e uma instituição total de disciplina. Apesar de ser uma escola que ficou conhecida como uma instituição exemplar de disciplina, trabalho e religiosidade, as transgressões ocorreram como forma de adaptação e criação humana dentro de um contexto de jogos de interesses e volições humanas. Então, a relevância dessa pesquisa foi o de possibilitar adentrar no mundo subjetivo de significações, não se restringindo aos documentos oficiais e virtuais que tratam da escola.

A tese pode ser compreendida como uma história do Instituto Carneiro de Mendonça. Esperamos que essa tese, na realidade, possa abrir novos canais de reflexão e orientar novas pesquisas e estudos que servirão de base para a consecução de políticas públicas e planejamento estratégicos para os serviços educacionais.

Esta pesquisa contribuiu na visualização de uma escola pouco compreendida pelo público cearense. Oportunizando voz aos personagens da Educação Correcional do Ceará, o presente estudo se propôs muito mais a levantar hipóteses do que oferecer respostas. A tese aqui apresentada desde o começo configurou-se como um esforço de evidenciar histórias, memórias das práticas educativas para elucidar as dúvidas quanto o sentido das suas práticas

educativas. Do começo ao fim desse trabalho, valorizamos também você, paciente leitor, de modo a não subestimar a sua capacidade de problematizar, refletir e também de criar suas próprias respostas e hipóteses acerca da constituição histórica do Instituto Carneiro de Mendonça. Novas histórias, memórias e narrativas nos acenam. Afinal, de contas, não tivemos a ousadia de escrever uma história definitiva dos fatos e atos humanos. Não é o fim da História!

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Priscyla Lima de. **Controle social na gestão de Manuel Cordeiro Neto na Secretaria de Polícia e Segurança Pública/CE (1935-1941)**. 2014. 126f. Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- ALVES, João Batista Rosendo. **Docência na Polícia Militar do Ceará: Curso de Formação de Soldado de Fileiras (Turma 2007)**. 2008. 193f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: os primeiros paradigmas – positivismo e historicismo**. v.II. Rio de Janeiro: Vozes, 2012).
- BERLIN, Isaiah. **O sentido da realidade: estudos das ideias e de sua história**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1999.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2002.
- CARR, Edward Hallet. **O que é História?** 2. ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1978.
- CHAMBOULEYRON, Rafael. **Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista**. In: PRIORI, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo. Editora Contexto, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da história**. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- GUSMÃO, Luís de. **O fetichismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social**. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora Topbooks, 2012.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3. ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2011.
- JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro. Editora Imago, 1975.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas. Editora Unicamp, 2003.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **O óbvio e o contraditório da roda**. In: PRIORI, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. 5. ed. São Paulo. Editora Contexto, 1998

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea.** IN: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2006.

MEIHY, José Carlos e **HOLANDA, Fabíola.** **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

PASSETI, Edson. **Crianças carentes e políticas públicas.** In: **PRIORI, Mary Del.** **História das crianças no Brasil.** 7. ed. São Paulo. Editora Contexto, 2010.

PRIORI, Mary Del. **O papel branco, a infância e os jesuítas na colônia.** In: **PRIORI, Mary Del.** **História das crianças no Brasil.** 5. ed. São Paulo. Editora Contexto, 1998

REIS, José Carlos. **O surgimento da Escola dos Annales e o seu programa.** In: _____. **Escola dos Annales: a inovação em História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

RODRIGUES, Rui Martinho. **História, fontes e caminhos da educação e da cultura.** In: **RODRIGUES, Rui Martinho.** **A história, autores e atores: compreensão do mundo, educação e cidadania.**

RODRIGUES, Rui Martinho. **O ídolo das origens.** In: **RODRIGUES, Rui Martinho; LIMA, Jeimes Mazza; MARQUES, Janote Pires.** Fortaleza. EdUECE, 2015.

SANTOS, Marco Antonio Cabral dos. **Criança e criminalidade no início do século XX.** In: **PRIORI, Mary Del.** **História das crianças no Brasil.** 7. ed. São Paulo. Editora Contexto, 2010.

SOWELL, Thomas. **Os intelectuais e a sociedade.** Rio de Janeiro. Editora & Realizações, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TUCHMAN, Barbara Wertheim. **A prática da história.** 2. ed. Rio de Janeiro. Editora José Olympio, 1995.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VASCONCELOS, Ana Lúcia da Silva. **Instituto Bom Pastor – Fortaleza-CE: heterotopia, educação corretiva, autobiografia e memória.** 2014. 151f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

VASCONCELOS, Rejane Batista. **A política de assistência à criança e ao adolescente desenvolvida pela Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Ceará: passaporte para a cidadania ou dispositivo disciplinar?** 2003. 287f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

ANEXOS

ANEXO A – FRAGMENTOS DO RELATÓRIO DO INTERVENTOR FEDERAL CARNEIRO DE MENDONÇA (1931 a 1934)

[Retorno à página principal](#)

Official do Estado, o material typographico da antiga Cadeia, passou a pertencer á nova Repartição.

Na antiga colonia penal agricola, em Cannafistula, foram construidas dez casas para residencia dos sentenciados para alli enviados.

Não é, porém, a transferencia para o campo de Cannafistula feita ao arbitrio das autoridades. Obedece a criterio determinado, recahindo a escolha nos detentos julgados de exemplar comportamento pelo conselho de conducta, de preferencia entre os casados.

Os detentos transferidos são destinados á agricultura, cujos trabalhos executam sob a orientação do governo, por intermedio do departamento competente.

Sem duvida, um dos problemas que mais atenção deve merecer dos poderes publicos é a protecção á infancia desvalida, função tutelar que o Estado vinha descurando. A situação financeira do Estado não permite ainda a criação de patronatos por meios dos quaes os poderes publicos, por conta propria, tornem effectivo o amparo dos menores, educando-os e instruindo-os convenientemente.

Esse problema se não foi de todo solucionado na minha administração, não foi entretanto esquecido, pois impossibilitado de criar patronatos officiaes, o Governo amparou a iniciativa particular com subvenções, embora pequenas, mas que

e instruindo-os convenientemente.

Esse problema se não foi de todo solucionado na minha administração, não foi entretanto esquecido, pois impossibilitado de criar patronatos officiaes, o Governo amparou a iniciativa particular com subvenções, embora pequenas, mas que representam o esforço e o interesse da administração, ás instituições religiosas do Asylo do Bom Pastor e do Patronato Maria Auxiliadora. Essa medida visou amparar, quanto possivel, as crianças do sexo feminino. No sentido da protecção aos meninos, o Governo resolveu installar uma escola profissional, typo mixto, a que alludirei depois.

O Decreto n. 721, de 14 de Agosto de 1932, concedeu a subvenção de 10:000\$000 e 6:000\$000, respectivamente, ao Patronato Maria Auxiliadora e ao Asylo Bom Pastor, desta Capital, ficando estas instituições obrigadas a receber as menores indicadas pelo chefe de policia, dentro das condições estabelecidas no mencionado diploma legal. O Conselho Consultivo do Estado, ouvido a respeito approvou a medida tomada por esta Interventoria, uma vez que é do conhecimento publico o beneficio que essas duas instituições vêm prestando ao Ceará. O patronato, mesmo desajudado pelos poderes publicos, plantara no Estado a bôa semente de uma verdadeira educação profissional para moças, ensinando-lhes mistéres dignos, capazes de lhes assegurar, no futuro, subsistencia certa e honrada. E o "Bom

para moças, ensinando-lhes mistéres dignos, capazes de lhes assegurar, no futuro, subsistencia certa e honrada. E o "Bom Pastor", além de abrigar as decahidas que se arrependem, man-

tem um preservatorio de menores, evitando a miseria physica e moral das crianças desamparadas.

O effeito benefico dessas medidas levou a Interventoria a expedir o Decreto n. 953, de 21 de Março de 1932, com apoio do Conselho Consultivo, ampliando-as para sua maior effi-ciencia. O chefe de policia ficou autorizado a entrar em entendimento com a direcção do Asylo do Bom Pastor, afim de ajustar o internamento de menores abandonados, podendo combinar os meios da criação de um Instituto de Preservação, junto ao mesmo estabelecimento. Para isso, além da subvenção já referida, o Estado ficou obrigado a pagar, mensalmente, até a importancia maxima de dois contos de réis (2:000\$000), sendo, por 35 internadas, 1:500\$000 e de 36 a 80, 2:000\$000, além das vinte que o estabelecimento deve receber por conta da subvenção alludida.

O Decreto n. 1.308, de 26 de Julho de 1934, regulou o recolhimento acima mencionado.

Comprehendendo o alcance salutar dos Patronatos, prestou o meu governo ao de Pacoty, mantido pelas abnegadas Irmãs de Caridade, o auxilio de seis contos de réis (6:000\$000) (verba auxilio federal) para melhoramento do predio.

O Decreto n. 1.163, de 11 de Dezembro de 1933, criou no Estado a escola para menores delinquentes e abandonados, do sexo masculino, onde se ministrará gratuitamente educação physica, moral e intellectual e instrução technica industrial e agricola — pelos methodos e processos modernos.

A escola está sendo installada na fazenda Santo Antonio do Pitaguary, de propriedade do Estado e se destina a preservação e regeneração de menores de 8 a 18 annos de idade. Para auxiliar a construção da Escola foi mandada, como operarios, uma turma de sentenciados, de bom comportamento.

Para effeito de internação consideram - se abandonados e delinquentes os menores que estiverem enquadrados

31

nas disposições do Decreto Federal n. 17.493 A, de 12 de Outubro de 1927.

Apezar da escola ser subordinada á Chefatura de Policia, o ensino primario de letras será organizado e fiscalizado pela Directoria de Instrução Publica e o agricola, orientado pela Directoria de Agricultura e Industria Animal, que proporcionará demonstraões sobre os processos modernos, que não estejam ao alcance da escola.

O director do estabelecimento exercerá as funcões em commissão e será agronomo diplomado e brasileiro nato.

Do lucro obtido annualmente pela escola, 30% serão distribuidos aos menores, proporcionalmente aos grãos de classificação que obtiverem, no fim de cada periodo lectivo.

Para occorrer á despesa com a construção do predio foi destinada a importancia de duzentos contos de réis (200:000\$000), aliás, já empenhada e posta em deposito.

Essa importancia foi deduzida do auxilio de cinco mil contos de réis, prestado pela União ao Estado, na quadra angustiosa do flagello climaterico por que passou.

* * *

O povo do Ceará é, de regra, pacato, mas sobremodo allivo e justo.

A ordem publica, no Estado, quer na Capital, quer nos mais afastados pontos do interior, salvo pequenos casos de policia, foi inalteravel.

32

Fonte: Arquivo Público do Estado do Ceará

Disponível em: http://www.ceara.pro.br/Raridades/Relatorio_Carneiro_Mendonca.html

Último acesso em 23 de julho de 2017.

ANEXO B – ATA DE REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DE PROFESSORES DA ESCOLA DE 1º GRAU CARNEIRO DE MENDONÇA – INDICAÇÃO DE EX-ALUNA DA ESCOLA, RITA CELMAR, PARA A DIREÇÃO ESCOLAR. 13 DE JULHO DE 1989.

Ata da Reunião da Congregação de Professores da Escola de 1º Grau Carneiro de Mendonça
Realizada no dia 13 de julho 1989

Aos 13 (treze) dias do mês de julho de mil novecentos e oitenta e nove (1989), às 9:00 (nove) horas, na sala onde sempre reúnem-se as professoras da Escola de 1º Grau Carneiro de Mendonça, localizada no Município de Maracanaú-Ceará, reuniram-se as oito (8) professoras que oficialmente formam o corpo docente desta unidade escolar, sob a presidência da professora Rita Celmar Alves Queiroz que até a presente data a escola está sob sua responsabilidade, respondendo com o Ofício de nº 185/86 de dia 12 de março de 1986. Ao iniciar a reunião, a professora Rita Celmar Alves Queiroz convidou a mim, Raimunda Barbosa Ferreira, para as funções de Secretária, em seguida a professora Rita Celmar Alves de Queiroz expõe o motivo da reunião e esclareceu que a falta de Quorum é o motivo pelo qual ainda não foi realizada a eleição para a escolha do Diretor. E que diante da tarefa de coordenar e até mesmo de executar as atividades gerais da Escola é justo que o Diretor possa usufruir os direitos a que faz jus, mediante a exposição clara dos fatos, os componentes da reunião proclamaram por bem indicar a professora Rita Celmar Alves Queiroz, para ocupar a função de Diretor desta Escola, reconhecendo a evidente necessidade de uma gratificação para o Diretor pela função que exerce. Às 11:20 (onze e vinte) horas foi encerrada a reunião e como documento foi feita a presente ATA, que vai assinada pelas professoras.

Elizete Alexandre de Lima
Elizete Alexandre de Lima

Francisca Lúcia Gomes de Souza
Francisca Lúcia Gomes de Souza

Maria das Graças Rebouças da Silva
Maria das Graças Rebouças da Silva

Mª de Fátima Macêdo da Silva
Maria de Fátima Macêdo da Silva

Maria do Socorro de Souza Bezerra
Maria do Socorro de Souza Bezerra

Fonte: Professora Rita Celmar

ANEXO C – FRAGMENTO DO JORNAL UNIVERSIDADE ABERTA RETRANTANDO O ICM.

UNIVERSIDADE ABERTA DO NORDESTE 25/JUNHO/CRIANÇA E ADOLESCENTE/6

Assim começou a história...

Em maio de 1936 em Macaranau é inaugurada a **Escola de Menores Abandonados e Delinquentes de Santo Antônio de Pitaguarí**, destinada a manter em regime de internato crianças e adolescentes abandonados e/ou de conduta anti-social, delinquentes. Em 1938 a Escola passa a denominar-se **Instituto Carneiro de Mendonça**, conservando ainda, as mesmas características, objetivos e forma de atendimento.

Em fins da década de 60 com a criação da **FEBEMCE** a gestão daquele instituto passa a ser desta Fundação. Àquela época o instituto tinha aproximadamente 480 internos. A partir daí, segundo relatos de ex-funcionários e ex-internos inicia-se todo um processo de desestruturação da casa até seu fechamento.

Há mais de dois anos a Cidade Hortigranjera Juvenil, denominação última do I.C.M. está desativada, com sua estrutura sofrendo gradativo processo de deterioração.

Dois antigos funcionários do Instituto Carneiro de Mendonça relembram a Escola e lamentam o destino que teve. Sebastião de Alencar Viana, 59 anos e Marcelino Avelino Alves, 76 anos contam como era o "Santo Antônio do Buraco".



Disciplina: o preço da liberdade



Marcelino Avelino Alves 1º Inspetor de aluno do I.C.M.



Sebastião de Alencar Viana Inspetor

Rejane — Que função desempenhavam os avs. no Instituto Carneiro de Mendonça? E qual o período em que trabalharam no Instituto?

Sr. Marcelino — Em 1949 eu era do Pelotão da Polícia Especial da Guarda Civil, prestando serviço no I.C.M. fui aproveitado pelo diretor, Padre José Teógenes Gondim, na função de inspetor de aluno. Nessa época nós éramos ligados à Secretaria de Polícia e Segurança Pública.

Depois, em 1970, veio a FUNABEM e a FEBEMCE, acabando com tudo que existia e nós fomos enclausurados

Eles eram satisfeitos e raramente ocorria fuga, e quando um menino se evadia, a gente tinha de ir atrás; tinha de dar conta dele ao diretor".

Rejane — O Instituto Carneiro de Mendonça, conhecido como "Santo Antônio do Buraco", sempre serviu às necessidades do centro? Utilizava-se para as crianças desobedientes, descontroladas, desobedientes sobre as crianças, terrorizando-as com ameaças de internamento, caso elas não atendessem às suas normas, determinações. Como se explica então, esse pavor, se as sanções referem que inexistiam os internos, manifestavam satisfação por se encontrarem lá?

Sr. Sebastião — "Tudo isso é história. Nunca houve abuso ou aplicação de castigos severos. Só existia a palmatória e os botos eram aplicados pelo diretor que era muito humano."

Rejane — Mas no parte administrativo da antiga escola há coisas. Para que elas serviam, então?

Sr. Sebastião — Para lá iam os alunos que não se comportavam na sala de aula ou cometessem falta grave. Mas só passavam poucas horas. Não chega-

Fonte: Professora Dulce Almeida.

ANEXO D – JORNAL O NORDESTE. 27 DE AGOSTO DE 1959.

Evento Fúnebre

Faleceu, nesta cidade, às 16 horas de ontem, em sua residência da av. Duque de Caxias, 937, depois de longos padecimentos e na avançada idade de 81 anos, a exma. sra. dona Maria do Carmo da Frota Ponte («Loló»), dama de excelsas virtudes cristãs.

A extinta era genitora do professor José Macamar da Ponte, ilustre jurista conterrâneo, catedrático de Direito Processual Civil da Faculdade de Direito da Universidade do Ceará, e renomado advogado, e ainda das senhoras Maria Aldenora da Ponte Lopes (viúva do dr. Paulo Lopes), Maria Renée da Ponte (inupta), Maria Dalva Ponte Michaelides (viúva do sr. Michaelis Serafim Michaelides), e Eglantine Ponte Guimarães (casada com o sr. Pedro Guimarães) irmã dos drs. Francisco Tomé da Frota, Manuel Tomé da Frota e das senhoras Maria Irades da Frota, Honorina Ponte e Adalgisa Ferreira Gomes (já falecida).

O sepultamento de dona «Loló», que ocorreu às 10 horas de hoje, constituiu verdadeira consagração póstuma, acompanhando o feretro altas autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Ao dr. Paulo Lopes Filho, nosso redator-secretário, que era neto da falecida, os nossos sentidos cumprimentos, extensivos à família enlutada.

**Juizado de Menores :
ULTIMA ESPERANÇA DA
FAMILIA CEARENSE**

Muito acertada a escolha de Armando Falcão para o Ministério da Justiça -- Oportunas declarações do Dr. Cândido Couto à reportagem de «O Nordeste»
(Texto de JOSÉ MARIA DE ALMEIDA)

— «É precária, no momento, a situação em que se encontra o Juizado de Menores, sem poder atender aos inúmeros casos que se apresentam diariamente. Os institutos Carneiro de Mendonça e Bom Pastor, além do Núcleo de Menores, estão superlotados, não havendo possibilidades

de o juiz encaminhar para ali um só menor que esteja necessitando de vistas e dos cuidados das autoridades judiciárias. Com estas palavras, o dr. Cândido Couto, juiz de Menores, recebeu, amanhã de hoje, em sua residência, a reportagem de «O NORDESTE».

E prosseguiu: «O Governo tem tido a melhor boa vontade em amparar a causa do Menor Abandonado. Dada no entanto, a crítica situação por que passa o Estado, sem meios para solucionar os mais graves problemas da sua administração, quase que não

pôde fazer, até esta data, em benefício desse grave problema, que há muito aflige a população.

Perguntamos, então, ao ilustre magistrado, se o Instituto Carneiro de Mendonça ainda continuava

Capitã da República, elementos do Juizado de Menores, para tratar, junto ao deputado cearense, de assuntos referentes ao Menor Abandonado. Desejamos expor ao Ministro a situação em que nós nos encontramos, sem a menor ajuda dos poderes públicos, que possa contribuir para dar à juventude abandonada uma vida mais humana aumentando as instituições existentes, ampliando suas dependências, a fim de que possa o Juiz de Menores executar o seu plano de ação. Para isto, já conseguimos as passagens, uma com a Panair do Brasil e a outra, com a ajuda da Secretaria de Polícia e Segurança Pública e três cooperativas pertencentes aos sr.s José Afonso Sanecho, Moisés Pimentel e Figueiredo Correia, além do Banco União».

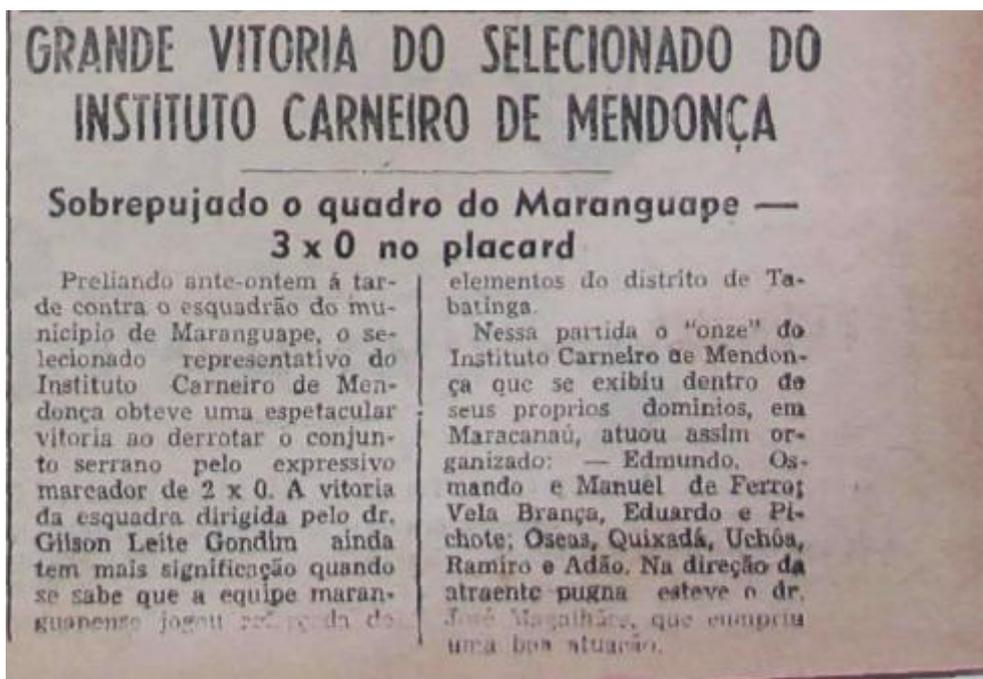


O NORDESTE

ANO XXXVIII — Fortaleza, (CE), Quinta-feira, 27 de agosto de 1959, N. 6.850.

Fonte: Portal da História do Ceará. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/>
Acesso em jul. 2017.

ANEXO E – JORNAL UNITÁRIO. 23 DE ABRIL DE 1953.



Fonte: Portal da História do Ceará. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/>
Acesso em jul. 2017.

ANEXO F – JORNAL UNITÁRIO. 16 DE MAIO DE 1953

18 ANOS DE EXISTENCIA COMPLETARA' AMANHÃ O INSTITUTO C. DE MENDONÇA

Grande programa para assinalar o evento

O Instituto Carneiro de Mendonça, modelar estabelecimento de amparo às crianças abandonadas e presentemente dirigido pelo dr. Gilson Leite Gondim, vai comemorar amanhã, domingo, o seu 18o. aniversario de fundação.

Para festejar o acontecimento, o diretor do Instituto Carneiro de Mendonça organizou um vasto programa, no qual tomaram parte os alunos que se encontram ali internados.

Esse programa constará da encenação de um drama, exibição de filmes e numeros de musicas a terem executados pela banda de musica do mesmo estabelecimento.

Para assistirmos às solenidades de comemorações do Instituto Carneiro de Mendonça, que está localizado em Pitaguari, municipio de Maranguape, recebemos um convite assinado pelo seu diretor.

Fonte: Portal da História do Ceará. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/>
Acesso em jul. 2017.

ANEXO G – GAZETA DE NOTÍCIAS. 29 DE JANEIRO DE 1961.

Menor Abandonado: «PROBLEMA DEVE SER SOLUCIONADO COM JUSTIÇA, NÃO PELA JUSTIÇA»

Padre Giovanni Sabóia Ressalta a Dedicada Atuação de Paes de Andrade em Favor da Assistência à Infância Abandonada ou Delinquente

A reportagem GN procurou ouvir ontem o Padre Giovanni Sabóia de Castro, grande estudioso do problema do menor abandonado e Diretor do Instituto Carneiro de Mendonça, onde tem a seus cuidados 432 menores, a respeito de divulgação feita por um respeitável, conhecido e qual o "Mês de Menores" deveria ficar na alçada da Justiça para não sofrer interferência política.

Aquela devotada sacerdotice esclareceu de início que está no Instituto Carneiro de Mendonça até o dia em que seus superiores acharem que lá deve permanecer e até que indivíduos de ambos apresentem fórmulas e métodos que possam realmente solucionar o problema do menor abandonado ou delinquente, adverte que não tem a pretensão de resolver o problema, mas sim de contribuir para a sua solução, por quem tem a palavra para isso.

(Conclui na 4a. página)

DCT DO CLARA INAUGURADO ONTEM SERVIÇO DE FONEMA

Falar Com Rio Agora Custará Menos

PERANTE jornalistas e altos funcionários da repartição, Luis Brígido, diretor regional dos Correios e Telégrafos do Ceará, inaugurou ontem o moderno serviço de radiotelegrafia DCT, destinado a ligações telefônicas Fortaleza-Rio, através de transmissor de onda curta "Marconi", de dois e meio kw operando na frequência de 17,425 quilociclos, resultando em preços cobrados pelas ligações deverão ser 30 por cento menores que os das companhias que operam no ramo.

Na oportunidade, o sr. Luis Brígido conversou pelo telefone com o diretor dos Correios e Telégrafos do Rio de Janeiro, apresentando o serviço e a possibilidade de ser utilizado para outras ligações de caráter oficial.

Logo após, retornou ao companheiro "Edmundo" Maia,

(Conclui na 1a. página)

DOS PORTOS COM GRANDE DO PESSOAL MARITIMA

As autoridades civis e militares, na sede da Capitania dos Portos, capitão Ivan Burgo Feitosa passou a seu substituto, capitão Fernando Macêdo, com um jantar, no restaurante Lido.

→
Aspecto da solenidade de posse do novo Capitão dos Portos, Capitão de Fragata Fernando Macêdo

FONTE EXTRA-OFICIAL REVELA MINISTÉRIO DE JANEIRO: VIRGILIO FOR

SÃO PAULO, 27 (GN) — A qualquer momento o presidente eleito Jânio Quadros poderá anunciar, oficialmente, a composição do seu Ministério. Fonte intimamente ligada ao sr. Jânio Quadros informou de Barcelos; Justiça — Pedroso Horta; Relações Exteriores — Álvaro Arinos; Trabalho — Castro Neves; Aeronáutica — Brigadeiro Hugo Horst; Guerra — Odílio Denys; Indústria e Comércio — Alves Bumbalo; Fazenda;

tos, da Força Pública, São Paulo.

Inundações Petrópolis



Fonte: Portal da História do Ceará. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/>
Acesso em jul. 2017.

ANEXO H – JORNAL O NORDESTE. 09 DE AGOSTO DE 1955.

Às 20 horas, a exibição do grande coral — Belo programa organizado — Patrocínio da Sociedade de Cultura Artística

Como vem sendo amplamente noticiado, realizar-se-á, hoje, às 20.30, no Teatro José de Alencar, a exibição do famoso coral "La Faluche", da Universidade Católica de Paris. É o sarau n. 144 da nossa "Cultura Artística" e tudo indica, em seu favor, um êxito extraordinário. Peças da Renascença, música sacra, canções populares francesas e de outras nacionalidades, obras modernas, "La Faluche" tem um repertório variadíssimo, que já se exibiu em mais de 800 audições em diversos países. O coro completo consta de 45 estudantes de ambos os sexos e para ele chamamos a atenção especial dos nossos universitários.

O programa de hoje, no "José de Alencar", é o seguinte:

1ª. PARTE

En sortant de l'école, Kosma. Il n'est plaisir, Clément Yanequin. Millo regrets, Josquin des Prés. Hau la boys, Claudin de Sermisy, Patapatapan, Paul Berthier. Sur le pont du Nord Pierre Krelin. Ou Conclui na 6ª. página

Domingo passado, o diretor do Instituto Carneiro de Mendonça, revm. padre Antônio Paixão, reuniu todos os funcionários daquele estabelecimento e leu um pequeno relatório demonstrando em que foram empregados os dinheiros recebidos do Tesouro do Estado, destinados ao custeio daquele Instituto, que vem passando por grande transformação.

Não deixou de causar surpresa a todos os funcionários presentes essa atitude digna daquele sacerdote

Já se faz sentir a atuação do padre Paixão

pois os funcionários geralmente não sabiam como eram gastas as verbas recebidas mensalmente do Tesouro e muitos deles, por isso, faziam comentários pouco lisonjeiros à direção da casa.

Nessa reunião, o diretor ouviu diversas sugestões feitas por seus auxiliares sobre serviços de campo, oficinas e administrações menores e conversou sobre outros assuntos de Repartição.

Hoje o Instituto Carneiro de Mendonça, com um mês e dias, apenas, da atual administração, já pode ser visto em qualquer ponto da cidade, causando boa impressão pois quem for ao Instituto nas horas de expediente já o encontra limpo, as salas trabalhando e os professores em suas salas de aulas, com livros para dar e cadernos para escrever, tudo isto na ordem possível.

Soubemos também que o Secretário de Polícia incentivou uma campanha em favor do Instituto, não abandonado, mas pelo atual diretor do Instituto e demais pessoas queiram cooperar nessa obra de grande importância, pois as possibilidades do Estado não permitem lidar com as despesas centenas e mais centenas de milhares de reais e muitas vezes para matar a fome.

Chicletes bola americanos

Enviada pelos srs. Viriato Ludovino & Cia., estabelecidos à Avenida Duque de Caxias, 437, fone 1-20-91, recebemos diversas amostras das gostosas gomas de mascar Dubble Bubble, americana, que não gruda nos lábios, além de fazer uma bola bem grande. Por ser 23% maior que os similares, é de excelente sabor.

res dos cinemas Diogo e Samburá.

NOVO

IMORTAL

Rio, 9 (Meridional) — O professor Maurício de Medeiros tomará posse, hoje.

O Nordeste

Ano XXXIV — Fortaleza, terça-feira, 9 de agosto de 1955 — N. 7720

Paulo Sales filmou o Congresso Eucarístico

Fonte: Portal da História do Ceará. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/>
Acesso em jul. 2017.

ANEXO I – O NORDESTE. 25 DE AGOSTO DE 1955.

Manifestações em Fortaleza — Desfile militar — Sessão litero-musical — Outras festividades

Transcorre, hoje, o 152º aniversário de nascimento do marechal Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias e Patrono do Exército Brasileiro. O dia de hoje, por isso, é consagrado ao soldado.

AS COMEMORAÇÕES

Brilhante programa está sendo executado pela 10a. R. M.

Às 7,40, na Praça Benjamim Constant, reuniram-se todas as tropas aqui aquarteladas, numa homenagem ao patrono do Exército.

Inicialmente, foi passada a revista pelo coronel Ribamar Maciel e a seguir recepcionado o Chefe do Executivo cearense, com as honras que lhe são devidas. Depois, foi procedida a leitura do boletim do comando da Região, alusivo à data e em seguida, o dr. Hesiodo de Queiroz Facó fez uma saudação ao marechal Luís Alves de Lima e Silva. Na ocasião, também foram entregues as medalhas e condecora-

10,30, uma sessão litero-musical no Circulo Militar, também em comemoração ao Dia do Soldado. Do programa consta uma conferência a cargo do professor Edilson Brasil Soares e um "show" dos alunos do C. P. O. R. e da E. P. F. A parte musical será executada pela banda da Escola Preparatória.

Em franca prosperidade

O Instituto Carneiro de Mendonça sob direção do padre Antônio da Silveira Paiva

Domíngoo, tivemos oportunidade de visitar o Instituto Carneiro de Mendonça e fomos muito bem sucedidos, pois vimos ali, naquela distante Escola de Menores Abandonados, que tão má f a m a tinha sete poucos meses, somente coisas que muito nos agradaram.

Ao transpormos o portão principal, notamos logo que as cousas ali estavam mudadas e tinham de fato um administrador. Tudo muito limpo, alguns meninos no futebol, outros passeando de bicicleta, outros de velocípedes, uma irradiadora tocando e as crianças dançando. A alegria reinava no meio daqueles meninos que já estavam mais do que acostumados a passar fome e viver com as cabeças raspadas, por qualquer tropella de criança.

Estivemos visitando as oficinas, que estão funcionando e tratando de preparar as encomendas feitas. Sómente a de sapataria vai proporcionar, este ano, um lucro de mais de duzentos mil cruzeiros, pois tem uma encomenda de milhares de sorzegunis para a Polícia Militar. A tecelagem também está fabricando rédes em seus teares novos e já pode receber encomendas. A carpintaria, que já foi aparelhada com mais duas máquinas, está fazendo os consertos nos prédios e também já pode aceitar encomendas de

duas máquinas tecelagem perfeccionadas por este mestre carpinteiro, vida a electricidade com pedal. Essas que são feitas com de máquinas velhas e um pé de martelete. Conclui na 4a. ma-

NU'MERO ESPECIAL "MANCHETTE" O CONGRESSO RISTICO

Encontra-se nesta capital, na de jornais e revistas, a "Alcor-Abra-rraria Edésio, o especial da revista CHETTE, ao preço de 100 cruzeiros. Quem quiser conservar ótima lembrança das solenidades, grande certamente, assim, oportunidade de fazê-lo.

RECEBER

O Nordeste

Ano XXXIV — Fortaleza, quinta-feira, 25 de agosto de 1955 — N. 7733

PLANO SENSACIONAL

O «Café Pekim» será entregue livre e desembaraçado de qualquer ônus!

Ri'ado um dos nossos melhores, das, recebendo uma porcentagem de amurado na

Fonte: Portal da História do Ceará. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/> Acesso em jul. 2017.

**ANEXO J – DO LADO ESQUERDO, MURO CONSTRUÍDO PELA COMUNIDADE
PARA ISOLAR AS CASAS CONSTRUÍDAS AO DO ICM.**



Foto: Roberto da Silva Júnior

**ANEXO L – FRENTE DAS ANTIGAS OFICINAS DA ESCOLA (CARPINTARIA,
ALFAIATARIA, ETC.)**



Foto: Roberto da Silva Júnior

**ANEXO M – ANTIGO CAMPO DE FUTEBOL DO ICM SENDO UTILIZADO PELA
COMUNIDADE LOCAL DO HORTO FLORESTAL - MARACANÁU**



Foto: Roberto da Silva Júnior

**ANEXO N – UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO BAIRRO HORTO FLORESTAL
COMO O NOME DO ENFERMEIRO DO ICM**



Foto: Roberto da Silva Júnior

ANEXO O – RUA NO BAIRRO HORTO FLORESTAL COMO O NOME DO ENFERMEIRO DO ICM.



Fonte: Roberto da Silva Júnior

ANEXO P – ANTIGAS SALAS DE AULA DO ICM

Fonte: Dulce Almeida

**ANEXO Q – PRIMEIRO DA DIREITA PARA A ESQUERDA – INSPETOR DO ICM,
SR. MARCELINO – NO CAMPO DE FUTEBOL DA ESCOLA.**



Fonte: Dulce Almeida

**ANEXO R – PADRE JOSÉ HOLANDA DO VALE, EX-DIRETOR DA ESCOLA, EM
EVENTO PÚBLICO. PRIMEIRO DA ESQUEDA PARA A DIREITA.**



Fonte: Dulce Almeida.

ANEXO S – SENHOR CAVALCANTE MOSTRANDO-NOS AS ANTIGAS INSTALAÇÕES DO ICM.



Foto: Roberto da Silva Júnior

ANEXO T – ANTIGO ESPAÇO UTILIZADO NAS ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ICM



Foto: Roberto da Silva Júnior

ANEXO U – ANTIGA “CASA DE FORÇA” DO ICM

Foto: Roberto da Silva Júnior

ANEXO V – BANHEIROS DA ESCOLA**Foto:** Roberto da Silva Júnior

ANEXO X – EX-ALUNO, SR. NARCÍSIO E SUA ESPOSA EM FESTA JUNINA NO ESPAÇO COMUNITÁRIO DO ICM.



Foto: Roberto da Silva Júnior

**ANEXO Y – EX-ALUNO, SR. CAVALCANTE, EM FESTA JUNINA NO ESPAÇO
COMUNITÁRIO DO ICM.**



Foto: Roberto da Silva Júnior

**ANEXO Z – LEITURA DE ENTREVISTA TRANSCRITA PARA A PROFESSORA
DULCE ALMEIDA, EX-ALUNA DO ICM**



Foto: Robert Gabriel Costa da Silva - 2017

ANEXO AA – VISITA AO TERRENO DA ANTIGA HORTA DO ICM.



Foto: Robert Gabriel Costa da Silva - 2017

ANEXO BB – NA ANTIGA CASA DE DIRETOR DO ICM, MOMENTOS DEPOIS DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA ELIZETE.



Foto: Robert Gabriel Costa da Silva - 2017

**ANEXO CC – LEITURA DE ENTREVISTA TRANSCRITA PARA O SR.
CAVALCANTE, EX-ALUNO E EX-FUNCIONÁRIO DO ICM.**



Foto: Roberto Gabriel Costa da Silva - 2017

ANEXO DD – REUNIÃO NO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA (NHIME)/UFC

Foto: Roberto da Silva Júnior – 2016.

**ANEXO EE – MOMENTOS DEPOIS DE REUNIÃO COM MEU ORIENTADOR,
PROF. DR. RUI MARTINHO RODRIGUES NA FACED/UFC – 2017.**

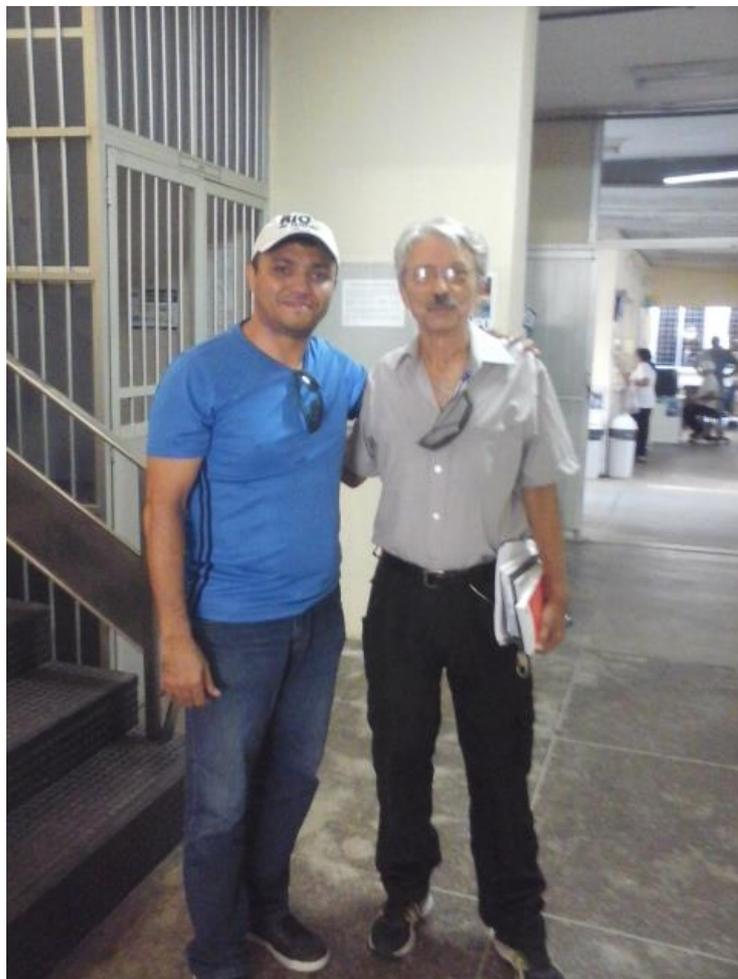


Foto: Roberto da Silva Júnior